



Universidade de Aveiro Departamento de Educação e Psicologia

Ano 2016

Júlia Maria Pires da Silva

De Trás para a Frente:

Percurso(s) de Afirmação da Cidadania Infantil

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação, especialização em Educação Social e Intervenção Comunitária, realizada sob a orientação científica da Doutora Rosa Lúcia de Almeida Leite Castro Madeira, Professora Auxiliar do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

o júri

presidente

Professora Doutora Maria Manuela Bento Gonçalves
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

Professor Doutor Fernando Ilídio da Silva Ferreira
Professor Associado da Universidade do Minho

Professora Doutora Rosa Lúcia de Almeida Leite Castro Madeira
Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro

agradecimentos

Agradeço a esta fé que tenho. Há um momento que as pessoas certas chegam à nossa vida e tudo faz sentido, o passado e o presente.

O meu maior agradecimento à Professora Rosinha Madeira por todos os ensinamentos que partilha, pela força da ação que estão para além do conhecimento, estão, também, na sabedoria de vida e na paixão pelo ser humano.

Um forte agradecimento às crianças e jovens que partilharam comigo as suas memórias do projeto de forma genuína: Ana, Daniel, Andreia, Raquel e Diana; Sandra e Ana; Mariana e Gabriel; Mariana e Rita; Carolina; e as crianças da Bela Vista que estimulam-me a ir em frente, a irmos juntas, a partilhar as suas experiências.

Agradeço à minha equipa de trabalho, Cristina, Fátima e Jorge, que estiveram firmes na sua dedicação com as crianças, para que eu continuasse na minha ânsia de saber.

Agradeço aos facilitadores do meu caminho de investigação, Frederico Lopes, Bela Santiago, Benilde Oliveira, Gabriela Almeida, Prof^a Graça, Dra. Maria José Tovar, Maria José Melo, Lurdes Lopes, por partilharem as suas experiências e os nomes das crianças com as quais fizeram caminho.

Agradeço à Escola EB 23 de Valongo de Vouga, na pessoa da Professora Goreti e Professora Teresa que disponibilizaram espaço e levaram às crianças.

Agradeço à escola da Borralha, na pessoa da Professora Graça que para além de facilitadora mostrou toda a abertura para a promoção dos Direitos de Participação das Crianças.

Agradeço à Dra. Elsa Corga, Vereadora do Pelouro da Cultura e Educação da Câmara Municipal de Águeda, pela abertura a desenvolver projetos de participação com as crianças no município.

Agradeço à minha família pela força na vida.

palavras-chave

Infância; Culturas da Infância; Participação das Crianças; Cidadania Infantil.

resumo

Reconhecendo-se a importância da garantia do exercício dos Direitos de Participação das Crianças, parte-se para o projeto de investigação com os objetivos compreender e analisar as condições de participação das crianças e o possível impacto destes processos na afirmação da sua cidadania e reconhecimento como sujeitos de direito nos espaços educativos, no espaço público, incluindo a escola e a comunidade.

Tendo como princípio que as crianças são atores sociais, sujeitos de direito, partimos para esta investigação apoiados numa metodologia qualitativa, apoiada no paradigma da investigação ação-participativa, de forma a dar voz às crianças sobre a sua participação. No entanto, ao revitalizar as memórias dos projetos desenvolvidos de 2010 a 2015, verificamos que alguns dos participantes já não eram mais crianças, que existe uma grande heterogeneidade, que se encontram dispersos, pelo que de forma a garantir a riqueza de todas as partilhas de experiências transmitidas, optámos por utilizar como metodologia de investigação o estudo de caso que oferece a oportunidade pelas descrições das informações, de alcançar uma compreensão total do processo de participação das crianças, contados na primeira pessoa.

Nas técnicas e instrumentos de investigação privilegiou-se o uso de conversa com as crianças e jovens, a notas de campo, a análise documental e a entrevista aberta com adultos e crianças.

No percurso investigativo podemos evidenciar que o significado da participação das crianças é influenciado pelas estruturas de poder e pelas condições que lhe são oferecidas. O impacto da participação é valorizado pelas crianças pelo papel ativo que assumem enquanto participante e codecisor nas ações que realizam. A visibilidade da opinião da criança no espaço público é um passo importante para o reconhecimento da criança – cidadã, sujeito de direitos.

Keywords

Childhood; Cultures of Childhood ; Children's participation; Child citizenship

Abstract

Acknowledging the importance of ensuring the exercise of Children's Rights and Participation, part to the research project aiming to understand the conditions of participation of children and analyze the meaning and the impact on their lives.

With the principle that children are social actors, subjects of law, we set out for this investigation supported a qualitative methodology, based on the paradigm of action-participatory research in order to give voice to the children about their participation. However, to revive memories of the projects developed from 2010 until 2015, we find that some of the participants were no longer children, there is a great heterogeneity, which are dispersed, so as to ensure the wealth of all shares of transmitted experiences, we have chosen to use as research methodology case study that offers the opportunity for descriptions of the information, to achieve a full understanding of child participation process, starting in the first person.

The techniques and research tools favored the use of conversation with children and young people, field notes, document analysis and open interviews with adults and children.

In the investigative route we can show that the significance of the participation of children is influenced by power structures and the conditions that are offered. The impact of participation is valued by children who take the active participation and co decision in the projects. The child's opinion of visibility in the public space is an important step towards to recognize the child - citizen, subject of rights.

Índice

INTRODUÇÃO	11
PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	15
CAPÍTULO 1 – A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA INFÂNCIA	15
1.1. Infância – Evolução e Mudança	16
1.2. Crianças como Atores Sociais	18
CAPÍTULO 2 – CULTURAS DA INFÂNCIA	19
2.1. Crianças Produzem Cultura	20
CAPÍTULO 3 – PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS	24
3.1. Conceito e Tipos de Participação na Infância	25
3.2. Níveis de Participação	26
3.3. Graus e Tipos de Participação	26
3.4. Critérios de Participação	31
3.5. Condições e o Direito de Participação.....	32
3.6. Capacidade de Participação.....	32
3.7. Espaços de Participação	32
3.8. Limitações à Participação	33
3.8.1. Limitações Estruturais	33
3.8.2. Limitações Emocionais	34
CAPÍTULO 4 - A CIDADANIA NA INFÂNCIA	35
4.1. Constrangimentos ao exercício da cidadania	37
4.2. A Cidade Amiga das Crianças como espaço de Direitos das Crianças.....	39
4.3. UNICEF – Organização Promotora da Cidade Amiga das Crianças.....	39
4.4. Cidade Amiga das Crianças pela efetivação dos Direitos das Crianças.....	40
PARTE II - METODOLOGIA	43
CAPÍTULO 1- CONSIDERAÇÕES E OPÇÕES METODOLÓGICAS	43
1.1. Da escolha à tomada de decisão adequada	45
1.2. Técnicas e Instrumentos de Investigação.....	46
CAPÍTULO 2 – O PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO: CAMINHO DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO	48
2.1. Projetos que constituem o campo de estudo explorado	48
2.2. Participantes no Processo de investigação.....	50
2.3. Por contexto e tipo de experiência, iniciativa ou projeto.....	51
PARTE III – DE TRÁS PARA A FRENTE PELA AFIRMAÇÃO DA CIDADANIA DA INFÂNCIA	53
CAPÍTULO 1 – ANÁLISE DOS PERCURSOS DE PARTICIPAÇÃO DAS CRIANÇAS	53
1.1. O Contexto: Águeda, território social e político co-construído por adultos e crianças	54
1.1.1. O Município de Águeda	55

1.1.2.	Panorama Económico, Social, Educativo, Saúde e Participação	57
1.2.	A génese da conquista dos Direitos das Crianças: O Movimento de Águeda	60
CAPÍTULO 2 – PERCURSOS COM AS VOZES DAS CRIANÇAS E JOVENS ABRINDO CAMINHO À AFIRMAÇÃO DA CIDADANIA DA INFÂNCIA		63
2.1.	Lugares de gestação do Movimento de Águeda – Caso 1	64
2.1.1.	A Borralha como Comunidade Amiga das Crianças.....	65
2.1.2.	Bela Vista: ideário e praxis de participação infantil.....	67
2.1.3.	Valongo do Vouga - Um território de confluência de muitos percursos de participação infantil – Caso 2 e 3	70
2.1.3.1.	Situando a Freguesia e a Escola de Valongo do Vouga.....	70
2.1.3.2.	Possibilidades de Participação para as crianças na Escola	73
2.1.3.3.	Oportunidades de afirmação da cidadania das crianças na Freguesia	74
2.2.	Recardões como “porto de abrigo” e lugar de proteção social, Caso 4	76
2.3.	Autores das memórias de participação nos projetos	78
2.3.1.	Vozes das crianças.....	79
CAPÍTULO 3 – PONTOS DE CHEGADA E DE PARTIDA.....		104
3.1.	Crianças: sujeitos de direitos ativos e participativos, atores sociais, em diversos contextos	105
3.2.	As memórias de participação abrem condições de reconhecimento da cidadania das crianças.....	108
3.2.1.	Condições de participação	109
3.2.2.	Nível de Participação	110
3.2.3.	Impacto da participação.....	111
REFLEXÃO FINAL		113
BIBLIOGRAFIA		119
ANEXOS		127
ANEXO A – NOTAS DE CAMPO		129
ANEXO B – IMAGENS DE PARTICIPAÇÃO NOS PROJETOS		225

Lista de Figuras

FIGURA 1 - QUATRO TIPOS DE PARTICIPAÇÃO, POR TRILLA E NOVELLA	29
FIGURA 2 - MAPA DE FREGUESIAS DO CONCELHO DE ÁGUEDA.....	56

Lista de Quadros

QUADRO 1 – O PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO: CAMINHO DE CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO - FONTE DE DADOS	48
QUADRO 2 – CAMPO DE ESTUDO EXPLORADO.....	49
QUADRO 3 – GRUPO A - ADULTOS ENTREVISTADOS	50
QUADRO 4 - GRUPO B - CRIANÇAS E JOVENS ENTREVISTADOS	51
QUADRO 5 - CONTEXTO, TIPO DE EXPERIÊNCIA, INICIATIVA OU PROJETO.....	51
QUADRO 6 - POPULAÇÃO RESIDENTE EM 2001 E 2011, SEGUNDO GRUPOS ETÁRIOS.....	57
QUADRO 7 - A EVOLUÇÃO DO MOVIMENTO DE ÁGUEDA NA CONQUISTA PELOS DIREITOS DAS CRIANÇAS	61
QUADRO 8 - FREGUESIAS DO CONCELHO DE ÁGUEDA	64

Nomenclaturas

CAT – Centro de Acolhimento Temporário

CATL - Centro de Atividades de Tempos Livres

CDC – Convenção do Direitos das Crianças

CPVV – Casa do Povo de Valongo do Vouga

EB 2,3 – Escola Básica com 2º e 3º ciclos

PIAP – Projeto de Investigação Ação Participativa

PIE – Projeto de Intervenção Comunitária

PPAE – Plano de Prevenção do Abando Escolar

ONU – Organização das Nações Unidas

UA – Universidade de Aveiro

UNICEF – *United Nations International Children's Emergency Fund*

Introdução

O presente projeto de investigação surge no âmbito do Mestrado em Ciências de Educação, ramo de especialização em Educação Social e Intervenção Comunitária, visa compreender o significado e o impacto da participação das crianças, condição essencial para a afirmação da cidadania da infância.

Vivemos um tempo de rápidas transformações na sociedade, com acesso às mais variadas informações, imagens e representações que nos deixam atordoadas, mas não nos podem deixar paralisadas e recordando Eduardo Galeano (1997), *"mesmo que não possamos adivinhar o tempo que virá, temos ao menos o direito de imaginar o que queremos que seja"*.

O projeto de investigação “De Trás para a Frente: Percurso(s) de Afirmação da Cidadania Infantil”, implica repensar o significado e o impacto da participação para as crianças, de forma a ter pistas que conduzam e garantam o exercício dos direitos de participação. Sempre assumindo como princípio que “a primeira condição para que um ser possa assumir um ato comprometido está em ser capaz de agir e refletir” (Freire, 1979, p.16).

A Convenção dos Direitos das Crianças foi uma grande conquista para a humanidade. Principalmente no que respeita aos direitos de proteção, tal como afirma Fernandes é “universalmente aceite que a criança deve de possuir direitos que promovam e assegurem a sua proteção”. No entanto, “o reconhecimento e aplicação dos seus direitos de participação encontra grandes obstáculos” (2009, p. 44), que são necessários identificar, analisar para que possam ser encontradas formas de os resolver.

Sendo claro desde o início deste percurso académico o interesse pela questão da participação das crianças, dúvidas vinham surgindo: Que memórias as crianças conservam sobre a sua experiência da participação nos diferentes tipos de projeto?, Como as crianças recordam e que valor atribuem às suas experiências de participação neste “outro” contexto de interação com os adultos e com os seus pares?, De que forma e em que condições os projetos podem contribuir para a afirmação da cidadania das crianças na escola e na comunidade?, A participação das crianças terá impacto no contexto em que atuam ou no espaço público mais amplo?

A intenção deste estudo é compreender e analisar as condições de participação das crianças e o possível impacto destes processos na afirmação da sua cidadania e reconhecimento como sujeitos de direito nos espaços educativos, no espaço público, incluindo a escola e a comunidade.

Neste sentido, o percurso deste projeto inicia-se nas leituras científicas produzidas sobre a infância, cultura, participação e cidadania, criando a base necessária para refletir sobre os dados que se vão recolhendo nas conversas com as crianças e jovens sobre as suas memórias de participação nos projetos de investigação de mestrado e de intervenção educacional desenvolvidos em instituições educativas no Município entre 2010/2015, com a possibilidade de assegurar a melhoria das condições de participação das crianças na dinâmica emergente de reconhecimento de Águeda como Cidade Amiga das Crianças.

O estudo de caso pareceu-nos a opção mais adequada neste percurso de produção de conhecimento ao revitalizar a memória dos sujeitos participantes nos projetos. A riqueza de toda a informação guardada, a capacidade de ir ao momento em que os projetos foram desenvolvidos e a expressão do significado das diferentes experiências vividas, foi tão importante, que consideramos o estudo de caso como a melhor estratégia da metodologia qualitativa neste processo. Segundo Stake (2005, p. 44), o investigador qualitativo utiliza as descrições das informações para oferecer ao leitor a melhor oportunidade de alcançar uma compreensão total do processo que é baseado na experiência.

Este trabalho encontra-se dividido em três partes fundamentais: na primeira parte o enquadramento teórico que caracteriza a evolução da infância, a lenta construção social da infância que é um obstáculo à garantia do direito de participação das crianças, passando pelo estudo das culturas das crianças que marcam a sociedade do seu tempo, à participação das crianças que promove o desenvolvimento, competência e autonomia das crianças desaguando na cidadania para que as crianças possam exercer os seus direitos é necessário buscar compromissos, unir vontades, consciencializar. A cidadania da infância destaca o protagonismo das crianças, o direito ao respeito pelas capacidades das crianças e uma Cidade Amiga das crianças pode ser uma oportunidade do exercício da criança, cidadã de

direitos. Na segunda parte é apresentada a metodologia da investigação, que se iniciou com o paradigma de ação-participativa mas evoluiu para o estudo de caso recorrendo à entrevista aberta a crianças e jovens, a notas de campo e a análise documental. Na terceira parte, a apresentação e análise dos dados de investigação. Partindo *de trás*, da análise sobre as memórias de participação das crianças nos projetos, registadas nas conversas com os protagonistas das ações criamos a possibilidade de dar um passo *em frente* em prol da cidadania da infância.

De acordo com Madeira (2012, p. 18), “trata-se de reclamar uma cidadania perspetivada como exercício de direitos civis, políticos, sociais e culturais”, que urge se efetivar. Madeira reitera que “para todas as crianças é preciso reclamar o direito próprio à experiência e a significação da própria vida e a construção de uma identidade social que não as exclua da esfera de decisão pública, sobre assuntos coletivos que são do seu interesse comum” (2012, p.18).

Concluimos com a possibilidade de afirmação da cidadania da infância, “onde a dimensão da participação das crianças assume um relevo crescente” (Sarmento, 2006, p.15), como condição essencial na expressão dos seus direitos. Como confirma sarmento, Soares e Tomás (2006), a participação apresenta-se como condição absoluta para tornar efetivo o discurso que promove os direitos para a infância e, portanto, a promoção dos direitos de participação, nas suas várias dimensões assume-se como imperativo da cidadania da infância.

Parte I – Enquadramento Teórico

Capítulo 1 – A Construção Social da Infância

Artigo 1 (CDC)

Criança é definida como todo o ser humano menor de 18 anos, salvo se, nos termos da lei que lhe for aplicável, atingir a maioridade mais cedo.

A criança tem percorrido um longo e lento caminho para ser reconhecida como cidadã, sujeito de plenos direitos.

De acordo com Gaitán a infância é uma construção social que se transforma histórica e culturalmente nas relações adultos – crianças (2010, p.10). O conhecimento das crianças veio sendo produzido, de acordo com Sarmento (2006, p.1), a partir de concepções historicamente construídas, de forma mais ou menos esclarecedora, pois o modo como foram inscritas em imagens sociais tanto esclarecem como ocultam a realidade dos mundo sociais e culturais da infância, predominantemente produzida pelos adultos. O que constitui um obstáculo à afirmação dos Direitos das Crianças.

Segundo Ferreira, tradicionalmente as sociedades ocidentais constituíram-se em três gerações que recaem três tipos de condições e expectativas: aprender, trabalhar e descansar. Sobre esta perspetiva, de acordo com o autor, as crianças e jovens são considerados, do ponto de vista legal “*menores*” de idade, economicamente dependentes das famílias, esperando-se que estudem e se preparem para a entrada na vida adulta; os adultos são considerados os “*ativos*” da sociedade, através do seu papel no desenvolvimento económico da sociedade e os idosos, designados por vezes como “*maiores*” corresponde as ideias de decadência física e de descanso (2009).

Gaitán (2010, p.11) considera as crianças como protagonistas no seu processo contínuo de criar e recriar a infância, claro de observar pelo seu comportamento, porém é pouco reconhecida pelos adultos que constantemente tendem a conduzir as suas vidas de acordo com as suas ordens.

É necessário encontrar formas de desbloquear a visão parcial sobre a infância.

1.1. Infância – Evolução e Mudança

Até à modernidade a sociedade “via mal a criança” (Ariès, 1981, p.10), eram vistas como “meros seres biológicos, sem estatuto social nem autonomia existencial” (Sarmiento, 2003, p.3). Ariès caracteriza o sentimento relativo aos primeiros anos de vida da criança por um “sentimento superficial” (1981,p.10), que denominou de “paparicação”, período em que a criança se encontra a enfrentar os primeiros perigos, era uma “coisinha engraçadinha” que divertia os adultos, mas que não merecia cuidados, nem grande atenção. Se sobrevivesse a esta fase era “misturada” com os adultos, a família “não tinha uma função afetiva” (Ariès, 1981, P. 11).

A educação da criança, segundo Ariès (1981, p.10), realizava-se na aprendizagem pela convivência com os adultos. A transmissão de valores e dos conhecimentos era realizada fora da família, uma vez que o tempo de passagem nela era extramente curto. Entre adultos, as crianças aprendiam o que precisavam saber para realizar um determinado ofício, tratava-se de uma “adulter precoc” (Sarmiento, 2003, p. 3).

Só a partir de finais do século XVII verificou-se, uma mudança considerável com a escolarização, “a escola substituiu a aprendizagem como meio de educação” (Ariès, 1981, p. 11). Dá-se de acordo com Sarmiento, uma “vasta renovação das ideias com a crise do pensamento teocêntrico e o advento do racionalismo” e surge uma consciência da infância, como um grupo humano com características próprias que indicam uma fase própria do desenvolvimento humano (2006, p. 4).

A criança sai assim do seu anonimato e a organização da família passa a ser em volta dela, Ariès chama a este período de “revolução escolar e sentimental” (1981, p.12). A escola trouxe consigo uma transformação no papel da família. Se até então, ela era tida unicamente como transmissora dos bens e do nome, passa a ter interesse pelos estudos dos filhos, assumindo uma função moral e espiritual. Assistiu-se primeiro a uma “paparicação”, que corresponde ao período mais curto da infância, e a seguir a uma tomada de consciência da inocência e fraqueza da infância, que produz uma preocupação moral e educativa.

Neste período, a idade não era um critério de seleção pelo que as crianças permaneciam “misturadas”, mais tarde, no século XVIII, a condição social surge como critério de seleção, que validava o ensino escolar e o conceito de criança “bem-educada” (Ariès, 1981, pp. 186-187). A condição social e o conceito de criança “bem-educada” eram dependentes, como critério de validação escolar. Um critério, pois, baseado na diferenciação e desigualdade social a que as crianças estavam sujeitas, o que fazia com que a educação fosse apenas um privilégio de algumas. Contudo, após a revolução francesa, a classe burguesa teve interesse que os seus filhos tivessem as mesmas condições e conhecimentos que os filhos da aristocracia para poderem participar na sociedade. A criança neste período ganha uma nova condição. De acordo com Sarmiento (2006, p.3) “os séculos XVII e XVIII constituem o período histórico em que a moderna ideia da infância se cristaliza”, como uma fase própria do desenvolvimento humano.

A partir dos finais do século XIX, a criança surge como o centro das preocupações da sociedade e da família. Segundo Ariès, “a família e escola retiraram juntas a criança da sociedade dos adultos” (1981, p.277). Com a escola, a criança passa a ser aluno, educado para ser um cidadão. De acordo com Sarmiento (2006, p.14), “ao mesmo tempo que a modernidade introduziu a escola como condição de acesso à cidadania realizou um trabalho de separação das crianças do espaço público”, promovendo um “dispositivo de proteção das crianças” sob a “autoridade paternalista” do adulto. Se por um lado a proteção das crianças é um valioso contributo para a humanidade, por outro convém esclarecer que não é comum para todas as crianças, em todas as partes do planeta, e não deve ser a única condição para o desenvolvimento integral da criança.

No século XX, dá-se uma grande conquista para a humanidade, foi aprovado pelas Nações Unidas a Convenção dos direitos das Crianças, 20 de novembro de 1989, os direitos fundamentais, próprios e inalienáveis, das crianças são consagrados. Este reconhecimento conduz a uma “redefinição da cidadania da infância” (Sarmiento, 2006, p. 15), que se traduz na crescente valorização da dimensão do direito de participação da criança. De acordo com Tomás (2011), “podemos considerar o século XX como o século dos direitos da criança”, surge a imagem da criança como sujeito de direitos, “conforme se pode comprovar pelos sucessivos esforços legislativos, consubstanciados em documentos como, em 1923, na Declaração de Genebra, em 1959, na Declaração Universal dos

Direitos das Crianças e, em 1989, na Convenção dos Direitos da Criança” (Tomás & Soares, 2004, p.4).

No século XXI, emerge uma nova realidade social, caracterizada, segundo Sarmiento e Marchi (2008), pela “globalização e pelo individualismo institucional”. A segunda modernidade pretende “fazer de cada sujeito um indivíduo responsável pela sua autoconstrução” (Sarmiento, Marchi, 2008), e neste sentido, também as crianças ficam responsáveis pela sua autoconstrução, isto é, a “criança é um indivíduo de direitos, responsável pela sua autorrealização” (Sarmiento, Marchi, 2008), imagem clara de uma sociedade individualista, que necessita de acordo com Tomás e Soares (2004, p.5) a consolidação da imagem da criança como cidadã, como sujeito de direitos, capaz de participar e desfrutar plenamente dos atributos da cidadania social.

1.2. Crianças como Atores Sociais

A 1ª modernidade é caracterizada por uma sociedade patriarcal, monogâmica, com papéis sociais bem definidos, na qual se visualiza a criança “escolarizada, higienizada, sem capacidade de ação própria” (Sarmiento, Marchi, 2008). Na 2ª modernidade a criança passa a mobilizar as suas capacidades cognitivas e atitudinais para ser uma pessoa competente no trajeto escolar e social. Há uma renovação do “ofício da criança” e no “ofício de aluno”.

A autonomia das crianças é, hoje, como um código de honra no compromisso assumido na educação da infância. No entanto, Sarmiento (2011, pp.592-593) identifica a autonomia das crianças como “profundamente paradoxal”, uma vez que “a criança mobilia-se continuamente em torno da tensão entre autonomia e controlo”. Na escola o desenvolvimento é centrado nas “competências, na auto-organização do trabalho, na liberdade de escolha”, mas sob “controlo avaliativo” direto ou indireto dos adultos. O autor evoca uma pluralidade de sentidos da autonomia da criança: a “autonomia por obrigação” e a “autonomia por privação”. Na primeira, identifica a criança como aluno de sucesso e na segunda como o de insucesso, é refletido no abandono, “nas desiguais condições de acesso das crianças ao usufruto de direitos sociais”. Porém, é de salientar que “o ofício de aluno como ofício de criança é incompleto, imperfeito e imparcial” (2011, p.593), a criança realiza-se para além dele. Pois, faz parte do seu universo simbólico as brincadeiras, os

jogos, a linguagem, a relação entre pares, e na atualidade, com grande expressão, o domínio das tecnologias de informação e comunicação.

De acordo com Molloy-Bouvier (2005), a socialização da infância desenvolve-se segundo uma perspectiva interacionista, isto é, realiza-se pela interação “entre o conhecimento de si e conhecimento do outro, construção de si e construção do outro”, ou seja, desenvolve-se em “ajuste constante de um sujeito a si mesmo, ao outro e a seu ambiente social”. Esta perspectiva reconhece a criança como ator social, como sujeito de direito, uma vez que assume a criança como sujeito social, ela “participa da sua própria socialização, assim como da reprodução e da transformação da sociedade”, também Fernandes afirma que “as crianças estão inseridas em estruturas sociais que as influenciam e são influenciadas por elas” (2009, p.20).

O direito à participação na infância é um princípio a ser garantido neste novo século. É necessário compreender todas as formas de participação das crianças, para que a proteção dos Direitos da Criança, sob a supervisão dos adultos, não negligencie a participação da infância e leve a que “a proteção resulte a ser igual à não participação” (Gaitán & Liebel, 2011, p. 106), quando o desejável é que a participação resulte em emancipação, autonomia, igualdade e justiça social.

Capítulo 2 – Culturas da Infância

Artigo 31 (CDC)

- ❖ **Os Estados Partes reconhecem à criança o direito ao repouso e aos tempos livres, o direito de participar em jogos e atividades recreativas próprias da sua idade e de participar livremente na vida cultural e artística.**
- ❖ **Os Estados Partes respeitam e promovem o direito da criança de participar plenamente na vida cultural e artística e encorajam a organização, em seu benefício, de formas adequadas de tempos livres e de atividades recreativas, artísticas e culturais, em condições de igualdade.**

O mundo encontra-se em renovação de valores, de ideais, de imagens. Esta renovação, é permanente, é “inerente ao nascimento e crescimento dos seres humanos” (Sarmiento, 2011, p.583). As transformações acontecem a todos níveis sociais, culturais, tecnológicos, modificando os indivíduos e as sociedades. De acordo com Sarmiento, “a criança de hoje age sob formas e em condições distintas do passado” (2011, p.583). A imagem, as representações sociais, a mudança das práticas sociais das crianças e dos adultos e da interação entre eles são traços da sua própria cultura, que depende do meio, da classe social, do género, de pertença étnica, da religião, do acesso a bens culturais, do nível de educação escolar, etc.. Contudo, independentemente das crianças pertencerem a classes sociais diferentes, ao género masculino ou feminino, ou estarem em espaços geográficos distintos, ou pertencerem a culturas, etnias, grupos de pertenças diferentes ou responderem de acordo ou não com o que é esperado para a idade, elas têm características próprias da infância que lhes dão um lugar-comum (Sarmiento, 2006, p.10), e é na relação contínua com a realidade em que vive, que a criança “se constitui como ator social, contribuindo, à sua medida, para a conservação e transformação da sociedade” (Sarmiento, 2011, p. 583).

2.1. Crianças Produzem Cultura

A cultura é a expressão de uma sociedade. Guiddens afirma que “nenhuma cultura pode existir sem sociedade” (2004, p.47). Pois, segundo o autor (2004, p.46), cultura consiste nos valores de um dado grupo de pessoas, nas normas que seguem e nos bens materiais que criam, diz respeito aos modos de vida dos membro da sociedade, inclui a forma como vestem, como falam, como se relacionam, a forma como dispõem do seu tempo, os livros que leem, etc.. De acordo com Horton & Hunt (1981, p. 38), cultura é tudo que é socialmente aprendido e partilhado pelos membros de uma sociedade.

Assim, podemos afirmar que o conceito de cultura na infância é inerente à vida da criança. Corsaro (1997, p.5 como referido em Delgado & Muller, 2005, p.5), afirma que “as crianças são agentes ativos, que mostram as suas próprias culturas” e de acordo com Sarmiento (2003, p.12), as culturas da infância possuem dimensões relacionais, constituem-se nas interações de pares e das crianças com os adultos, exprimem a cultura societal em que se inserem, e fazem-no de forma distinta das culturas adultas.

Na verdade, se por um lado as crianças produzem uma cultura distinta da do adulto, por outro, a cultura que a criança produz tem influência na do adulto. De acordo com

Corsaro, a cultura da infância contribui para a produção do mundo adulto (1997, p.5 como referido em Delgado & Muller, 2005, p.5).

Um aspeto fundamental a considerar quando se estuda a infância, de acordo com Sarmiento, é de que “a infância é, simultaneamente, uma categoria social, do tipo geracional, e um grupo social de sujeitos ativos, que interpretam e agem no mundo”. O que significa que as crianças “estruturam e estabelecem padrões culturais” e são as culturas infantis “o mais importante aspeto de diferenciação da infância (2006, p.10). É a partir da sua própria visão do mundo que a criança questiona, reformula o seu ver e o estar na sociedade, isto é “a criança como sujeito social participa da sua própria socialização, assim como da reprodução e da transformação da sociedade” (Mollo-Bouvier, 2005, p.393).

Na atualidade, as novas tecnologias ocupam um papel central, com impacto em todos os indivíduos, de todas as idades, nas diversas áreas de conhecimento, cultura, economia, sociedade, política, todas. Faz-se sentir na forma de ensinar e aprender, educar e ser educado, na forma como nos relacionamos, comunicamos, tomamos as nossas decisões e as partilhamos. No contexto da globalização, estamos a viver um período de “reinvenção”, tal como Sarmiento (2011) identifica, está a acontecer a “reinvenção da criança”, do “ofício de aluno”, surge o “e-ofício de criança” face ao uso criativo das novas tecnologias. As palavras que nortearam a educação no passado como disciplina, esforço e empenhamento, deram lugar ao desenvolvimento da autonomia, criatividade, espírito de iniciativa, empreendedorismo e avaliação.

As tecnologias de informação e comunicação são um traço importante da cultura do século XXI. Segundo Sarmiento (2011, p.594), o “e-ofício” desenvolve-se na convergência de três fatores: a promoção das relações entre cultura escolar e tecnologias de informação e comunicação que contribuem para refazer as formas e os conteúdos do “ofício de aluno”; a organização do capital social em virtude das novas tecnologias, “o acesso ao conhecimento é muito ampliado e dispensa a forma escolar”, uma vez que conhecimento está disponível; e o terceiro a transformação dos quotidianos das crianças pela influência das novas tecnologias com impacto nas relações e na gestão de espaço-tempo de jogo e espaço-tempo de estudo.

O “e-ofício envolve a criança e o aluno na mesma identidade funcional” (Sarmiento, 2011, p.595), no entanto é importante sublinhar que as relações e a gestão do espaço de tempo de jogo, de estudo são diferentes. Pois, devemos de considerar que “as práticas

sociais das crianças são sociais e culturalmente situadas” (Sarmiento, 2011, p. 595). A utilização da internet, segundo estudos realizados, identifica diferenças que abarcam as relações familiares, as relações entre pares, a mobilidade infantil, o acesso desigual à internet, assim como “variações de natureza social, inter e intrageracional” (Sarmiento, 2011, p.596), isto é a utilização da internet quer quanto ao acesso, quer quanto à utilização, é realizada de forma distinta entre adultos e crianças e mesmo dentro de cada um dos grupos ela é, também, diferenciada. Tanto as crianças como os adultos na utilização da internet revelam cultura, transformam-na e adotam novas práticas sociais. Sarmiento afirma que o “e-ofício transforma o ofício de criança” (2011, p.596). De acordo com o autor o “e-ofício” altera as interações entre pares, ou seja, a cultura de pares é redimensionada no quadro virtual. Assiste-se que se ganham mais amigos virtuais por um lado, e por outro as ligações à distância perdem intensidade, verdade e duração; modifica a linguagem, a comunicação eletrônica origina um novo léxico, induz à comunicação iconográfica, estrangeirismos, abreviaturas; também a cultura material das crianças se altera, os brinquedos tradicionais são substituídos por dispositivos informáticos, a cultura lúdica transforma e reestrutura-se pelo brinquedo eletrônico e pelos programas informáticos (Sarmiento, 2011, p.597).

A linguagem é um dos atributos culturais, que Sarmiento (2003, p.13) expressa em três dimensões: semântica, diz respeito aos significados autónomos, ou seja, falam por si, sem outras conotações, é mais fácil de entender com o exemplo do autor, a expressão “era uma vez” a criança enuncia sem significado de passado; sintaxe, isto é os elementos constituintes da frase não estão necessariamente de acordo com a lógica formal, assiste-se no discurso da criança uma articulação entre o real e o imaginário; morfologia, é a forma como os elementos que constituem as culturas da infância ganham significado nas palavras das crianças, um dos exemplos do autor é o berlinde que tem significado no jogo, como uma moeda de troca, ou como um objeto que deixa passar a luz. O conhecimento desta complexidade da linguagem das crianças é fundamental para quem quer entrar no seu mundo.

Outro conhecimento fundamental a saber são os quatro eixos estruturadores das culturas da infância identificados por Sarmiento (2003, pp.13-17): a interatividade, a ludicidade, a fantasia do real e a reiteração.

- A interatividade: a criança faz parte de vários mundos, nomeadamente da família, da escola, das relações entre pares, das relações comunitárias, ela aprende e partilha em espaços comuns, a aprendizagem é eminentemente interativa. O autor afirma que antes de mais as crianças aprendem entre pares, nas várias atividades que desenvolvem entre elas a criança pode ser tudo, expressar-se de todas as formas o que ajuda a entender o mundo. Quando crescem deixam o seu legado, as suas brincadeiras, jogos, às gerações mais novas. É interessante entender que não só as crianças mais novas recebem o legado, como os adultos se servem dele para se expressarem com as crianças.
- A ludicidade: o autor afirma que a ludicidade constitui um traço fundamental das culturas infantis. Apesar, do brincar fazer parte de todas as idades, as crianças fazem-no mais a sério. Ela exprime-se através do brincar. É uma condição da aprendizagem da criança e da aprendizagem da sociabilidade.
- A fantasia do real: é o “mundo faz de conta” das crianças, faz parte da sua construção do mundo, é a leitura que faz do mundo e que representa e a imaginação do real também constitui uma forma da criança enfrentar uma determinada situação menos boa, que a ajudam a aceitar a vida, por exemplo perante uma perda a imagem da estrelinha no céu faz a criança aceitar a realidade de forma mais harmoniosa possível.
- A reiteração: o tempo da criança é recursivo. Segundo Sarmiento, é um tempo sem medida, revestido de novas possibilidades, a crianças começa e recomeça, quando quiser, no ponto que quiser, ela tem o poder de criar e recriar tudo de novo.

A cultura das crianças revela-se, pois, no seu “modo próprio de interpretar, agir e interagir na realidade que decorre na alteridade da condição geracional da infância” (Sarmiento, Fernandes e Tomás 2007, p. 201).

Ainda, segundo Sarmiento, Fernandes e Tomás (2007, p. 201) uma cultura de cidadania da infância, enquanto fundamento de uma administração simbólica assente nos direitos da criança em contexto educativo, apoia-se em dois grandes eixos: na promoção de dinâmicas educativas assumidamente pró-criança, ou seja, onde o mote de intervenção seja a criança, as suas necessidades os seus direitos, respeitando a identidade cultural e a

identidade de cada criança. Uma dinâmica que rompe com as estruturas instituídas pelas escolas, que ao uniformizarem, acentuam as desigualdades sociais. E um segundo eixo radica na aposta de mudanças paradigmáticas relativamente aos papéis e competências da criança enquanto aluno. Os autores enfatizam que a mudança terá que assentar na ideia de que a criança é um sujeito de direitos, agente principal no seu processo de formação, com direito à voz e à participação nas escolhas e políticas educativas.

Capítulo 3 – Participação das Crianças

Artigo 13 (CDC)

A criança tem direito à liberdade de expressão. Este direito compreende a liberdade de procurar, receber e expandir informações e ideias de toda a espécie, sem considerações de fronteiras, sob forma oral, escrita, impressa ou artística ou por qualquer outro meio à escolha da criança.

Na 2ª modernidade, a participação das crianças assume uma condição essencial para efetivar o exercício pleno dos Direitos da Criança.

O novo contexto social é caracterizado pela “globalização e pelo individualismo institucionalizado” (Sarmiento, Marchi, 2008), que produz laços sociais vulneráveis e menos protegidos. Segundo Sarmiento, “o indivíduo é chamado a um desempenho que se espera competente” (2011, p.592), o que faz com que a valorização de cada pessoa dependa da capacidade e competência de cada um para confrontar-se com os obstáculos e superá-los. Assiste-se a uma redefinição da escola, o “mérito como ideologia do sucesso” e a reconfiguração do ofício do aluno que passa a ser “chamado a socializar-se no valor do mérito, da competitividade e da autonomia” (2011, p.592). Estamos perante uma mudança de paradigmas e é neste contexto que a participação das crianças apresenta-se como condição fundamental para efetivar o exercício pleno de Direitos da Criança, como sujeitos ativos. De acordo com Gaitán & Liebel (2011, p. 113), o direito de participação é inerente aos atores sociais, amplia a sua área de ação, protegendo as crianças de serem tidas como

simples objetos. É muito importante entender se a participação ajuda na emancipação e na autonomia dos sujeitos e se contribui para uma maior igualdade e justiça social.

Vivemos uma época de globalização e revolução tecnológica. As crianças têm acesso a todo tipo de informações, conhecimento, divertimento. Coabitam com diversos mundos dentro do seu mundo. Vivemos tempos de grande ambiguidade, de acordo com Gaitán (2010, p.15-16), às crianças é lhes dada a oportunidade de decidir individualmente sobre as atividades que desejem desenvolver, a oportunidade de as planificar, organizar, gerir de acordo com os seus gostos pessoais, no entanto esta relativa independência, não significa autonomia. Têm mais oportunidades, no entanto são mais controladas. O caminho para incluir a infância num mundo de todos, passa por partilhar riscos e negociar, juntos, opções.

3.1. Conceito e Tipos de Participação na Infância

O termo participação tem múltiplos usos e significados. Segundo Fernandes (2009, p. 95) indo à origem da palavra participação “caracteriza-se como a ação de fazer parte em, mas é também falar de um conceito multidimensional que faz depender tal ação de variáveis como o contexto onde se desenvolve, as circunstâncias que a afetam, as competências de quem a exerce ou ainda das relações de poder que a influenciam”. Participar, tanto pode designar adesão, como pode designar intervenção, como pode significar estar presente, tomar decisões, estar informado de algo, opinar, questionar ou agir; ou estar destacado para ser membro, ou envolver-se verdadeiramente em alguma ação. Gaitán & Liebel (2011, p. 111) afirmam que a participação é inerente aos seres humanos, como seres sociais que são, e ao modo como todas as pessoas tomam parte da vida social, independentemente da idade.

De acordo Fernandes, sobre o conceito de participação infantil compreende, “a criança como ator social, ativo no exercício concreto da ação social e, por isso mesmo, também na construção da sua identidade pessoal e social” (2009, p. 295). Passamos, então, analisar formas, tipos, graus, níveis, critérios e limitações ao exercício do direito de participação das crianças.

3.2. Níveis de Participação

É necessário uma reflexão mais atenta sobre este conceito, pois a participação é fundamental para a afirmação e garantia dos Direitos, pelo que analisamos neste ponto vários autores que distinguem tipos, níveis e graus de participação infantil.

Segundo Gaitán e Liebel (2011, p.113), existem diferentes conceitos de participação, diferentes interesses e também se pode falar da participação em diferentes níveis d realidade. Pode-se distinguir participação a nível pessoal ou privado, quando se refere- os processos de decisão individuais, como por exemplo a organização da própria vida, a atitude quanto ao consumo de determinados produtos, entre outros e a participação a nível público ou político, tem a ver com as decisões coletivas. Considera-se ainda outro nível de participação que é transversal, relaciona-se com os direitos de participação, que nos interessa analisar.

Os autores identificam as três dimensões da participação segundo Hart (2007 como referido em Gaitán & Liebel pp. 113-114): a participação que tem como fim cumprir com as orientações dadas e reproduzir o existente. Não tem de ser uma participação passiva, no caso das crianças podem ter outra participação por vontade própria, no entanto, logo têm que cumprir com outras exigências e com modelos de participação de acordo com as regras predeterminadas pelos adultos e a sua participação é limitada às tarefas que lhes cabe; a participação cujo fim principal é a autorrealização. Esta participação pode ser entendida como uma forma de desviar a atenção de assuntos públicos, mas também pode ser vista como um interesse próprio de procura de formas de realização pessoal e a participação que tem como objetivo transformar o contexto, diz respeito a organizações, à comunidade e a toda a sociedade no seu conjunto, no entanto as crianças ficam à margem desta dimensão na sombra da dita maturidade trazida pela idade.

3.3. Graus e Tipos de Participação

Trilla & Novella (2001) e Gaitán & Liebel (2011) apresentam a proposta de Roger Hart, com uma tipologia em forma de escala, editada em 1992 pela UNICEF, que distingue oito níveis de participação das crianças.

O 1º nível denomina de “manipulação”, isto é, as crianças não têm grande consciência sobre o assunto, logo não compreendem a ação que desenvolvem; o 2º é “decoração”, este nível verifica-se quando as crianças são utilizadas como meio de propaganda, como elemento decorativo, para uma causa que parte dos adultos, que as crianças participam, mas não entendem. De um nível para o outro já se verificam diferenças: na manipulação faz-se crer que são as crianças que inspiram a causa, já no segundo nível, apesar delas não compreenderem a causa, esta diz-lhes respeito. O 3º nível é o da “participação simbólica”, isto é, as crianças tem oportunidade para dar a sua opinião, no entanto ela não é tida em conta. É a partir do quarto nível, que Hart diz já se poder falar de participação genuína. Isto porque para que a participação aconteça ela deve de cumprir quatro requisitos: as crianças compreendam as intenções do projeto, estejam conscientes de quem toma as decisões sobre a sua participação e o motivo da mesma, tenham um papel significativo e não decorativo, e conscientes de todo o processo intervenham voluntariamente.

De acordo com esta consideração, Hart denomina o 4º nível por “atribuído mas informados”, verifica-se quando as crianças intervêm na planificação do projeto ou na assinatura do papel que se espera que realizem, atuando voluntariamente, conscientes da ação a que se propõe. No 5º nível é chamado de “ Consultados e informados”, acontece quando o projeto é elaborado e dirigido pelos adultos, porém é tido em conta as propostas e opiniões das crianças, isto é, as crianças participam como assessores ou consultores dos adultos. Segundo a escala de Hart, a partir do sexto nível é dado um salto qualitativo, isto porque as crianças a partir deste nível participam significativamente nas tomadas de decisão. Assim, denomina o 6º nível por “ projetos lançados pelos adultos, mas cujas decisões são compartilhadas com as crianças”; no 7º nível consiste nos “projetos iniciados e dirigidos pelas crianças”, aqui o adulto tem unicamente um papel de facilitador do processo. Por último, no 8º nível as “iniciativas partem das crianças e as suas decisões são apoiadas pelos adultos”, isto é, a participação dos adultos parte de um convite das crianças para o desenvolvimento dos seus próprios projetos.

Assim, Gaitán & Liebel (2011, pp.114-115) afirmam, de acordo com Hart, que do nível 1 ao 3, denomina-se por pseudoparticipação, o que significa que são os adultos a tomarem as decisões, convidam as crianças, sem estas saberem ao certo o que vão fazer, ou

servem de porta-voz do que o adulto quer que se diga ou faça. A participação começa, realmente, a partir do nível 4, realizando-se em pleno no nível 8.

Da análise efetuada, “a verdadeira participação das crianças verifica-se quando se respeita meninas e meninos por igual, quando são informadas e informados para que possam fazer escolhas, quando participam por vontade própria” (Gaitán & Liebel, 2011, p.115).

Outra forma de participação foi estabelecida pelo pedagogo alemão Richard Schroder, em 1995, que ampliou a escala de participação de Hart para nove níveis, de acordo com o referido por Gaitán e Liebel (2011, p.115): no 1º nível a Determinação por outros; 2º nível a Decoração; 3º Participação “álibi”, na sombra; 4º Participação tolerada; 5º Funções são atribuídas, e as pessoas são informadas; 6º Coerção; 7º Cogestão, onde a iniciativa parte das pessoas adultas no entanto as resoluções e decisões tomam-se em conjunto com as crianças; 8º Autodeterminação, onde as iniciativas são tomadas pelas crianças e na organização contam com a participação dos adultos e 9º a Autonomia, neste nível as crianças têm plena liberdade de resolução enquanto grupo e a decisão de recorrer a um adulto só depende delas.

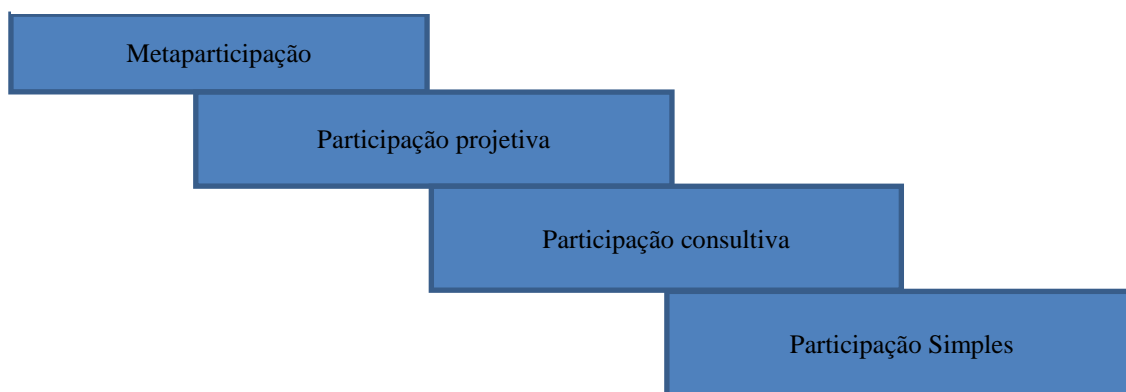
Gaitán e Liebel (2011, pp. 115-116), referem que em 2001 a investigadora britânica Lansdown propõe uma tipologia mais simples, identifica três tipos de participação: por Processo de consulta, em que é organizado por pessoas adultas com o fim de obter informação das meninas e meninos; por Iniciativas participativas, em que é permitido às crianças envolverem-se no desenvolvimento das medidas e ofertas e Projetos autopromovidos, cujo objetivo é que as crianças determinem os seus próprios objetivos e tomem as suas próprias iniciativas.

Também, Trilla e Novella (2001), propõem uma tipologia de participação, valorizam a escala de participação construída por Hart, no entanto propõem uma tipologia diferente, sugerindo quatro classes mais amplas de participação, que denominam por “participação simples, participação consultiva, participação projetiva e metaparticipação”.

Os autores esclarecem que estas quatro formas de participação apesar de serem qualitativa e fenomenologicamente distintas, os tipos de participação podem admitir

subtipos e graus internos, de acordo com implicação, capacidade de decisão ou responsabilidade. Desde o primeiro patamar até ao último, há um progressivo desenvolvimento da capacidade de participação. Pode acontecer dentro de cada um, ou manifestar-se mais no nível dois do que no nível três, O que quer dizer que cada nível não é excludente. Numa instituição, organização, ou no desenvolvimento de um projeto podem-se manifestar os quatro níveis de participação, de forma alternada ou sucessiva.

Figura 1 - Quatro tipos de participação, por Trilla e Novella



Fonte: Trilla, J. & Novella, A. (2001). Educação e participação social da infância. Revista Ibero Americana de Educação, Nº26.

- i. Dos quatro tipos de participação a forma mais elementar Trilla e Novella identificam como a *Participação simples*, consiste em fazer parte de um processo ou atividade como espectador ou executante. Neste tipo de participação os sujeitos não intervêm nem na preparação, nem nas decisões, nem nos conteúdos ou desenvolvimento. Os indivíduos limitam-se, simplesmente, a seguir indicações ou a responder a estímulos. A participação é vista segundo o número de presenças, ou conta com uma participação mínima por parte dos sujeitos que é sempre dominada e pré-determinada pelo adulto.
- ii. A *Participação consultiva*, implica escutar a palavra dos sujeitos. Neste tipo de participação os indivíduos já não são meros espectadores ou executantes, mas já participam direta ou indiretamente em assuntos que lhes dizem respeito. Este tipo de participação contempla vários graus. Tem o exemplo das sondagens ou inquéritos de opinião, os autores chamam de pseudoconsulta, significa uma

aparente participação. No entanto, há outro grau de participação consultiva quando é obrigatória, ou seja, quando a opinião dos indivíduos é fundamental nos processos de decisão, que é o caso das eleições políticas, ou a eleição dos representantes da turma, entre outros exemplos, de participação consultiva, mais ou menos obrigatória.

- iii. A *Participação projetiva*, consiste no sujeito converter-se em agente, isto é, o indivíduo deixa de ser destinatário, ou a ter opinião, a ser ouvido, sobre determinados assuntos, ele passa a definir o próprio projeto, a traçar o caminho e os seus objetivos. Esta participação requer maior compromisso, corresponsabilização, exige que o sujeito sinta que faz parte do projeto. Tal como os anteriores tipos de participação, também este admite diversas variantes de participação. Por exemplo a planificação e de desenvolvimento de uma corrida de jogos, etc.
- iv. Na *Metaparticipação*, o sujeito pede, exige ou gera novos espaços e mecanismos de participação. Este tipo de participação acontece quando o sujeito ou um coletivo sente que não está a ser devidamente levado em conta, ouvido, e reclama o reconhecimento do seu direito e exercício de participação. Por exemplo a reivindicação das mulheres para o exercício do voto nas eleições, numa empresa quando os trabalhadores exigem uma mesa de negociação, etc.

Gaitán e Liebel (2011, p.116) afirmam, também que, outra forma de distinguir diferentes intensidades e tipos de participação pode ser pela distinção entre participação direta e participação indireta. Na Participação direta as crianças são a voz das suas iniciativas, projetos, trabalham por um determinado objetivo e na Participação indireta, os adultos desenvolvem ações e projetos em representação das crianças, ex. concelhos, observatórios, comissões.

Das tipologias apresentadas são vários os fatores que podem influenciar a participação, nomeadamente: o contexto, os sujeitos, as idades, o propósito do projeto, entre outros, no entanto, é de acordo com o contexto em que a participação terá lugar que ela ganha significado. Todavia, nos diferentes graus de participação confirmam-se relações de poder entre crianças e adultos que é importante ter em atenção.

3.4. Critérios de Participação

Após a análise dos graus e tipos de participação tomámos em consideração, segundo Trilla e Novella (2001), quatro os critérios ou fatores que norteiam a participação, são eles: implicação, informação / consciência, capacidade de decisão e compromisso/responsabilidade. Cada um deles pode-se manifestar nos diferentes graus, com maior ou menor participação.

- i. A *Implicação*, consiste no grau em que os participantes se sentem pessoalmente afetados com o assunto em questão. A este critério associa-se a dimensão emotiva da participação, que constitui por si um fator de motivação favorável à participação e evidenciam o maior ou menor graus de participação de acordo com o próprio interesse, desejos ou pela própria relação que têm com o assunto a tratar.
- ii. A *Informação/Consciência* é um critério que depende da consciência que os sujeitos têm sobre o sentido e os objetivos do projeto, da quantidade e da qualidade de informação de que dispõem sobre o conteúdo do mesmo; relaciona-se com uma dimensão cognitiva, que tem influência na motivação que leva os sujeitos a participar. Um individuo bem informado ganha competências, maior motivação, do que um outro que desconhece não pode assumir.
- iii. A *Capacidade de decisão* é um fator fundamental para a participação. No entanto, depende da competência psicológica, da competência, da experiência sob o tema a ser tratado, etc. Este critério para além do mencionado, depende em grande medida das condições factuais e das relações de poder político, económico, das quais possa depender e ou influenciar a tomada de decisão
- iv. O *Compromisso/responsabilidade* é inerente ao direito de participação. Compromisso e responsabilidade andam de mãos dadas, estão interligadas, deriva das próprias consequências da ação do participante. Pelo que, é necessário que o participante seja devidamente informado do assunto em questão para que possa assumir o compromisso. Os autores falam mesmo que o compromisso antecede a participação e a responsabilidade a sucede.

3.5. Condições e o Direito de Participação

De acordo com Trilla e Novella (2001), a participação real e efetiva implicam três condições: o reconhecimento do direito de participar, dispor de capacidades necessárias para o fazer e que existam os meios necessários para o fazer. As crianças sob a desculpa da imaturidade ou da falta de autonomia têm um grande trabalho a realizar para que possam exercer o pleno Direito de Participação.

A Convenção dos Direitos das Crianças promulgada pelas Nações Unidas, em 1989, foi um passo gigante para o reconhecimento dos direitos das crianças. Não só na proteção das necessidades básicas, como do protagonismo, da sua capacidade de participar na sociedade e de exercer determinados direitos civis e políticos. Assim como, reconhece a necessidade de informar as meninas e os meninos dos seus direitos, empoderá-los. O que significa que para que tal aconteça é necessário que as crianças conheçam os seus direitos, lhes deem significado, a fim de exercerem o seu compromisso/responsabilidade de cidadãos e cidadãos.

3.6. Capacidade de Participação

A capacidade de participação é uma condição que Trilla e Novella (2001) consideram importante de desenvolver, para que o direito de participação social se realize e segundo os mesmos a melhor pedagogia para formar para a participação é a própria prática da participação. Os autores defendem que o desenvolvimento de competências participativas abarca todas as dimensões educativas: como conhecimento, destreza, habilidades, atitudes e valores. A consciência cívica impõe-se para uma participação social.

3.7. Espaços de Participação

Outra condição que Trilla e Novella (2001) reconhecem para que a participação aconteça são os espaços. A família, a escola e outras instituições educativas são os espaços eleitos para que a participação se realize. A escola tem métodos de ensino/aprendizagem e organização para promover a participação dos alunos. No entanto, a participação infantil requer outros espaços, nomeadamente a nível da participação social ou comunitária que promovam experiências de participação social infantil. De acordo com Fernandes “a

participação infantil no espaço público pode também retratar dinâmicas reais e significativas para os mundos sociais e culturais das crianças” (2009, p.330).

3.8. Limitações à Participação

A reflexão que vem sendo realizada sobre a participação na infância ajudam na compreensão sobre a forma como acontece ou pode acontecer, no entanto importa refletir sobre as limitações à participação das crianças. Pois, segundo Fernandes “a participação das crianças permanece muito comprometida com o predomínio de normas sociais que perpetuam relações sociais profundamente desiguais entre adultos e crianças” (2009, p. 294). É relevante considerar que uma das limitações decorre, de acordo com Fernandes, do uso da oralidade e da escrita, que são competências por um lado legitimadoras da ordem social dos adultos e por outro, são mecanismos de exclusão da participação social das crianças (2009, p.295).

Segundo a autora há três aspetos que contribuem para a fraca expressão de uma cultura de participação infantil, são eles: os aspetos culturais resultantes de uma tradição de silêncio e de inexistência de participação social e política; questão de poder quer em casa, escola ou entre amigos e a questão menoridade da infância enquanto grupo social. Outras duas limitações a referir: as estruturais e as emocionais. Na primeira decorre da estrutura social que envolve a criança e a segunda da vergonha, que pode vir de relações inseguras, quebradas que acabam por criar obstáculo na participação da criança (Fernandes, 2009, p. 330-331).

3.8.1. Limitações Estruturais

De acordo com análise de Fernandes, através das narrativas das crianças, foram identificadas algumas limitações que “decorrem da estrutura social que envolve a criança, sejam elas de natureza cultural, social, económica ou relacional” (2009, p.331). A partir das vozes das crianças foi possível verificar que há uma relação entre a falta de tempo e o exercício de participação, assim como entre a relação de poder e o exercício de participação. Na primeira relação identificada diz respeito ao quotidiano das famílias superatarefados que impede as crianças de exercerem o seu direito e a segunda relação verifica-se no constrangimento relacionados com o poder, que segundo Fernandes conduzem à acomodação, ao não exercício dos seus direitos de participação, para além de

estimulem a dependência, falta de iniciativa e dificuldades de relação entre pares (2009, pp. 331-332).

A importância que as limitações estruturais adquirem no exercício dos direitos de participação das crianças é fundamental ter em atenção numa investigação com crianças, pelo que os espaços de participação deverão ser construídos com elas.

3.8.2. Limitações Emocionais

Fernandes (2009, pp.334-337), nomeia dois sentimentos que são identificados no discurso das crianças que são a timidez e a apreensão e entrecruza com as duas emoções básicas, identificadas por Goffman e Scheff, que são a honra e a vergonha.

A honra é reconhecida como relações sociais positivas e a vergonha é, exatamente, o oposto, isto é, relações sociais fragmentadas. Esta análise parece fundamental de entender, uma vez que estamos a refletir sobre um grupo em que recaem imagens preconcebidas e que se tem mantido numa situação de invisibilidade por muito tempo. Como Fernandes afirma “a forma como qualquer indivíduo constrói a sua identidade social, mais ligada à vergonha ou à honra, está estritamente relacionada com as representações que tem acerca da forma como os outros o identificam” (2009, p. 335). De acordo com a autora as limitações do direito de participação que decorrem do sentimento de vergonha está relacionada com as interações com os adultos. Talvez pelas relações desiguais que existem entre gerações e pelas imagens preconcebidas. Relativamente ao sentimento de apreensão como limitador do exercício de direito de participação das crianças, ainda de acordo com Fernandes (2009), as condições sociais podem influenciar o exercício de direito de participação.

Podemos, pois, afirmar que para que o exercício do direito de participação das crianças possa ser efetivo é necessário repensar as estruturas onde as crianças se mobilizam. Tal como Tonucci (2004, p.21) defende, têm de ser dadas às crianças as condições adequadas para que participem, o que significa sem pressa, sem preocupações, sem medo de errar ou dizer algo que seja motivo de troça. A criança, ainda segundo o autor, deve de escolher o meio mais adequado para expressar-se seja através de um desenho, palavra, jogo ou projeto; e para que ela sinta o desejo de expressar-se é necessário

que a pessoa adulta se disponha a escutá-la, a compreender o que quer dizer, a dar valor às suas palavras, a colocarem-se do lado delas, estarem dispostas a defender as suas posições, significa serem companheiras. Quando as crianças sentirem a ligação transparente, então tudo se tornará mais fácil para exercerem o seu direito de participação.

A participação das crianças é fundamental para a garantia dos seus direitos. Soares (2006, p. 38) defende que a “participação infantil é, sem dúvida, um fator decisivo e poderoso para combater a exclusão dos cidadãos – crianças nos processos de negociação e tomada de decisão acerca dos seus quotidianos”.

Capítulo 4 - A Cidadania na Infância

Artigo 12 (CDC)

Os Estados Partes garantem à criança com capacidade de discernimento o direito de exprimir livremente a sua opinião sobre as questões que lhe respeitem, sendo devidamente tomadas em consideração as opiniões da criança, de acordo com a sua idade e maturidade.

Neste ponto do trabalho pretendemos refletir sobre o direito de cidadania das crianças, fundamental na defesa e proteção dos Direitos das Crianças.

No estudo sobre a infância verifica-se que há já um longo caminho percorrido em prol dos direitos das crianças. No entanto, é reconhecido por vários autores que é necessário mudanças mais efetivas.

Gaitán (2010, p.14) afirma, que o espaço social e a situação das crianças, tanto do ponto de vista da saúde, educação ou do seu estatuto legal, têm melhorado significativamente ao longo do último século. O que não significa que os problemas tenham sido resolvidos ou que tenham diminuído os riscos que ameaçavam.

Sarmiento, Fernandes e Tomás afirmam que “ a infância é especialmente prejudicada entre todos os grupos e categorias sociais excluídas, quer pela relativa invisibilidade face às políticas públicas e aos seus efeitos, quer porque é geralmente

excluída do processo de decisão na vida coletiva” (2007, p.183). Também, de acordo com Ponte (2005, p.15) as crianças “mais para serem vistas do que para serem ouvidas, as crianças estão carregadas de poder simbólico e evocativo”. Podemos, perceber que as representações sociais da infância têm contribuído para a desigualdade de direitos que se assiste.

Na verdade, os mesmos critérios que ajudam a compreender, a analisar ou a interpretar uma determinada realidade ou grupo, também, podem contribuir para criar imagens estereotipadas, ou seja, as imagens que recaem sobre as crianças podem restringir a sua manifestação de cidadania. De acordo com Soto (2012, pp.88-89), sobre a criança recaem imagens preconcebidas e exigências normativas que a definem de acordo com vários critérios, dos quais se destaca a idade como uma categoria social, à qual se associa um conjunto de direitos e deveres que constituem representações sociais que legitimam um conjunto de estereótipos. Assim, com o esperado das crianças mediante a idade, elas ficam sujeitas a uma seleção, ou seja, se tiverem um desenvolvimento de acordo com o padrão está tudo bem, o contrário significa exclusão da categoria. É necessário desconstruir representações tradicionais e “admitir-se a diversidade de infâncias e o facto de o seu carácter ser aberto e sujeito a contínuas transformações” (Marchi, 2009, p.1).

Independentemente das crianças pertencerem a classes sociais diferentes, ao género masculino ou feminino, ou estarem em espaços geográficos distintos, ou pertencerem a culturas, etnias, grupos de pertenças diferentes ou responderem de acordo ou não com o que é esperado para a idade, elas têm características próprias da infância que lhes dão um lugar-comum, como afirma Sarmento e acrescenta que “a infância é, simultaneamente, uma categoria social, do tipo geracional, e um grupo social de sujeitos ativos, que interpretam e agem no mundo” (2006, p.10).

As crianças participam de variadíssimas formas nos diversos contextos de vida e a partir da sua própria visão do mundo, elas questionam, reformulam o seu ver e o estar na sociedade. Tal como Mollo-Bouvier afirma a criança “como sujeito social participa da sua própria socialização, assim como da reprodução e da transformação da sociedade” (2005, p.393). Esta consciência da criança como ator social ganha dimensão à luz dos Direitos das

Crianças, que as assume como “crianças com acesso a direitos sociais de cidadania” (Trevisan, 2012, p.86).

Pela primeira vez, a Convenção dos Direitos da Criança concede uma nova visão da infância, contemplando os direitos de liberdade de expressão e de participação de todos os cidadãos (Barrera, 2009, p.113). Os artigos 12 e 13 da CDC legitimam o direito específico de participação, uma imagem de cidadania, que requer afirmação do Protagonismo infantil, o que implica “a valorização e aceitação da sua voz e a sua participação nos quotidianos” (Tomás & Soares, 2009, p.4). Pelo que, o exercício dos Direitos das crianças torna-se fundamental para a garantia dos mesmos.

Segundo Barrera (2009, p.124), a cidadania nas sociedades modernas assenta no valor da pluralidade, significa respeitar a diversidade de opinião e de comportamento. Independentemente da idade, todos os indivíduos devem assumir a responsabilidade tanto individualmente como em grupos e estruturas organizacionais e políticas de defender os direitos civis. Na mesma linha de reflexão, de acordo com Trevisan (2012), “a cidadania infantil relaciona-se intimamente com as posições que as crianças ocupam e o reconhecimento que obtêm na sociedade mais vasta, particularmente em esferas públicas de atuação”.

De acordo com Gaitán (2010, p. 14) a participação infantil efetiva na vida social é limitada, não só porque o direito à participação política são proibidos, mas porque duvidam da sua capacidade e competência. O que impede a extensão progressiva do exercício das liberdades para elas, como à cidadania e à sua autonomia como indivíduos. A autora sublinha que, crianças e adolescentes enfrentam o "ainda não".

A participação das crianças é fundamental na defesa dos seus direitos de cidadania, quer na família, escola, cidade, quer na administração pública em geral.

4.1. Constrangimentos ao exercício da cidadania

A infância é dos grupos sociais mais excluídos. Vários constrangimentos confluem para que as crianças não tenham assegurado o exercício de uma cidadania ativa. Tomás e Soares (2009, p. 2) traduzem-na numa ideia de dupla exclusão: uma exclusão justificada

pelos indicadores de pobreza, marginalização e exclusão justificada pela invisibilidade e ausência das crianças nos *centros* de decisão. Na verdade, de acordo com Tomás (2011), “a infância é especialmente prejudicada quer pela relativa invisibilidade face às políticas públicas e aos seus efeitos, quer porque é geralmente excluída do processo de participação e decisão da vida coletiva”.

É fundamental que as crianças exerçam os seus direitos nos espaços públicos, “trazer para a arena pública uma imagem da infância como um grupo social com direitos, nomeadamente direito a ter voz e a intervir nos processos que lhe dizem respeito, contribuindo para a consolidação da imagem da criança como sujeito de direitos” (Tomás & Soares, 2009, p.3). Pois, a existência de uma visão protecionista, segundo Barrera (2009, p.113) tem dificultado, de certa forma, a participação das crianças na vida social, o que faz parecer que proteção é o contrário de participação, mas na verdade complementam-se. Tal como afirma Trevisan (2012, p.89), “há situações particulares onde as crianças necessitarão de proteção e menos de participação”, no entanto um direito não invalida o outro.

A atitude para com as crianças está cheia de contradições. Segundo Gaitán (2010, p. 15), enquanto se lhes oferece mais possibilidades, mais restritos são os seus movimentos; e enquanto são obrigadas a ter responsabilidade e controlar-se a si mesmas, são mais protegidas e mantidas separadas, excluídas, do curso normal da vida, sem permitir, portanto, agir com responsabilidade. Também, Tomás e Gama (2011, p. 18), afirmam que “há um claro paradoxo entre a proclamação, pelo menos, ao nível dos discursos dos direitos das crianças e uma restrição nas condições sociais e educativas do seu usufruto e garantia”.

É indubitável a melhoria dos processos de proteção das crianças. De acordo com Trevisan (2012, p.86), as crianças são maioritariamente incluídas na discussão uma vez que têm acesso aos direitos sociais de cidadania, mas permanecem sem acesso por exemplo, a direitos políticos, nomeadamente de participação e de processos de co decisão”.

A participação infantil é uma estratégia de ação que pode garantir a defesa dos Direitos das Crianças. Pois, segundo Trevisan (2012, p.89), “ a participação permanece um foco central de cidadania uma vez que diz respeito não apenas ao direito, mas ainda à

possibilidade de fazer parte de um coletivo e de ter uma oportunidade específica de ver ouvidos pontos de vista e vozes”. Os Direitos das Crianças conquistam a possibilidade de ser assegurados com a afirmação da cidadania na infância.

Tal como Madeira (2012, p.18) afirma, “para todas as Crianças é preciso reclamar o direito próprio à experiência pessoal e a significação da própria vida e construção de uma identidade social que não as exclua das esferas de decisão pública, sobre assuntos coletivos que são do seu comum interesse”.

4.2. A Cidade Amiga das Crianças como espaço de Direitos das Crianças

No sentido de se poder refletir sobre a participação das crianças num Município premiado este ano, 2016, pelo Orçamento Participativo de Águeda com o Prémio de Boas Práticas de Participação, uma iniciativa da Rede de Autarquias Participativas (RAP), financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, enquanto entidade gestora do Programa Cidadania Ativa, entendemos relevante compreender o conceito Cidade Amiga das Crianças.

A Cidade Amiga das Crianças pressupõe ser um espaço de visibilidade da infância. No entanto, urge reclamar o exercício de cidadania das crianças nos espaços de decisão política. Para que não se corra o risco de se falar sobre um espaço que lhes diga respeito sem que estejam a par, participando nas decisões, podendo-se vir a verificar uma “visibilidade como entre-visibilidade, porque as crianças parecem estar, sem estar” (Tomás & Soares, 2009, p.3).

Uma Cidade Amiga das Crianças é, assim, um espaço de direitos das crianças. Uma oportunidade de “reclamar direitos para todas as Crianças como grupo social minoritário para quem é necessário reclamar uma Cidadania perspetivada como exercício de direitos civis, políticos sociais e culturais” (Madeira, 2012, p.18).

4.3. UNICEF – Organização Promotora da Cidade Amiga das Crianças

Não podemos falar da Cidade Amiga das Crianças sem fazer referência ao Fundo das Nações Unidas para a Infância, UNICEF.

De acordo com o Comité Português para a UNICEF (2015), a UNICEF foi criada em 1946 por decisão da Assembleia Geral das Nações Unidas, sendo a principal organização mundial que tem como missão defender e proteger os direitos e o bem-estar das crianças e adolescentes, seguindo como orientação a Convenção dos Direitos das Crianças. Colabora com governos nacionais e locais, com organizações não-governamentais e comunidade a fim de criar condições sustentáveis para o desenvolvimento integral das crianças.

A Convenção dos Direitos da Criança foi adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 20 de Novembro de 1989, e ratificada por Portugal a 21 de Setembro de 1990, já fez 25 anos, é o documento do direito internacional que consagra os direitos humanos das crianças, definidas como todos os seres humanos menores de 18 anos.

De acordo com o Comité Português para a UNICEF (2015), a Convenção estabelece que os Estados que a ela aderirem devem assegurar que todas as crianças, sem qualquer tipo de discriminação, beneficiem de medidas de proteção e atenção especiais, tenham acesso a serviços essenciais, como os de saúde e educação, para que possam viver, crescer, aprender e participar na vida da sociedade num ambiente seguro e favorável ao seu pleno desenvolvimento. Ter em consideração o interesse superior da criança em todas as decisões que lhe digam respeito, é um dos princípios fundamentais da Convenção. Este princípio aplica-se às decisões políticas, orçamentais ou administrativas tomadas por instituições públicas e privadas de proteção social, tribunais ou órgãos legislativos.

A grande mudança que a Convenção operou foi na forma como as crianças eram vistas. A imagem de seres humanos passivos, dependentes dos adultos, do Estado ou da sociedade, dá lugar à imagem da criança ator social, sujeito de direitos, criança cidadã.

4.4. Cidade Amiga das Crianças pela efetivação dos Direitos das Crianças

A Convenção dos Direitos da Crianças é uma conquista nos direitos da infância, nos Estados que aderiram à sua aplicação. Tem contribuído, fortemente, para a melhoria das condições de vida das crianças.

Neste ponto do trabalho vamos abordar do conceito “Cidade Amiga das Crianças”, lançado em 1996 pela UNICEF, com o objetivo de colocar “as crianças em primeiro lugar” no mundo, nos vários espaços, produzido pelo Comité Português para a UNICEF.

De acordo com os dados divulgados, em 2012, no Relatório da UNICEF “Situação Mundial da Infância”, estima-se que no ano de 2050, 70% da população mundial irá viver em áreas urbanas.

A iniciativa “Cidade Amiga das Crianças” é promovida pelo Comité Português para a UNICEF e tem como objetivo contribuir para a aplicação dos direitos das crianças no Município. O Programa recomenda a adoção de políticas administrativas de gestão territorial que promovam o bem-estar de todos os cidadãos, em particular das crianças, bem como criem condições favoráveis ao desenvolvimento saudável e incentivem a participação dos cidadãos mais jovens na vida da comunidade, no respeito integral pelos princípios proclamados na Convenção dos Direitos das Crianças.

O Programa Cidade Amiga das Crianças desafia os municípios a repensarem os seus serviços, equipamentos e a qualidade de vida que proporcionam aos seus cidadãos. O seu desenvolvimento baseia-se em quatro pilares:

- i. **Visão Global da Criança:** empreende uma visão holística, a criança é encarada de uma forma global. Todos os aspetos da vida da criança são tomados em conta.
- ii. **Participação:** a criança no exercício pleno dos seus direitos de cidadania, parceira dos adultos. Devidamente informada, envolvida e respeitada nas suas opiniões e experiências. Sujeito de direitos plenos. A efetiva afirmação dos Direitos das Crianças.
- iii. **Estratégia baseada nos Direitos da Criança:** envolvimento de todos os setores do município, adultos e crianças, a fim de produzir mudanças reais e sustentáveis para benefício das crianças.
- iv. **Análise do Impacto:** prevê a recolha sistemática de dados sobre a população infantil, desde o nascimento até aos 18 anos. Definição e desenvolvimento de políticas e medidas ao nível local centradas na criança, a fim de prevenir e evitar possíveis situações de discriminação.

Apoia-se em quatro princípios fundamentais da Convenção:

- Não discriminação
- Interesse superior da criança
- Sobrevivência e desenvolvimento
- Ouvir as crianças e respeitar as suas opiniões

Implica:

- Expressar a sua opinião sobre a cidade que deseja e a influenciar a tomada de decisões;
- Participar na vida comunitária e social;
- Usufruir de serviços de qualidade, tais como cuidados de saúde e educação;
- Ter acesso a água potável e saneamento básico;
- Ser protegido contra todas as formas de violência, como maus-tratos, abuso ou exploração;
- Passear nas ruas em segurança;
- Participar em eventos culturais e sociais;
- Usufruir de espaços verdes e de lazer;
- Viver num meio ambiente não poluído;
- Igualdade no acesso a todos os serviços, independentemente da sua origem étnica, religião ou crença, situação económica ou condição social, género ou idade.

De acordo com Trevisan (2012, p.92) a adesão dos municípios ao Programa Cidade Amiga das Crianças “revela por si só, a abertura para a criação de momentos de audição, consulta e co decisão por parte de grupos de crianças e jovens”, um percurso de afirmação da cidadania das crianças.

Parte II - Metodologia

Capítulo 1- Considerações e opções metodológicas

“De trás para a frente: percurso(s) de afirmação da cidadania” foi o tema que surgiu quando nos questionamos sobre o significado que teria, para as próprias crianças, a participação infantil, que foi assumida como objetivo de diversos projetos – académicos e de intervenção educacional e de cooperação local – realizados no município de Águeda, entre 2010 e 2015.

Decidida a escutar o que os participantes nestes projetos teriam para dizer, iniciamos o processo de investigação pela identificação e uma primeira leitura dos projetos de investigação-ação participativa e de projetos de intervenção educacional de que havia relatórios, com o objetivo de identificar os respetivos participantes, com a intenção de constituir um sujeito coletivo que pudesse ser consultado pela Camara Municipal, no processo de desenvolvimento do Município como Cidade Amiga das Crianças.

Tínhamos imaginado um percurso de produção de conhecimento e de ação que fosse co-construído entre adultos e crianças, através da revitalização das suas memórias, da afirmação do reconhecimento do valor da sua participação e da análise e discussão sobre as condições de participação, no sentido de produzir recomendações para a constituição e envolvimento de novos grupos de atores locais.

As nossas questões de partida são as seguintes:

- Que memórias as crianças conservam sobre a sua experiencia da participação nos diferentes tipos de projeto?
- Como as crianças recordam e que valor atribui às suas experiencias de participação neste “outro” contexto de interação com os adultos e com os seus pares?
- De que forma e em que condições os projetos podem contribuir para a afirmação da cidadania das crianças na escola e na comunidade?
- A participação das crianças terá impacto no contexto em que atuam ou no espaço público mais amplo?

A dúvida é uma parceira quando se parte para uma investigação. Pretendíamos constituir as crianças como nossas parceiras de investigação, indo ao encontro de perspetivas recentes de alguns autores.

De acordo com Alderson (2005, p. 420), “cada vez mais crianças estão sendo envolvidas como pesquisadoras”, participantes, parceiras na investigação, apoiadas em metodologias participativas. O que coloca questões relativas aos níveis e às condições de participação das crianças. Também, cria possibilidades aos adultos de “reconhecer as crianças como sujeitos em vez de objetos de pesquisa, aceitar que elas podem falar em seu próprio direito e relatar visões e experiências válidas” (Alderson, 2005, p. 423).

Concordando com Graue e Walsh (2003, p.116), em que “as perguntas são o motor da investigação...ir para campo sem perguntas é o mesmo que ir dançar sem sapatos de dança”, partimos para a investigação com algumas perguntas e com uma ideia do que íamos fazer, mas sem um plano detalhado.

Esta abertura face ao processo de investigação a iniciar adequava-se à perspetiva de Bogdan e Biklen (1994, p. 83) de que “na investigação qualitativa, uma das estratégias utilizadas baseia-se no pressuposto de muito pouco se sabe” e de que “quando iniciam um trabalho, ainda que os investigadores possam ter uma ideia acerca do que irão fazer, nenhum trabalho é delineado antes da recolha dos dados” e acrescentam que “é o próprio estudo que estrutura a investigação”. Atitude que se diferenciava segundo os mesmos autores, de que enquanto os investigadores tradicionais definem o plano como o produto final da fase de planeamento da investigação, para os investigadores qualitativos o planeamento e análise dos dados é efetuado ao longo da investigação, concluindo que “a investigação qualitativa é flexível” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 84).

Considerámos assim que a investigação qualitativa seria a mais adequada a uma abordagem retrospectiva dos projetos que nos propúnhamos analisar, como fonte rica de informação sobre as condições que pretendiam criar para promover a participação infantil, enquanto experiência investida por atores locais e vivida pelas crianças, com quem pretendíamos conversar e gerar dados qualitativos, ou seja, “ dados ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatísticos” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 16) que privilegiassem “essencialmente a

compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos de investigação” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 16), por meio de um trabalho que “utiliza as descrições das informações para oferecer ao leitor a melhor oportunidade de alcançar uma compreensão total do processo que é baseado na experiência (Skate; 2005, p. 44).

1.1. Da escolha à tomada de decisão adequada

Na escolha da metodologia, tivemos presente também a perspectiva de Freire (1972, p.125), de que uma “investigação implica, necessariamente, numa metodologia que não pode contradizer a dialogicidade da educação libertadora”, que é valorizada pela investigação-ação participativa, enquanto metodologia que é privilegiada no campo do estudo da criança.

Interessava-nos desenvolver um trabalho de parceria entre adultos e crianças, “considerando o enfoque na participação das crianças como um dos pilares fundamentais de todo processo” (Soares 2006, p. 25), que contribuísse para promover o “reconhecimento das crianças como atores sociais e da infância como grupo social com direitos próprios e participantes ativos na construção e determinação das suas experiências” (Costa, Fernandes & Pereira, 2013, p. 175) e “a sua cidadania ativa, numa perspectiva de educar na cidadania em oposição a educar para a cidadania (Costa, Fernandes & Pereira, 2013, p. 188).

Tivemos no entanto, que abdicar do interesse em desenvolver uma investigação-ação participativa, quando ao analisar os percursos de participação infantil que foram tentados pelos diversos projetos nos deparamos com uma grande heterogeneidade de percursos e de grupos, relativamente às idades, contextos e experiências vividas nos e pelos grupos de crianças cujas memórias pretendíamos resgatar e considerar no nosso trabalho de investigação. Constatamos que parte das crianças que participaram nos projetos em causa já não eram crianças e sim jovens adultos. Por outro lado, a riqueza das memórias partilhadas nas primeiras conversas, sobre as experiências vividas nos projetos, requeriam ser analisadas estudadas e refletidas no seu contexto local e histórico, sob risco de perder-se. Sendo este projeto uma primeira experiência como investigadora, toda a comunicação conseguida se revelava de grande valor.

Surgiu assim a decisão pela metodologia do Estudo de Caso que nos pareceu mais adequada ao enfoque e às potencialidades do campo da investigação com que nos

deparamos. Consideramos como uma vantagem desta metodologia a possibilidade de construirmos o conhecimento sobre a participação infantil, através das três fases distintas que Lüdke e André (1986) identificam nos estudos de caso:

- *a fase exploratória*, que, no caso da nossa investigação, corresponderia ao momento em que fomos à procura e tivemos as primeiras conversas com as crianças sobre as suas memórias e apreciações sobre os processos de participação que haviam sido enquadrados na dinâmica das escolas ou promovidas pelos projetos de investigação de mestrado e de intervenção educacional;

- *a delimitação do estudo*, que iniciariamos com a sistematização dos dados de contexto e de processo que davam sentido as conversas e a outras informações sobre os seus percursos, que nos parecessem pertinentes para o estudo;

- *a fase de análise sistemática e a elaboração do relatório*, quando procuraríamos organizar, recontextualizar e interpretar a informação recolhida numa lógica de reconstrução histórica da busca de melhoria das condições de participação das crianças na dinâmica emergente da construção e busca de reconhecimento de Águeda como .Cidade Amiga das Crianças.

A opção pelo estudo de caso pareceu-nos a forma de desenvolver um percurso aberto de produção de um conhecimento em contexto, que permitiria compreender e analisar as condições de participação das crianças e o possível impacto destes processos na afirmação da sua cidadania e reconhecimento como sujeitos de direito nos espaços educativos, no espaço público, incluindo a escola e a comunidade.

1.2. Técnicas e Instrumentos de Investigação

Quanto às técnicas mobilizadas foram a entrevista aberta, as conversas com as crianças e jovens que foi facilitada em alguns casos pelo recurso a material de estímulo, tais como a registos fotográficos dos projetos, o que permitiu que a comunicação fluísse, acrescentando informações, quando as memórias iam-se tornando vagas. Atendemos assim a recomendação de Fernandes (2009, p. 123) quando afirma que este uso “permite ultrapassar situações iniciais de desconforto ou falta de vontade e promover a discussão acerca de temáticas relevantes”.

Recorremos também às *notas de campo* como recurso fundamental nesta investigação; constituíram um manuscrito da reflexão que nos permitiu ter uma melhor compreensão sobre o foco de investigação, acompanhar o desenvolvimento do projeto e visualizar como o plano de investigação ia sendo afetado pelos dados recolhidos, tornando-nos conscientes de como ele ou ela foram influenciados pelos dados, tal como sugerem Bogdan & Biklen, que define as notas de campo como “o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo” (Bogdan & Biklen 1994, p. 150-151). As notas de campo tornam-se assim companheiras de viagem, guardam todas as palavras e os silêncios de cada conversa.

A Análise documental foi outra das técnicas que mobilizamos no desenvolvimento do estudo de caso, nomeadamente no processo de recolha de dados sobre o Município (diagnóstico social por ex.) diversos documentos sobre o Movimento de Águeda e finalmente relatórios, recorremos a projetos de investigação de mestrado e a projetos de intervenção educacional levados a cabo nos espaços educativos, com crianças, no concelho de Águeda entre 2010 e 2015.

Estas foram as decisões e precauções que procuramos ter presentes neste estudo que esperamos que possa ser mais um contributo para a melhoria das condições de exercício do direito de participação e afirmação da cidadania das crianças, na luta pelo reconhecimento da sua condição de atores sociais, capazes de uma ação que tenha impacto no espaço público e abra novas oportunidades de participação das crianças na Cidade.

Capítulo 2 – O processo de investigação: caminho de construção do conhecimento

Quadro 1 – O processo de investigação: caminho de construção do conhecimento - fonte de dados

Documentos analisados	Objetivo da consulta
Diagnóstico social do Concelho 2016	Caracterização demográfica, económica e social do Concelho e das Freguesias
Estatutos e Projeto educativo das instituições - Bela Vista - Centro de ATL de Valongo - Centro Comunitário de Recardães	Obter uma perspetiva histórica da missão, do projeto educativo e atividade atual da organização, na sua ligação com o Movimento de Águeda pela participação infantil
Relatórios de 5 Projetos de Investigação-ação participativa	Sistematizar e analisar informação sobre os projetos (objetivos, contexto, atores etc.) e analisar condições de participação infantil intencionalmente criadas Identificar participantes nos projetos na qualidade de promotores, facilitadores (adultos) e de testemunhas e protagonistas (crianças e jovens)
Relatórios e outros produtos de 3 Projetos de Intervenção educacional	iden
Dossiers pedagógicos, relatórios de atividade e outros materiais e produtos da intervenção da Bela Vista, do Projeto TEIP da Escola de Valongo do Vouga	iden

2.1. Projetos que constituem o campo de estudo explorado

Apresentamos um quadro que identifica as localidades do município de Águeda, o contexto, as palavras-chaves do projeto, ano de realização dos projetos dos mestrados e dos projetos de intervenção educacional analisados, distinguiremos o projeto de investigação pelas iniciais PI, do projeto de intervenção educacional por PIE.

Quadro 2 – Campo de Estudo Explorado

Localidade	Contexto	Ano /	Título	Temas/ projeto	Tipo de processo ou Projeto
Águeda	Bela Vista – Centro de Educação Integrada	2013	“Loja Amiga das Crianças” - PIE	Cidadania, participação -	PIE
		2014	“Cidadania e Participação Infantil: Guia Prático para Pais, Educadores e Profissionais de Educação” - PIE	Cidadania, participação	PIE
		2015	A voz das crianças”– “	Participação e identidade	PIE
Borralha	Escola Educação Básica e Centro de Saúde	2011	“Projeto Cidade Amiga das Crianças”	Cidadania, participação	Ação local em contexto cooperação
Recardães	Centro de Acolhimento Temporário	2014	Vozes, Criança como Sujeito de direito à participação	Infância, Criança, Direito de Proteção e Provisão,	PIAP
Valongo do Vouga	Escola EB 23 de Valongo do Vouga- TEIP	2013	Fóruns	Exclusão social, invisibilidade das crianças, políticas locais, participação infantil	Projeto Educativo – TEIP PI- Estudo de caso
	Escola- Turma de FPS	2013	Banco do Tempo		PIAP
	Escola Clube de Mediadores:	2013	“Projeto Cidade Amiga das Crianças” - PI	Cidadania, participação infantil, políticas públicas,	PIAP
	Casa do Povo - ATL	2013	“Projeto Cidade Amiga das Crianças”	Convenção dos Direitos das Crianças, Cidade Amiga das Crianças, Participação Infantil	PIAP

De acordo com a análise do quadro pode-se, também, observar que o foco comum em todos os projetos de investigação e intervenção educacional é a participação das crianças.

2.2. Participantes no Processo de investigação

Grupo A – Adultos Entrevistados

Qualidade de interlocutores chave sobre as experiências de participação infantil emergentes no processo de pensar Águeda como Cidade Amiga das Crianças:

Quadro 3 – Grupo A - Adultos Entrevistados

Contexto institucional de referência	Perfil
Câmara Municipal de Águeda	Vereadora da Educação e da Cultura
Bela Vista Centro de Educação Integrada - Águeda	2 Educadoras Bela Vista <ul style="list-style-type: none">• Cooperante nos PIE• Dinamizadora CAC
Centro de Saúde e Escola do ensino básico da Borralha	1 Médica (ativista do Movimento de Águeda) 1 Professora do Ensino Básico
Escola do 2º e 3º Ciclo de Valongo do Vouga (TEIP) Centro de ATL	1 Educadora (ativista do Movimento de Águeda) 1 Professora 1 Educadora (investigadora Projeto de IAP)
Centro de Acolhimento Temporário Recardães	1 Técnica de serviço social mediadora no contacto com participantes no Projeto de IAP)
Outros:	Mestre Curso ESIC - Universidade de Aveiro- Testemunha da participação pública das Crianças

Estes contactos e conversas com as “pessoas adultas” atrás referidas, foram muito importantes para identificarmos e estabelecermos o contacto com os sujeitos que participaram nos projetos; além de facilitar alguns dos contactos ajudaram a abrir caminho para que a investigadora não aparecesse como uma desconhecida, “intrusa”, mediando a

relação entre a investigadora e a criança ou jovem, o que ajudou a quebrar o gelo inicial e facilitou o caminho do diálogo sobre o interesse da investigação.

Grupo B - Crianças e Jovens entrevistadas

Na qualidade de ex-participantes nos projetos, portadores de memórias, sujeitos e agentes de opinião:

Quadro 4 - Grupo B - Crianças e Jovens entrevistados

Idades	Número Total	Distribuição por sexo		Distribuição por Localidade			
		F	M	Águeda	Borralha	Recardães	Valongo
6-8 anos	15	10	5	15			
14-16	7	6	1		2	2	3
19-20	4	3	1				4
Total	26	19	7	15	2	2	7

2.3. Por contexto e tipo de experiência, iniciativa ou projeto

Quadro 5 - Contexto, tipo de experiência, iniciativa ou projeto

Localidade	Contexto de Participação	Número de Entrevistados	Observação: Nº estimado de participantes por projeto
Águeda	Bela Vista, PIE 1, PIE 2 e PIE 3	15	20
Borralha	Seminário UA	2	4
Valongo do Vouga	Escola/TEIP Fórum e Banco do Tempo	4	20
	PIAP 1	2	7
	PIAP 2	1	7

Recardões	PIAP 1	2	7
-----------	--------	---	---

Os participantes entrevistados nesta investigação, cujas memórias de experiência e opinião quisemos ouvir, para compreender e analisar melhor o que guardam da sua participação nos projetos, evidenciam uma grande heterogeneidade em termos de idade, são 21 crianças e 4 jovens, com idades compreendidas entre os 6 e os 21 anos de idade. Os mais velhos, que participaram sobretudo nos processos dinamizados no âmbito da Escola de Valongo, uma escola TEIP, designadamente o Banco de Tempo e os Fóruns, encontram-se a residir em áreas geográficas distintas, estão implicados em percursos profissionais diferentes e com opções de estudo em áreas afins: um encontra-se a frequentar a o Ensino Superior em Ciências Biomédicas e outra Medicina.

Parte III – De Trás para a Frente pela Afirmação da Cidadania da Infância

Capítulo 1 – Análise dos percursos de participação das crianças

O presente capítulo apresenta uma caracterização do município de Águeda, dos contextos e de alguns dos participantes que fizeram parte dos projetos analisados sobre a participação das crianças.

Em primeiro lugar começaremos por caracterizar o município de Águeda, enquanto território geográfico e social, onde emergiu, em meados da década de 70 o que continua a ser reconhecido como o Movimento de Águeda, no qual as crianças, todas as crianças, mas especialmente as mais vulneráveis à discriminação social, tem merecido uma atenção especial e tem sido envolvidas ativamente em dinâmicas de desenvolvimento local. Dinâmicas estas, que ganharam nova visibilidade com a possibilidade de reconhecimento do Município como Cidade Amiga das Crianças, no âmbito da iniciativa promovida pela UNICEF, que propõe critérios e indicadores sociais que privilegiam não só o bem-estar, mas também o ponto de vista e participação ativa das crianças, enquanto parte da população e cidadãos de pleno direito.

Esta contextualização é fundamental para compreender o interesse da recolha e sistematização de informação sobre processos e projetos, de diferente natureza (académica, pedagógica e social) que desde o lançamento daquela iniciativa (em 2007) têm vindo a ser dinamizadas em diferentes localidades e instituições do Concelho, tendo como objetivo comum criar condições de reconhecimento e de protagonismo social das crianças no espaço público, dando maior visibilidade à ação social, política das crianças enquanto potenciais promotores da agenda local para os Direitos da Criança visada pela mesma iniciativa.

Feita esta contextualização geral, procederemos então a apresentação de quatro casos de envolvimento das crianças, através de iniciativas enquadradas por projetos diversos, sobre os quais quisemos ouvir as memórias das crianças participantes, (algumas delas já adultas) cuja experiencia e opinião procuramos escutar, para que fossem tomadas em conta na reflexão sobre as condições e sobre possíveis impactos da participação

infantil, na vida das crianças e de uma Cidade que se candidatou ao reconhecimento de Cidade Amiga das Crianças.

Cada estudo de caso será construído a partir (i) de uma breve caracterização geográfica, demográfica e social da freguesia (ii) da recuperação da memória social dos atores locais sobre antecedentes históricos de ligação ao Movimento de Águeda (iii) da apresentação das condições que foram intencionalmente criadas para promover a participação infantil, nos projetos que procuramos reconhecer e analisar na fase exploratória da nossa investigação (iv) da perceção e leitura retrospectiva que as crianças participantes neste projetos fazem destes projetos, ao conversar sobre as suas experiências, pondo-as ao dispor da nossa reflexão.

É neste contexto que procuraremos apreender o sentido e o impacto da experiência de que nos falarão as crianças e jovens que escutamos, e com que contamos poder melhor refletir sobre as condições de empoderamento social e político das crianças, nos contextos locais, onde se tentou criar espaços de tomada de voz das crianças, como sujeito coletivo, pela criação e reconhecimento dos diversos grupos que foram constituídos pelos projetos desenvolvidos no período em análise.

1.1. O Contexto: Águeda, território social e político co-construído por adultos e crianças

Para compreendermos e analisarmos a participação das crianças, recorremos a projetos de investigação de mestrado com crianças e a projetos de intervenção educacional levados a cabo no município de Águeda entre 2010 e 2015. Consideramos que esta escolha possibilita refletir sobre os níveis e condições de participação das crianças e sobre o impacto da mesma, de forma a contribuir com a produção de conhecimento sobre e com as crianças.

Refletir sobre a questão da participação das crianças no município de Águeda ganha relevância pelo passado de cidadania ativa reconhecido como o Movimento de Águeda, levado a cabo após a Revolução de 1974, tendo como ideais de conquista, os Direitos das Crianças. E, um presente onde a administração local com o apoio das instituições educativas, nomeadamente a Bela Vista Centro de Educação Integrada, procuram

implementar a Cidade Amiga das Crianças, subjacente a implicação das crianças em todo o processo.

O percurso deste projeto começou pela questão da participação das crianças, tendo como base de análise os projetos de investigação de mestrado e os projetos de intervenção educacional desenvolvidos em Águeda, a partir de 2010. Apoia-se no conhecimento científico produzido sobre a infância, cultura, participação e cidadania, criando a base necessária para refletir sobre os dados que se vão recolhendo para posteriori sistematização.

Neste primeiro ponto abordaremos o município de Águeda, e um breve panorama económico, social, educativo, saúde e participação, sobre o qual merece vir a ser construído conhecimento sobre a participação das crianças, com vista a assegurar o exercício dos seus direitos de criança-cidadã.

1.1.1. O Município de Águeda

Águeda foi elevada à categoria de cidade pela lei nº 30/85 de 14 de agosto em 1985, mas as suas raízes remontam ao ano de 370 a.C. havendo registo da criação do município em 1834. Em 12 de julho de 1984 comemorou-se os 150 anos de elevação a concelho da freguesia de Águeda (Amaral, 1992).

Águeda é um concelho do distrito de Aveiro, inserida na região Centro e sub-região do Baixo Vouga, é limitada a norte pelo município de Sever do Vouga, a nordeste por Oliveira de Frades e por Vouzela, a leste por Tondela, a sul por Mortágua e por Anadia, a sudoeste por Oliveira do Bairro, a oeste por Aveiro e a noroeste por Albergaria-a-Velha. É sede de um município com cerca de 335 km² de área, o maior concelho do distrito de Aveiro, tem 47 729 habitantes, segundo dados do Instituto Nacional de Estatística de 2011.

Em termos geográficos, situa-se na bacia hidrográfica do rio Vouga, estando delimitado a Norte pelo rio Vouga, a Sul pelo rio Cértima, a Nascente pela Serra do Caramulo e a Poente pelas terras baixas da Ria de Aveiro. Este enquadramento territorial confere ao concelho, a nível do distrito, uma posição central. É percorrido no sentido Norte/Sul pela autoestrada Porto - Lisboa, tendo ligação através dos nós de Albergaria-a-

Velha, a Norte, e Oiã, a Sul, essa ligação é efetuada, também, respetivamente pela estrada A25 e EN333. Faz a ligação Porto – Lisboa pela EN1/IC2, é atravessado a Norte pela A25, que liga Aveiro a Vilar Formoso e tem numa extensão de 21,082 Kms de linha de Caminho de Ferro do Vouga, uma via estreita que liga Aveiro a Sernada do Vouga.

Em 2013, de acordo com a Lei nº 11-A/2013 de 28 de janeiro, o concelho ficou distribuído administrativamente por 11 freguesias: Aguada de Cima; Fermentelos; Macinhata do Vouga; União das Freguesias de Águeda e Borralha; União das Freguesias de Barrô e Aguada de Baixo; União das Freguesias de Belazaima do Chão, Castanheira do Vouga e Agadão; União das Freguesias de Recardães e Espinhel; União das Freguesias de Travassô e Óis da Ribeira; União das Freguesias de Trofa, Segadães e Lamas do Vouga; União das Freguesias de Préstimo e Macieira de Alcoba; Valongo do Vouga.

Figura 2 - Mapa de Freguesias do Concelho de Águeda



1.1.2. Panorama Económico, Social, Educativo, Saúde e Participação

Segundo a análise dos dados dos Censos de 2011 sobre a População Residente em 2001 e 2011, publicado pelo INE, verifica-se que, contrariamente à tendência nacional, Águeda teve um decréscimo populacional. Em 2001 a população residente era de 49041 habitantes e em 2011 foi de 47729, assistimos a uma diminuição de 1312 residentes, a um decréscimo da natalidade e a um aumento do envelhecimento da população. Como se pode verificar no quadro abaixo apresentado.

Quadro 6 - População Residente em 2001 e 2011, segundo Grupos Etários

Período de Referência dos Dados	Zona Geográfica	Total HM	0-14	15-24	25-64	65 ou Mais
2001	Portugal	10356117	1656602	1479587	5526435	1693493
	Centro	2348397	352388	322118	1217213	456678
	Baixo Vouga	385724	63646	55528	206563	59987
	Águeda	49041	7789	7200	26473	7579
2011	Portugal	10562178	1572329	1147315	5832470	2010064
	Centro	2327755	313258	233248	1247499	521750
	Baixo Vouga	3900822	57328	42498	217521	73475
	Águeda	47729	6642	5151	26598	9338

Fonte: INE, 2011

De seguida apresentamos uma breve análise, panorâmica do Município de Águeda, a nível económico, social, educação, saúde e bem-estar, de acordo com o Diagnóstico Social de Águeda de 2014.

O Município de Águeda é caracterizado a nível económico por uma boa dinâmica industrial, com o predomínio da indústria metalomecânica, na área das ferragens, com história reconhecida no fabrico de motociclos de duas rodas.

Relativamente à situação de emprego em Águeda é preocupante a taxa de desemprego, principalmente no grupo das mulheres com idades superiores aos 45 anos.

O concelho possui 33 Instituições de Solidariedade Social, com acordos de cooperação com a Segurança Social, perfazendo um total de 125 respostas sociais, cujos principais grupos populacionais abrangidos são a infância e a Terceira Idade.

A rede educativa do concelho de Águeda está organizada por três agrupamentos escolares: Águeda, Águeda Sul e Valongo do Vouga, englobando estabelecimentos de ensino pré-escolar, 1º, 2º e 3. CEB e o ensino secundário. O Ensino Superior é lecionado pela Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Águeda, uma das quatro Escolas Politécnicas da Universidade de Aveiro.

Na cidade Águeda está sediado o Centro de Emprego e Formação Profissional inserido na Delegação Regional do Centro com duas respostas: a empregabilidade e a formação.

A nível da saúde, o Centro de Saúde de Águeda está reorganizado por quatro unidades de Cuidados de Saúde Personalizadas. Especificamente, o Centro de Saúde de Águeda tem a funcionar uma Unidade de Cuidados de Saúde à Comunidade, que presta cuidados de saúde e apoio psicológico e social a famílias e a grupos vulneráveis em situação de maior risco físico ou funcional e atua em áreas na educação para a saúde. Do seu Plano de Ação integram diversos programas de prevenção de saúde. Entre os quais, Saúde Escolar, Saúde Oral, Prevenção da Obesidade, Risco da Diabetes; Tabagismo, Álcool, Toxicodependência; Equipas de Intervenção precoce que apoiam crianças dos 0 aos 6 anos com necessidades educativas especiais; Núcleo de Apoio a Crianças e Jovens em Risco, a nível da proteção de crianças e jovens até aos 18 anos, entre outros projetos de apoio a pais, grávidas, puérperas e a vítimas de violência doméstica.

Também, a nível da saúde Águeda nos cuidados hospitalares é servido pelo Centro Hospitalar Baixo Vouga, que se constitui pela fusão do Hospital Infante D. Pedro, em Aveiro, Hospital Distrital de Águeda e Hospital Visconde de Salreu em Estarreja.

Poderíamos concluir que o concelho é um território beneficiado não só pela riqueza natural, patrimonial, cultural e paisagística e pelas suas potencialidades de

desenvolvimento económicas, inclusive turísticas, mas sobretudo pelo empenho continuado que tem havido da parte de varias instancias e atores locais no desenvolvimento de uma cultura de participação em prol do bem-estar de todos os cidadãos. Disto é exemplo a iniciativa política do Orçamento Participativo, que teve início em 2015, com o objetivo de proporcionar o envolvimento dos cidadãos, de forma voluntária, na tomada de decisões sobre uma parte das despesas de investimento público municipal, que sendo embora apenas destinado a cidadãos com idade igual ou superior aos 16 anos, cria um clima estimulante e favorável a iniciativas de participação das crianças e jovens na vida da Cidade. Disto são também expressão o Prémio de Boas Práticas de Participação recebido em 2016, o seu reconhecimento em 2015 como membro da Rede de Autarquias Participativas ou a sua distinção na Conferência Internacional Portugal Participa, que decorreu na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa.

É neste contexto de desenvolvimento local comprometido com a Cidadania, que desde 2011 a Universidade de Aveiro, tem vindo a participar no esforço do Município, de criar condições que sustentem de forma qualificada, o processo de candidatura de Águeda ao seu reconhecimento Cidade Amiga das Crianças, de iniciativa da UNICEF. Neste sentido tem contribuído com o desenvolvimento de projetos de investigação ação participativa, realizados no âmbito da formação de 2º ciclo/Mestrado que visam analisar as condições de viabilidade do envolvimento de grupos de crianças que possam co-protagonizar este processo, na continuidade de um processo de mudança do lugar da infância e das crianças, num Movimento local cujas bases podem ser encontradas em meados dos anos 70. Inscreve-se também neste processo de criação de oportunidades de participação ativa das crianças, o desenvolvimento de projetos de intervenção educacional, no âmbito da formação de educadores e professores do Ensino Básico e no quadro da cooperação entra a UA e a Bela Vista Centro de Educação integrada, cujo compromisso relativo a inclusão e promoção de direitos e cidadania das crianças, e entre estas as crianças mais vulneráveis a discriminação social, está patente na disposição e ativismo da equipa e na ação pedagógica desenvolvida com as crianças, com grande abertura à comunidade e parcerias locais. Projetos que quisemos sistematizar e submeter a uma reflexão crítica, sobre as suas possibilidades e impactos na experiencia das crianças do Município e de alguns adultos que procuramos escutar, compreender e dar voz nos estudos de caso que apresentaremos adiante.

1.2. A génese da conquista dos Direitos das Crianças: O Movimento de Águeda

Águeda é um concelho com história de participação, de conquista pelos Direitos das Crianças, justificada grandemente pelas contradições do seu desenvolvimento intensivo a partir da década de 50, que justificava que em meados da década de 70, momento da Revolução de 25 de Abril de 1974, houvesse “grupos a viver em circunstâncias de precaridade e vulnerabilidade social, o que colocava as crianças em posição de grande desvantagem relativamente à maioria da população infantil” tendo nascido da inconformidade com esta realidade o *Movimento de Águeda*, num contexto, de fortes fragilidades, as crianças encontravam-se em risco. “Era preciso assistir e reeducar para prevenir a reprodução da adversidade social cuja responsabilidade tendia a ser atribuída estritamente às famílias” (Madeira, 2009). Neste período, segundo Madeira “os direitos qualificados como proteção e provisão não estavam assegurados” e, claro, desde então os direitos de participação das crianças passaram a “merecer ser pensados em outros termos, que atendam ao lugar e às circunstâncias materiais, sociais e históricas, que as crianças ocupavam na vida quotidiana das suas famílias e comunidades” (Madeira, 2009).

Tomado durante muito tempo como exemplo de boas práticas no contexto nacional, o *Movimento de Águeda* constituiu um marco relevante em defesa dos Direitos das Crianças no âmbito do desenvolvimento local e contribuiu para a extensão e qualidade da rede de serviços de apoio à infância de que o município de Águeda está dotado. Rui D’Espiney (2008), caracteriza o *Movimento de Águeda* como um movimento espontâneo, de base comunitária, comprometido com os Direitos Humanos, a partir da investigação que coordenou no âmbito de um projeto internacional “Efetiveness Initiative” promovido pela Fundação Van Leer que foi promovido em autoria coletiva com agentes que foram fazendo caminho com o Movimento.

O quadro que se apresenta sintetiza parte da história de conquistas de direitos expressa na emergência de estruturas de apoio à infância, que foram garantindo suporte a inclusão das crianças, de grupos de crianças, e de modo particular das crianças especialmente vulneráveis à desvantagem no acesso a participação ativa na vida das suas famílias, escolas e comunidade. O interesse deste mapeamento está na hipótese de ter sido esta a base social e simbólica sobre a qual assentam muitas das dinâmicas, iniciativas e

mesmo dos projetos que aqui referimos como recursos a potencializar no reconhecimento e co-construção, co-protagonizada entre Crianças e Adultos, na qualidade de Cidadãos ativos de uma Cidade Amiga das Crianças.

Quadro 7 - A evolução do Movimento de Águeda na conquista pelos direitos das Crianças

<p>Movimento de Águeda</p> <p>Um movimento espontâneo de base comunitário que se caracteriza pela “Informalidade e Inconformismo”. Surge após a revolução de 1974 dando origem a uma “teia de iniciativas autónomas, interligadas, formais e informais, feitas de espaços e tempos de ação e de reflexão” (D’Espiney, 2008).</p>	
1975	<p>Jardim de Infância Bela Vista - Ligada ao Centro de Paralisia Cerebral de Coimbra – 20% das vagas destinadas a crianças com alguma forma de deficiência.</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ 1978 IPSS Bela Vista . Centro de Educação Integrada ✓ 1980/1981 Centro de Atividades de Tempo Livres; Serviço Social da Bela Vista ✓ 1988 – Creche ✓ 1990 – Creche Familiar ✓ 2002 – Centro de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental
1976/1979 1980	<ul style="list-style-type: none"> ✓ O 1º levantamento das crianças e dos adultos com deficiência no concelho ✓ Grupo de Apoio do Desenvolvimento da Criança - com ligação com o Hospital Pediátrico de Coimbra, com responsáveis locais da Saúde e Educação desenham o “Plano para Águeda” ✓ Integração das crianças com deficiência mental na escola básica
1981	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Criação do Centro de Saúde
1983	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Equipa do Ensino Especial (com a intervenção precoce e apoio domiciliário) levando à origem dos Grupos Comunitários – grupos informais constituído por crianças que se reuniam à volta da educadora no bairro.
1989/1996	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Projetos de Grupos Comunitários e outras Associações e Instituições se formaram no concelho no quadro do Movimento de Águeda...

No âmbito deste trabalho de investigação parece-nos importante sublinhar o Projeto dos Grupos Comunitários, enquanto dinâmica emergente da interação dos profissionais da Bela vista e da inicialmente designada Equipa de Ensino Especial Integrado de Águeda com um grande número de crianças e famílias em situação de alto risco e privação social por todo Concelho. Foi desta interação direta e emergente, centrada na melhoria das condições de vida e de acesso a educação, em parceria com as próprias crianças, que surgiram os primeiros coletivos de crianças que com o apoio direto ou indireto de agentes locais, do Centro de Saúde e respetivas unidades de saúde na freguesias, Juntas de Freguesia, Associações e da segurança social, puderam incorporar dinâmicas que resultaram na criação de novos serviços de apoio social à infância, a partir de setores sociais mais resistentes à mudança, chegaram a designar como “Bando dos Meninos Sujos”.

Em 1989, momento em que este processo emergente encontrou no acesso a financiamento pela Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação Aga Khan, possibilidades de autonomização (da ação da Equipa de Educação Especial) e consolidação, havia Grupos Comunitários em diferentes níveis - de emergência, e desenvolvimento e formação - na maior parte das Freguesias do Concelho, designadamente:

Freguesias com grupos emergentes em desenvolvimento e posterior formação	Institucionalização dos Grupos com base do movimento resultante da criação de novos equipamentos sociais ou protocolos de intervenção comunitária que constituem a atual rede social de apoio à infância.
Águeda: Torre da Previdência Social, Asseguins, Vale Domingos, Giesteira	Criação do Catraio e Moleirinho. Criação de novas Respostas Sociais e protocolos especiais de intervenção comunitária com a Bela Vista.
Aguada de Cima: Almas da Areosa, Grupo dos Meninos, Grupo das Mãezinhas.	Criação do Centro Social e Paroquial da Borralha e ampliação de protocolos com IPSS's locais.
Aguada de Baixo: Bairros Tijolarte e Celticerâmica	
Borralha: Cerâmica do Alto	
Barrô	Mobilização para o Centro Comunitário de

	Recardães
Espinhel	
Fermentelos	
Espinhel	
Fermentelos	
Lamas do Vouga	
Macinhata: Beco e Serém	Criação da Casa da Pequenada em Serém, Alargamento do Protocolo com IPSS local
Óis da Ribeira	Centro Social ARCOR
Segadães	CASAS – Centro de Animação e Ação Social
Trofa: Mourisca	Alargamento do Protocolo com IPSS local - Pioneiros
Valongo do Vouga: Casa do Povo, Sobreiro	Centro Social – Casa do Povo

De notar que a memória desta dinâmica de desenvolvimento social local mantém-se viva nos locais onde elaboramos os estudos de caso que aqui apresentaremos e onde a iniciativa Cidade Amiga das crianças encontra um território muito favorável à sua implementação pelo envolvimento e protagonismo das crianças.

Capítulo 2 – Percursos com as vozes das crianças e jovens abrindo caminho à afirmação da cidadania da infância

Após a contextualização geral do município de Águeda passamos à apresentação de quatro casos de envolvimento das crianças em iniciativas, cujo foco foi a participação infantil, sobre as quais ouvimos as memórias das crianças e algumas já jovens de forma a refletir sobre as condições e sobre possíveis impactos da participação infantil, na vida das crianças e da Cidade que está implicada num processo de reconhecimento da cidadania ativa das crianças, como indicador de uma Cidade Amiga das Crianças. O quadro seguinte

apresenta as freguesias do concelho de acordo com o número de habitantes e respetivas áreas. A cor amarela identifica as freguesias consideradas neste estudo.

Quadro 8 - Freguesias do Concelho de Águeda

Freguesias do Concelho	Nº de habitantes	Área/Km2
Aguada de Cima	4 013	28,39
Águeda e Borralha	13 576	36,03
Barrô e Aguada de Baixo	3 209	10,19
Belazaima do Chão, Castanheira do Vouga e Agadão	1 611	88,1
Fermentelos	3 258	8,58
Macinhata do Vouga	3 406	31,95
Préstimo e Macieira de Alcoba	808	41,72
Recardães e Espinhel	6 036	19,92
Travassô e Óis da Ribeira	2 305	11,13
Trofa, Segadães e Lamas do Vouga	4 633	16,07
Valongo do Vouga	4 877	43,20

Fonte: INE, 2011

2.1. Lugares de gestão do Movimento de Águeda – Caso 1

A União de Freguesias Águeda-Borralha, foi constituída em 2013, no âmbito da reforma administrativa nacional, publicada em Diário da República, 1.ª Série, n.º 19, Lei n.º 11-A/2013 de 28 de janeiro; segundo o censo de 2011, a sua população era de 13 576 habitantes, numa área de 36,03 km². A boa localização geográfica, o acesso às principais vias de comunicação que ligam o norte a sul, litoral e interior, facilitam o bom desenvolvimento comercial e industrial, mas também a possibilidade de contacto e envolvimento com dinâmicas que emergem dentro e para além dos limites territoriais.

Foi assim que entraram para a história local da conquista de direitos de cidadania na infância, a participação de dois grupos de crianças, residentes da União de Freguesias de Águeda e da Borralha, que passaram a ser reconhecidos como potenciais parceiros da Camara Municipal de Águeda, na conceção de uma imagem do que deveria ser uma Cidade Amiga das Crianças.

A participação destes dois grupos de Crianças surgiu do compromisso histórico da Bela Vista Centro de Educação Integrada com a inclusão incondicional das crianças na Comunidade, concebida como espaço onde “ *o sol, os amigos e a escola são de todos*”

(Bela Vista; 1975). Para este acontecimento participaram também crianças da Escola de primeiro ciclo do Ensino Básico da Borralha, que, em resposta ao Centro de Saúde, e ao convite de uma médica fortemente implicada no Movimento de Águeda, se pronunciaram sobre o lugar da Borralha como lugar que a comunidade desejava que fosse Amigo das Crianças.

O encontro ocorreu fora de portas, na Universidade onde estes grupos foram convidados a ensaiar formas de restituir (a voz) das Crianças às próprias crianças, num momento em que esta mesma voz era reclamada, quer no espaço da formação e investigação académica quer na esfera de responsabilidade dos atores Municipais, como condição legítima e necessária a implementação local da Convenção dos Direitos da Criança. Foi assim no contexto do Seminário *“Abrir Portas onde falamos entre Janelas”*, que um grupo de Crianças de Águeda e da Borralha se encontraram com a Vereadora da Camara Municipal, na qualidade de ouvinte das suas expectativas e opiniões sobre a Águeda.

Surgiu assim o novo espaço de interação do Município com as Crianças, que teria o seu enquadramento no âmbito do protocolo assinado em 2007, pela Associação de Municípios Portugueses, pelo Instituto de Segurança Social e pela UNICEF, protagonista da iniciativa que prometia naquele momento, expandir a ideia e o compromisso de reconhecimento a reclamar pelos Municípios, como Cidade Amiga das Crianças.

O olhar distinto para cada uma das localidades da União de Freguesias Águeda e Borralha é importante para nos ajudar a perceber melhor este envolvimento que aconteceu entre a Escola EB 1 da Borralha, o Centro de Saúde e a Junta Freguesia da Borralha e no quotidiano educativo da Bela Vista, cujas iniciativas no âmbito da iniciativa Cidade Amiga das Crianças, foram sendo apoiadas pelo desenvolvimento de Projetos de Intervenção Educacional, enquadrados pela cooperação institucional com a Universidade de Aveiro.

2.1.1. A Borralha como Comunidade Amiga das Crianças

Pensar a Borralha como Comunidade Amiga das Crianças partiu como referimos da abertura e colaboração entre agentes da Extensão de Saúde, da Junta de Freguesia, da Escola e outros atores e serviços locais. À altura do projeto, 2011, a Escola Básica do 1º

Ciclo da Borralha localizava-se no Largo da Feira da Borralha, aonde funcionavam os principais serviços da comunidade: a administração, a saúde, a educação e, também, a igreja. Segundo conversa com a Médica e com a Professora, também com a função de coordenadora, da Escola EB da Borralha, a proximidade absoluta destes serviços foi de grande relevância para o sucesso do projeto. Uma vez que, a escola e a extensão de saúde eram paredes vizinhas e ao lado localizava-se a Junta de Freguesia, o que facilitava o diálogo e as necessárias deslocações ao terreno. Apesar, desta ideia de proximidade ter sido muito importante, também foi a cultura política e cidadã dos adultos que apoiaram esta ação, para além dos limites da escola, conforme se pode confirmar nas Notas de Campo XX e XXII.

Como referimos a resposta ao convite a participação das crianças da Borralha contou com a disposição da médica na extensão de Saúde da Borralha, com reconhecida participação no *Movimento de Águeda*, designadamente no diagnóstico e levantamento das necessidades da população infantil e famílias em risco do concelho e no projeto *Grupos Comunitários* que estiveram na origem do surgimento da maioria das Instituições Particulares de Solidariedade Social do município como também já foi referido. Para tal contribuiu também a abertura à comunidade e disposição de cooperação da coordenadora da escola que, à época, acumulava o cargo de coordenação e lecionava uma turma de 4º ano do primeiro ciclo, bem como o envolvimento ativo do Presidente da Junta de Freguesia.

Reconhecer que a participação deste grupo de Crianças foi desencadeado pelo desafio de dar opinião sobre o meio envolvente e a vida da comunidade, num ato que celebrava o 22º aniversário da Convenção dos Direitos das Crianças, na Universidade, não é suficiente para compreender este envolvimento.

Importa referir o cuidado investido no processo que preparou esta participação. O convite da UA foi apresentado à turma. Foi feita uma eleição dos representantes, interessados em vir a participar no projeto Cidade Amiga das Crianças e foi dada às crianças a oportunidade de se organizarem e reivindicarem para a localidade o que consideravam positivo para toda a comunidade. Realçamos também a importância da reunião das crianças representantes da Escola, com o Presidente da Junta de Freguesia da Borralha, surgiram alguns apoios necessários que concretizaram as mudanças propostas e

reclamadas. Esta experiência de apropriação do direito a voz sobre assuntos públicos da comunidade, pode ainda ser confirmada pela oportunidade que o grupo teve de apresentar publicamente as suas ideias aos outros grupos de crianças e à Vereadora (também com vivência da dinâmica dos Grupos Comunitários), quer no contexto da Universidade quer na reunião a seu convite na Câmara Municipal de Águeda.

Neste projeto participou toda uma turma do 4º ano e em sua representação elegeram quatro colegas, duas meninas e dois meninos, com 9 anos de idade.

2.1.2. Bela Vista: ideário e práxis de participação infantil

Atestam os documentos e a prática quotidiana que a Bela Vista Centro de Educação Integrada, enquadrou e cooperou ativamente na conceção e desenvolvimento de três projetos de intervenção educacional (desenvolvidos no quadro de cooperação institucional com a Universidade de Aveiro), estimulada pelo compromisso inédito que foi assumido entre as crianças e a Vereadora da Câmara Municipal, de encontrar formas de envolver outras crianças na dinâmica da Cidade Amiga das Crianças, lançada pela UNICEF.

Este compromisso emerge no entanto na relação de uma instituição que foi construída na e pela comunidade local, com a finalidade de “promover a integração de crianças, famílias e grupos que, por qualquer situação deficitária, de ordem física, emocional ou social, se encontrem em risco de privação e/ou marginalização social”. O seu surgimento e projeto nasce, assim, da própria luta pela proteção dos Direitos das Crianças, que ganhou identidade e expressão como *Movimento de Águeda*.

Surgiu de oportunidades e desafios emergentes em Abril de 1974, que mobilizou um grupo de pessoas que de forma espontânea, reunidas pela mesma preocupação de procurar resposta para crianças com deficiência que estavam sob responsabilidade exclusiva da família e para as quais não havia apoios de nenhuma ordem. De acordo com os relatórios da Instituição, a ação da Bela Vista tinha como metas de trabalho: *assumir a criança com deficiência como indivíduo, parte integrante da comunidade, sensibilizar a sociedade para a problemática da criança com deficiência e responder localmente às necessidades da comunidade, através dos recursos nela existente*.

É neste quadro de atuação comunitária, de trabalho pela inclusão educação de todas

as crianças, sem discriminação, que nasce o Jardim de Infância, ligado ao Centro de Paralisia de Coimbra, cujo 20% das suas vagas se destina à frequência de crianças com alguma forma de deficiência, condição que ainda hoje faz parte do regulamento interno da instituição. Em 1978, passou enquanto associação a ter estatuto de IPSS, por acordo com o Centro Regional da Segurança Social de Aveiro, desenvolvendo progressivamente respostas sociais necessárias ao esforço de criação de espaços socioeducativos mais inclusivos das crianças que iam sendo sinalizadas. Surgiu assim o Jardim de Infância, o Centro de Atividades de Tempos Livres e posteriormente a Creche, Creche Familiar e Centro de Acompanhamento Familiar e Apoio Parental. Atende atualmente um universo de 221 crianças e mantém uma estreita ligação com as famílias mais vulneráveis encaminhadas pelo Centro Regional de Segurança Social e Pelo Centro de Proteção de Crianças e Jovens de Águeda, através da valência de Centro de Acompanhamento Familiar e Apoio Parental às famílias e jovens.

Reconhece-se que foi o compromisso, a abertura e da ação da Bela Vista junto das populações mais vulneráveis do Concelho que desencadeou processos de interação com a comunidade que mobilizaram a participação de outras instancias e atores formais e informais, e resultaram na criação de novos serviços que incorporaram na sua maioria, o mesmo compromisso e cultura de participação na resolução dos problemas. Tal foi o caso da “Equipa de Ensino Especial Integrado”, em 1980, do espaço de Saúde Infantil como início do Centro de Saúde no início dos anos 80, do Grupo de Apoio ao Desenvolvimento da Criança, da Equipa Multiprofissional de Apoio à Criança em 1990 e dos Grupos Comunitários, emergentes entre 1984 e 1990 e desenvolvidos como parte de um projeto autónomo partir de 1990. Neste percurso esteve sempre presente instancias tais como as Autarquias, Segurança Social, Associações etc.

A Bela Vista surge assim como contexto especial para o desenvolvimento de Projetos de Intervenção Educacional, em contexto de formação de Educadores e Professores do Ensino Básico, pela UA. Os projetos que analisamos visaram enriquecer as potencialidades do compromisso assumido pelas e com as Crianças na implementação da dinâmica aberta pela iniciativa Cidade Amiga das Crianças, promovida pela UNICEF.

Os Projetos de Intervenção Educacional (PIE), realizados por grupos de alunos do 3º ano

de LEB-UA, tiveram como foco a *participação e a cidadania das crianças*. Encontraram como enquadramento favorável a participação organizada das crianças, animada no âmbito da atividade regular e do Projeto educativo da Instituição e Ação Pedagógica da Equipa. Realça-se aqui o trabalho de constituição e envolvimento das crianças, com idades compreendidas entre os 4 e os 5 anos, que foram acompanhadas no mapeamento, visita e discussão sobre os locais públicos da cidade, seguida de uma avaliação, metódica e cuidadosamente preparada por uma das educadoras mais diretamente implicada desde o início do percurso que temos vindo a relatar.

Este enquadramento facilitou a criação de outros espaços de projeto, dinamizados pelas estudantes em formação, que aqui se referem:

- i) **“Loja Amiga das Crianças”** - foi um PIE realizado em 2013, que teve como objetivos promover a participação infantil no espaço público, dialogar com as crianças sobre o papel do consumidor, desenvolver o conceito *Loja Amiga das Crianças* e contribuir para a implementação da Cidade Amiga das Crianças. Como metodologia desenvolvida com as crianças foram realizadas conversas, visitas às lojas na comunidade e a desenhos. O Projeto teve como principais contributos: o enriquecimento do Projeto Educativo da instituição, cujo tema era o “Consumismo”; a construção de critérios de uma *Loja Amiga das Crianças*, com base na opinião das crianças, envolvimento da Associação Comercial de Águeda com as crianças enquanto munícipes; Elaboração de um logotipo pelas crianças para identificar a *Loja Amiga das Crianças*; participação das crianças na construção de Águeda, numa Cidade Amiga das Crianças. Neste projeto participaram 16 crianças com idades compreendidas entre os 4 e os 6 anos.
- ii) **“Cidadania e Participação Infantil: Guia para Pais, Educadores e Profissionais de Educação”** - foi outro PIE realizado em 2014, com o objetivo de registar e divulgar as práticas participativas desenvolvidas com as crianças, através da sua participação e depoimentos. Recorrendo para tal, a conversas, visitas ao exterior, desenhos e ao lúdico. Como resultado final foi elaborado um guia com as vozes das crianças sobre a cidade de Águeda. Participaram 12 crianças com idades compreendidas entre os 4 e os 6 anos.

- iii) **“A voz das Crianças”** – por último o PIE desenvolvido em 2015, cujos objetivos foram: dar voz às crianças sobre as práticas que desenvolvem no âmbito do Projeto *Cidade Amiga das Crianças*, contribuir para o desenvolvimento e sustentabilidade da identidade das crianças como dinamizadoras da Cidade Amiga das Crianças. Para o efeito, recorreram a conversas, a visitas ao exterior, a desenhos e ao jogo. Como resultado final, a criação de um livro com o registo dos desenhos e voz das crianças. Participaram 15 crianças com idades compreendidas entre os 4 e os 6 anos.

2.1.3. Valongo do Vouga - Um território de confluência de muitos percursos de participação infantil – Caso 2 e 3

É neste território, que se inscreve a memória de participação das crianças que gostaríamos de assinalar com a referência ao Grupos Comunitários e ao ativismo do Movimento de Águeda, que na década de 90, potenciou disposições de ação de atores concretos, adultos e crianças, que abriram o espaço para o reconhecimento das crianças como sujeitos de direitos; sujeitos capazes de uma ação coletiva que procuramos saber se seria tanto mais significativa, e portanto lembrada, quanto melhores fossem as condições e oportunidade de participação real das crianças, na vida da sua escola, comunidade e Cidade.

Depois de situar e fazermos uma breve caracterização das iniciativas do Fórum e do Banco de Tempo e dos projetos de investigação realizados no espaço do Clube de Mediadores e do ATL da Casa do Povo de Valongo do Vouga, traremos a voz de algumas crianças e jovens participantes nestes processos, que conseguimos localizar e envolver na revitalização de memórias, que constituem neste estudo fontes de conhecimento sobre a participação infantil.

2.1.3.1. Situando a Freguesia e a Escola de Valongo do Vouga

Valongo do Vouga é uma freguesia do concelho de Águeda situada a noroeste do concelho, dista cerca de 7 km da sede concelhia, é a freguesia com maior área de extensão, 43,7 Km², de acordo com os censos de 2011, tem 4877 habitantes, sendo à data de 31 de dezembro de 2011, segundo informação da Câmara Municipal, encontravam-se registados 4461 eleitores na freguesia. Tem como freguesias limítrofes: a freguesia do Préstimo-

Macieira de Alcoba a sueste, Águeda-Borralha a sul, Trofa, Segadães-Lamas do Vouga a oeste e Macinhata do Vouga a noroeste e o concelho de Sever do Vouga a leste.

Para melhor entender a ligação histórica que tentaremos estabelecer entre os processos e projetos de investigação, enquanto campo do nosso estudo sobre a participação infantil, e o património simbólico da experiência de participação infantil gerada pelo Movimento de Águeda, precisamos nos situar para além dos limites da Freguesia e situarmo-nos na Escola de 2º e 3º Ciclo de Ensino Básico, enquanto espaço social da comunidade, co-habitado, desde a sua criação, por crianças da Freguesia de Valongo, enquanto Freguesia que viu emergir o grupo da Casa do povo e esboçar-se o grupo do Sobreiro, e por Crianças oriundas das Freguesias de Macinhata, Segadães, Lamas/Pedações onde emergiram os grupos Comunitários de Macinhata, de Serém, do Beco, de Pedações e de Segadães.

É esta população infantil residente na zona mais a Norte do Concelho de Águeda que conflui diariamente para a Escola EB 2 3 de Valongo do Vouga, enquanto sede de Agrupamento de Escolas, constituído em 1997 que além da escola sede, é composto por oito Jardins de Infância e nove Escolas Básicas, abrangendo as freguesias de Valongo do Vouga, Macinhata do Vouga, a União de freguesias do Préstimo e de Macieira de Alcoba e a União de freguesias de Trofa, Segadães e Lamas do Vouga.

Apesar, de serem povoações vizinhas têm realidades diferentes, quer pelos acessos rodoviários que aproximam o contacto à zona urbana, é o caso de Trofa e Mourisca do Vouga tem bons acessos, situam-se junto à Estrada Nacional N°1/IC2, beneficiam da proximidade à cidade de Águeda; quer pelas atividades económicas, Segadães e Lamas do Vouga estão mais ligadas à agricultura, Macinhata do Vouga tem como característica o rio e o Préstimo e Macieira de Alcoba é uma zona serrana dependente dos seus recursos naturais, mais afastada da sede de concelho.

De acordo com o Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas de Valongo do Vouga para o quadriénio de 2013/2017, regista uma melhoria no aumento progressivo de escolarização e na generalização na educação pré-escolar. No entanto, uma redução do número de alunos pela baixa taxa de natalidade e pelo aumento da emigração, como resposta às baixas condições económicas. Porém, salienta a frequência dos Cursos de

Educação e Formação que contribui para melhoria da escolarização. No que diz respeito às migrações, as freguesias do agrupamento tem aumentado a população de etnia cigana.

O Agrupamento tem identificado que 43% da população escolar provem de contextos desfavorecidos, beneficiando de auxílios económicos. Os encarregados de educação maioritariamente têm como habilitações académicas o 2º e 3º Ciclo e, ainda, existe um elevado número com 1º Ciclo e alguns com o ensino secundário e superior.

O Agrupamento promove uma educação pela inclusão, integra alunos com necessidades educativas especiais para os quais disponibiliza recursos humanos, espaços e apoios educativos. No sentido de melhorar a resposta educativa colabora com várias instituições, nomeadamente Câmara Municipal de Águeda, Casa de Povo de Valongo do Vouga, Juntas de Freguesia, Comissão de Proteção de Menores, Associação Comercial e Empresarial de Águeda, Centro de Apoio Social e Animação de Segadães, a Cooperativa “Ninho Académico” de Jafafe, Macinhata do Vouga, Associação de Pais “Pioneiros” de Mourisca do Vouga, entre outras associações locais.

Os agentes Educativos reconhecem como fragilidades a precaridade ao nível sociocultural e económico, a baixa escolaridade do agregado familiar e o baixo sucesso escolar e apontam como estratégias que respondam às necessidades da sua população identificam o desenvolvimento de parcerias, o enraizamento do Projeto Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP) e a construção de autonomia.

Convém lembrar que conforme esclarece Ferreira e Teixeira (2010), os TEIP foram criados em 1996, pelo Ministério da Educação, através do Despacho 147-B/ME/96, como um modelo de gestão que proporciona maior autonomia aos estabelecimentos de ensino, apoia-se numa política de discriminação positiva e privilegia a luta contra o insucesso escolar (P. 331).

Foi assim, enquanto Escola TEIP, que a comunidade escolar de Valongo acolheu no seu espaço de ação educativa, diversos projetos e clubes que ainda são recordados pelas crianças e jovens escutados nesta investigação, como experiencias e oportunidades de participação infantil, entre os quais se contam também a iniciativa do Fórum e do Banco de Tempo, que foram analisados por Projetos de Investigação académica, realizados entre

2010 e 2012.

Segundo o Relatório de Avaliação Externa do Ministério da Educação, em 2007, o Agrupamento de Escolas de Valongo do Vouga teve uma avaliação externa, aprovada ao abrigo da Lei nº 31/2002 de dezembro, que prevê a avaliação dos sistemas de educação pré-escolar e do Ensino Básico e Secundário, com objetivos gerais definidos para autoavaliação e avaliação externa, cujo objetivo principal fim é *melhorar o sistema educativo da própria escola*.

Foi neste contexto que surgiu o Plano de Prevenção do Abandono Escolar (PPAE), dinamizado por uma equipa constituída por três professores e uma psicóloga, que depois de procurar compreender com a comunidade o problema do insucesso e abandono escolar, que persistia, promoveu ações de sensibilização dos diretores de turma e dos alunos para a problemática do abandono escolar.

Importa referir que um dos elementos implicados nesta Equipa tinha sido a dinamizadora da maior parte dos Grupos Comunitários gerados nesta área de intervenção da equipa de Educação Especial e de expansão da filosofia e praxis que animava o Movimento de Águeda. Isto pode justificar em parte, que o envolvimento dos alunos em todas as fases do processo do plano, foi assumido como um princípio de ação, que deu forma a processos que tinham como intenção garantir que a voz das crianças fosse ouvida na elaboração do Plano e no interior da Escola.

2.1.3.2. Possibilidades de Participação para as crianças na Escola

O processo que deu visibilidade à participação das crianças foi organizado da seguinte forma: cada turma foi representada por dois alunos que participavam ativamente, em colaboração direta com a equipa dinamizadora e de seguida partilhavam e discutiam as ideias com as respetivas turmas (Simões, 2010, p. 37).

Os trabalhos de investigação realizados na escola EB 2 3, referem os Fóruns e o Banco do Tempo, analisados no período de 2009-2010, por Benilde Oliveira (2010) e por Rita Simões (2010), como espaços de mobilização da participação das crianças como atores sociais no espaço escolar. Dos relatórios que consultamos consta que:

- i) Os Fóruns surgiram no seguimento do PPAE, como sugestão dos alunos, cujo

interesse era dispor de um espaço próprio para discutir temas da atualidade. A escolha dos temas e a planificação era acordada entre os alunos e a equipa dinamizadora. Apesar, de cada turma estar representada por dois alunos, a participação era aberta a todos os alunos. O Fórum era realizado na 1ª e 3ª quarta-feira de cada mês, à tarde, em tempo livre de aulas, num espaço fora do contexto de sala de aula (Simões, 2010, p. 53). Este projeto de mestrado analisado é um Estudo de Caso. Os Fóruns foram uma das atividades cujos jovens resgataram da sua participação na escola.

- ii) O Banco do Tempo surgiu no âmbito PPAE, como proposta de investigação académica, no sentido de analisar a possibilidade de assegurar a sustentabilidade da participação e protagonismo das crianças na escola, como condição da sua cidadania. Numa sessão do Fórum a iniciativa foi dada a conhecer à escola, a filosofia do Banco do Tempo, um sistema de organização de trocas solidárias que promove o encontro entre a oferta e a procura de serviços, cuja moeda de troca era o tempo. Uma turma do 6º ano aceitou o desafio de participar na investigação tipo ação-participativa. Dentro da turma, no espaço de aula de Formação para a Cidadania, apropriaram-se da filosofia do Banco do Tempo e realizaram trocas de serviços através dos conhecimentos sobre as matérias em estudo, o que proporcionou uma experiência de participação e cooperação entre as crianças (Oliveira, 2010, p.63).

2.1.3.3. Oportunidades de afirmação da cidadania das crianças na Freguesia

Foi ainda na Freguesia de Valongo, mas nestes dois casos, em contextos que foram criados especificamente para efeitos de produção de conhecimento, para os quais foram convidados dois grupos de crianças, como participantes do “investigador coletivo” que deveria apresentar propostas aos autarcas enquanto futuros promotores da iniciativa Cidade Amiga das Crianças. Embora, estes processos tenham ocorrido em espaços físicos marcados pela divisão geracional- crianças/adultos; e pelo estatuto de alunos/professores ou auxiliares da ação educativa, ambos procuraram demarcar um espaço autónomo de ação com as crianças, enquanto forma de afirmar a sua cidadania O Clube dos Mediadores e o Centro de Atividades de tempos livres da Casa do Povo foram os cenários dos projetos de

investigação ação participativa desenvolvidos em 2013 por Rita Coelho, e Diana, que caracterizamos a seguir.

i) O *Clube de Mediadores* foi criado com o objetivo de formar alunos que preservem e valorizem os espaços e os intervenientes da comunidade escolar a partir da sua própria visão. Este princípio influi para uma investigação académica com o grupo de crianças do Clube na conceção de uma Cidade Amiga das Crianças, baseada na garantia dos princípios orientadores do programa: participação infantil, igualdade e respeito (Coelho, 2013, p.34). De acordo com Coelho, o desafio que foi colocado foi ver como é que as crianças que passam tanto tempo na escola se conseguiram organizar de forma a dar um contributo à Câmara Municipal de Águeda sobre a perceção de uma Cidade Amiga das Crianças, e foi claro no processo que as crianças não só se conseguiram organizar, como envolveram a escola neste processo de reconhecimento dos Direitos das crianças e conquistaram na escola voz, tempo, lugar e espaço (2013, p.69). Neste projeto participaram sete crianças, com idades compreendidas entre os 10 e os 14 anos de idade, que experimentaram o papel de investigadoras.

ii) O Grupo de investigadores do Centro de Atividades de Tempos Livres (CATL). Foi criado na Casa do Povo de Valongo do Vouga (CPVV), e mais especificamente no contexto socioeducativo do CATL com investigadora Diana Ramos. De acordo com a autora o CATL encontra-se intimamente ligado ao *Movimento de Águeda*, nomeadamente pela criação dos grupos comunitários, na década de 80, que mais tarde foram transformados em ATL's, por orientação do Centro Regional da Segurança Social. A investigação de ação participativa com as crianças visava “criar espaços e oportunidades para o exercício da cidadania infantil e dar voz às crianças da cidade, rompendo com as tradicionais formas de gestão local que mantêm os mais novos à margem das suas políticas públicas” (Ramos, 2013, p.33). Ainda de acordo com Ramos, no âmbito da investigação ação participativa o grupo de crianças investigadoras realizaram o mapeamento da localidade de Valongo do Vouga, que significou um dos marcos mais importantes da investigação, uma vez que o conhecimento do meio deu às crianças a oportunidade de exercerem o direito de opinião sobre o que os rodeia, dando

sugestões de melhoria (2013, p.52). Neste projeto de mestrado participaram com a investigadora sete crianças entre os 10 e os 12 anos de idade.

Importa aqui fazer uma breve referência e caracterização a Casa do Povo de Valongo, enquanto lugar onde se inscreveu a ação deste Grupo de Investigação, pela importância e valor simbólico que lhe é reconhecido localmente. A Casa de Povo de Valongo do Vouga é uma instituição que foi criada em 1942, pela família Souza Baptista, e que se define como organização não-governamental, sem fins lucrativos, equiparada às Instituições Particulares de Solidariedade Social. Surgiu como primeira resposta a um contexto social fortemente desfavorecido, marcado pelo analfabetismo, pobreza, sem apoio regular à saúde e sem respostas a nível da infância, família e terceira idade. Pelo que, a prioridade foi apoiar a infância, combater o analfabetismo e a pobreza, em suma melhorar as condições de vida da população. Atualmente, a CPVV dispõe de uma cooperativa elétrica, que fornece energia elétrica para toda a freguesia, um armazém agrícola, uma lavandaria, andebol, centro de convívio para a terceira idade, a resposta social de CATL e Creche, uma biblioteca e centro de explicações, teatro, rancho folclórico infantil e juvenil, ginástica e atividades de enriquecimento curricular nas escolas.

2.2. Recardães como “porto de abrigo” e lugar de proteção social, Caso 4

Recardães, foi outra das localidades, que faz parte do concelho de Águeda, onde se insere o Centro Social e Paroquial de Recardães, local onde um grupo de crianças participou numa investigação ação-participativa e que também guarda a memória de participação de grupos especialmente vulneráveis as formas mais graves de pobreza e exclusão pela pertença a famílias consideradas de risco e sem capacidade para assegurar a direitos de proteção contra a discriminação, privação, negligência e maus tratos às crianças, inerentes à função parental.

Em 2013, no âmbito da reforma administrativa nacional, a freguesia de Recardães e Espinhel ficaram agregadas, formando a União de Freguesias de Recardães e Espinhel. Segundo os censos de 2011, a antiga Freguesia de Recardães tem uma área de 7,53km² e uma população de 3554 habitantes e está situada, numa zona de expansão industrial, também com atividade agrícola de subsistência familiar. Dista da sede concelhia cerca de 2 km. Geograficamente, a União de Freguesias é atravessada pelo Rio Águeda, limitada a

norte pela União de Freguesias de Travassô e Óis da Ribeira e a União de Freguesias Águeda e Borralha, a poente pela Freguesia de Oiã e Freguesia de Fermentelos. Freguesias que, como referimos anteriormente viu emergirem alguns Grupos Comunitários, que constituíram fator de mobilização da população e autarquias para a criação de novas respostas sociais às crianças.

O Centro Social e Paroquial de Recardães a sua história teve início em 1990 com o Projeto dos Grupos Comunitários, que nasceu a partir do *Movimento de Águeda*, dos quais surgiram as primeiras tentativas organizadas de apoio socioeducativo às crianças das famílias que viviam em situação de pobreza e em risco de exclusão social. Atualmente, a Instituição conta as seguintes respostas sociais: Centro de Dia, Apoio Domiciliário, Intervenção Comunitária, Empresa de Inserção, Creche, Jardim de Infância e Centro de Atividades de Tempos Livres e Lar e o Centro de Acolhimento Temporário (CAT) que atende a “ situações urgentes e temporárias, mas transitórias, de duração inferior a seis meses, desenvolvida em equipamento, para crianças e jovens em perigo dos 0 aos 18 anos, de ambos os sexos (Fernandes & Silva, 1996b)

O Centro de Acolhimento Temporário (CAT), acolhe crianças, do sexo feminino, em regime de internamento, colocadas através do Centro Distrital da Segurança Social de Aveiro. Os objetivos do CAT são assegurar as necessidades básicas das crianças, em instalações e condições sociais, educativas e afetivas que lhes proporcionem um bom desenvolvimento integral, ou seja assegurar em primeiro os seus Direitos de proteção. Foi no contexto e circunstância de acolhimento que se tentou criar um Grupo de Investigadores-atores e potenciais conselheiros sobre a Cidade Amiga das Crianças numa perspetiva de inclusão incondicional de todas as crianças, na Cidade.

O projeto de investigação desenvolvido com um grupo de crianças do CAT tinha como 1 objetivo comum aos outros projetos, realizados em Valongo do Vouga , no mesmo período, criar uma dinâmica que promovesse a participação daquele grupo especial de crianças, que habitavam e deveriam ser reconhecidas como Cidadãs do Município, na implementação da Iniciativa Cidade Amiga das Crianças. Com a criação de condições especiais de participação das crianças e jovens residentes, pretendia-se criar um grupo que assumisse o compromisso de realização dos direitos das crianças como cidadãs na freguesia (Louro, 2014, pp. 26-27). Apesar dos constrangimentos inerentes às suas

situações de risco, foram criadas condições para que partilhassem as suas opiniões, mais reclamadas relativamente sobre a limitação de espaço e do tempo para brincar. As crianças posicionaram-se quanto ao seu tempo livre e à adequabilidade dos espaços exteriores para brincar, e consideraram que não eram pensados para as suas idades. As crianças assumiram os seus direitos de crianças cidadãs (Louro, 2014, p.56).

Neste projeto participaram sete crianças com idades compreendidas entre os 7 e os 13 anos de idade.

2.3. Autores das memórias de participação nos projetos

Após o conhecimento dos referenciados percursos de participação com as crianças, as questões de partida ganhavam sentido: *Que memórias as crianças conservam sobre a sua experiencia da participação nos diferentes tipos de projeto? Como as crianças recordam e que valor atribui às suas experiencias de participação neste “outro” contexto de interação com os adultos e com os seus pares? De que forma e em que condições os projetos podem contribuir para a afirmação da cidadania das crianças na escola e na comunidade? A participação das crianças terá impacto no contexto em que atuam ou no espaço público mais amplo?*

Neste ponto do trabalho vamos associar o conhecimento produzido sobre a infância às experiências de participação guardadas por alguns dos intervenientes nos projetos pesquisados, a fim de analisar as condições e o impacto de participação das crianças.

Tendo em conta os projetos de mestrado analisados assim como os projetos de intervenção educacional, verificamos que são quatro casos heterogéneos. Neste sentido, indo lá trás, resgatando as memórias de participação das crianças, cria-se a possibilidade de dar um passo em frente nas condições de participação das mesmas, contribuindo para que elas “possam apropriar-se do direito de serem ouvidas e tomadas a sério, em decisões que afetam a sua própria vida e a vida da sua escola, vizinhança ou cidade, enquanto espaços públicos a revitalizar” (Madeira, 2013, p.150).

Nesta perspetiva apresentamos as vozes dos participantes dos projetos, resultado das entrevistas informais, que conduzirão à produção de conhecimento sobre a infância.

Considerando um maior reconhecimento da criança como ator social, sujeito de direitos, criança-cidadã, com competências para afirmar a sua cidadania. Ao revitalizar a memória de participação das crianças nos projetos abre-se a possibilidade de desocultar os constrangimentos e as possibilidades do poder dos adultos.

2.3.1. Vozes das crianças

De acordo com Cunha & Fernandes (2012, p. 40), muito se tem falado nos últimos tempos sobre participação das crianças, mas é necessário falar do seu reconhecimento, o que implica valorizar as crianças como indivíduos com espaço, tempo e voz na sociedade. Assim, na procura das crianças e jovens participantes dos projetos o objetivo foi revitalizar as memórias dos projetos que participaram, compreender se reconheciam a sua participação e se haviam sido criadas condições para que as crianças expressassem os seus pontos de vista, com impacto no exercício da sua cidadania.

Pelo diálogo das crianças verificamos que o envolvimento das crianças foi diferente nos diversos contextos apresentados.

➤ A possibilidade de participação com o Banco do Tempo na escola

“Tínhamos cheques do Tempo, e nós trocávamos atividades entre nós. Ou seja, existia entre nós uma pessoa que tinha mais dificuldade a ciências e eu até era boa a ciências, então o que fazia essa pessoa passava-me um cheque de uma hora em como eu atinha ajudado a estudar ciências, depois nós íamos acumulando aquelas horas que fazíamos pra ajudar os outros naquelas atividades que tinham mais dificuldade, e basicamente era isso. Depois, no final nós contabilizávamos os tempos e as horas que tínhamos dado e víamos se tínhamos saldo positivo ou negativo. Havia Físico-química que eu era menos bom e recebia cheques do Daniel Estima para me ajudar a Físico-química. Era uma troca.”

(Excerto da Conversa com a Ana, 19 anos, NC IX)

“Participei no Banco do Tempo, que nós tínhamos um livrinho de cheques e com esses cheques ajudávamos as outras pessoas e apontávamos nos cheques quanto tempo dávamos às outras pessoas.”

(Excerto da Conversa com Andreia, 19 anos, NC X)

“Banco do tempo, sim Banco do Tempo, eu lembro-me vagamente do que era. Eu lembro-me que chegou lá uma senhora a apresentar o que é que era o Banco do Tempo, nós fazemos para recebermos. Ou seja ajudávamos os outros, ajudávamos os nossos colegas. Tínhamos uns cheques por isso é que era o banco. Depois, imagina, gastávamos 20 minutos do nosso tempo ajudar a fazer o TPC ou assim e em troca eles preenchiam o cheque, como prestação como tínhamos feito tudo isso. Já não me lembro qual era o objetivo, se era ter mais cheques se não, mas sei que aquilo depois era como uma troca, do tipo: eu era bom a matemática, ajudava a matemática a fazer os trabalhos, ela também me podia ajudar nisso na matemática. Ajudávamo-nos uns aos outros e isso era interessante e dar para receber, era essa a motivação. Andávamos todos entusiasmados. Toda a gente andava, lá, com os chequezinhos. Precisava de ajuda a alguma coisa e ia ter com alguém. Por acaso a Ana era que dava mais prestações, dava mais a toda gente. Pronto, era uma troca.”

(Excerto da Conversa com o Daniel, 19 anos, NC XIII)

A Ana, a Andreia e o Daniel identificaram o Banco do Tempo como uma experiência de participação, pela troca de atividades, de ajuda, na medida em que utilizavam o conhecimento das matérias escolares para se auxiliarem uns aos outros na compreensão do estudo das disciplinas. Segundo os jovens, entenderam o objetivo do projeto, as crianças foram mobilizadas para participar através do conhecimento e da ajuda interpessoal. A iniciativa partiu dos adultos, no caso dos professores e da investigadora, e as crianças participaram conscientes dos objetivos. Não se pode falar de forma voluntária, uma vez que aconteceu em espaço de aula, o que faz crer que as crianças/alunos se sentiam condicionadas. No entanto, a memória de participação deixa entender que haviam compreendido as intensões do projeto e participaram em consciência.

➤ **Participação nos Fóruns:**

“Nós realizávamos os fóruns à 4ª feira à tarde, na tarde livre, nós juntávamo-nos antes o grupo com a professora para escolhermos o tema, para escolhermos o que poderíamos fazer para que as pessoas aderissem. Porque os fóruns têm aquele problema, nós juntávamo-nos, tínhamos trabalho, organizávamos, mas depois nem sempre as pessoas, os alunos, aparecem. Os professores é que nos incutiam. A parte do nosso básico, eles definem-nos a nossa personalidade, como é que vai ser. O facto de eles nos dizerem, eu acho que tu devias de participar porque é interessante, tem a ver contigo e tal, depois também tem a ver com o grupo que formam, com o Estima, com a Andreia, acabamo-nos por identificar e depois pronto aprendemos a gostar e depois até sentimos aquela falta de não dinamizar, precisamos mesmo.”

(Excerto da Conversa com a Ana, 19 anos, NC IX)

“Participei mais no Fóruns, à 4ª feira à tarde, sobre variados temas, era interessante, tenho lá os certificados em casa. Foi uma professora nossa que sugeriu a ideia e então nós começámos a desenvolver, mas acabámos por aceitar bem e fazer. Eu acho que o facto de participar noutras ações também nos ajuda a ser pessoas melhores, ganhamos experiência e ajudamos os que precisam. Pelo menos no meu caso, acho que é assim.”

(Excerto da Conversa com Andreia, 19 anos, NC X)

“Os fóruns, eram à 4ª feira à tarde, lá em cima numa sala que tínhamos música. Agora já não sei se existe, tinha lá a biblioteca, não sei se ainda lá está mas deve de estar, depois tinha umas escadinhas que sobe e era lá em cima que debatíamos determinados tema que se podiam fazer. Acho que trabalhámos o ambiente. Nos fóruns foram os professores que nos falaram. Chegaram à nossa beira, perguntam quem está interessado, nós oferecemo-nos e depois íamos fazendo as reuniões e íamos chamando mais pessoas. Acho que é importante participar para começarmos a trabalhar um bocado. Para já, para trabalharmos em grupo e depois porque é em crianças que começamos. E chegamos agora a esta altura e percebemos que isso nos ajudou na nossa vida.

(Excerto da Conversa com o Daniel, 19 anos, NC XIII)

“A professora convidou-me a participar nos fóruns. E eu como gosto de comunicar, de investigar, disse logo que sim. E pronto como nós no fim das aulas não tínhamos nada para fazer, ou ía para casa, ou a gente fica cá fora no recreio e às vezes não se faz nada. Então eu comecei a participar. A professora dava os temas e nós debatíamos lá, que era uma coisa muito interessante. Mas o que marca lá mais foi o convívio, é o partilhar de ideias, a gente sabe o que outro pensa. E a professora também nos incentivava para aquele momento de estarmos todos reunidos. É interessante podermos conviver.”

(Excerto da Conversa com a Raquel, 20 anos, NC XXI)

Os jovens identificaram os Fóruns como espaços de participação. Os temas e o trabalho que desenvolveram sobre eles, recordaram as pesquisas que tiveram de realizar, as reuniões com a professora responsável pela iniciativa e os colegas participantes, a procura de pessoas adultas para falarem sobre os temas, a preparação da iniciativa para toda a comunidade escolar. As suas memórias estão mais vivas, pois tiveram um maior envolvimento. Conheciam os objetivos do projeto, sentiam responsabilidade na sua execução, preparavam as atividades, apresentavam-nas, e discutiam sobre a participação da própria comunidade educativa.

Verificamos uma interpretação clara do significado de participação, quando se referem ao seu envolvimento em cada um dos projetos. A Ana, a Andreia e o Daniel, que fizeram parte em dois dos diferentes projetos analisados, ao partilharem as experiências identificam aonde se sentiram mais ou menos implicados e assim dão significado à sua participação: mais implicados, maior participação e menos implicados, menor participação. O projeto que recordam com mais pormenores, os fóruns, foi onde se sentiram mais implicados, mais envolvidos e com maior interação entre pares, condição que a Raquel mais sublinhou, “o contacto”, “o convívio”. É claro que cada um retém uma parte distinta da sua participação. No caso da Ana partilha ativamente toda a sua experiência na preparação das apresentações, as pesquisas, o contacto com os adultos. Já a Andreia valoriza o certificado de participação pelo seu envolvimento; o Daniel valoriza o à vontade que sente em comunicar, em falar em público e a Raquel sublinha o convívio, as relações entre pares que se estabelecem.

➤ **Pensar a Cidade Amiga das Crianças na escola com afirmação para além do espaço escolar**

“Lembro-me, foi no âmbito de um projeto para pensar sobre a Cidade Amiga das Crianças. Foi interessante, fizemos entrevistas a colegas e funcionários sobre os Direitos das Crianças, foi giro. Fomos a Gouveia e estivemos com crianças da Bela Vista, fomos à Câmara estivemos com o Presidente Gil Nadais e Com a Dra. Elsa Corga para falar sobre a cidade, não me lembro muito bem, e também estivemos na universidade de Aveiro com a Professora Rosinha Madeira.”

(Excerto da Conversa com a Rita, 14 anos, NC XIV)

“Lembro-me, a primeira sessão começámos por fazer um “Bingo”, que era um jogo, ainda tenho isso guardado se quiser e depois começámos por ver aqui na nossa zona o que achávamos que estava correta, o que não achávamos e depois desenhámos um mapa com isso tudo. A vermelho assinalámos o que achávamos que não estava correto e a verde o que achávamos que estava correto. Deram-nos uma sala, reuníamo-nos à 4ª feira à tarde, mas duvido que sabiam o que estávamos a fazer, quando fizemos as entrevistas ninguém estava a par de nada. Fomos a Gouveia. Fui eu e a Rita, que nos envolvemos mais. Fomos a Gouveia, falar sobre o projeto a várias pessoas. Depois também fomos à Câmara colocar as nossas questões, falar do que havia de ser alterado, apresentar o nosso projeto. Fizemos umas entrevistas cá na escola sobre os Direitos das Crianças. Teve impacto, influenciou. Ficámos a saber o que é uma Cidade Amiga das Crianças, os nossos direitos, ficámos a saber que a nossa voz também é importante para as pessoas. Eu gostei muito de fazer parte deste projeto. Ganhei voz com a participação no projeto, deixámos de ser tão envergonhadas como éramos. Depois de irmos a Gouveia, à Câmara e depois fomos à Biblioteca e falámos para várias pessoas. Nós fomos falando e cada vez foi-nos custando menos. Ganhámos confiança sobre aquilo que estávamos a dizer.”

(Excerto da Conversa com a Mariana, 14 anos, NC XVIII)

Nas conversas apresentadas, as crianças recordam a forma como os projetos surgiram e a abertura das esferas públicas à participação das crianças. A iniciativa do desenvolvimento dos projetos partiu de uma pessoa adulta, mas foi a participação das

crianças que foi decisiva para a realização do projeto. O projeto foi iniciado na escola com oportunidade dos participantes levarem as suas experiências para fora da escola. O que aconteceu, segundo a Rita e a Mariana, que têm memória da sua participação no espaço público, nomeadamente em reunião na Câmara Municipal de Águeda, na participação num Seminário no município de Gouveia e num encontro na Universidade de Aveiro, no âmbito do projeto Cidade Amiga das Crianças. Lembraram a elaboração das entrevistas acerca dos Direitos das crianças, realizadas na escola para colegas e pessoal auxiliar educativo, prepararam apresentações em power point sobre a temática, Cidade Amiga das Crianças, e partilharam publicamente na Câmara Municipal e no Seminário em Gouveia.

Avaliando o impacto da sua participação nos projetos consideraram muito importante. Reconhecem que por participarem desenvolveram diversas competências, nomeadamente: o falar em público, o à vontade, o promover iniciativas, procurar ajuda, ouvir a opinião dos outros. Identificaram, porém, algumas questões que devem ser refletidas, como a falta de adesão de mais crianças nos projetos, reconheceram a falta de apoio e conhecimento sobre o projeto desenvolvido, também, por parte dos órgãos superiores da comunidade escolar.

Estes projetos ajudam a compreender que a participação infantil em contexto escolar é possível, neste sentido, podemos constatar que há escolas que promovem e desenvolvem o direito de participação das crianças, nomeadamente a escola em análise, Escola EB 23 de Valongo do Vouga. No entanto, é importante refletir sobre as condições de participação de forma a garantir que as crianças efetivamente a exerçam. Neste sentido, os adultos devem de assumir uma atitude de respeito pelas crianças: escutá-las, conhecer e compreender os seus projetos e podê-los integrar no processo educativo.

Mais, se se pretende que as crianças pela experiência e pela aprendizagem exerçam o seu direito fundamental de participação no reforço dos seus valores democráticos (Tomás e Gama, 2011, p. 3), é importante que os adultos valorizem as suas ações. As oportunidades de participação das crianças carregam um enorme potencial para afirmação da criança cidadã.

De acordo com a proposta em forma de escala criada por Roger Hart, referenciada por Gaitán e Liebel (2011, p.114), das conversas informais com os participantes dos

projetos em análise, podemos verificar que reconhecem e valorizam a sua própria participação, identificam como uma iniciativa dos adultos, em que as crianças são informadas, participam e são apoiadas pelos adultos. Trata-se de uma participação genuína, uma vez que no diálogo revelam que compreenderam as intenções dos projetos, conscientes de quem tomava as decisões sobre a sua participação e o motivo da mesma, reconheceram o seu papel ativo desde a organização ao desenvolvimento e de uma forma voluntária. Os projetos foram desenvolvidos à 4^afeira à tarde, período livre para os alunos, sem obrigatoriedade de permanecer na escola, participavam por vontade própria. O que evidencia segundo Gaitán e Liebel, que as crianças devidamente informadas têm a possibilidade de decidirem livremente se querem ou não participar (2011, p.115).

Ainda, do registo das conversas realizadas podemos verificar que no projeto partilhado pela Ana, Andreia, Daniel e Raquel (Simões, 2010), o grau de participação no projeto situa-se no 6º nível, segundo a escala de Hart - projetos lançados pelos adultos, cujas decisões são partilhadas pelas crianças. No projeto partilhado pela Mariana e a Rita (Coelho, 2013), verifica-se que as suas participações situam-se no 7º nível – projetos iniciados e dirigidos pelas crianças - cujo papel do adulto, no caso da investigadora, foi de facilitadora do processo, sugeriu o tema e a partir dele as crianças iniciaram, geriram e realizaram o projeto.

Importa esclarecer que nos projetos aqui evidenciados respondem a propósitos distintos. Não se trata de avaliar, aqui, o projeto em que houve a maior participação, uma vez que o projeto que corresponde ao 6º nível de participação constituiu-se no âmbito do próprio Projeto Educativo da escola, responde, também, a metas pedagógicas e o 7º nível diz respeito a um projeto de investigação de mestrado, cujas crianças foram constituídas parceiras de investigação pela afirmação da sua cidadania. O que responde a outros objetivos. Relevante, é que de acordo com a revitalização das memórias nos projetos é reconhecida e valorizada a participação das crianças, essencial na afirmação da sua cidadania nos espaços que frequentam.

➤ **Pensar a Cidade no CATL**

O Centro de Atividades de Tempos Livres (CATL) foi outro dos contextos referidos como um possível percurso na afirmação da cidadania da infância, no projeto de

mestrado de Ramos (2013), através de uma investigação participativa com um grupo 7 de crianças com idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos que frequentavam o CATL, da Casa do Povo de Valongo do Vouga, com o objetivo compreender a perceção das crianças relativamente aos seus direitos, explorar formas de organização das crianças como um sujeito coletivo a ser ouvido na cidade e assim favorecer a inserção da sua voz na dinâmica do Projeto Cidade Amiga das Crianças a desenvolver em Águeda.

O CATL é uma resposta social dirigida aos tempos livres das crianças que frequentam o ensino básico. Dado o protocolo estabelecido entre a Instituição e o Centro Regional de Segurança Social, os objetivos desta resposta social são pré-estabelecidos pela Segurança Social que são: permitir a cada criança através da participação na vida em grupo, a oportunidade da sua inserção na sociedade; contribuir para que cada grupo encontre os seus objetivos, de acordo com as necessidades e aspirações; criar um ambiente propício ao desenvolvimento pessoal de cada criança de forma a ser capaz de se situar e expressar num clima de compreensão, respeito e aceitação de cada um; favorecer a inter-relação família/escola/comunidade/estabelecimento, em ordem a uma valorização, aproveitamento e rentabilização de todos os recursos do meio (Macedo, 1998). Face aos objetivos propostos, o CATL prevê as condições necessárias à participação das crianças.

Na procura das crianças participantes nos projetos só foi possível dialogar com uma menina, Carolina, de 14 anos, que recordou a sua participação no projeto de investigação desenvolvido quando frequentava o CATL, após a escola.

“ Lembro-me do projeto. Era à 6ª feira, nós juntávamo-nos sempre à tarde, íamos para uma sala para falar o que podíamos melhorar, lembro-me de participar com a Ângela, o David, o JP, andam por aí. Saímos e vimos o que era preciso mudar. Então, nós fomos à Câmara mostrar o projeto que nós fizemos sobre a nossa região e o que gostaríamos de mudar. Queríamos mudar o Parque Infantil ao pé da igreja e agora ele já está melhor. Acho que foi importante participar. ”

(Excerto da conversa da Carolina, 14 anos, NC XIX)

Face à partilha verificamos que a participação das crianças teve impacto no seu meio, a sua voz foi escutada pelo poder local. As crianças tiveram oportunidade de

explorar o meio, mapeá-lo e apresentar as suas propostas no município. Identificaram o Parque Infantil como uma necessidade de melhoria, deram voz ao seu projeto junto do poder local e o espaço foi melhorado. A atividade de investigação deu a oportunidade de exercerem o seu direito de participação, de afirmarem a sua cidadania.

Neste contexto de investigação percebemos a ideia de participação que Trevisan identifica “intimamente ligada à de Infância enquanto coletivo produtor de transformação social a partir da sua ação” (2012, p. 90). Verifica-se um papel ativo da criança no meio.

➤ **Pensar a Participação em Contexto de Acolhimento**

Uma investigação no contexto de acolhimento revela-se um grande desafio pelos objetivos que são inerentes ao próprio espaço. De acordo com Alberto (2003, p.233), a institucionalização tem como objetivo primordial proteger a criança ou o jovem das condições desfavoráveis de que é alvo no seu ambiente familiar e fomentar o seu desenvolvimento biopsicossocial. Assistimos, pois, a um reconhecimento formal dos direitos de proteção.

Na procura das crianças que participaram no projeto de investigação participativa escutámos duas das crianças que fizeram parte da investigação participativa com Ana Louro (2014), ainda se encontram no Centro as outras colegas já não se encontram no concelho.

“Sim, eu gostei de participar. Eu quase nunca participo. Eu já não me lembro, já foi à muito tempo... Nós fizemos uma caixinha de sugestões. Fizemos, fizemos. Nós púnhamos lá papéis.”

(Excerto da conversa com a Ana, 14 anos, NC XV)

“Eu lembro-me de pouca coisa. Lembro-me que desenhávamos, as coisas que gostávamos. Desenhávamos umas coisas onde gostávamos de estar fora daqui, onde nos sentíamos bem. Era para repetirmos as rotinas diárias. Nós Reuníamos-mos lá em cima no gabinete técnico e estávamos lá. As doutoras chamaram-nos e perguntaram-nos se nós queríamos e

nós fomos. Ela apresentou-se, convivemos, acho que fizemos o jogo da “Teia” e depois nos outros dias começamos a fazer a nossa rotina diária, desenhos. Fomos a qualquer lado apresentar um power point, não sei se foi à biblioteca. Agora vamos para a escola, vemos televisão, temos telemóvel, estudamos, vamos para o computador, ouvimos música, ao fim de semana limpamos as coisas, cozinhamos, quando está bom tempo passeamos e ao domingo preparamos as coisas para ir para a escola. Eu gosto de estar aqui. Eu sou ouvida, mas às vezes gostava de ter mais liberdade, sair com os meus amigos, mas nem sempre posso.”

(Excerto da conversa com a Sandra, 15 anos, NC XV)

Na revitalização das memórias do projeto (Louro, 2014), a Ana e a Sandra recordaram como iniciaram o seu envolvimento no projeto, o pedido de participação, o espaço e dia dos encontros, que aconteceu à 4ª feira, no gabinete técnico. Como tema do projeto identificaram as rotinas diárias. Esta partilha lança uma perspetiva considerada por Fernandes, a questão do poder, que funciona como um princípio de organização social fundamental na regulação das relações entre adultos e crianças. A autora considera o conceito de poder investido, em que as crianças são uma categoria social desprovida de poder face ao grupo social dominante, os adultos (2009, p. 320). No caso do Centro de Acolhimento, o poder dos adultos assume-se como resposta à necessidade dos direitos de proteção das crianças. Ora a criança está completamente condicionada ao poder exercido pelos adultos em resposta ao interesse superior da criança. No entanto, como afirma Canhão (2012, p. 173), os direitos de proteção realçam a inocência e a vulnerabilidade das crianças, são direitos predominantemente passivos, o que se pode traduzir num obstáculo à afirmação da criança cidadã.

No resgate das suas memórias de participação, a Ana e a Sandra revitalizaram os jogos e os desenhos que realizaram, próprias das culturas da infância como refere Sarmiento (2003, pp.13). As partilhas das crianças identificam as técnicas participativas que a investigadora recorreu, que permitiram recolher as representações das suas vidas, tal como sugere Fernandes (2009, p. 121).

Neste contexto a participação das crianças reflete a limitação de autonomia de mobilidade, os condicionalismos e restrições decorrentes do próprio processo de proteção. Segundo Costa, Fernandes e Pereira, de algum modo permanece a ideia de que para proteger é necessário negar a participação e, para mobilizar a participação, estaremos de alguma maneira, colocando-as em risco (2013, p. 177). Esta ideia indica, segundo os mesmos autores que desta forma ao proteger e garantir a segurança às crianças, estamos a negar-lhes a possibilidade de serem reconhecidas como participantes ativas da sua vida (Costa, Fernandes, Pereira, 2013, p. 177).

A investigação ação participativa realizada com crianças nos Centros de acolhimento surge como uma oportunidade de afirmarem a sua cidadania. Segundo Soares (2006, pp.27-29), considerar a participação das crianças na investigação é mais um passo para a construção de um espaço de cidadania da infância, permite considerar formas colaborativas de construção do saber empenhadas na transformação social, participação infantil é uma ferramenta indiscutível para fugir ou lutar contra os ciclos de exclusão, no respeito pelos seus mundos sociais e culturais.

➤ **As vozes das crianças sobre a experiência nos percursos de PIE**

Entendemos que para além da análise da participação nas investigações de mestrado, é importante analisar os projetos de intervenção educacional realizados na Instituição Bela Vista Centro de Educação Integrada, à luz da memória das crianças acerca da sua participação.

A instituição Bela Vista Centro de Educação Integrada, tem um passado reconhecido em prol dos Direitos das Crianças no concelho de Águeda e desde 2011 tem vindo a desenvolver com as crianças uma cultura de participação por uma Cidade Amiga das Crianças.

Neste contexto de participação, que a Instituição promove com as crianças, grupos de alunos da Licenciatura em Educação Básica da Universidade de Aveiro vieram a desenvolver, com alguns grupos de crianças do pré-escolar, os seus projetos de Intervenção Educacional. Neste sentido, procurámos junto de algumas das crianças que fizeram parte dos projetos desenvolvidos entre 2012 e 2015, conhecer o que recordavam do projeto. De

forma a compreendermos o significado da participação e o impacto da mesma nas crianças e no meio.

De acordo com Gaitán e Liebel (2011, p.122), a participação é reconhecida como um importante antidoto face às práticas educativas tradicionais, em que os adultos assumem o domínio sobre as crianças, numa manifesta superioridade de conhecimento e autoridade. A participação das crianças no projeto educativo das instituições provoca uma transformação: as crianças de agentes passivos passam a parceiras no projeto, as suas opiniões e ações são valorizadas, sem que sejam manipuladas, mas antes que tenham a oportunidade de fazerem parte do desenho do projeto, da planificação ao desenvolvimento do mesmo.

No espaço de tempo registado, como já descrito no capítulo anterior, aconteceram três PIE's, com foco na participação e cidadania das crianças: “Loja Amiga das Crianças” (2013), “Guia Prático para pais, educadores e profissionais de educação” (2014), “A voz das crianças” (2015). Dado o interesse do estudo, conversámos com as crianças que se encontram na resposta social do CATL, da mesma instituição que fizeram parte dos projetos no Jardim de Infância. Do primeiro projeto conversámos com 5 meninas, agora com 8 anos de idade; do segundo projeto quatro crianças recordaram a sua participação: dois meninos com 7 anos, uma menina com 7 anos e outra menina com 6 anos; do terceiro projeto conversámos com cinco crianças todas com 6 anos: duas meninas e três meninos.

Antes de iniciar a conversa com as crianças as devidas condições éticas foram asseguradas. Primeiro, abordámos cada criança e encarregado de educação para saber se recordavam o projeto e se estariam dispostas a partilhar a experiência, nesta investigação. Depois de aceite, reunimos em grupo as crianças por projeto, recorrendo a auxiliares de memória como, registos fotográficos e os exemplares finais dos projetos desenvolvidos, com imagens do seu envolvimento.

O seguimento na abordagem para a conversa com todas as crianças e jovens que fizeram parte deste estudo de investigação foi semelhante. Uma vez, que o princípio da ética no campo da investigação está identificado por Graue e Walsh, “agir eticamente é agir da forma que agimos com as pessoas que respeitamos”, significa que o comportamento ético está intimamente ligado à atitude, conscientes que numa investigação

sobre o significado e impacto da participação das crianças, quem detém o saber e pode dar permissão e fixar regras são as crianças para os adultos (2003, pp. 75-77).

Os objetivos na conversa com as crianças tinham como foco: revitalizar as memórias dos projetos que participaram, verificar se as crianças reconhecem a sua participação, saber se os projetos criam oportunidades para que as crianças expressem os seus pontos de vista e contribuam para o bem-comum, possibilitando o exercício de uma cidadania mais ativa ao longo do seu desenvolvimento.

“Loja Amiga das Crianças”, um percurso de cidadania da infância

“É este. (viu-se na foto) Este falava dos Direitos das Crianças. O que as crianças querem... Eu lembro-me que vendia peixe e depois parecia que havia um sinal que era para nós mudarmos todos. É que nós tínhamos o mesmo tempo para estarmos nas lojas, era como se fosse um exercício e nós tínhamos estar com os mesmos direitos, os mesmos tempos, as mesmas horas. Era para nós desenharmos. Direito a ter casa, a ter nome, a ter família, apelido. Para Águeda ser uma Cidade Amiga das Crianças, eu queria que houvesse mais câmaras na cidade, mais polícias, porque há muitos assaltos, muitos homicídios e há poucas câmaras, só detetam poucas coisas. (o que mudou a partir da participação no projeto) A partir desse momento eu aprendi o que eram os Direitos das Crianças e comecei ajudar as pessoas. Antes eu via as pessoas a tirar comida do lixo e não ligava nada. Até gozava. Mas agora como eu fiz esse exercício eu já entendo a dificuldade da vida dessas crianças. Eu vejo muitas crianças a passarem fome e a sofrerem de muito abuso sexual. (sobre uma Cidade Amiga das Crianças) É uma cidade aonde se sintam à vontade, mas não muito à vontade porque muito à vontade também depois abusam do poder. É uma cidade que possa compreender as crianças e ouvir a opinião.”

(Excerto da Conversa com a Raquel, 8 anos, NC XXIII)

“O que havia de haver na cidade, isso não era a CAC. Era no salão. Já houve mudanças depois da nossa opinião, na piscina já mudaram os cabides. Eram todos altos e agora já estão à altura (e posicionou à sua altura). (sobre uma Cidade Amiga das Crianças) É uma

cidade que faça atividades para as crianças, para que elas se sintam bem, felizes e que não haja problemas.”

(Excerto da Conversa com a Rita, 8 anos)

“Sim, eu estava a distribuir folhetos com um mundo com casas e crianças à volta. Eu lembro-me que tinha falado umas palavras do que é que podia haver na loja para a criança e também que... foi muito divertido. Eu gostei muito do projeto e que sabe bem falar sobre os direitos das Crianças. Eu lembro-me que tinha desenhado uma loja que dava de comida e eu dava às pessoas. Eu, o Pedro e a Beatriz, dávamos às pessoas sopa, esparguete, lasanha e bebidas. Hoje em dia há, tipo, jogos no chão nas farmácias, macacas. E ainda está lá (na Câmara Municipal o painel que desenharam) com o mundo, casa à volta. Eu gostei muito de participar. (Como entraram neste projeto? Foram os adultos que vos convidaram? Como é que começaram a participar?) Primeiro, a mim, à Bia e à Raquel, na sala IV pediram-nos para fazer um desenho sobre os Direitos das Crianças. (Sobre como deve de ser uma Cidade Amiga das Crianças) Eu queria que todos tivessem a igualdade, nem um mais pobre, nem um mais rico. Todos com o mesmo dinheiro e que as pessoas recebam melhor o ordenado. E que todos sejamos felizes. uma ideia para um projeto amigo das pessoas que estão doentes. Podíamos ter policias palhaços com óculos engraçados para irmos animar as pessoas. É uma Cidade aonde as crianças sejam felizes, não se sintam mal. cidade sem problemas.”

(Excerto da Conversa com a Geusimira, 8 anos, NC XXIII)

“Fomos a uma lavandaria e fomos a mais na avenida principal. Dissemos às pessoas que as crianças pequenas não conseguem chegar ao balcão. Na Associação Comercial de Águeda desenharmos coisas sobre os Direitos das Crianças. Começámos a ir para os Direitos das Crianças. Começámos a falar, depois chegámos a um ponto que começámos a dizer palavras, a fazer desenhos, muitas coisas divertidas. (sobre a Cidade Amiga das Crianças) se eu pudesse mudar alguma coisa na cidade, eu mudaria a existência das lojas de droga. Passava a não haver lojas de droga porque isso faz muito mal às pessoas. É um sítio onde todos os adultos respeitam as decisões das crianças e ninguém é mal tratado.”

(Excerto da Conversa com a Beatriz, 8 anos, NC XXIII)

“Devia haver atividades para as crianças quando os pais estiverem a fazer alguma coisa nas lojas. Na farmácia junto à minha casa tem uma banca para os adultos, outra para os mais pequeninos. Nós também levámos papel de cenário à Câmara, à Dra. Elsa Corga. (sobre o painel que construíram a representar a Loja Amiga das Crianças) crianças a dar as mãos. Estivemos com o Presidente da Associação Comercial de Águeda. (Sobre uma Cidade Amiga das Crianças) Não havia loja de pistolas. Nós vínhamos a vir no autocarro. Eu a Geuse e a Raquel e vimos um menino a tirar comida do lixo. Eu um dia fui ao Continente e vi pessoas a ajudarem outras que não têm comida. Uma cidade que consiga fazer com que as crianças não se sintam mal.”

(Excerto da Conversa com a Ana, 8 anos, NC XXIII)

“ Eu estive presente, mas não me lembro muito bem. (Sobre uma Cidade Amiga das Crianças) Se eu pudesse mudar, não seria cá, mas na Inglaterra. O meu pai mostrou-me uma revista que os pais não sabiam as regras de lá e os polícias viram que levaram as crianças ao médico e tiraram-nas. Aqui é diferente, os pais levam ao médico quando os filhos estão doentes e lá é quando estão a ficar. É uma cidade com paz, que ajudasse as crianças a crescer bem e fazer coisas boas, sem ações más.”

(Excerto da Conversa com a Matilde, 8 anos, NC XXIII)

O benefício da conversa com os participantes dos projetos em análise mostra-se como o caminho mais adequado para compreender o significado que as crianças atribuem à sua participação. Corroborando com Fernandes e Tomás, “as crianças sendo experts dos seus mundos sociais e culturais, têm mais possibilidades de ajudar os adultos a compreenderem os significados que atribuem às suas ações, relações, sentimentos, etc.” (2011, p.4). Das conversas com as crianças acerca da sua participação no PIE “Loja Amiga das Crianças” duas imagens emergiam: Direitos das Crianças e Cidade Amiga das Crianças.

Sobre os Direitos das Crianças

A Ana, a Beatriz, a Geusimira, a Matilde, a Raquel e a Rita ao recordarem a sua participação no PIE “Loja Amiga das Crianças”, começaram por referir os Direitos das crianças, nomeadamente o direito a ter casa, nome, família, expuseram numa linguagem

que todas reconhecem, o lúdico. A Raquel lembrava-se da dinâmica que tinham desenvolvido para refletirem sobre o direito à igualdade *“eu lembro-me que vendia peixe e depois parecia que havia um sinal que era para nós mudarmos todos”*, destacou que todas as crianças que participaram tiveram que respeitar o mesmo tempo, valorizando a mesma medida de tempo como igualdade de oportunidades. A Beatriz destacou a palavra e o desenho como ponto de reflexão da participação infantil, *“começámos a falar, depois chegámos a um ponto que começámos a dizer palavras, a fazer desenhos”*, a criança assume a sua participação na expressão das culturas próprias da infância. Valorizam a sua participação pelo significado de transformação pessoal e social que conferem à sua aprendizagem, como mostra Raquel na sua partilha - *“depois do momento que aprendi o que eram os Direitos das Crianças, comecei ajudar as pessoas”*.

A Convenção dos Direitos das Crianças (1989, ONU), que Portugal ratificou em 1990, e especificamente através do disposto nos seus artigos 12 e 13, que defende a participação das crianças (Fernandes & Tomás, 2011, p.3) facilitou um novo olhar sobre a criança. Ao qual a investigação sobre as crianças não ficou indiferente, antes pelo contrário reagiu, produziu um novo paradigma. Tal como afirmam Fernandes e Tomás, nas últimas décadas assiste-se a um novo paradigma na investigação com crianças, nomeadamente a consideração da criança enquanto agente social competente; como produtora de cultura própria, com formas de interpretar o mundo, de agir e de pensar e de sentir; capaz de discursar acerca da sua ação e de a representar de diferentes formas” (2011, pp.3-4). De acordo com Fernandes, a Convenção dos Direitos das Crianças e a Sociologia da Infância muito contribuem para a mudança de imagem e discurso sobre a infância. Segundo a autora, *“a imagem da criança como um ser débil, imaturo e irresponsável impôs-se como a imagem dominante do século XX, tendo sido organizados espaços e tempos que dessem resposta essencialmente em termos de proteção e provisão dos seus direitos básicos”* (2009, p. 86). No entanto, tem-se vindo a assistir nos últimos tempos, de acordo com Fernandes, na área científica, *“a uma valorização da categoria social da infância como válida em si mesma para a produção de conhecimento social e a abertura de novas perspetivas que reconhecem à criança direitos de participação”* (2009, p.87).

A partilha das crianças sobre os Direitos das Crianças mostra que a participação das crianças contribuiu para a formação da criança enquanto sujeito crítico e promoveu a

afirmação do exercício da cidadania das crianças pela consciência do reconhecimento da sua participação.

Sobre a Cidade Amiga das Crianças

Outro tema que as crianças recordaram como significado da sua participação foi a Cidade Amiga das Crianças.

De acordo com a memória das crianças sobre a participação nos projetos, recordam desde o *onde fomos, o que vimos, o que fizemos*, o que evidencia uma perspetiva de educação na cidadania, *“fomos a uma lavandaria e fomos a mais na avenida principal. Dissemos às pessoas que as crianças pequenas não conseguem chegar ao balcão”* (Beatriz, 8 anos); *“eu fui distribuir folhetos com um mundo com casas e crianças à volta”* (Geusimira, 8 anos). A Ana *“devia haver atividades para as crianças quando os pais estiverem a fazer alguma coisa nas lojas. Na farmácia junto à minha casa tem uma banca para os adultos, outra para os mais pequeninos”* (8 anos). As crianças partilharam as suas opiniões, participaram numa ação pelas “Lojas amiga das Crianças”. Visitaram as lojas e identificaram obstáculos, sugeriram soluções, criaram um símbolo como logotipo para identificarem as *lojas amigas das crianças* o que constituiu uma ação de afirmação da cidadania da infância. Corroborando com Sarmento, Fernandes e Tomás (2007, p.189), a cidadania da infância afirma-se no exercício de direitos nos mundos de vida da infância, sem obrigatoriamente estar subordinada aos dispositivos da democracia representativa. No entanto, importam as possibilidades de participação das crianças na vida social como destinatários das políticas públicas e pela assunção plena como sujeitos políticos peculiares.

“Levámos papel de cenário à Câmara, à Dra. Elsa Corga, crianças a dar as mãos. Estivemos com o Presidente da Associação Comercial de Águeda” (Ana, 8 anos).

As crianças identificaram as condições favoráveis para a concretização das suas sugestões. Revitalizarem as memórias da sua cidadania no mapeamento da cidade, através do desenho no papel de cenário e das suas vozes, contribuíram para a melhoria do espaço público. As crianças recordaram a reunião na Câmara Municipal com a Vereadora da Educação e Cultura e na Associação Comercial de Águeda com o Presidente da ACOAG. Neste contexto, os adultos agiram como promotores da cidadania da infância, criaram as

condições favoráveis à plena afirmação das capacidades participativas das crianças, no respeito pela sua condição geracional. Tal como ressalva Sarmiento, Fernandes e Tomás (2007, p.203), a ação política das crianças, ela é realizada de acordo com as culturas da infância: com o seu modo próprio de interpretar, agir e interagir sobre a realidade, o que se confirma pelas partilhas das crianças.

De acordo com a memória de participação das crianças ouvidas sobre o PIE, “Loja Amiga das Crianças”, o projeto evidencia-se como um percurso de afirmação da cidadania das crianças, as crianças afirmam-se como atores sociais competentes na transformação do espaço público.

Porque falamos de cidadania, recordamos que de acordo com Sarmiento, Fernandes, e Tomás (2007, pp. 183-206), a noção moderna de cidadania começa no século XVIII com as revoluções democráticas, aonde foi entendida como um estatuto legal dos membros de uma comunidade com capacidade soberana de autogovernar. Conforme apresentado pelos autores, “ a cidadania corresponde a um estatuto político, confinado ao espaço nacional, que reconhece por um lado pertença à comunidade, que lhe permite o usufruto de direitos cívicos e políticos e direitos individuais de natureza social, como proteção, alimentação, educação saúde, etc; por outro lado confere estatuto de membro da comunidade o que implica obrigações e deveres do cidadão para com a comunidade” (2007, p. 186). Os mesmos autores referem que de acordo com a classificação proferida por Marshall (1967), como cidadania política, no que toca aos direitos de liberdade individual (expressão, de pensamento, de crença, de propriedade individual e de acesso à justiça), cidadania política (direito de eleger e ser eleito e de participar em organizações e partidos políticos) e cidadania social (acesso individual a bens sociais básicos). Face à conceção liberal de cidadania de Marshall que pressupõe vínculo do indivíduo para com a comunidade, assente numa vontade livre, pensamento racional e sentido de solidariedade. Ora a imagem da criança desprovida de vontade ou racionalidades próprias, com imaturidade social legitima a recusa do estatuto político às crianças. Assim como a menoridade da infância, uma condição de acesso futuro à cidadania, em que a escola tem, também, como função preparar para o exercício da cidadania. Confirma-se na escola a imagem das crianças como cidadão do futuro (2007, p. 188).

Apesar do longo caminho percorrido e desigual nas diversas partes do mundo, a verdade é que a Convenção dos Direitos das Crianças trouxeram uma mudança paradigmática na concepção de infância e uma redefinição da cidadania da infância.

➤ **PIE “Guia Prático para pais, educadores e Profissionais de Educação”: Um recurso da cidadania da infância**

“Eu lembro-me de fazer um painel com uma ideia má, uma ideia boa... Nós muitas vezes íamos à Câmara Municipal. Nós íamos levar as nossas ideias. No “Continente”, vimos que podia haver outro balcão mais pequeno e outro maior. E mudaram”

(Excerto da Conversa com o Victor, 7 anos, NC XXIII)

“E outra ideia que surgia no painel. Começámos porque a Zé, educadora, acho que se lembrou que havia muitas crianças que não conseguiam chegar a um certo... Pois era falar das nossas ideias, do que nós fazíamos. Uma era na piscina, nós fomos dizer à Câmara Municipal para porem os cabides mais baixos, tinha ganchos e era para as crianças, não conseguíamos lá chegar. No “Continente”, o Victor viu uma prateleira que estava muito alta. Vimos na fonte que as pessoas não podem beber a água. Por exemplo, algumas pessoas que têm sede, essa água devia de estar limpa para elas poderem beber dela. Fomos ao mercado e lá estava tudo bem. Participar nos projetos é importante porque podemos ajudar o mundo a ser um sitio melhor.”

(Excerto da Conversa com a Victoria, 7 anos, NC XXIII)

“Eu lembro-me era para termos ideias. Fomos à Câmara. Na fonte vimos que a água não se podia beber.”

(Excerto da Conversa com o Alexandre, 7 anos, NC XXIII)

O Alexandre, o Victor, a Victória e a Francisca fizeram parte PIE, que teve como resultado um guia de boas práticas com a participação das crianças, dirigido a pais e a profissionais da educação. Durante este projeto os alunos de PIE acompanharam as diversas experiências das crianças pela cidade e descreveram-nas a partir das suas palavras. Apesar, das quatro crianças fazerem parte da mesma sala de Jardim de Infância, com a mesma educadora, não têm a mesma idade. A Francisca é a mais nova do grupo, tinha 4

anos a fazer 5 anos, “*Sim, participei, estive lá*”. O que nos faz pensar – em que medida a idade influencia participação das crianças nos projetos?

É de salientar nesta escuta que as crianças lembram bem a sua participação nos projetos. De acordo com Gaitán e Liebel, o fator idade ao servir de critério para justificar a participação das crianças tem como risco restringir, evocando motivos de proteção das crianças pelos adultos, de aumentar a desigualdade e discriminação. Por um lado, aceita-se que meninos e meninas podem ter habilidades e capacidades diferentes e por tal motivo estabelecer idades mínimas de participação não parece o critério mais adequado. Por outro lado, invocar a idade e o grau de maturidade como fator condicionante para o exercício dos direitos e consideração dos pontos de vista poderá ser tanto usado para legitimar a proteção, ou a discriminação, como para combater a mesma (2011, p.42). O importante é implicar as crianças na construção do seu próprio conhecimento e no conhecimento do meio e do mundo.

Na escuta das crianças, ao recordarem o seu envolvimento no *Guia* ressaltam a sua condição de atores participativos. As crianças encontravam-se no seu projeto pedagógico de sala a desenvolver o Projeto Cidade Amiga das Crianças. O que implicou saírem à rua, conhecerem a cidade, os espaços, observá-los como amigos ou não das crianças e identifica-los num painel sugerido pela educadora como uma estratégia de reflexão sobre a cidade, como recorda o Victor: “*Eu lembro-me de fazer um painel com uma ideia má, uma ideia boa*” e acrescenta a Victória “*E outra ideia que surgia*”.

Estamos perante a uma educação na cidadania no desenvolvimento do projeto Cidade Amiga das Crianças. Corroborando com Trevisan (2012, p. 204), a cidadania da infância “*implica participação ativa nos processos públicos, ter acesso às informações e conhecimentos necessários à participação cidadã, ter formação, adquirir conhecimentos e saberes sobre os direitos, participação, cidadania e democracia*”, tal como podemos confirmar pelas conversas com as crianças.

De acordo com as crianças os PIE’s traduziram passos pela afirmação da cidadania das crianças. Pois, contribuíram para que assumissem o exercício dos seus direitos de participação com espaço e voz sobre as suas práticas.

➤ **No PIE “A voz das crianças”**

“Eu falei muito nesse projeto, também se falava sobre os Direitos. Eu recordo sobre os Direitos das Crianças. E os da Cruz Vermelha, não era? Falámos de onde nós vivíamos. O projeto foi a Cidade Amiga das Crianças. Nós tínhamos uma folha grande e desenhávamos coisas, fixes. Uma cidade Amiga das Crianças era pessoas terem paz. Sim foi muito importante quando nós fizemos um desenho com bombas explosivas... E vimos as rampas e as escadas. Fomos à Câmara Municipal.”

(Excerto da Conversa com o Miguel, 6 anos, NC XXIII)

“Eu lembro-me. Falávamos da felicidade, às vezes falávamos dos que estão em cadeira de rodas. Uma senhora deu-nos uma coisa nós estivemos a ler. Uma Cidade Amiga das Crianças era as pessoas terem amigos, terem família. A senhora pediu para nós fazermos um desenho o que estava errado e correto. Tivemos a falar sobre os direitos, depois sobre a felicidade, sobre as famílias, sobre as casas. Fomos para o terraço ver o que estava certo e errado e fomos também ao salão da Bela Vista e tivemos a ver as coisas perigosas e não perigosas. Sim, por causa das cadeiras de rodas não poderem subir as escadas. Tivemos a falar do que era para evitar. É bom participar nos projetos, as crianças ficam felizes. Podem participar, podem contar aos pais e ter felicidade para elas e brincar, vai-se divertir a fazer o projeto.”

(Excerto da Conversa com o Afonso, 6 anos, NC XXIII)

“Falámos sobre os que têm doenças. Falávamos onde passávamos as férias. No último dia pintamos uns desenhos... Uma Cidade Amiga das Crianças era as pessoas viverem felizes. Vimos o que era necessário quando está a chover. Fizemos um desenho grande e fomos à Câmara Municipal mostrar. Foi fixe, andámos a brincar e a falar sobre os direitos, o que estava escrito no papel.”

(Excerto da Conversa com o André, 6 anos, NC XXIII)

Ao recordarem a sua participação neste PIE, as crianças destacaram os Direitos das Crianças e o projeto Cidade Amiga das Crianças.

Das cinco crianças que aceitaram partilhar as suas memórias de participação no PIE, duas confirmam a sua presença, mas não recordam a sua participação, *“Eu não me*

lembro muito bem. Eu antes lembrava-me de tudo, agora já não” (Beatriz, 6 anos) assim como a Vitória, *“Eu estou aqui no livro, mas não me lembro”*. Coloca-se a dúvida – será que conversar sobre um “pensamento abstrato” com um grupo de crianças utilizando as mesmas estratégias de escuta para todas terá o mesmo grau de participação?

Não sendo possível refletir individualmente sobre cada participação, avançamos esta análise com a ideia de Gaitán e Liebel, acerca da forma como as crianças expressam as suas ideias sobre os Direitos. Quando as crianças falam sobre os direitos, a fim de expressar expectativas e as suas ideias, não o fazem no sentido legal, ou seja, não produzem direitos vinculativos para as pessoas agirem, mas como uma vontade de reflexão e bem-estar comum (2011, p.92).

O Afonso, o André e o Miguel (6 anos), recordaram que falaram sobre os direitos das crianças, representaram uma Cidade Amiga das Crianças através do desenho numa folha grande de papel. Viram as condições de acessibilidade na instituição na afirmação das rampas como facilitadoras e as escadas como obstáculos à mobilidade das crianças, nomeadamente nas crianças que usavam cadeira de rodas. Recordaram a ida à Câmara Municipal como órgão capaz de resolver as suas sugestões de melhoria dos espaços públicos.

Pelas palavras das crianças entende-se um fio condutor de auscultação sobre os direitos e sobre o contexto da sua participação. De acordo com Trevisan, “a forma de pensar das crianças sobre os direitos é influenciada pelo contexto social onde estão inseridos e pelo tipo de direito que lhes é pedido para julgar” (2012, p.229). Há no registo das palavras das crianças um cuidado por parte das promotoras do projeto, pelos mundos das crianças, pelos espaços que ocupam. Refletiram sobre casos concretos, nomeadamente as dificuldades que uma criança com limitações motoras tem em circular na instituição com tempo de chuva. As condições criadas à participação das crianças permitiram que afirmassem a sua cidadania. Pois, como Gaitán e Liebel referem (2011, p. 108), o conceito de cidadania deve ser pensado de acordo com a vida real da própria infância, aproximar-se o mais possível da experiência concreta de uma necessidade sentida, levar a criança a dar os seus contributos e tomá-los em consideração, tal como se entende pela partilha das crianças.

Escutar as crianças sobre casos concretos num respeito pelas suas culturas fortalece a identidade da criança. Os projetos de intervenção educacional revelam-se como uma possibilidade de reclamar a cidadania da infância, ao considerarem as crianças como sujeitos de direitos, capazes de refletirem e exprimirem os seus direitos.

➤ **O caso da Borralha, um percurso de afirmação da cidadania da Infância**

“Não me lembro muito bem.. Nós íamos para a biblioteca. Agora que falou no projeto “Cidade amiga das Crianças”, nós estávamos a ver o que era possível melhorar na Borralha e depois eu acho que nós fomos apresentar na biblioteca. Este projeto foi desenvolvido no ano letivo em 2011/2012, andava no 4º ano na escola da Borralha, na turma da professora Graça. Foi muito interessante. Nós ficámos a saber de problemas que as outras cidades têm. Nós ao ouvirmos os outros grupos a falar sobre as suas cidades, nós também ficávamos com ideias de como melhorar. Nós nesse encontro na biblioteca, nós estivemos também a observar o que as outras escolas também estavam a apresentar, foi isso. A iniciativa foi da nossa professora, apresentou o projeto e quem quis agarrar, participou. Acho que é muito importante para os adultos verem a opinião das crianças. Às vezes elas pensam de uma maneira melhor, de maneira diferente. Foi interessante ver as opiniões das outras pessoas. Alertou-me para outras coisas. Eu não sou da Borralha, mas como fiz lá escola isso ajudou-me a ficar mais alerta e alguma coisa que eu via, tinha mais ideias, para mudar alguns aspetos que eu achava que estava mal e que agora já estão melhor.

Eu, acho que uma das sugestões foi fazer um parque novo porque o parque antigo era de areia e iam para lá muitos animais, então pedimos para mudar e pedimos para arranjar o parque para as pessoas se juntarem lá, para conviverem, para se conhecerem. Para haver atividades que ajudassem a relacionar as pessoas, que eu me lembre não era mais nada. Já há bancos e as pessoas convivem. É importante, nós fazermos estes projetos, mudar o que está errado, ajudar as pessoas. Eu acho que mesmo que não tenha grande impacto, é importante a nossa participação nos projetos, vermos o que está mal e o que está bem.”

(Excerto da Conversa com a Mariana, 14 anos, NC XVI)

Sim, eu lembro-me. Participámos no 4º ano, na escola com a professora Graça. Tínhamos que pensar sobre a cidade de Águeda, dar sugestões e fomos à biblioteca fazer uma apresentação de um power point. Queríamos zonas com mais árvores, caixotes de lixo. Depois de pedirmos, colocaram mais caixotes, que eu reparei quando vamos para a catequese. Há outras que não. Nem tudo foi possível, mas é natural. Acho importante dizer o que está certo e errado numa cidade.

(Excerto da Conversa com o Gabriel, 14 anos, NC XVII)

O caso da Borralha neste capítulo ficou para última análise pela afirmação da cidadania das crianças no espaço público, favorecida pelas condições favoráveis criadas pela escola e o poder local.

A escola aceita o desafio de desenvolver uma participação ativa com as crianças de uma turma, acerca do projeto Cidade Amiga das Crianças. Como facilitadores do processo esteve a professora, como forte impulsionadora, a médica da extensão de saúde que dividia parede meias com a sala de aulas e com uma motivação genuína, numa vida marcada pela forte participação em movimentos de cidadania, nomeadamente no Movimento de Águeda e continuamente na luta pelos Direitos Humanos e o apoio do Presidente da Junta de Freguesia (as informações deste processo de participação encontram-se descritas nas conversas com a Dra. Maria José Tovar e a professora Graça, nas notas de campo XX e XXII). Neste contexto favorável à participação das crianças surge o interesse em perceber com as crianças que participaram se a sua participação, produziu transformação a partir da sua ação. Há uma dúvida que fica no ar – Quais as condições que podem ser criadas para que a escola, o poder local, e a comunidade efetivem uma parceria que promova uma educação na cidadania da infância?

Afinal, corroborando com Trevisan “a aquisição de comportamentos cívicos é uma questão que é nem inata nem de doutrinação, mas algo que se constrói no exercício dos direitos de cidadania: aprende-se democracia praticando-a. Não pode existir cidadania participativa sem socialização democrática (2012, p. 204).

Recordamos que neste projeto, realizado em 2011/2012, participou toda uma turma do 4º ano, aonde foram eleitos em processo democrático quatro, colegas, representantes

com 9 anos /de idade. Conseguimos conversar com duas das crianças que participaram no projeto: a Mariana e o Gabriel, agora com 14 anos de idade.

A partir das falas das crianças fica claro a memória da sua participação no projeto Cidade Amiga das Crianças. Do que recordam, a Mariana valorizou as aprendizagens resultantes das partilhas sobre a forma como é possível melhorar uma cidade e as soluções conseguidas, *“nós ao ouvirmos os outros grupos a falar sobre as suas cidades, nós também ficávamos com ideias de como melhorar... ajudou-me a ficar mais alerta e alguma coisa que eu via, tinha mais ideias... uma das sugestões foi fazer um parque novo para as pessoas se juntarem, para conviverem, para se conhecerem. Já há bancos e as pessoas convivem. É importante, nós fazermos estes projetos, mudar o que está errado, ajudar as pessoas.”* As palavras da Mariana identificam uma criança-cidadã, ator social, competente, participativa, mobilizada para a transformação social.

Para realizar um projeto Cidade Amiga das Crianças, as crianças têm de ser escutadas e valorizadas nas suas opiniões. Pois, de acordo com Villar (2001, p. 26), a criança é considerada um *indicador ambiental*, “uma cidade que possibilita às crianças saírem à rua e adquirirem autonomia na sua relação com ela é então uma cidade sã e bem desenhada”. Este indicador evidencia que a visão que as crianças e adolescentes têm da cidade é muito importante para técnicos e administradores tomarem como prioridade e responderem às aspirações dos cidadãos (Villar, 2011, p.27).

Neste sentido, a escola e a cidade são espaços interdependentes, para o bom desenvolvimento e exercício da cidadania das crianças. Assim como, afirma Trevisan, “a escola e a cidade entendem-se como espaços socializadores, também na dimensão política, ajudando a criança a obter diferentes fontes de perceção e conhecimento do mundo, de construção de identidade, de desenvolvimento de competências e negociação de liderança, de influência que serão elas próprias, características de processos políticos de tomada de decisão” (2012, p. 90).

Ora, neste percurso de análise da participação das crianças, os envolvimento das entidades locais foram de extrema importância para concretizar as sugestões das crianças, como verificado pelas partilhas da Mariana e do Gabriel. Apresentaram propostas e viram mudanças dentro dos recursos disponíveis, *“queríamos zonas com mais árvores, caixotes*

de lixo. Depois de pedirmos, colocaram mais caixotes, Há outras que não. Nem tudo foi possível, mas é natural” (Gabriel, 14 anos).

No caso da Borralha apresenta-se como um cenário que Trevisan denomina como “promotor de co-decisão”, relativo à participação das crianças, ou seja as crianças são assumidas como competentes para analisarem situações, formularem argumentos, construir prioridades e, finalmente construir decisão juntamente com os adultos nos contextos em que se inserem (2012, p. 89).

A Mariana afirma que *“é importante a nossa participação nos projetos, vemos o que está mal e o que está bem”*, o Gabriel considera que *“acho importante dizer o que está certo e errado numa cidade”* e, também, Trevisan ressalva a importância da participação das crianças, *“ao participarem politicamente em processos de tomada de decisão de reconhecimento por si próprios e pelos outros, e ao fazerem parte desses processos de negociação entre adultos e crianças e ao problematizarem essas decisões aprendem a partir dessas experiências importantes dimensões do seu próprio processo de socialização”* (2012, p.91).

O Projeto *Cidade Amiga das Crianças* uniu a escola e a cidade, adultos e crianças, possibilitou a afirmação da cidadania das crianças, conseguindo produzir mudanças no meio: mais caixotes para o lixo, mais árvores, bancos no espaço público para incentivar o convívio.

Capítulo 3 – Pontos de chegada e de partida

Eis chegado o momento, de esclarecer dúvidas que levaram a percorrer percursos de cidadania das crianças no município de Águeda: encarando a participação da infância como a condição necessária ao exercício dos seus direitos.

Avança-se para o conhecimento quando se pretende buscar mudança de atitudes, quando necessitamos de encontrar novos caminhos que nos conduzam a novas respostas. Por um lado, está uma forte motivação pessoal de aprendizagem para mergulhar mais fundo no saber ser para saber fazer. Por outro lado, a motivação profissional, como animadora socioeducativa, orientada para a promoção da participação das crianças como

princípio do seu próprio processo de desenvolvimento integral. De acordo com Paulo Freire (1972, p. 79), “ninguém educa ninguém; ninguém se educa a si mesmo; os homens se educam entre si”. E, ainda, viver e trabalhar em Águeda, uma cidade que é candidata ao programa da UNICEF “Cidade Amiga das Crianças”, e tem história de participação comunitária, de movimento de cidadania. Neste contexto, refletir sobre a questão da participação, impõe-se como um caminho necessário para desconstruir velhas ideias que possam constituir obstáculos à afirmação da cidadania das crianças.

3.1. Crianças: sujeitos de direitos ativos e participativos, atores sociais, em diversos contextos

Neste trabalho propusemo-nos compreender o significado de participação das crianças. Inicialmente, partiu-se com uma inspiração de investigação-ação participativa, tendo de avançar para uma metodologia de estudo de caso. Sem se perder a visão do significado da participação dos atores sociais, crianças, que participaram nos projetos analisados de 2010 a 2015, realizados em escolas e instituições do concelho de Águeda.

O reconhecimento da participação das crianças neste projeto de investigação assemelha-se à fé que Paulo Freire colocava no seu diálogo com as pessoas, do qual dizia: “não há diálogo se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e de refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens” (Freire, 1972, p.116), assim caminha esta investigação implicada com a participação das crianças, como uma questão social, que cabe a todos assegurar, no respeito pelos Direitos das Crianças.

De acordo com Fernandes, “o conceito de criança enquanto ator social, ou pertencente a um grupo social, é uma aquisição recente, nomeadamente para a arena científica” (2009, p.25), pelo que é necessário esclarecer as condições de afirmação dos seus direitos.

“A infância é especialmente prejudicada, entre todos os grupos e categorias sociais excluídas, quer pela relativa invisibilidade face às políticas públicas e aos seus efeitos, quer por que é geralmente excluída do processo de decisão na vida coletiva” (Sarmiento, Fernandes, Tomás, 2007, p.183). Esta realidade reflete a “(in)visibilidade histórica, a

(in)visibilidade cívica e científica” (Sarmiento, 2006, p. 15), com a qual a infância tem de lutar.

Considerando Sarmiento, a imagem das crianças construiu-se à volta de quatro eixos estruturantes que estabelecem a normatividade da infância: a escola pública, como espaço institucional de pertença das crianças; a família nuclear, como lugar de vinculação e pertença afetiva da criança; a construção de saberes que caracterizam uma criança “normal” e a administração simbólica com o reconhecimento pela Convenção dos Direitos das Crianças (2011, p.586).

A Convenção dos Direitos das Crianças (ONU, 1989) foi um passo de gigante na defesa e proteção dos Direitos das Crianças. De acordo com Gaitán e Liebel (2011, p.9), os Estados que ratificam a Convenção dos Direitos das Crianças têm como compromisso respeitar, proteger e pôr em prática os princípios naquele documento outorgados. No entanto, há muito trabalho para se fazer por um mundo de direitos para todas as crianças. Corroborando com Tomás e Soares (2009, p.7), “a luta dos direitos das crianças tem que ser hoje uma luta global”.

Gáitan e Liébel (2011, p.18), distinguem duas correntes nos Direitos das Crianças: uma com foco na proteção e na garantia das condições de vida dignas para as crianças e a segunda corrente centrada na igualdade de direitos e na participação ativa das crianças na sociedade.

Com a promulgação dos direitos das crianças surge uma nova imagem das crianças: criança-sujeito de direitos ativos e participativos, atores sociais. Este novo entendimento da infância, requer novas estratégias para que a imagem da criança-utente, assistida, seja transformada numa criança-cidadã, considerada parceira de pleno direito. Face a uma nova consciencialização sobre a infância rompe-se com o adultocentrismo do passado e reconhece-se ao adulto um novo desafio, como promotor do reconhecimento da cidadania das crianças (Tomás e Soares, 2009, p.7).

Neste âmbito, a participação das crianças é a questão privilegiada a ser analisada e repensada. No sentido, das próprias crianças lhe conferirem significado, ou seja, de acordo com Gaitán e Liebel (2011, p. 112), o mais importante é perceber se a participação

promove a emancipação e a autonomia dos sujeitos e se contribui para a igualdade e justiça social. Pelo que, a análise dos contextos e as vozes das crianças e dos, agora, jovens que participaram no projeto permite-nos compreender o grau e o nível de participação o que implica afirmação das crianças como sujeitos de direitos, “protegendo-os de serem negligenciados a objetos” (Gaitán e Liébel, 2011, p. 113).

A partir da análise dos projetos de investigação de mestrado, dos projetos de intervenção educacional e do projeto pedagógico com envolvimento das instituições e poder local, podemos observar que o foco é a participação das crianças. Em alguns dos projetos a participação das crianças aparece ligada ao Programa das *Cidades Amigas das Crianças*, de Águeda. Com reforço da identidade da criança como cidadã, sujeito de direitos e a construção da cidade como espaço da cidadania das crianças.

A escola, as Instituições Particulares de Solidariedade Social nas suas respostas sociais de CATL, Jardim-de-Infância e CAT, o envolvimento do Centro de Saúde, do Poder Local e da comunidade abrem-se à prática da cidadania das crianças. Vale a pena referir importância da educação, ressaltando a afirmação de Graciani (2014, p.18), “entendo a educação como um fator determinante por ocorrer em todos os espaços sociais e possibilitar a reorganização da cidadania por meio da criação de uma maior mais justa e fraterna e promover o desenvolvimento das habilidades e competências para a vida que permitam a reversão dos quadros de exclusão e desigualdades”. Neste sentido, a educação na cidadania com as crianças reconhece o protagonismo das crianças, como cidadãos competentes, que “interpretam e agem no mundo” (Sarmiento, 2006, p.10).

Os direitos de participação das crianças, um dos pilares do Programa Cidade Amiga Das Crianças, reconfigura a posição da criança como “não mais pensada apenas como ser necessitado de proteção, mas vista como sujeito ativo da sua própria vida e nos seus próprios modos, encontrando a possibilidade de ver a sua participação equacionada em contextos anteriormente exclusivos do adulto” (Trevisan, 2012, p.5). A criança sujeito de direitos, depois de informada do interesse do projeto olhou para o meio que a envolve, onde habita, vai à escola, e deu opiniões para a sua melhoria e as sugestões foram consideradas.

Conseguimos verificar que as crianças guardam memória da sua participação nos projetos, guardam a experiência vivida pelos locais onde passaram, das pessoas com as quais interagiram, a ideia de como surgiu e como foi desenvolvido, em cada um dos projetos analisados. De acordo com Soto (2012, p.96), podemos concluir que as crianças são agentes sociais porque atuam e transformam à sua volta, produzem conhecimentos e experiências.

Face às questões iniciais: Que memórias as crianças conservam sobre a sua experiência da participação nos diferentes tipos de projeto? Como as crianças recordam e que valor atribui às suas experiências de participação neste “outro” contexto de interação com os adultos e com os seus pares? De que forma e em que condições os projetos podem contribuir para a afirmação da cidadania das crianças na escola e na comunidade?

Sobre estas interpelações iniciais podemos referir:

- As crianças e jovens recordam a sua memória de participação nos projetos que fazem parte.
- Eles recordam os espaços, as experiências, as pessoas, dão-lhes significado e reconhecem o impacto da sua participação pelo papel ativo que desenvolvem e por serem co decidores nos projetos.
- A criança reconhece-se como sujeito de direitos, competente, capaz de transformar positivamente o meio que a rodeia.
- As condições de participação que a escola e a comunidade possibilitam são fundamentais para a afirmação da cidadania das crianças.

3.2. As memórias de participação abrem condições de reconhecimento da cidadania das crianças

Após termos verificado que há memória de participação nos projetos, na verdade ficava a dúvida sobre as condições e o impacto da participação nas crianças. Pelo que, retomamos nesta análise as condições de participação, os níveis de participação segundo a

escala de Hart e o impacto de acordo com os fatores que norteiam a participação das crianças (Barrera, 2009; Gaitán & Liebel, 2011; Trilla & Novella, 2001).

Com a Convenção dos Direitos das Crianças há um reconhecimento pela participação das crianças, em especial nos seus artigos do 12 ao 17. Estes princípios reconhecem o direito das crianças se expressarem, dar a sua opinião, em se implicarem em assuntos que lhes interessem. De acordo com Barrera (2009, p.117), a participação da infância é um meio imprescindível e necessário para poderem exercer a cidadania. Contribui para empoderar as crianças, capacita-as para tomarem parte nas decisões que as afetam, num mundo que também é seu, no qual possuí direitos e deveres como um cidadão pleno.

3.2.1. Condições de participação

Conscientes da importância da participação das crianças para o exercício da sua cidadania, é igualmente importante considerar alguns fatores, que de acordo com Barrera, dificultam a criação de espaços de participação para a infância. Para começar, a participação não é fácil em qualquer parte do mundo, piora quando estamos a considerar um grupo social vulnerável, como é o caso da infância; outro fator, os adultos ocupam os lugares de decisão, o que não facilita a entrada das crianças nas mesmas estruturas; também as estruturas públicas têm um funcionamento muito rígido; igualmente, não ajuda a imagem criada de imaturidade das crianças como muitos adultos identificam e por último, a falta de conhecimento e de informação sobre os próprios mecanismos de participação, deixa as crianças numa situação de vulnerabilidade, correndo o risco de serem manipuladas (Barrera, 2009, p.117). Estas condições dificultam o reconhecimento da cidadania da infância.

Da participação nos projetos na escola de Valongo do Vouga, ao partilharem as memórias, recordam as experiências vividas, afirmam a participação. No entanto, ao relatar as experiências de participação, no caso da participação no Clube de Mediadores, a Mariana identifica a falta de reconhecimento por parte da comunidade escolar, nomeadamente por órgãos superiores da escola, do projeto de investigação que andavam a desenvolver. A motivação e a implicação das crianças foi manifestamente visível pelo interesse demonstrado a partilharem toda a dinâmica desenvolvida no projeto. Contudo, há

um trabalho de sensibilização e ou de formação a desenvolver junto dos adultos pela promoção dos Direitos das Crianças, nomeadamente no que diz respeito à participação das crianças.

3.2.2. Nível de Participação

A participação entendida como um direito diz respeito a todas as pessoas, é interesse de todas. Gaitán e Liebel, distinguem dois tipos de participação: a pessoal, aquela que é relativa às decisões individuais, cabe a cada pessoa decidir; da participação a nível público ou político, que diz respeito às decisões coletivas. Relativamente às formas de participação diversos autores recorrem à escala de Hart (1992), como exposto no enquadramento teórico, para caracterizar a participação das crianças. São considerados oito níveis de participação: 1º Manipulação; 2º Decoração; 3º Participação simbólica; 4º Atribuída, mas informadas; 5º Consultadas e informadas; 6º Iniciativa dos adultos, decisões compartilhadas com as crianças; 7º Iniciada e conduzida por crianças e o 8º nível, Iniciada por crianças e apoiadas pelos adultos. De acordo com esta tipologia a verdadeira participação começa a partir do 4º nível, quando as crianças começam por ser informadas (Gaitán & Liebel, 2011, p. 113).

Pode-se verificar, nas conversas descritas nas notas de campo no anexo A, que todas as crianças foram devidamente informadas em cada um dos projetos de que fizeram parte, dos objetivos e interesse do mesmo. O que quer dizer que participação das crianças nos projetos referidos se situa acima do quarto nível, mais concretamente no sexto nível que corresponde a “projetos iniciados pelos adultos cujas decisões são compartilhadas com as crianças” (Hart, 1992).

Nos projetos de mestrado em que as crianças foram parceiras da investigação, nos projetos de intervenção educacional em que as crianças manifestaram as suas opiniões sobre os espaços, mapearam, expressaram a sua visão sobre a cidade, relataram as suas experiências na construção de um guia de boas práticas sobre a participação e cidadania das crianças e no caso da participação na Borralha que juntou a escola, o poder local e outros apoios em que as crianças vivenciaram uma experiência democrática de escolha de

representantes da turma, identificaram os problemas na localidade, pensaram em soluções e reclamaram-nas junto dos órgãos competentes, em todos estes percursos, revelantes, da cidadania das crianças, nos diversos contextos foram iniciados por pessoas adultas e contaram com a participação das crianças, cujas decisões foram compartilhadas entre adultos e crianças.

3.2.3. Impacto da participação

No que diz respeito ao impacto de participação nas crianças, considerámos os critérios de participação estabelecidos por Trilla e Novella (2001), permite-nos compreender melhor o envolvimento das crianças no processo de participação, acautelando que cada um deles pode acontecer ao longo de todas as etapas de participação nos projetos.

Os quatro fatores são: *implicação, informação / consciência, capacidade de decisão e compromisso / responsabilidade*.

A *implicação* tem associada a dimensão emotiva, a motivação, da participação. O que se traduz num maior ou menor envolvimento, dependendo do interesse pelo tema, da empatia que se estabelece entre pares ou entre adultos e crianças, do espaço e tempo. A *informação / consciência* depende da informação que os sujeitos possuem. Relaciona-se com a dimensão cognitiva, com o conhecimento, com a motivação para novas aprendizagens ou partilha de saberes. A *capacidade de decisão* relaciona-se com a dimensão psicológica, com as competências como espírito de iniciativa, autonomia comunicação que são eficazes na capacidade de tomar decisões; e também, com as relações e as experiências que os sujeitos podem ter de outras experiências de participação, que lhes dá informação sobre diversos assuntos e permite conhecer pessoas que podem influenciar nos processos de decisão. O *compromisso / responsabilidade* é inerente ao direito de participação. Na verdade este fator requer informação, consciência dos propósitos da ação.

Conhecidos os critérios, olhamos para os sujeitos escutados e verifica-se que a escolha de participação nos projetos é livre. Isto é, em todos os projetos analisados aconteceram depois de uma consulta aos sujeitos. Com informação do espaço, tempo, objetivos, tema. O que se traduziu numa escolha livre em consciência. No entanto, a maior ou menor participação dos sujeitos, muito se relaciona com características pessoais. A

timidez que se manifesta na vergonha de expressar a opinião, inibe as relações entre pares e dificulta o exercício dos direitos de cidadania (Fernandes, 2009, p.335). O que necessita de uma atenção especial dos adultos para promover estratégias que facilitem a expressão singular de cada criança e a força do coletivo.

O que têm em comum a participação nos projetos analisados, em todos compreende-se uma implicação dos sujeitos, informação sobre o pretendido em cada projeto e um compromisso assumido. Estiveram presentes nas várias dinâmicas dos projetos e guardam memória da sua participação, reconhecem a importância. No que respeita à capacidade de decisão, este fator está muito ligada ao poder do adulto. O que não significa um obstáculo à participação, mas uma importante parceria para a sustentabilidade das ações.

Em suma, neste estudo cujo foco é a participação das crianças destacam-se duas ideias principais: a primeira, a participação das crianças como condição necessária ao exercício da cidadania, como Trevisan (2012, p.5) defende, a participação ligada à infância enquanto coletivo produtor de transformação social a partir da sua ação, mesmo considerando diferentes contextos e diferentes efeitos. O assumir, claro, da criança como um sujeito de direitos plenos, criança-cidadã; a segunda ideia, é a importância da adoção de uma nova postura por parte dos adultos, como parceiras das crianças, escutando-as, com respeito pelas suas opiniões e facilitadoras no processo de afirmação da sua cidadania. Corroborando com Tomás e Soares (2009, p. 7), “adultos, como promotores da necessidade de incentivar e construir espaços de cidadania das crianças”.

Sobre as questões de participação como condição essencial ao exercício da cidadania conseguimos compreender e reconhecer pelas partilhas das crianças que os projetos dão condições para a afirmação da cidadania das crianças. Relativamente ao impacto da participação segundo as crianças, é sentido de forma diferente, pois, o envolvimento é distinto, depende de fatores emocionais, relacionais, cognitivos, culturais. Todavia, no que se refere ao impacto no espaço público, os projetos realizados, aqueles que implicavam o meio envolvente verificaram-se mudanças de acordo com as sugestões das crianças. As crianças deram passos importantes pela afirmação da cidadania da infância.

Reflexão Final

Descobrimo o significado de participação das crianças / Redescobrimo a importância do adulto na afirmação da cidadania das crianças

“Agora é o momento para fazer diferente” (McGee, 2008, p.337). Depois de percorrermos um caminho de conhecimento regado com os significados de participação das crianças, é tempo de redescobrir uma nova forma de estar com a infância.

Começámos este trabalho com um apontamento de Eduardo Galeano “mesmo que não possamos adivinhar o tempo que virá, temos ao menos o direito de imaginar o que queremos que seja” e vamos concluir este ciclo de estudos levados por leves pinceladas do seu “Delírio” para o século XXI, que nos mantenha firmes, lado a lado com as crianças, por um mundo melhor.

O adulto que, profissionalmente, promove a participação das crianças fá-lo de acordo com programas, mais ou menos rígidos, com tempos limitados, em condições mais ou menos favoráveis ao processo de escuta e sob a influência do contexto e da imagem construída sobre a infância. “ *Viver por viver somente, como canta o pássaro sem saber que canta e como brinca a criança sem saber que brinca*” (Galeano, 1997), torna-se um desafio. Considerando que vivemos tempos de transformações aceleradas aonde nada nem ninguém fica de fora. A globalização evidencia a interdependência de toda a humanidade. De acordo com Santos (1997, p. 151), “globalização é processo pelo qual determinada condição ou entidade local estende a sua influência a todo o globo”. As fronteiras tradicionais foram ultrapassadas, a internet oferece-nos uma experiência planetária. Santos (2008, p. 144) afirma que “o contexto cultural que hoje nos encontramos é dominado pelas ideias aparentemente contraditórias de diversidade, pluralismo e globalização”, com impacto nas várias áreas da vida em sociedade, influenciando em particular as crianças. Hoje, “a internet abre uma porta ao mundo virtual que se caracteriza por uma infinidade de possibilidades” (Wagner, Mosmann, Dell’Aglio, Falcke, 2010, p.16) e segundo Gaitán (2010, p. 14) à medida que os avanços tecnológicos ampliam as relações e o conhecimento, aumentam a vulnerabilidade das crianças de uma forma que leva a considerar a

necessidade de reinventar a sua proteção. Contudo, neste novo século a necessidade de proteger não pode constituir um obstáculo à afirmação da cidadania infantil.

Na verdade, sobre a infância pesa, o que Sarmiento (2006; 2011) denomina como, uma invisibilidade histórica, cívica e científica. Os Séculos XVII e XVIII, constituem o período histórico em que a moderna ideia de infância se assume com caráter distintivo, vindo-se a constituir como um grupo social, do tipo geracional, permanente. Neste vácuo de conhecimento sobre a infância, há uma ausência de investigação e quando começou a ser produzida o conhecimento tinha um predomínio de concepções epistemológicas em que as crianças eram entendidas como objetos de conhecimento social, com recusa do estatuto político às crianças.

“As Nações Unidas tem proclamado extensas listas de Direitos Humanos, mas a imensa maioria da humanidade não tem mais que os direitos de: ver, ouvir, calar” (Galeano, 1997). A CDC (ONU, 1989) é das maiores conquistas para a infância, sem ser universal, com efeitos em todas as áreas de vida. A criança ganha uma nova perspectiva, como sujeitos de direitos plenos. A investigação sobre a infância tem produzido conhecimento das crianças como atores sociais, como agentes da sua socialização. No entanto, a afirmação da cidadania da infância ainda necessita de trabalho de cooperação e luta dos adultos e das crianças pelo exercício pleno dos Direitos das Crianças. Segundo Gaitán (2010, p.30) o grupo social da infância ainda se encontra na sombra, apesar do seu lugar já não ser o que era.

Neste século, a imagem da criança encontra-se dividida entre uma imagem que enfatiza a sua dependência e necessidade de proteção e outra mais moderna que oferece possibilidades. Contudo, Gaitán acrescenta que a nova criança que a CDC reconhece, contrasta com a imagem tradicional de ser criança, que parece permanecer intacta na imaginação dos adultos (2010, p.16). Pelo que é necessário que os adultos sejam vigilantes da sua maneira de ser e estar com as crianças.

Este projeto percorreu percursos de afirmação de reconhecimento da cidadania das crianças, com a intenção de contribuir com conhecimento sobre a infância que valorize os seus Direitos. Este estudo iniciou-se inspirado na investigação ação-participativa, tendo em conta que “consiste na recolha de informações sistemáticas com o objetivo de promover

mudanças sociais” (Bogdan & Biklen, 1994, p.292), evoluiu para um estudo de caso, atendendo à natureza dos dados e ao tempo disponível para o realizar, no âmbito do mestrado em Ciências de educação, preparando um campo mais rico para novas investigações. Ao revitalizar as memórias que os participantes têm dos projetos, através de conversas informais o estudo de caso permite uma análise mais profunda, mais rica de pormenores de análise. Os projetos de investigação de mestrado analisados, maioritariamente, inspiraram-se no paradigma da investigação-ação participativa com crianças. Que se traduz em crianças como parceiras no processo de investigação. Também, os projetos de intervenção educacional valorizaram a participação das crianças, em especial assumiram a *Cidade Amiga das Crianças* (como alguns projetos de investigação de mestrado) como projeto de participação das crianças. A valorização da cidade como espaço de participação dos cidadãos, assemelha-se ao movimento da cidade educadora identificado por Porto (2006, p.55), como cada vez maior número de cidades tomam consciência do papel que podem desempenhar na educação dos seus cidadãos, a partir do reconhecimento das potencialidade que têm como meio educativo. O que implica maior articulação entre o poder local, as instituições e serviços de forma a desenvolver e estimular a cidadania, pelo desenvolvimento integral da comunidade. No caso do projeto *Cidade Amiga das Crianças*, de acordo com Trevisan (2012, p.92), “revela por si só, a abertura para a criação de momentos de audição, consulta e co decisão por parte de grupos de crianças e jovens”, um percurso de afirmação da cidadania das crianças. Pois, implica que as crianças possam expressar a sua opinião sobre a cidade, participem na vida da comunidade, usufruam de segurança, proteção e lazer em condições de igualdade e de respeito pelo interesse superior da criança (UNICEF, 2012).

Ao analisar as experiências dos sujeitos no âmbito deste estudo, oferece-nos a possibilidade de compreender o significado de participação para as crianças, revitalizando as memórias, “desocultando” o conhecimento da criança e ao analisar o impacto da participação na esfera da vida social da criança, nomeadamente escola e comunidade, contribui para compreender as condições que facilitam ou inibem o processo de participação das crianças. Corroborando com Madeira (2012, p. 18), “se a condição de igualdade fundamental de cada criança em relação a outra criança ou adulto, fosse efetivamente assumida pela sociedade em geral e pelos educadores em particular, estaríamos em melhores condições de problematizar a condição da infância enquanto

grupo geracional, num momento em que as crianças são cada vez mais investidas, pela família, pela escola, pela sociedade como capital humano a rentabilizar segundo regras do mercado e de concorrência económica, em ambiente de crise social”.

Pode até ser pretensioso, mas ao revitalizar a memória de participação nos projetos, por parte dos sujeitos que nele participaram, ao olhar para o município com experiência de cidadania ativa em prol dos Direitos das Crianças desencadeado pelo Movimento de Águeda, com um percurso com evidências na promoção dos direitos de participação dos seus cidadãos: o caso do Orçamento Participativo e a atual candidatura ao Programa Cidade Amiga das Crianças promovido pela UNICEF, consideramos que estamos a criar oportunidades para a afirmação da cidadania da infância; a dar visibilidade à “criança-sujeito direitos”, à “criança-cidadã” (Trevisan, 2012, p.91).

Participar faz parte integrante do desenvolvimento humano (Gaitán & Liebel, 2011, p.134), deve ser um dos princípios do processo educativo e a garantia da participação das crianças deve de ser a regra de compromisso do Estado e de toda a sociedade.

Se queremos ser facilitadores neste processo de afirmação da cidadania das crianças temos que ter em conta, como refere Gaitán & Liebel (2011, p.134), para transformar as circunstâncias da vida das crianças tem de se respeitar as suas experiências. Tem de se reconhecer que participar faz parte dos sujeitos, do dia-a-dia. Devem ser pensados espaços próprios de reflexão, mas, muito importante, cabe aos adultos reverem a sua posição pelo poder que lhes está assegurado, devem procurar partilhá-lo com as crianças. A criança ao resolver situações de interesse coletivo deve sentir confiança para buscar junto dos adultos o apoio, motivação que necessitem e um reconhecimento natural que juntos conseguirão encontrar a melhor solução e todos sairemos beneficiados.

A perspetiva adultocentrada, traduz demora das crianças serem reconhecidas como sujeitos de pleno direito. Urge redescobrir estratégias e vontade do adulto de criar condições para o exercício da cidadania das crianças. Este estudo tornou possível perceber o significado de participação das crianças e da análise sobre o seu impacto, compreende-se que o poder dos adultos é ambíguo. Isto é, por um lado o adulto tem condições para criar oportunidades para que as crianças exerçam a sua cidadania; por outro lado o poder que gera condições é o mesmo que cria restrições à sua participação.

À medida que fomos dando respostas às dúvidas iniciais outras se foram formando: *Em que medida a idade influencia o envolvimento das crianças nos projetos? Será que conversar sobre um “pensamento abstrato” com um grupo de crianças utilizando as mesmas estratégias de escuta para todas terá o mesmo grau de participação? Quais as condições que podem ser criadas para que a escola, o poder local, e a comunidade efetivem uma parceria que promova uma educação na cidadania da infância?*

Um projeto de investigação é um caminho com princípio, mas o fim deixa uma sensação de inacabado...Para terminar, um pensamento partilhado pelo Professor John MacGee, em jeito de resposta a nós adultos com um compromisso com a infância, com a humanidade.

“Se quiser ser bem-sucedido em conduzir uma pessoa para um sonho especial terei primeiro de me colocar no ponto onde a pessoa está e começar a partir daí. Aquele que não for capaz de fazer isto está a enganar-se a si mesmo...para ser capaz de ajudar os outros, eu preciso de compreender mais daquilo que a pessoa faz, logo em primeiro lugar compreender o que ela sabe...a verdadeira ajuda começa com a humildade perante aquele que queremos ajudar é por isso que precisamos de entender que ajudar os outros não é mandar mas sim servir. Se não for capaz de fazer isto, não sou capaz de ajudar ninguém”

(Soren Kierkegaard, in McGee, 2008)

Bibliografia

- Alberto, I. (2003). Como pássaros em gaiolas? Reflexões em torno da institucionalização de menores em risco, In Machado, C. e Gonçalves, R. (Coord.), *Violência e Vítimas de Crimes* (vol. 2). Coimbra: Quarteto, pp. 223-244.
- Alderson, P. (2005). As crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa. *Educação & Sociedade*. Campinas, Maio/Ago., Vol. 26, nº91, pp. 419-442.
- Amaral, M. (1992). *Águeda Deste Século*. Águeda: LITOÁGUEDA – Litografia de Águeda, Lda.
- Araújo, M. (2006). *Crianças: Sentadas! Trabalhos de Casa no ATL*. Porto: Legis Editora.
- Ariés, P. (1981). *História Social da Criança e da Família*. (2ªed.). Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Barbier, R. (1985). *A Pesquisa – Ação na instituição educativa*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Barrera, J. (2009). Los niños Y niñas: Ciudadanos de hoy o de mañana? *Revista Alternativas. Cuadernos de Trabajo Social*, nº 16, (111-126). Universidad de Alicante.
- Bauman, Z. (1991). *Modernidade e Ambivalência*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Bauman, Z. (2008). *Medo Líquido*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Boff, L. (2011). *Saber Cuidar: Ética do Humano*. Disponível em: <http://minhateca.com>.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Canhão, A. (2012). Entre a Proteção e a Participação – Olhares das Crianças e Jovens sobre as Práticas de Intervenção de uma CPCJ em Portugal. In Leni Dornelles e Natália Fernandes (ed.). *Perspetivas sociológicas e educacionais em estudos da criança: as marcas da dialogicidade luso-brasileiras* (pp. 151-180). Braga: Centro de Investigação em estudos da Criança, Universidade do Minho.

Christensen, P. & James, A. (2005). *Investigação com crianças: perspetivas e práticas*. Porto: Ediliber.

Coelho, A. (2013). *O Olhar da Criança Para a Cidade, Através da Escola*. (Master's thesis, Universidade de Aveiro, Portugal). Disponível em: <https://ria.ua.pt/bitstream/10773/11529/1/7825.pdf>.

Costa, P. Fernandes, N. & Pereira, M. (2013). *Crianças Investigadoras? Cenários de participação ativa na Educação Básica*. Conjetura: Filos. Educ., Caxias do Sul, Campinas, Vol. 18, nº especial, 2013, pp. 174-192.

Comité Português para a UNICEF. (2015). *Construir Cidades Amigas das Crianças*. Lisboa: Comité Português para a UNICEF. Disponível em: <http://www.unicef.pt>

Convenção Sobre os Direitos da Criança. Resolução da Assembleia da República, nº 20/90. D.R. nº 211, 1ª Série, 12 de Setembro de 1990.

Cunha, A. & Fernandes, N. (2012). *Participação infantil: a sua visibilidade a partir da análise de teses e dissertações em sociologia da infância*. In Leni Dornelles e Natália Fernandes (ed.). *Perspetivas sociológicas e educacionais em estudos da criança: as marcas da dialogicidade luso-brasileiras* (pp. 36-48). Braga: Centro de Investigação em estudos da Criança, Universidade do Minho.

Diagnóstico Social do Concelho de Águeda, Rede Social de Águeda, março de 2014. Consultado em 16 de novembro de 2015.

Delgado, A. & Muller, F. (2005). *Sociologia da Infância: Pesquisa com crianças*. Educação & Sociedade. Campinas, Maio/Ago., Vol. 26, nº91, pp. 351-360.

D'Espiney, R. (Coord.). (2008). *Movimento de Águeda: Uma investigação, uma história, um caminho*. Águeda: JOARTES Artes Gráficas, Lda.

Ferreira, I. & Teixeira, A. (2010). *Territórios Educativos de Intervenção Prioritária*. Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP, Vol. XX, 2010, pág. 331-350

Fernandes, M. A. & Silva, M. G. (1996b). *Lar para Crianças e Jovens – Condições de implantação, localização, instalação e funcionamento*. Lisboa: Núcleo de Documentação Técnica e Divulgação.

Fernandes, N. (2009). *Infância, Direitos e Participação: Representações, práticas e poderes*. Porto: Edições Afrontamento.

Fernandes, N. & Tomás, C. (2011). *Questões Concetuais, metodológicas e éticas na investigação com crianças em Portugal*. 10TH Conference Of The European Sociological Association. September, 2011.

Freire, P. (1972). *Pedagogia do Oprimido*. Porto: Afrontamento.

Freire, P. (1979). *Educação e Mudança*. (23ª ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. (1981). *Ação cultural para a liberdade*. (5ªed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Gaitán Muñoz, L. (2010). *Sociedade, infância e adolescência: De quem é a dificuldade?* *Pedagogia Social. Revista Interuniversitária*, 17, pp. 29-42.

Gaitán Muñoz, L. (2010). *Ser niño en el siglo XXI*. *Cuadernos de Pedagogia*, Nº 407, pp. 12-16.

Gaitán Muñoz, L. & Liebel, M. (2011). *Cidadania e direitos de participação das crianças*. Madrid: Editorial Síntesis.

Giddens, A. (2002). *O Mundo na Era da globalização* (4ª Ed.). Lisboa: Editorial Presença.

Giddens, A. (2004). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Graciani, M. (2014). *Pedagogia Social*. São Paulo: Cortez Editora.

Graue, M. & Walsh, D. (2003). *Investigação Etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Horton, P. & Hunt, C. (1981). *Sociologia*. São Paulo: McGrawHill.

Lessard-Hébert, M., Goyette, G., & Boutin, G. (1994). *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas* (5ª ed.). Lisboa: Instituto Piaget.

Lima, R. (2003). *Desenvolvimento levantado do chão...com os pés assentes na terra*. Tese de Doutoramento, na área das Ciências da Educação. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade do Porto. Porto, Portugal.

Louro, A. (2014). *Crianças Institucionalizadas (na) Procura de um Outro Lugar Social*. (Master's thesis, Universidade de Aveiro, Portugal).

Lüdke, M., André, M. (1986). *Pesquisa em educação: Abordagens qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.

Macedo, E. (1998). *Centro de Atividades de Tempos Livres: implantação, instalação e funcionamento*. Lisboa: Direção – Geral da Ação Social Núcleo de Documentação Técnica e Divulgação.

Madeira, R. (2009). *As crianças como participantes na reconstrução de contextos e processos de intervenção na família e na comunidade*. In Sarmento, T. (Org.). *Infância, família e comunidade. As crianças como atores sociais*. Porto: Porto Editora.

Madeira, R. (2012). *A possibilidade de uma Cidadania da Infância redescoberta nas entrelinhas dos textos de Política Internacional: a propósito do Projeto a Infância e sua Educação – 1997-2003*. Revista eletrónica Zero-a-Seis, V.14, nº25 – jan./jun. 2012 Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/issue/view/1752>

Madeira, R. (2013). *A participação das crianças na esfera pública: a desigualdade social como desafio*. Rediteia, Nº46. Bem-estar infantil. Porto: EAPN Portugal / Rede Europeia Anti-Pobreza.

Marchi, R. (2009). *A radicalização do processo histórico de individualização da criança e a “crise social” da infância*. Universidade Regional de Blumenau. Santa Catarina: Brasil.

Marôpo, L. (2011). *Jornalismo e direitos infantis: a voz de crianças e jovens na produção, receção e monitorização do discurso noticioso*. In Pereira, Sara (Org.). *Congresso Nacional*

“Literacia, Media e Cidadania – 25 e 26 de março 2011. Braga: Universidade do Minho: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Disponível em: www.lasics.uminho.pt

Marôpo, L. (2014). Identidade e estigmatização: as notícias na perceção de crianças e jovens de um bairro de realojamento. *Análise Social*, 210, XLIX (1.º). Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt>

McGee, J. (2008). *Uma Pedagogia do Companheirismo: Um manual para quem cuida dos outros e se preocupa com eles*. Viseu: ASSOL, Associação de Solidariedade Social de Lafões.

Medeiros, M. (1972). *As três faces da pedagogia*. Lisboa: Livros Horizonte.

Meirinhos, M. & Osório, A. (2010). O estudo de caso como estratégia de investigação em educação. *EDUSER - Inovação, Investigação em Educação: Revista de educação*, Vol. 2 (2). Disponível em: <http://www.eduser.ipb.pt/>

Ministério da Educação. Inspeção-geral da Educação. (2007). *Avaliação Externa: Relatório do Agrupamento de Escolas de Valongo do Vouga*. Disponível em: <http://www.ige.min-edu.pt>

Mollo-Bouvier, S. (2005). Transformação dos Modos de Socialização das Crianças: Uma Abordagem Sociológica. *Educ. Soc*, Campinas, maio / agosto 2005, vol.26, n.91, pp.391-403.

Muller, F. (2006). Instâncias nas vozes das crianças: culturas infantis, trabalho e resistência. *Educ. Soc*. Campinas, maio/ago Vol. 27, nº95, pp. 553-573. Disponível em: <http://www.scielo.br>

Oliveira, B. (2010). *O Tempo (Invisível) Das Crianças Como Recurso da Sua Cidadania*. (Master's thesis, Universidade de Aveiro, Portugal)

Pinto, M. (1999). *A Infância como Construção Social*. In Pinto, Manuel; Sarmiento, Manuel Jacinto. *As Crianças: Contextos e Identidades*. Braga: Bezerra Editora.

Ponte, C. (2005). Crianças em notícia: a construção da infância pelo discurso jornalístico (1970-2000). Lisboa: ICS – Imprensa das Ciências Sociais.

Ponte, C. (2007). Mudam-se os tempos, mudam-se as notícias? A cobertura jornalística das crianças no Público e Diário de Notícias em 2000 e 2005. *Média e Jornalismo*, (11) 2007, pp.51-71. Disponível em: <http://revistas.univerciencia.org>

Porto, H. (2006). *La cultura en las ciudades: Un quehacer cívico-social*. Barcelona: Colección Acción Comunitaria.

Ramos, D. (2013). *Águeda as CAC: Contributos de Crianças de Valongo do Vouga*. (Master's thesis, Universidade de Aveiro, Portugal).

Santos, B. S. (1997). Por uma conceção multicultural de direitos humanos. *Revista Critica de Ciências Sociais*, Nº 48, junho 1997. Disponível em: http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Concepcao_multicultural_direitos_humanos_RCCS48.PDF

Santos, B. S. (2001). *Globalização: Fatalidade ou Utopia?* Porto: Edições Afrontamento.

Santos, B. S. (2002). *A Crítica da Razão Indolente: Contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez Editora.

Santos, B.S. (2007). Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Revista Critica de Ciências Sociais*, 78,3-46.

Santos, B. S. (2008). *A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez Editora.

Sarmiento, M. (2001). Infância, Exclusão Social e educação como Utopia Realizável. *Educação, Sociedade & Culturas*. Nº17, 2002, pp. 13-32.

Sarmiento, M. (2003). *As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª Modernidade*. Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho. Disponível em: <http://proferlaotrabalhosalunos.pbworks.com>

Sarmento, M. (2006). Visibilidade Social e estudo a infância. In Vera Vasconcelos e M. J. Sarmento (org.), (In)visibilidade da infância. Rio de Janeiro: Vozes (no prelo).

Sarmento, M., Fernandes, N., Tomás, C. (2007). Políticas Públicas e Participação Infantil. Educação, Sociedade & Culturas. Nº25, 2007, pp.183-206.

Sarmento, M., & Marchi, R. (2008). Radicalização da Infância na 2ª modernidade: para uma sociologia da infância crítica. Configurações: género e gerações. Revista de Sociologia. Nº4 (2008). Disponível em: <http://configuracoes.revues.org/155>

Sarmento, M. (2011). A Reinvenção do Ofício de Criança e de Aluno. Atos de Pesquisa em Educação – PPGE/ME FURB. V. 6, nº3, pp.581-602.

Sastre, A. (2004). Animação sociocultural na infância: A educação nos tempos livres. In Jaume Trilla (coord.). Animação sociocultural: Teorias programas e âmbitos (207-218). Lisboa: Instituto Piaget.

Simões, R. (2010). A Cidadania Infantil: Uma Conquista Das Crianças No Espaço escolar. (Master's thesis, Universidade de Aveiro, Portugal).

Soares, N. (2006). A Investigação participativa no grupo social da infância. Currículo sem Fronteiras, V.6, n.1, pp. 25-40, jan/jun de 2006. Disponível em www.curriculossemfronteiras.org

Soto, I. (2012). Sociología de la Infancia: las niñas y los niños como actores sociales. Revista de Sociología. Nº27 (2012), pp.81-102.

Stake, R. (1998). Investigación com estudio de casos (3ª ed.). Madrid: Ediciones Morata.

Tomás, C. & Soares, N. (2004). O cosmopolitismo infantil: uma causa (sociológica) justa. In V Congresso Português de Sociologia. Associação Portuguesa de Sociologia, 12-15 maio de 2004, Braga. Disponível em: <http://cedic.iec.uminho.pt>

Tomás, C. (2011). Direitos da Criança em Portugal: os desassossegos dos riscos na/da Infância. In IV Encontro Maus-Tratos, Negligência e Risco na Infância e na Adolescência, 11-12 de novembro de 2011, Fórum da Maia. Disponível em: <http://cedic.iec.uminho.pt>

Tomás, C. & Gama, A. (2011). Cultura de (Não) participação das crianças em contexto escolar. Educação, Territórios e (Des)Igualdades. II Encontro de Sociologia da Educação. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 27 e 28 de janeiro de 2011. Disponível em: <http://repositorio.ipl.pt>

Tonucci, F. (2004). Cuando los niños dicen: “BASTA!”. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez

Trevisan, G. (2012). Cenário de Participação Política de Crianças e Jovens em Contexto Local: Análise de uma Experiência. In VII Congresso Português de Sociologia, 19 a 22 de junho de 2012. Universidade do Porto: Faculdade de Letras, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.

Trevisan, G. (2012). Cidadania infantil e participação política das crianças: interrogações a partir de estudos da infância. In Dornelles, L. & Fernandes, N. (ed.) Perspetivas sociológicas e educacionais em estudos da criança: as marcas das dialogicidades luso-brasileiras, (84-105). Braga: Centro de Investigação em estudos da Criança, universidade do Minho. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/>

Trilla, J. & Novella, A. (2001). Educação e participação social da infância. Revista Ibero Americana de Educação, Nº26.

Villar, M. (2001). A Cidade Educadora: Nova perspetiva de Organização e Intervenção Municipal. Lisboa: Instituto Piaget.

Wagner, A., Mosman, C., Dell’Aglio, D., Facke, D., (2010). Família e Internet. São Leopoldo: Editora Sinodal

Outros Documentos

<http://www.cnpcjr.pt/>

http://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf

http://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos_quadros

Anexos

Anexo A – Notas de Campo

Nota de Campo I

16/11/2015	Reunião com a Vereadora da Educação e da Cultura da Câmara Municipal de Águeda, Dra. Elsa Corga.
Local	<ul style="list-style-type: none">• Câmara Municipal de Águeda
Intervenientes	<ul style="list-style-type: none">• Eu e a Dra. Elsa Corga
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Conhecer as políticas públicas de apoio à infância e família.• Conhecer os projetos que estão a ser desenvolvidos: Conselho da Juventude, Parlamento Jovem, Observatório Jovem, Águeda TV, Cidade Amiga das Crianças.• Identificar formas de participação das crianças.
Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none">• Reunião
Desenvolvimento	<p>No dia 19 de outubro enviei email a solicitar reunião com a Vereadora da Câmara Municipal, responsável pelo pelouro da educação, Dra. Elsa Corga. Dada a falta de resposta, no dia 30 de outubro dirigi-me à Câmara a pedir reunião. Conversei com a secretária da Vereadora e fiquei em reenviar-lhe o email para que desse seguimento, uma vez que pelos vários afazeres nem sempre é possível a Vereadora dar respostas aos emails.</p> <p>No dia 12 de novembro recebi resposta de disponibilidade para dia 16 às 14h30.</p> <p>No dia 16 a Dra Elsa recebeu-me com grande acolhimento. Apesar, de ser uma reunião fora do âmbito da Instituição Bela Vista, vamos partilhando espaços e momentos nos assuntos sobre a infância através do apoio que a Câmara disponibiliza à Instituição, foi com bastante abertura que falou sobre todo o trabalho que está e se quer desenvolver no âmbito da infância e com abertura a parcerias com a Bela Vista no domínio do projeto académico que venha a desenvolver.</p> <p>Para que o conhecimento pessoal e profissional não atrapalhasse as informações a recolher. Deixei claro o interesse da reunião para fins académicos, com intenção de todos os instrumentos serem uma oportunidade para fazer melhor com crianças, no entanto a reunião serviria para conhecer a situação da infância em Águeda e conhecer os projetos que estão a ser desenvolvidos.</p> <p>Comecei pela pesquisa de informações no site da Câmara para compreender a situação da infância e famílias, mas o que consegui encontrar não está atualizado. O diagnóstico social disponibilizado diz respeito à situação social de 2008. A Vereadora não tinha conhecimento, ia pedir para corrigir e enviar-me o mais atualizado, de 2014.</p> <p>Explicou que o diagnóstico social era elaborado por uma equipa multidisciplinar, desde professores, Instituições e outras pessoas da comunidade com interesse sobre</p>

o levantamento da situação social do concelho. Esta visão diferenciada ajuda, segundo palavras da Vereadora, a ter “mais autenticidade nos resultados apresentados”.

“A Câmara através das escolas e instituições faz o despiste e apoio dos casos que necessitam de apoios financeiros e sociais. Sobra muito pouco tempo para dinamizar os vários projetos que têm em mão.

“Neste momento a grande preocupação identificada nas escolas, com consequências na própria comunidade, é a falta de motivação dos alunos identificada a partir do 2º ciclo, a falta de tempo dos pais para acompanhar e as dificuldades dos pais e professores em lidar uns com os outros. Por um lado os professores só realçam o aspeto negativo dos alunos e é assim que abordam os pais. Por outro lado, os pais quando vão à escola chegam com uma atitude agressiva com os professores. Estão cansados de ser chamados, têm vergonha e como não encontram respostas nos professores ou não voltam a procurar, ou passam uma imagem negativa aos filhos. Desta forma estes filhos que também são alunos, não respeitam os professores. Os professores desgostosos com a falta de valorização profissional, também não respondem da melhor forma.

Assim, estamos a criar um projeto que apoie, professores, pais e alunos. Não sabemos ainda muito bem como se vai desenvolver mas é para arrancar ainda este ano letivo para podermos ultrapassar a dificuldade que está a sentir na educação.”

Coloquei a questão qual a finalidade do Portal da Educação que vão disponibilizar.

“É para encurtar distâncias, facilitar a comunicação, dar informação aos pais a partir de casa sobre a situação das refeições e responder a dúvidas que possam surgir sobre o funcionamento da Instituição Educativa. Ainda está a ser desenvolvido.”

No site está identificado o Conselho de Juventude, o Parlamento Jovem, o Observatório Jovem sem informação complementar. Quais os objetivos, onde decorre, como se desenvolve?

A Vereadora explicou que “o parlamento jovem acontece nas escolas, estão envolvidos os jovens que participam na Associação de Estudantes, o Conselho Municipal da Juventude tem um enquadramento legal, são as juventudes partidárias. Está a ser criada uma Assembleia da juventude que funcionará como um fórum de auscultação dos jovens. Participarão crianças dos 2º, 3º Ciclos e secundário. Os assuntos a discutir serão de acordo com os interesses das crianças e outros que estejam em discussão no município. Poderão participar todas as crianças que tenham interesse em fazê-lo e por representantes por elas escolhidos para o efeito. Será uma oportunidade para poderem ser ouvidas e a sua opinião valorizada a partir das decisões que venham a ser tomadas, sem cor partidária associada.”

Este ano desenvolveu-se em Águeda o Orçamento Participativo. Foram

apresentados projetos de cidadãos de Águeda, com interesse para a comunidade, foram votados publicamente nas Juntas de Freguesia do Concelho. A população a partir dos 16 anos foi convidada a participar na escolha das iniciativas que poderiam vir a ser apoiadas na sua execução por uma verba cedida pela Câmara Municipal. Os cinco projetos mais votados são apoiados.

Foram apresentados projetos de diferentes interesses, uns que beneficiariam mais uma determinada faixa etária. Um deles foi uma “Ludoteca itinerante”, pensada para a utilização de jogos pelas crianças do pré-escolar e 1º Ciclo. Numa Câmara que apoia o Projeto Cidade Amiga Das Crianças, seria importante dar voz às crianças que serão as grandes beneficiadoras da iniciativa. No entanto, estavam presentes na apresentação amigos e amigos dos amigos de quem estava apresentar o projeto, ou seja só adultos, para apoiar. Não havia conhecimento geral da população da possibilidade de apresentação de projetos que podiam ser apoiados pelo Município e não se via nem uma criança, nem jovens a participar. Porquê esta falta de informação e participação?

A Vereadora explicou que o repto foi lançado na comunidade, mas nem todos ouvem. Foi divulgado pelas redes sociais, site da Câmara, flyers, outdoors no entanto “as pessoas, talvez, pelos seus afazeres, pelas exigências profissionais participam pouco nos assuntos da comunidade. A idade inferior aos 16 anos não foi considerada porque logisticamente seriam necessários mais apoios que a Câmara não dispõe.”

Continuou, “É verdade o que diz da necessidade de dar voz e oportunidade a quem de direito pode beneficiar dos projetos, nomeadamente as crianças e é necessário recursos humanos para apoiar, o que nem sempre se consegue. O projeto Cidade Amiga das Crianças tem sido mais desenvolvida pela Instituição Bela Vista, que desenvolvem bem o espírito de observação e critico das crianças. A Escola EB 2,3 de Valongo do Vouga também tem feito um bom trabalho de participação da infância, mas têm sido projetos desenvolvidos por alunas de mestrado da Universidade de Aveiro, que terminam. As crianças da Bela Vista têm trazido sugestões à Câmara, eu ouço-as e fazemos por fazer as mudanças propostas. Uma delas foi sobre o corrimão necessário na Biblioteca para poderem subir seguras. Ouvimos a sugestão e mudámos. Temos feito pequenas intervenções que vão de encontro às necessidades da população. Colocámos um baloiço adaptado para crianças com falta de mobilidade, a avenida Eugénio Ribeiro os passeios estão desenhados para que todas as pessoas possam andar em segurança, a cadeira de rodas possa subir e descer sem percalços. Procuramos ter uma Cidade Amiga de todos”.

Seria bastante importante, as instituições valorizarem o trabalho desenvolvido pelo

	<p>município mas para tal é necessário que haja acesso á informação sobre o trabalho desenvolvido. A consciência desenvolve-se pelo conhecimento. Sobre Águeda TV?</p> <p>“Águeda TV é um projeto da câmara que tem como objetivo divulgar o que se faz em Águeda. As crianças podem conhecer os estúdios, apoiar a edição. Há muitos projetos a desenvolver mas é necessário tempo e pessoas para pegarem neles.”</p> <p>Aceitei a explicação como um desafio, uma oportunidade das crianças exercerem o seu direito de participação. Poderem visitar e no âmbito dos projetos que desenvolvem na instituição poderem dar a conhecer.</p> <p>A Dra. Elsa mostrou-se disponível para colaborar em parceria com a Bela Vista no âmbito dos Direitos de Participação das Crianças no projeto Águeda TV. Ficou assim identificado uma nova forma de participação a desenvolver com as Crianças.</p>
06/04/2016	<p>Foi iniciado o projeto de participação das crianças no Águeda TV, um canal de promoção do concelho, da responsabilidade da Câmara Municipal de Águeda. Um grupo de 9 crianças, com idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos que se encontram a frequentar a resposta social do Centro de Atividades de Tempos livres da Bela Vista, às 4ª feiras encontram-se no espaço da Incubadora Cultural, para ter formação sobre o trabalho desenvolvido pela televisão, da forma como se elabora uma notícia, o manuseamento da câmara de filmar e a realização de entrevistas na cidade.</p>

Nota de Campo II

29/02/2016	Reunião com a Educadora, responsável pelo desenvolvimento do Projeto Cidade Amiga das Crianças em Águeda, Maria José Melo.
Local	<ul style="list-style-type: none">Bela Vista – Centro de Educação Integrada
Intervenientes	<ul style="list-style-type: none">Eu e a Educadora Maria José Melo
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">Conhecer como o Projeto Cidade Amiga das Crianças chegou à Bela Vista, Centro de Educação Integrada.Quem são as crianças que fazem parte do projeto?Como é que o projeto transita de um ano para o outro com grupos diferentes?
Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none">Reunião
Desenvolvimento	<p>A educadora mostrou-se disponível para falar sobre o trabalho que vem desenvolvendo sobre o Projeto Cidade Amiga das Crianças, desde 2011. Altura em que teve conhecimento do projeto na Universidade de Aveiro através de um Fórum, no âmbito da comemoração do 22º aniversário sobre a Convenção dos Direitos das</p>

Crianças. Acompanhou o seu grupo de crianças e propuseram-lhes “pensar a sua cidade”. As crianças partilharam espaços e manifestaram a sua opinião. No local encontrava-se a Vereadora da Educação e Cultura, Dra. Elsa Corga, e pode assistir à manifestação da opinião das crianças sobre a cidade de Águeda. Mostrou-se, logo, disponível para ouvir a opinião das crianças sobre a cidade. A educadora decidiu pegar nesta iniciativa.

Desde 2011 até hoje continua a trabalhar sobre a temática “Cidade Amiga das Crianças”. Vai com as crianças visitar os vários espaços e envia para a câmara por email para a Dra. Elsa as opiniões das crianças. Contudo, a educadora sente-se desanimada pois não vê as solicitações feitas pelas crianças respondidas.

Questionei sobre quem foram as crianças que fizeram parte do projeto.

A Educadora disponibilizou-me a capa pedagógica para ter acesso ao nome das crianças que passaram pelo projeto, bem como tem sido desenvolvido o projeto.

Quis saber como é que o projeto transitava de um ano para o outro com grupos diferentes.

Explicou-me que em cada novo ano letivo há sempre crianças que ficam. Com elas forma-se um novo grupo através de convite pelos que permanecem no projeto. De acordo com o parecer das crianças, baseado na forma como veem a “assertividade” dos colegas e então convidam a entrar no projeto.

Eu: Será que as crianças que deixam o projeto, o facto de não ter continuidade, acabam por não valorizarem o trabalho por elas desenvolvido?

Ed. Zé: Seria bom ter continuidade, segundo a educadora a possibilidade de continuarem no CATL parece-lhe o ideal. Pois, considera que as crianças acabam por não valorizar.

Eu: Quais as contribuições trazidas pelos projetos dos alunos de Educação Básica, nomeadamente no âmbito da Loja Amiga das Crianças ou do Guião?

De acordo com a Educadora, os projetos trazidos complementam o que é desenvolvido.

Este ano estão a voltar aos locais e observarem se alguma das mudanças propostas já foi desenvolvida e esperam respostas da câmara. Identifica o Continente como um local Amigo das crianças, pois as crianças manifestaram que o balcão de

atendimento de informação era alto para elas e tiveram o cuidado de disponibilizar um espaço dedicado às crianças. Segundo a Educadora, Zé Melo, “é necessário começar aos poucos e ir contagiando”.

Nota de Campo III

05/03/2016	Análise do dossier pedagógico da Educadora Maria José Melo , no Jardim de Infância da Bela Vista – Centro de Educação Integrada, no âmbito do Projeto Cidade Amiga das Crianças.
28/11/2011	22º Comemoração da Convenção dos Direitos das Crianças em Aveiro
Local	<ul style="list-style-type: none">• Universidade de Aveiro – Departamento de Educação
Grupo de crianças	<ul style="list-style-type: none">• 5 crianças que frequentam o Jardim da Infância da Bela Vista - CE.I, com 5 anos, Dimitry, Filipa, Margarida, Maria, Rita e a educadora Maria José Melo
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Pensar a sua Cidade.
Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none">• Desenhos, conversa.
Atividades	<ul style="list-style-type: none">• A Benilde, aluna da UA e colaboradora da instituição Bela Vista e colega da educadora fez-lhe o convite para um grupo de crianças se deslocarem à Universidade para pensarem sobre a sua cidade. As crianças desenharam espaços da cidade e dialogaram sobre eles. Ao grupo juntou-se a Dra. Elsa Corga, vereadora da educação e cultura de Águeda, e ficou sensibilizada pela forma como as crianças percebem a sua cidade
Passo seguinte	<ul style="list-style-type: none">• Reunião prevista na Câmara de Águeda com outras pessoas, instituições com interesse na participação das crianças sobre o projeto “Cidade Amiga das Crianças”, pensar a cidade.
05/12/2011	Reunião na Câmara Municipal de Águeda com a Vereadora da Educação, Dra Elsa Corga e o Presidente, Dr. Gil Nadais
Local	<ul style="list-style-type: none">• Câmara Municipal de Águeda
Grupo de crianças convidadas	<ul style="list-style-type: none">• 5 crianças, com 5 anos, e a educadora do Jardim de Infância da Bela Vista, C.El.: Dimitry, Filipa, Margarida, Maria, Rita e a educadora Maria José Melo; Diretora da Instituição, Luísa Coelho; 2 crianças, Micael e Salomé, frequentavam o 4º ano de escolaridade da escola da Borralha e a professora Graça;- Médica do Centro de Saúde da Borralha, Dra. Maria José Tovar; aluna da UA, Benilde Andrade; a Professora Carla da escola de Viseu e a Professora Dra. Rosa Madeira da Universidade de Aveiro
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Ouvir as crianças sobre o seu olhar sobre a Cidade.• Perspetivar o interesse da Camara em desenvolver o Projeto Cidade Amiga das Crianças promovido pela UNICEF.
Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none">• Conversa.
Atividades	<ul style="list-style-type: none">• Reunião sobre o que as crianças partilharam sobre a sua cidade no encontro na UA e no interesse da Câmara promover o Projeto Cidade Amiga das crianças em Águeda.
Passo seguinte	<ul style="list-style-type: none">• Reunião para janeiro com todos os presentes e uma representante da UNICEF, para apresentação do Projeto Cidade Amiga das Crianças.

09/01/2012	Reunião na Câmara Municipal de Águeda com a Vereadora da Educação, Dra Elsa Corga e a representante da UNICEF, Dra. Francisca
Local	<ul style="list-style-type: none"> • Câmara Municipal de Águeda
Grupo de crianças	<ul style="list-style-type: none"> •
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar o Projeto Cidade Amiga das Crianças
Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none"> • Conversa.
Atividades	<ul style="list-style-type: none"> • Nesta reunião a Dra. Elsa Corga apresentou o projeto da “Regeneração Urbana” com o desenvolvimento das Sextas-feiras temáticas e o seminário que contou com a participação da Dra. Rosa Madeira sobre a participação das crianças e jovens sobre o que é “melhor para a nossa cidade” e desta forma valorizou a iniciativa do Projeto Cidade Amiga das Crianças. <p>A Dra. Rosa Madeira falou sobre o percurso que Águeda tem feito, de intervenção com crianças e jovens no sentido da sua participação, desde dos projetos com os Grupos Comunitários, do trabalho realizado pelo Jardim-de Infância da Bela Vista e escola da Borralha. A importância de apelar à participação das crianças e jovens.</p> <p>A Dra. Francisca, representante da UNICEF apresentou o Projeto Cidade Amiga das Crianças como instrumento de aplicação da Convenção dos direitos das Crianças. Apresentou os pilares da Cidade Amiga das Crianças e a forma de funcionamento como guia para municípios, baseado na transversalidade, ou seja, o projeto deve de ser abraçado por todos; na participação e colaboração; na flexibilidade; e na integralidade, a infância deve de ser incorporada nas dinâmicas do município.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Refletir com as crianças sobre a cidade.
Passo seguinte	
Fevereiro a março de 2013	Projeto Cidade Amiga das Crianças numa sala de Jardim de Infância da Bela Vista, Centro de Educação Integrada
Local	<ul style="list-style-type: none"> • Uma sala de Jardim de Infância da Bela Vista, Centro de Educação Integrada
Grupo de crianças	<ul style="list-style-type: none"> • Novo grupo de crianças formado na sala da educadora M^a José Melo, criado a partir do grupo já existente com integração de novos que manifestaram interesse em participar no projeto.
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Visitar e refletir sobre espaços na cidade: Piscina, Continente, Talho, Café, Bombeiros, Mercado Municipal, Biblioteca, pelo espaço exterior da cidade a “fonte” e o cinema. • Criar um logótipo que identifique o Projeto Cidade Amiga das Crianças no município.
Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none"> • Passeios, desenhos e conversas.
Atividades	<ul style="list-style-type: none"> • As crianças realizaram uma proposta de melhoria para a cidade no âmbito do Projeto Cidade Amiga das Crianças. Desenharam e refletiram sobre os espaços visitados e criaram um logótipo a pedido da câmara para identificar o Projeto Cidade Amiga das Crianças em Águeda.
Passo seguinte	<ul style="list-style-type: none"> • Proposta da “loja Amiga das Crianças” estagiárias, aluna da Licenciatura em Educação Básica da Universidade de Aveiro.
30/04/2013	Projeto “Loja Amiga das Crianças”
Local	<ul style="list-style-type: none"> • Passeio pelas ruas de Águeda: Praça do Município, Avenida Eugénio Ribeiro, Rua Eng. Bastos Xavier.
Grupo de crianças convidadas	<ul style="list-style-type: none"> • Rita, Margarida, Pedro, Santiago, Ana, Beatriz, Geusimira, Francisco, Victória, Victor, Cristiano, Alexandre.
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Visitar e observar as lojas de Águeda
Metodologia,	<ul style="list-style-type: none"> • Passeios, desenhos e conversas.

estratégias	
Atividades	<ul style="list-style-type: none"> Visitaram lojas de vestuário e calçado, de óculos, lavandaria e refletiram sobre o que observavam: a altura dos balcões, o fácil ou difícil acesso aos produtos; nas ruas observaram a altura dos prédios, os ecopontos disponibilizados pelos espaços, com fácil utilização para todos.
Passo seguinte	<ul style="list-style-type: none"> Reunião na Câmara de Águeda para entrega de desenhos para que possam ser escolhidos como logótipo, para identificação do Projeto Cidade Amiga das Crianças em Águeda.
07/05/2013	Projeto Cidade Amiga das Crianças
Local	<ul style="list-style-type: none"> Câmara Municipal de Águeda
Grupo de crianças	<ul style="list-style-type: none">
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> Entregar os desenhos das crianças para desenvolver o logotipo Cidade Amiga das Crianças
Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none"> Desenhos e conversas.
Atividades	<ul style="list-style-type: none"> As crianças com a educadora deslocaram-se à Câmara para reunir com a Dra. Elsa Corga para apresentar os logótipos que haviam criado. <p>A Vereadora ouviu as reflexões que as crianças desenvolveram sobre a cidade. Explicou-lhes ao desenho escolhido vai ser acrescentado o símbolo da Câmara. No final ofereceu a cada criança uma t-shirt do projeto ECO da câmara. Segundo a educadora este foi um grande momento de valorização do trabalho desenvolvido que encorajou a participação das crianças, aumentou a sua motivação.</p>
Passo seguinte	<ul style="list-style-type: none"> Proposta da Câmara “Acessibilidade para todos Diferentes mas iguais”
15/05/2013	“Acessibilidade para todos diferentes mas iguais”
Local	<ul style="list-style-type: none"> Câmara Municipal de Águeda
Grupo de crianças convidadas	<ul style="list-style-type: none">
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> Participar na construção de uma cidade acessível para todos através de desenhos, poesias ou fotografia.
Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none"> Desenhos
Atividades	<ul style="list-style-type: none"> A Câmara Municipal de Águeda desenvolveu um convite dirigido às escolas e pré escolares com o desafio de todos participarem na construção de uma cidade acessível para todos. Os participantes poderiam expor as suas ideias através de desenhos, poesia, fotografia. O grupo de crianças do projeto “Cidade Amiga das Crianças” através de desenho expôs as suas ideias. Os trabalhos estiveram em exposição na Escola Secundária Marques de Castilho. As crianças visitaram e tiveram oportunidade de ver o seu trabalho exposto.
Passo seguinte	<ul style="list-style-type: none"> Visita à ACOAG (associação Comercial de Águeda) no âmbito do projeto “Loja Amiga das Crianças”.
21/05/2013	“Loja Amiga das Crianças”
Local	<ul style="list-style-type: none"> ACOAG
Grupo de crianças	<ul style="list-style-type: none"> Rita, Margarida, Raquel, Matilde, Geusimira, Ana, Beatriz, Francisco, Afonso
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> Dar a conhecer ao Presidente da Associação o Projeto “Loja Amiga das Crianças”

Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none"> • Desenhos e conversa
Atividades	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do Projeto “Loja Amiga das Crianças” ao presidente ACOAG, Gil Abrantes com a presença da Dra Rosa Madeira, responsável pelo grupo de alunas, a diretora da Bela Vista e com a educadora Maria José, juntou-se a educadora Lurdes ao projeto. Através do desenho no papel de cenário, desenvolvido pelas crianças sobre as lojas da cidade. As próprias deram a conhecer ao Presidente da ACOAG o projeto: as barreiras logísticas e o atendimento.
Passo seguinte	<ul style="list-style-type: none"> • Participação no III Seminário da CPCJ de Gouveia: “O papel das Teias Sociais no desenvolvimento da Criança”
05/06/2013	III Seminário da CPCJ de Gouveia: “O papel das Teias Sociais no desenvolvimento da Criança”
Local	<ul style="list-style-type: none"> • Gouveia
Grupo de crianças	<ul style="list-style-type: none"> • Margarida, Maria, Rita e Victória com a Educadora Maria José Melo
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Promover a participação das crianças através da apresentação de um Power point com imagens das atividades desenvolvidas sobre o Projeto Cidade Amiga das Crianças.
Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação oral do power point
Atividades	<ul style="list-style-type: none"> • O grupo das crianças que está a refletir sobre a Cidade Amiga das Crianças foram convidadas a participar no seminário em Gouveia pela Profª Rosa Madeira. <p>Neste seminário foi apresentado um painel pela Dra. Rosa Madeira “A Cidadania da Criança: Participação ativa e responsável”, foi feita a apresentação e divulgação do Projeto Cidade Amiga das Crianças, pela Dra. Rosa Maria, Representante do Comité Português para a UNICEF e as crianças de Águeda através de um power point com imagens das atividades que vêm desenvolvendo fizeram apresentação da sua cidade.</p>
Passo seguinte	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião na Câmara no âmbito de projetos de investigação sobre a participação das Crianças sobre a Cidade.
19/06/2013	Outros projetos com a participação das crianças sobre a cidade
Local	<ul style="list-style-type: none"> • Câmara Municipal de Águeda
Grupo de crianças	<ul style="list-style-type: none"> • Cristiano, Iara, Margarida, Maria, Victor e a Victória com educadora Maria José Melo
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Partilhar experiências sobre os projetos desenvolvidos sobre a cidade
Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none"> • Conversa
Atividades	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião na Câmara com a Vereadora, Dra Elsa Corga com novos projetos sobre a Cidade Amiga das Crianças no âmbito de projetos de mestrado da Universidade de Aveiro, Diana, Rita, Benilde, Profª Rosa Madeira. Troca de experiências sobre o trabalho desenvolvido em prol do Projeto Cidade Amiga das Crianças na Escola EB 2 3 de Valongo do Vouga e na Casa do Povo de Valongo do Vouga no âmbito de projeto de investigação. As

	alunas partilharam as experiências com as crianças de Valongo e as crianças da Bela Vista conversaram sobre a sua cidade. Sugeriu-se vir a realizar um jornal onde se cruzassem as experiências das duas localidades, Águeda e Valongo, mas não chegou acontecer até ao momento.
Passo seguinte	<ul style="list-style-type: none"> • Dar continuidade ao projeto
Outubro e novembro de 2013	Continuidade do Projeto Cidade Amiga das Crianças na Bela Vista
Local	<ul style="list-style-type: none"> • Bela Vista – Centro de Educação Integrada
Grupo de crianças	<ul style="list-style-type: none"> • Beatriz, Cristiano, Iara, Victor e a Victória; (novo grupo) Carolina, Francisca, Íris, Leandro, Luís, Martim e Simão (com a educadora Maria José Melo)
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Formar novo grupo na sala para dar continuidade ao projeto; • Refletir sobre as experiências; • Visitar os espaços da cidade;
Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none"> • Conversa, passeio
Atividades	<ul style="list-style-type: none"> • Teve início um novo ano letivo e na sala da educadora Maria José deu-se continuidade ao Projeto Cidade Amiga das Crianças. Com as crianças que já haviam participado na reflexão sobre a cidade juntaram-se outras crianças que mostraram interesse em participar. Após a formação do novo grupo conversaram sobre as experiências que tinham realizado e voltaram aos locais para verificar o falavam em sala. Novo grupo de estagiários, da licenciatura de Educação Básica da UA, reúne com as crianças para conhecer as suas experiências no âmbito do Projeto Cidade Amiga das Crianças.
Passo Seguinte	<ul style="list-style-type: none"> • Reunião na Câmara Municipal de Águeda
10 de dezembro de 2013	Reunião na Câmara Municipal de Águeda com a Vereadora da Educação e Cultura
Local	<ul style="list-style-type: none"> • Câmara Municipal de Águeda
Grupo de crianças	<ul style="list-style-type: none"> • Beatriz, Cristiano, Iara, Victor e a Victória; (novo grupo) Carolina, Francisca, Íris, Leandro, Luís, Martim e Simão (com a educadora Maria José Melo)
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Evidenciar os locais que observaram e propor sugestões de melhoria à Vereadora, no âmbito do Projeto Cidade Amiga das Crianças
Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none"> • Conversa
Atividades	<ul style="list-style-type: none"> • As crianças e educadora reuniram com a Dra. Elsa Corga (CMA), a dar a conhecer os locais que foram visitar e o que tinham verificado como necessidade de melhoria. Observaram na piscina que os cabides podiam estar a um tamanho que as crianças pudessem utilizar; na biblioteca identificaram a falta de um corrimão nas escadas exteriores para se

	segurarem e na casa de banho dos meninos, a falta de urinóis para o tamanho das crianças. A Vereadora registou as propostas das crianças e explicou que de momento não seria possível corrigir as situações identificadas, devido ao funcionamento da Câmara. No entanto, disse que no próximo orçamento da câmara iria levar as sugestões de melhoria propostas.
Passo Seguinte	<ul style="list-style-type: none">• Reunião com os encarregados de educação das crianças envolvidas no projeto.
21 de fevereiro de 2014	Reunião com os Encarregados de Educação das Crianças que participam no Projeto Cidade Amiga das Crianças
Local	<ul style="list-style-type: none">• Bela Vista – C.E.I.
Grupo de crianças	<ul style="list-style-type: none">• Beatriz, Cristiano, Iara, Victor e a Victória; Carolina, Francisca, Íris, Leandro, Luís, Martim e Simão (com a educadora Maria José Melo)
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Fazer a apresentação do Projeto Cidade Amiga das Crianças pelas próprias Crianças envolvidas no projeto.
Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none">• Conversa
Atividades	<ul style="list-style-type: none">• Esta reunião teve como objetivo explicar aos encarregados de educação o trabalho que tem sido desenvolvido com o projeto Cidade Amiga das Crianças. Através de um painel onde se encontrava desenhado duas colunas, em cada uma estava desenhado uma lâmpada: verde com um sorriso significava Amiga das Crianças e a vermelha com uma boca triste significava o que não estava tão bem. Desta forma as crianças identificaram os objetivos do projeto sobre a cidade aos pais.
Passo Seguinte	<ul style="list-style-type: none">• Reunião com o grupo de estagiários da UA
25 de março de 2014	Reunião com o grupo de alunos do projeto de licenciatura em Educação Básica da UA: Eliana, Gabriela, Marta e Tiago
Local	<ul style="list-style-type: none">• Bela Vista – C.E.I.
Grupo de crianças	<ul style="list-style-type: none">• Beatriz, Cristiano, Iara, Victor, Victória, Carolina, Francisca, Íris, Leandro, Luís, Martim e Simão (com a educadora Maria José Melo)
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Apresentar uma proposta no âmbito da Cidade Amiga das Crianças a desenvolver com o grupo de alunos da UA
Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none">• Conversa
Atividades	<ul style="list-style-type: none">• Nesta reunião o grupo de alunos de Educação Básica da Universidade de Aveiro, ouviram as crianças sobre o trabalho que têm vindo a realizar e falaram da proposta que tinham para desenvolver no âmbito do seu projeto curricular. Gostariam de elaborar um “Guião” com todas as informações da voz das crianças sobre a cidade, para que todos os interessados pela temática pudessem consultar.
Passo Seguinte	<ul style="list-style-type: none">• Encontro na Biblioteca Municipal com outros grupos de trabalho sobre o

Projeto Cidade Amiga das Crianças	
01 de abril de 2014	Encontro na Biblioteca Municipal de Águeda com os alunos do projeto de estágio, Dra. Rosa Madeira (UA), Dra. Elsa Corga (CMA), Grupo de crianças da Bela Vista, Borralha e Recardães e educadoras
Local	• Biblioteca Municipal de Águeda
Grupo de crianças	• Beatriz, Cristiano, Iara, Victor, Victória, Carolina, Francisca, Íris, Leandro, Luís, Martim e Simão (com a educadora Maria José Melo); Crianças da Borralha e Recardães
Objetivos	• Apresentar uma proposta no âmbito da Cidade Amiga das Crianças a desenvolver com o grupo de alunos da UA
Metodologia, estratégias	• Conversa
Atividades	• Neste encontro cada grupo apresentou o trabalho desenvolvido no âmbito do Projeto Cidade Amiga das Crianças.
Passo Seguinte	• Apresentação do Guião com base no trabalho de reflexão das crianças, 12 de junho, “Cidadania e Participação Infantil: Guia prático para pais, Educadores e Profissionais de Educação”, pelo grupo de alunos da UA.

Nota de Campo IV

07/03/2016	Análise dos projetos de investigação de Mestrado, desenvolvidos desde 2010 até 2015, no concelho de Águeda
Ano	• Tipo de Projeto, Título, Autor (es), Universidade
2010	Projeto de mestrado: “O tempo (invisível) das crianças como recurso da sua cidadania”, de Benilde Andrade, Universidade de Aveiro
Local de desenvolvimento do Projeto	• Escola EB 23 de Valongo do Vouga
Grupo de Investigadores convidados	• Uma turma do 6º ano
Objetivos	“criar um investigador coletivo que integrasse as crianças na sua constituição e funcionamento”
Metodologia, estratégias	Um projeto do tipo de Ação participativa. O Banco do Tempo e a atividade lúdica.
Atividades	- Mini-Banco do Tempo; - Atividade Lúdica: uma sessão de jornalismo, assumindo papéis de entrevistadores e entrevistados, num relato sobre a experiência e o conhecimento sobre o Banco do Tempo.
Pontos de Chegada	- Oportunidade de refletir sobre a filosofia do Banco do Tempo, o processo de troca, as regras de funcionamento e a importância de mobilizar a comunidade. -Permitiu compreender a visão das crianças e “consciencializar adultos e crianças sobre as relações que foram geradas e reproduzidas”
2010	Projeto de mestrado: “A cidadania infantil: uma conquista das crianças no espaço escolar” de Rita Simões, Universidade de Aveiro
Local de	• Escola EB 23 de Valongo do Vouga

desenvolvimento do Projeto	
Grupo de Investigadores convidados	<ul style="list-style-type: none"> • Adultos e crianças foram parceiras e corresponsáveis na abordagem do problema do abandono escolar, tendo em vista a elaboração de um plano de prevenção.
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender em que medida os adultos e as crianças implicados superaram os constrangimentos organizacionais, bem como a assimetria e as diferenças; - Produzir conhecimento sobre a referida experiência e a criação de condições para a sua apropriação - Contribuir para a consciencialização da competência e responsabilidade social das crianças e, também, dos adultos na implementação da Convenção dos Direitos da Criança, na escola e na família, enquanto bem comum na vida da comunidade
Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none"> • Um projeto de estudo de caso. Fóruns.
Atividades	<ul style="list-style-type: none"> • Análise sobre o desenvolvimento de fóruns, sugeridos pelos alunos como espaço de participação, discussão e reflexão das problemáticas sentidas na escola
Pontos de Chegada	<p>- Apesar do envolvimento e participação das crianças em todo o processo, o ofício de professor e aluno estavam presentes, a hierarquia e a desigualdade de papéis eram sentidos.</p> <p>- Os fóruns enquanto espaço de participação ativa dos jovens poderiam ser melhor aproveitados, valorizados. Não só no âmbito do projeto que estava a ser desenvolvido, mas como espaço de reconhecimento de cidadania ativa, que permita aos jovens verificarem a valorização das suas propostas sobre os problemas identificados.</p> <p>- O reconhecimento de que há uma preocupação por parte da escola em envolver toda a comunidade na resolução dos problemas que a afetam, no entanto importa refletir sobre a forma como a participação infantil acontece, para que realmente se possa efetivar a participação das crianças e não seja apenas uma participação pontual.</p>
2013	Projeto de mestrado: “Águeda e as CAC: Contributos de Crianças de Valongo do Vouga”, de Diana Ramos, Universidade de Aveiro
Local de desenvolvimento do Projeto	<ul style="list-style-type: none"> • Casa do Povo de Valongo do Vouga
Grupo de Investigadores convidados	<ul style="list-style-type: none"> • 7 crianças com idades compreendidas entre os 10 e os 12 anos
Objetivos	<p>Gerais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - o (auto) conhecimento e reconhecimento das crianças, enquanto sujeitos de direito e atores sociais a respeitar e valorizar, num local cuja génese se traduziu num espaço de encontro dinamizado pelas próprias crianças, enquanto agentes mobilizadores e dinamizadores dos grupos comunitários. <p>Específicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Compreender a perceção das crianças relativamente aos seus direitos, com base nos seus conhecimentos e reflexões; - explorar formas de (auto) organização das crianças como sujeito coletivo a ser ouvido na cidade; - favorecer a inserção da voz das crianças na dinâmica das CAC, como forma de participação ativa”
Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none"> • Um projeto tipo de ação participativa
Atividades	<ul style="list-style-type: none"> • Mapeamento da Freguesia de Valongo do Vouga

Pontos de Chegada	<ul style="list-style-type: none"> “o mapa de Valongo do Vouga, construído pelo grupo, significou um dos marcos mais importantes desta investigação”, uma vez que o conhecimento do meio onde vivem, da sua freguesia, deu-lhes a oportunidade de se expressarem, o que nunca havia acontecido. Pela primeira vez as crianças tiveram a possibilidade de exercerem o direito de opinião sobre o meio que os rodeia, dando sugestões de melhoria.
2013	Projeto de mestrado: “O olhar da criança para a cidade, através da escola”, de Ana Coelho, Universidade de Aveiro
Local de desenvolvimento do Projeto	<ul style="list-style-type: none"> Escola EB 23 de Valongo do Vouga
Grupo de Investigadores convidados	<ul style="list-style-type: none"> 7 crianças que faziam parte do clube mediadores da escola
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> “criar condições de auto-organização das crianças para se pronunciarem na cidade a partir da escola, recorrendo a técnicas apropriadas, contribuindo para a produção de conhecimento”
Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none"> Tipo ação participativa. Focus group, conversas, mapas, entrevistas.
Atividades	<ul style="list-style-type: none"> Encontros, Partilhas sobre o trabalho desenvolvido na universidade de Aveiro, em Gouveia com um grupo de crianças que desenvolvem trabalho no âmbito da Cidade Amiga das Crianças e na Câmara Municipal de Águeda, recebidos pelo Presidente e Vereadora da Educação e cultura.
Pontos de Chegada	<ul style="list-style-type: none"> Verificou-se que o grupo de crianças conhece alguns dos direitos das crianças, que identificam numa “Cidade Amiga das Crianças o direito à participação infantil, à igualdade e ao respeito assumem-se como princípios fundamentais para que uma cidade seja amiga das crianças” Sobre a Cidade de Águeda manifestam ser uma Cidade Amiga das Crianças, pois identificam estruturas que promovem o bom desenvolvimento das crianças. o grupo de crianças estará pronto para desenvolver e motivar outros projetos de cidadania participativa, “onde as crianças são reconhecidas enquanto atores sociais com voz, capazes de mobilizar e integrar políticas públicas” As crianças manifestaram vontade de continuar com o projeto com a criação de um blogue e de um jornal a par com as crianças da Bela Vista.
2014	Projeto de mestrado: “Crianças Institucionalizadas (na) procura de um outro lugar social”, de Ana Luísa Louro, Universidade de Aveiro
Local de desenvolvimento do Projeto	<ul style="list-style-type: none"> Centro de acolhimento temporário do Centro Social e Paroquial de Recardães
Grupo de Investigadores convidados	<ul style="list-style-type: none"> 7 crianças com idades compreendidas entre os 7 e os 13 anos, que se encontram no Centro de acolhimento à +/- 3 anos.
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> “Promover condições de inclusão das crianças do centro de acolhimento temporário, na dinâmica de implementação da iniciativa Cidade Amiga das Crianças”
Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none"> Tipo ação participativa. Conversas, questionários mediante entrevistas, desenhos e fotografia.
Atividades	<ul style="list-style-type: none"> Diálogos, elaboração de uma caixa de sugestões, realização de um power point sobre as reflexões desenvolvidas.

Pontos de Chegada	<ul style="list-style-type: none">• Com o grupo de crianças investigadoras foi identificado que as crianças não têm tempo para brincar; nem direito de escolher o tipo de brincadeira ou dar opinião sobre como deveriam ser os espaços públicos onde gostariam de poder brincar.• Há necessidade de ouvir as opiniões das crianças sobre os espaços e sobre a forma como os desejam desenvolver.
-------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Nota de Campo V

12/03/2016	Análise dos Projetos de Intervenção Educacional realizados na Bela Vista, por grupos de alunos do 3º ano de Licenciatura em Educação Básica.
2013	“Loja Amiga das Crianças” desenvolvido pelas alunas Ana Santos, Borja Cháfer, Ema Pereira, Patrícia Correia e Vânia Resende, orientação da Professora Rosa Madeira
Local	<ul style="list-style-type: none">• Bela Vista – Centro de Educação Integrada
Grupo de crianças	<ul style="list-style-type: none">• Grupo de 16 crianças com idades compreendidas entre os 4 e os 6 anos, das 4 salas de Pré-Escolar.
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Promover a Participação infantil no espaço público;• Dialogar com as crianças sobre o papel do consumidor;• Desenvolver o conceito de Lojas Amigas das Crianças;• Contribuir para a implementação da Cidade Amiga das Crianças na cidade de Águeda.
Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none">• Conversas, visitas, desenhos
Atividades	<ul style="list-style-type: none">• Encontro e passeio com as crianças pela cidade e sobre a cidade, visita aos espaços comerciais, reunião na ACOAG com o Presidente Gil Abrantes, reunião com a Vereadora da Educação e Cultura, elaboração de um painel sobre a Loja Amiga das Crianças em espaço público, rua Luís de Camões, no âmbito da comemoração do Dia Mundial da Criança e exposição, em permanência, do painel, na Câmara Municipal.
Pontos de Chegada	<ul style="list-style-type: none">• Enriquecimento do projeto educativo da instituição;• Construção dos critérios de “Loja Amiga das Crianças” com base nas opiniões das crianças;• Envolvimento a Associação Comercial de Águeda na relação com as crianças enquanto Municípios;• Participação na criação de uma rede de lojas amigas das crianças;• Participação das crianças na dinâmica de Águeda - Cidade Amiga das Crianças.
2014	“Cidadania e Participação Infantil: Guia Prático para Pais, Educadores e Profissionais de Educação” pelos alunos Eliana, Gabriela, Marta e Tiago, pela orientação da Professora Rosa Madeira
Local	<ul style="list-style-type: none">• Bela Vista – Centro de Educação Integrada

Grupo de crianças	<ul style="list-style-type: none">• Grupo de crianças de Jardim de Infância
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Registrar e divulgar as práticas participativas desenvolvidas com as crianças através da sua participação e depoimentos.
Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none">• Conversas, visitas, desenhos, lúdico
Atividades	<ul style="list-style-type: none">• Passeios pela cidade, conversas
Resultados	<ul style="list-style-type: none">• Um guia com as vozes das crianças sobre a cidade
2015	“A Voz das Crianças” pelas alunas Daniela Carrasqueira, Paula Gomes, Sónia Pereira, pela orientação da Professora Rosa Madeira
Local	<ul style="list-style-type: none">• Bela Vista – Centro de Educação Integrada
Grupo de crianças	<ul style="list-style-type: none">• Grupo crianças com idades compreendidas entre os 4 e os 6 anos, das 4 salas de Pré-Escolar: Afonso, David, Inês, Joana, Leandro Pinto, Leandro Santos, Matilde, Miguel, Sara, Simão, Vitória, Rodrigo.
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Dar voz às crianças sobre as práticas que desenvolvem no âmbito do projeto Cidade Amiga das Crianças;• Contribuir para o desenvolvimento e sustentabilidade da identidade das crianças como dinamizadoras da Cidade Amiga das Crianças
Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none">• Conversas, visitas, desenhos, jogo
Atividades	<ul style="list-style-type: none">• Reuniões semanais com as crianças sobre o Projeto que desenvolvem sobre a Cidade Amiga das Crianças; Passeios de observação dos espaços da cidade registos da observação através do desenho, dinamização de uma Assembleia na Instituição com grupo de crianças do Jardim de Infância e do Centro de Atividades de Tempos Livres para refletir sobre a sua Instituição.
Pontos de chegada	<ul style="list-style-type: none">• Construção de um livro com o registo dos desenhos e voz das crianças como forma de contribuir para o desenvolvimento e sustentabilidade da identidade das crianças enquanto dinamizadoras da Cidade Amiga das Crianças.

Nota de Campo VI

09/04/2016	Conversa com Frederico Lopes, antigo aluno de Mestrado da Universidade de Aveiro, organizador da participantes das crianças no âmbito do Seminário da Comemoração do 22º aniversário da Comemoração dos Direitos das Crianças
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Conhecer como o Projeto Cidade Amiga das Crianças chegou à Bela Vista – C.E.I.• Conhecer como as crianças participaram no encontro e tiveram acesso ao projeto.
Grupo de	<ul style="list-style-type: none">• Eu e Frederico Lopes (aluno de mestrado responsável pela dinamização do

intervenientes	encontro “ Pensar a Cidade” que trouxe a Educadora Maria José Melo e um grupo de crianças da Bela Vista, primeiro contacto com o projeto Cidade Amiga das Crianças)
Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none">• Conversa (via Skype)
Desenvolvimento	<p>No seguimento da reunião com a educadora Zé Melo, surge o nome do Frederico como dinamizador de uma participação com as crianças no âmbito da Comemoração da Convenção dos Direitos das Crianças na cidade de Aveiro. Encontrei o Frederico no Colóquio Internacional Crianças, Cidade e Cidadania realizado em Guimarães e conversámos sobre o interesse de podermos conversar no âmbito da investigação de mestrado. Já conhecia o Frederico do tempo que passou pela Bela Vista, em que tive oportunidade de partilharmos algumas situações de crianças que estavam a ser sinalizadas pela escola por falta de atenção ou agressividade. Na altura expressei a minha opinião sobre o sentimento que era revelado pelas crianças sempre que a psicóloga procurava alguma e a chamava para atendimento, não era positivo para a criança. A atitude do Frederico distanciou-se do trabalho desenvolvido pela psicóloga de serviço na instituição pela abordagem que desenvolveu com as crianças. Ele não retirava a criança do contexto onde se encontrava ele tomava parte dele. A disponibilidade para conversarmos foi completa, marcámos encontro em Lisboa para podermos conversar, mas próximo do dia por motivos profissionais, marcámos por conversar via Skype.</p> <p>O objetivo era saber como projeto Cidade Amiga das Crianças tinha chegado à Bela Vista e como tinha sido a participação das crianças.</p> <p>Entrevista realizada e gravada através do skype, a 9 de abril de 2016, das 20h40 às 21h40</p> <p>Eu: Na Bela Vista quando eu investigo os documentos da Zé, sobre a cidade amigas das crianças, percebi que este projeto foi iniciado a partir de um convite que a Benilde fez à educadora Zé, para levar um grupo de crianças para participarem numa conversa na universidade de Aveiro, para “pensarem sobre a cidade” e através dos registos, a pessoa que estava na organização és tu, Frederico. O que eu gostaria de saber é: como é que surgiram as conversas sobre a cidade com as crianças.</p> <p>Frederico: OK, então é assim. O convite foi feito pela Rosinha. Nós estávamos no nosso primeiro ano de mestrado, eu acho que a disciplina era infância, participação e comunidade, era assim uma coisa e depois então, a rosinha lançou-nos esse desafio, um bocado como trabalho, que ele tinha vindo no fundo a versar sobre esta temática sobre a situação das crianças, a crianças como atores sociais, participantes e muita associada à questão da exclusão social. Depois os miúdos que efetivamente foram ouvidos, eram miúdos, alguns</p>

deles com características particulares, de contextos sociais e económicos e culturais muito desfavorecidos

e, portanto, o convite inicialmente foi lançado pela rosinha. E quando ela nos lança esse desafio, nós tivemos que basicamente nos organizar, constituir grupos e pronto. No fundo, operacionalizar algum conhecimento que nos tinha vindo a ser transmitido por ela. O que eu senti na altura é que efetivamente o mestrado nessa altura, o ela nos ter despertado para esta temática começando por nos posicionar, fazendo a leitura das crianças como participantes... Essa mudança de fundo de paradigma para mim é uma mudança de paradigma enorme porque eu de facto reconhecia nas crianças que tinham direitos mas nunca tinha pensado nessa perspetiva de ouvir as crianças, o que é que as crianças poderiam dizer relativamente aos seus mundos e às suas vidas, basicamente foi isso. E nós então constituímos uma espécie de comissão organizadora, vá digamos que assim, e pronto tomámos as diligências necessárias para, para ouvir os miúdos e os grupos. Foram vários, houve vários grupos que foram chamados de várias idades, eu lembro-me. Porque depois eu já não sei bem se foram se isto foi tudo na mesma altura ou se houve dois momentos, porque houve ...

Eu: Isto porque no âmbito da comemoração do 22º aniversário da convenção dos Direitos das Crianças...

Frederico: Ok, Ok, portanto isso eu acho que ...

Eu: Na altura estive o Prof. Manuel Sarmento, vocês tiveram lá vários convidados. Eu lembro-me que a Zé me disse que estive a ouvir o professor Sarmento enquanto vocês ficaram com as crianças.

Frederico: Então, espera aí, com calma. Isto tudo que eu te estava a dizer até agora foi um primeiro momento que decorreu da nossa formação mas nessa altura o professor Sarmento não estava lá. Foram de facto escolhidas crianças, grupos, vieram pessoas, e inclusive vieram miúdos de Águeda, penso eu que foi isso

Eu: Isso mesmo

Frederico: Sim, pronto. Isso foi num primeiro, num primeiro momento a gente fez de facto essa prática. Essa outra ocasião que te estás a referir isso foi quando nós organizámos, então, um seminário e nesse seminário o que foi experimentado fazer, foi uma coisa muito inovadora na altura foi. Nós apresentámos os nossos trabalhos, uma das práticas foi nós tínhamos desenvolvido no nosso mestrado, ou seja, isto já foi pós conclusão de mestrado para as crianças que foi uma coisa, que estamos a falar de crianças, essas eram muito novas, não sei se eram de jardim-de-infância, e provavelmente próximo do primeiro ciclo que eu me lembre, porque eu tenho a memória de estar apresentar o meu trabalho e por exemplo estar com uma criança ao colo e de no fundo lembro-me de ter a sensação de estar a fazer um esforço, até bastante grande para tentar descomplexificar toda aquela linguagem para que elas pudessem perceber aquilo que nós efetivamente tínhamos feito,

porque o desafio tinha sido esse. E nessa, nessa dinâmica, ou melhor nesse evento para além disso houve também uma parte que nós fizemos d escuta, exatamente sobre a cidade amiga das crianças, com um grupo mais pequeno e inclusive, nós tivemos ajuda de duas pessoas que foi fundamental, foi a Zé e o ... eles são muito amigos da Rosinha, eles também foram as pessoas que na altura tiveram envolvidas naquilo dos grupos de dinamização comunitária em Águeda, eles são dois médicos, estão reformados, a Zé, como é que ele se chamam, eu já me recordo...

Eu: Ele está em Lisboa.

Frederico: Sim, eles costumam andar assim e viajar um bocado pelo país.

Eu: Pois, foi a Zé Tovar e à pouco tempo eu estive, aí ,com o Dr. Ferreira em Lisboa

Frederico: é exatamente o Cardoso Ferreira e a Zé. Eles os dois, eles os dois, tiveram nesse evento. Eu lembro-me até que na altura, nós a escuta que fizemos dos meninos relativamente à cidade que eles tinham, nós fizemos com alguns miúdos do colégio Alberto souto, que eram miúdos já mais velhos e adolescentes, jovem adulto, e pronto, onde foi preciso fazer uma ginástica, vá lá diferente, não é, e depois fizemos com miúdos mais novos e eu lembro-me desses miúdos mais novos que havia, era um grupo mais pequeno e havia um menino que era, pronto que já tinha, pronto eu não sei se já tinha tido experiência prévia, de participação ou não, eu penso que sim, todos eles já tinham tido, porque os do Alberto Souto, também já tinham sido, porque nesse primeiro, antes deste, deste evento, durante a nossa formação no mestrado, esses meninos do colégio Alberto Souto, eles já tinham estado lá em Aveiro e portanto, quando isto aconteceu houve todos aqueles grupos já tinham experiencia de participação. Eu acho que todos tinham. Se não... isso...era diferente porque já estavam habituados a esse tipo de prática, não é. Pronto.

Eu: Olha, mas diz-me uma coisa

Frederico: Se foi nessa altura

Eu: Foi, foi, porque vocês tinham as crianças para mapear a sua cidade.

Frederico: Exatamente

Eu: E apareceu a nossa vereadora que louvou o facto das crianças reconhecerem espaços que vocês lhes tinham pedido para identificar. A questão, primeiro é que condições vocês criaram para ouvir as crianças?

Frederico: (silêncio)

Eu: Vocês tiveram algum cuidado especial, como é que tu te preparaste?

Frederico: Nós, pronto, a preparação foi feita em grupo, não é, é isso, não foi, não houve, não foi cada um fez uma parte, não nós conversámos em grupo e pusemos um bocado à consideração várias estratégias, várias dinâmicas, vá lá, participativas que poderiam ser utilizadas tendo em conta a faixa etária das crianças, porque eu lembro-me na altura de até estar a falar com o Cardoso Ferreira sobre a questão os miúdos mais velhos, e do colégio Alberto Souto e aí a estratégia para os ouvir teria de ser diferente daquela que foi usada

com os miúdos mais novos. O que eu guardo melhor na memória foi exatamente esse momento com os miúdos mais novos onde havia um mapa, ou melhor aquilo era feito em papel de cenário, em papel grande e foi pedido às crianças para desenharem a sua, os lugares significativos da sua cidade e depois utilizando cores, utilizando, acho que era o verde para indicar, as coisas positivas, o vermelho eram as coisas que eles não achavam tão positivas e penso que ainda havia uma outra possibilidade que era o que é que eu fazia para poder melhoraram penso eu... E então nós estivemos esse cuidado, de no fundo criar mecanismos de escuta, que, onde a preocupação principal era que eles não estavam ali enquanto alunos, a gente queria ouvi-los enquanto pessoas que vivem a cidade segundo a sua perspectiva, portanto isso foi sempre aquilo que tivemos em mente e nomeadamente depois da forma como organizamos as conversas e formas assim trocando impressões com eles, houve sempre o cuidado de não ser no fundo, de não fazer muitas questões, porque nós percebemos que, percebíamos na altura que efetivamente essa não era a melhor forma de chegar lá. As questões tinham de ser feitas, tinham de ser sempre na perspectiva, nós tínhamos um bocado de descolarizar a nossa linguagem, não é, porque não queríamos, efetivamente, que eles olhassem para nós enquanto adultos ou melhor enquanto professores, porque eles estavam na universidade e sabiam, nós explicámos para que é que aquilo servia, portanto é assim eles foram contextualizados, aquilo não foi só, Á pronto, eles não chegaram lá e vamos fazer isto, não, e eu penso que todos eles vieram já tinham em mente o que é que se ia passar. Até porque nós, penso eu, fizemos, devemos ter feito isso, fizemos, fizemos, um convite, que foi enviado previamente um convite para eles participarem e nesse convite já havia uma breve explicação do que é que nós íamos fazer, pronto. E basicamente esse foi a nossa principal, pronto, preocupação. E utilizar o desenho como, no fundo, como também uma forma de desbloquear um bocado a conversa entre adulto e criança e também, para tentar diminuir aquela questão das diferenças de poder entre adultos e as crianças e portanto como tal uma abordagem, mais lúdica dava-nos, também mais garantias que efetivamente iriam sentir tão intimidados e estaríamos ao máximo a esforçarmo-nos para que as condições de participação fossem realmente genuínas, mas sempre com a certeza porém que efetivamente eles nos veem enquanto... nós enquanto pares, não é, mas pronto havia no fundo esse cuidado. Eu não sei se depois nós, já não me lembro se nós gravámos em áudio a sessão ou não, mas depois lembro-me que na altura quando esse grupo de crianças mais novas, nós, houve uma das crianças que no fundo se destacou do grupo, depois ele até foi eleito enquanto, vá lá porta voz para depois apresentar o que tinha sido feito, essa tal conferência, houve uma parte do seminário que foi, nu fundo dirigida, direcionada para isso e onde eles todos, todos os grupos no fundo tinham a possibilidade de apresentar um bocado a experiência e na altura um rapaz lá do colégio Alberto Souto, eu até me lembro que aquilo depois a uma determinada altura, aquilo houve assim uns problemas durante a apresentação, porque ele queria ser muito

protagonista do que estava a acontecer e eu sei que foi assim um momento um bocado incomodo porque nós sentimos que estávamos a perder aquela ligação que tínhamos estabelecido no início com eles, porque a lese o que lhes foi proposto, agora estou aqui a recordar , eles depois fizeram a letra de uma música, portanto isto para os adolescentes, mais velhos, porque a estratégia tinha sido outra, eu acho, eu não sei se eles mapearam ou não as coisas. Até porque eles passaram algum tempo dentro do colégio e eu não sei se a experiência que eles tinham da cidade em si era tão alargada, tão diversificada como os outros miúdos e acho que na altura isso até foi uma questão, agora não sei porquê estou-me a lembrar, um deles falava mais do sitio onde ele era, de onde ele vinha, da terra dele do que propriamente da cidade de Aveiro...portanto com eles houve esse cuidado de não aplicar, eu já não me lembro bem, se aplicámos a mesma estratégia ou não que aplicámos aos mais novos, mas sei que houve a possibilidade, eles foram convidados a escrever letras como se fosse para um música, porque eles tinham esses interesses, Eles eram mais virados para a música, para a coisa de ser DJ e houve um deles que apresentou isso lá e durante a apresentação houve lá um sobressalto qualquer que eu agora não estou a recordar, e depois ele até me chamou atenção, “à mas tu tinhas-nos garantido que isto devia ser desta maneira” e no final as coisas não aconteceram e lembro-me depois na altura a Rosinha a olhar para mim, assim com um ar, não foi reprovador, mas no fundo a dizer-nos que, que depois confidenciou-me ao ouvido “que o que vocês tinham prometido determinada coisa e não havia condições para isso se realizar”, mas foi assim um bocado desconfortável esse momento. Mas não sei.

Eu: Olha é assim, já me respondeste a três das questões que tenho que é quanto às condições, e às estratégias que vocês utilizaram, como é que tu guardas essa participação, também para mim está claro e agora diz-me uma coisa, Frederico: O que é que tu aprendes nesta interação com as crianças? Sentes que aprendes alguma coisa? É nesta desigualdade que existe de papéis, de formas de estar, como é que tu entendes a relação adulto/ criança?

Frederico: Pronto para falar sobre isso, tenho de falar invariavelmente do que foi um bocadinho, pois essas coisas todas vêm um bocado à tona mas é por comparação. Por exemplo, quando eu trabalhei na Bela Vista enquanto psicólogo, exercia, vá lá, a minha primeira experiência de dar consultas de psicologia em crianças, porque a adultos já tinha feito, aquela, isso foi na altura que também já estava a fazer o mestrado, portanto como tal os momentos de escuta que eram criados e que eram gerados na sala de consulta eram totalmente diferentes destes momentos de escuta, digamos, mais coletivos , não é , a falar com as crianças. Mas porque é que eu falo nisso, porque aí é que está na aprendizagem. Enquanto que, num contexto de consulta, enquanto psicólogo eu sentia que de certo modo apesar de eu por vezes de achar que estava a conseguir fazer alguma coisa e que estava a conseguir entra no mundo daquela criança, tinha de facto, havia de facto uma grande dificuldade pelo facto de eu ser adulto e de estar ali uma criança e haver ali uma diferença

de poder, não é. Por mais condições que fossem criadas do ponto de vista da psicoterapia, por uma ambiente confortável e tal, para que as crianças se sentissem confiantes para partilhar os medos, as ansiedades, tristezas, etc.. Naquele contexto de escuta, no sentido de ouvir as crianças, não enquanto ...ou melhor de ouvir as crianças enquanto participantes, realmente da sua vida, do seu dia a dia, não é, eu senti que essa forma de estar, era, trazia-me no fundo mais conhecimento sobre quem é que eram aquelas crianças, vá lá digamos que assim, aqui era o momento certo das suas vidas, porque enquanto que a psicoterapia pretende, faz um acompanhamento, há toda uma coisa mais do caminho para trás, ali naquele instante, não é, eu tinha lá uma, acesso a essa perspetiva da crianças, naquele tempo, naquele momento, com aquela história de vida, mas naquele instante era um bocado a sua visão, a sua perspetiva naquele segundo, naquele instante temporal. Eu sentia que as estratégias que nós utilizávamos e que era essa forma de ouvir e de escutar as crianças era magnífica nesse sentido porque nós conseguíamos ouvir e descobrir coisas que nos surpreendiam bastante e inclusive a capacidade de julgar e de opinar perante situações e de um sentido crítico que tinham, pronto isso é, aí há logo uma aprendizagem. Há uma aprendizagem porque eu tinha de me desdobrar do meu papel enquanto, no fundo eu tinha de me esquecer um bocado que era psicólogo e que no fundo eu tinha que estar ali enquanto animador, enquanto consultor, quando eu digo consultor é consultor de crianças não no sentido de consultadoria mas mais de, no fundo como um sujeito se calhar mais epistemológico, vá digamos que assim. Enquanto da outra forma, não. Exercia aquela identidade, aquele heterónimo de psicoterapeuta e isso tinha as suas limitações, ali havia esse ganho. Depois, outro era de que em termos de aprendizagem tem muito que ver, exatamente como, quer dizer como é que elas de facto vivem a sua infância, não é. Como é que elas vivem a sua infância no seu dia a dia, e isso é uma aprendizagem enorme quando se consegue estar com as crianças e se percebe que elas partilham, essas coisas e coisas que nós enquanto adultos provavelmente não damos muita importância, para depois perceber que para eles há detalhes, há coisas que são fundamentais, não é. Podem ser sei lá pequenas coisas não tem de ser, nós às vezes estamos à espera de grandes revelações. Mas eles, mas as crianças não precisam de grandes revelações, não é. As crianças vão-se revelando que é uma coisa um bocadinho diferente, e portanto aí também havia um outro ganho. Depois havia um outro que é a questão da linguagem da infância. Decerto forma estar nesse momentos de escuta era como quase como que uma viagem, um bocadinho um voltar invariavelmente a pessoa, eu sentia-me um bocado a regressar um pouco a mim enquanto criança, não é, simultâneo enquanto pensava naquilo que tinha sido dito e tudo mais, vinham às memórias essa existência. Portanto, isso era uma coisa que me faz sentir bem, sentir que consigo descer a um nível em que não sou crianças mas que não sou olhado enquanto adulto que é pai, ou que é professor, ou adulto que é opressor, mas enquanto um adulto que está ali disposto para ouvir e que talvez, então, ainda que seja por pequenos

instantes consiga ainda ser um bocadinho criança. Essa sensação, que é só uma sensação, porque isso depois em termos de estudos e investigação sabe-se que as crianças não nos veem assim, não é, mas eu enquanto adulto tenho essa sensação e isso foi tão importante, provavelmente das coisas mais importantes do mestrado e daquilo que eu fiz, porque no fundo isso depois marcou também a minha própria identidade e a minha maneira de ser e de estar depois com as crianças a partir desse momento, porque depois quando eu vim para cá para Lisboa e depois comecei a trabalhar numa ATL e pronto, não é, eu nunca mais pensei nesta questão de voltar a ter crianças num gabinete e ouvi-las dessa maneira. Isso não é a minha praça. Eu estou muito mais à vontade nesse outro contexto e muito mais feliz. Portanto também há um ganho de felicidade. Também, no fundo, sentia que de certa forma me estava, assim, a encontrar.

Eu: Perfeito. É assim que eu te imagino, daquilo que eu vejo. Dá-me a tua opinião sobre o que para ti é uma cidade amiga das crianças?

Frederico: Ok, então é assim: hoje em dia e tendo em conta os conhecimentos que eu vou tendo e que fui adquirindo ao longo destes anos sobre esse tópico, nessa área, eu vejo muito a cidade amiga das crianças relativamente às questões da mobilidade e do uso e da forma como do espaço público e na questão depois como é que as próprias cidades são no fundo pensadas e estruturadas para que essa duas coisas se possam dar, garantindo que as crianças têm liberdade para se deslocarem, nomeadamente entre a casa e a escola e na sua vizinhança, de forma autónoma com os seus amigos, tenham espaço na cidade para poderem criar as suas brincadeiras, encontrar os seus espaços, criar esses espaços, ter possibilidade, inclusive, de se confrontarem com situações desafiantes, onde possam efetivamente encontrar refúgios, para por exemplo quando não estão bem e onde possam respirar um ar que não é poluído, onde possam também fazer as suas diabruras ...e tendo no fundo toda uma comunidade, isto seria, se calhar estou a falar numa perspetiva mais de bairro, que no fundo partilha essa filosofia e esteja disponível para estar com as crianças dessa forma, desse modo. E um exemplo pratico disso, por exemplo seria, os carros que tem que entrar e sair dos bairros, terem a consciência de que a qualquer momento pode aparecer uma criança na rua e que isso é muito mais importante do que qualquer outra coisa e que para isso as pessoas tem de ter determinados cuidados, e que por exemplo andar com um carro a uma velocidade reduzida, já com o pressuposto que posso vir a encontrar uma criança isso já faz parte um bocado da cultura das pessoas e daquele bairro, portanto eu vejo uma cidade amiga das crianças também como um processo onde tu vais passando estas ideias e estas ideias vão sendo integradas e assimiladas e postas em causa, claro, também pela comunidade adulta. Porque eu acho que é importante para os miúdos sentirem, não só que a cidade é também deles e que eles também podem nessa cidade recriar essa cidade mas que eles também tenham apoio para isso...e que eles encontrem nos adultos e nas camaras municipais e nas juntas de freguesia e na loja e na mercearia e no clube de futebol

e no, pronto e noutras estruturas e na escola, que já me estava a esquecer de uma coisa muito importante, para mim, e possam realmente encontrar esse espaço, isso é uma parte. A outra parte que tem à ver, e está muito relacionado com a escola, com as dinâmicas de participação, forçosamente, depois de garantir este primeiro, digamos que isto que te falei até agora é um primeiro nível que eu acho que é muito mais importante e que eu acho que é mais importante porque é o nível que eu me tenho debruçado muito mais agora nestes anos, também tem muito a ver com isso. Mas depois ter essa plataforma, essa base estruturada, depois então ou em simultâneo tem de se criar então na escola, tem de ser mesmo o lugar onde os miúdos e as crianças possam efetivamente participar. A escola tem de estar muito menos preocupada com avaliações e com notas e com resultados e muito mais virada para as crianças enquanto cidadãos, agora. Não é daqui a ...isto liga um bocado com aquilo que eu estava a dizer à bocado, com aquelas aprendizagens de que a criança, para a criança o sitio que é importante é o agora, aquilo é a realidade no agora que estou a viver. É por isso que quando há notícias alarmantes disto ou daquilo é importante explicar às crianças e as crianças depois começam a construir as suas vidas a partir daí, quando há coisas boas e más, é o instante. O instante também é importante. O instante para o adulto não é a mesma coisa que é o instante para uma criança. Portanto, a escola aí tem de ter um papel fundamental e quando estes dois mundos, o mundo da comunidade e o mundo da escola se une fazem efetivamente um esforço para ultrapassarem as barreiras e todos os constrangimentos para se criar uma cidade amiga das crianças, então aí eu acho que nós estamos no bom caminho. Também sei que isto não é feito em dois dias, em três ou em quatro, em cinco, em seis. Eu sei que isto são coisas que demoram tempo. O que queria ver e o que eu gostaria de ver era muito mais uma consciência coletiva de que realmente isso é de facto importante. Porque nós cá em Portugal salvo raras exceções estamos muito, muito atrasados nisso. A nós há todo um trabalho de retaguarda que tem que continuar a ser feito. Sarmento quando acabou o congresso, agora, recentemente, ele faz um resumo final e ele começa com a frase, qualquer coisa do género – a cidade está sitiada – e portanto apesar de tudo, de todos os esforços, continuamos um bocado a viver assim. Portanto, eu acho que para mudar isto, há essa condição de base da mobilidade, do espaço público, do jogo, do encontro, da partilha, da segurança desse encontro e depois, então, quando isso estiver mais estruturado, nós então partimos para a escola e vamos encontrar um escola, vamos encontrar um bairro, vamos encontrar uma junta de freguesia e é dever de quem se dedica a estas coisas e gosta lutar por isso e fazer por isso.

Eu: Depois de tudo que eu estou ouvir, tu alertas aqui para uma situação da construção de uma cidade amiga das crianças e a escola com um papel fundamental par que seja exercido o direito de participação das crianças. A questão que eu te quero colocar é a seguinte: será que uma cidade amiga das crianças pode ser construída sem a participação sem ouvir as próprias crianças? Ou seja essa questão que tu falaste da mobilidade, desse espaço do jogo,

deverá ser unicamente pensada pelo adultos ou deverá passar por ouvir as crianças? Ao mesmo nível, primeiro, depois, o que é que tua achas?

Frederico: Eu acho que idealmente deve partir sempre da escuta e das propostas daquilo que as crianças efetivamente pensam e querem. E idealmente, eu acho que sim. Contudo, parece-me que atualmente, em Portugal há...uma primeira camada que tem de ser ultrapassada e que nesse sentido será mais fácil e de forma no fundo de também a orientar um bocado este caminho, essa tomada, que no fundo é uma tomada de decisão, uma escolha política que tem de ser feita e eu penso que nessa perspetiva é preciso primeiro dar esse passo até talvez primeiro do que sem fazer consulta efetiva das crianças neste primeiro passo. Eu vou tentar explicar melhor isto: porquê? Enquanto, nos lugares e nos países e nas cidades onde este tipo de cultura já está instituída quando tu vais ouvir as crianças num determinado, lhes pede opinião sobre um determinado assunto, já há essa cultura, já há, elas já estão no fundo preparadas porque o seu contexto que está à sua volta, também já está alinhado nesse sentido e portanto é quase, é mais fácil para elas se sentirem mais à vontade, mais confiantes, mais resolvidas para poderem, então, dar a sua opinião, relativamente aos demais assuntos. No nosso caso, nós não estamos assim. Nada na nossa cultura, exceto toda uma conversa que muitas vezes é só uma conversa superficial e muito política, nada na nossa cultura, exceto um ou outro exemplo, uma outra exceção, uma outra cidade está orientada para essa cultura de participação.

A escola não está orientada para essa cultura de participação, o trabalho não está orientado para essa cultura de participação, a universidade não está orientada para essa cultura de participação, as autarquias não estão orientadas para isso. Quando há uma sessão de uma consulta pública sobre um determinado assunto sobre isto ou aquilo, começa logo uma disposição espacial. Tu vais, sentaste, como se estivesse uma sala com os alunos e com o professor no século XVIII ou no século XIX...e há sempre aquela dinâmica que a pessoa que está ali tem o conhecimento e que vai apresentar e então pede a opinião dos outros, até mesmo salvo raras exceções nos congressos sobre estas temáticas a forma de apresentar conteúdos continua a cair neste modelo que não é um modelo participativo que nós queremos divulgar para as crianças. Portanto, como tal enquanto que nos países nórdicos há uma revolução curricular ao ponto de se começar a querer ensinar às crianças a partir do que o que é uma barra de chocolate, o que é uma lata de tinta e a partir daí fazer toda uma... criar as disciplinas, porque os produtos e as coisas...de onde é que veem, de que é que são feitos, portanto há toda uma...isso já existe nesses sítios, portanto quando muito, lá consultas as pessoas e já estão engajadas nisto, mas nós cá não temos essa prática. Agora eu cá não sei, não sei se nestes outros sítios se, realmente, primeiro se começou por ouvir as crianças, ou se isso foi feito em simultâneo, e depois as coisas caminharam lado a lado, com as mudanças se quiseres mais políticas, estruturais e depois com as pequenas e as grandes mudanças dos grupos, dos conselhos municipais, das escolas isto vai assim

crecendo tudo. Ou se de facto, primeiro como opção política, ideológica, porque é uma opção ideológica, que diz assim – nós queremos efetivamente ter uma cidade amiga das crianças, ter uma comunidade mais participativa e vamos efetivamente mudar, operar, mudanças na forma como as nossas organizações funcionam, as nossas estruturas, a escola, isto e aquilo - a dar no fundo um contexto, um chão, para que então depois a partir dessa base se possa construir em cima. U não sei, mas é uma coisa sobre a qual me detém, porque por exemplo depois de ter aprofundado um pouco mais a questão do exemplo de Ponte de Vedra, que é um exemplo recente, eu fico muito com a ideia que eles só agora estão a começar a fase, realmente de ouvir os miúdos. Todas aquelas decisões foram feitas, pensadas por adultos que tiveram a visão de querer ter uma cidade, a pensar exatamente nas crianças, a pensar no trabalho que já tinha sido feito previamente, mas depois há uma segunda parte, Tonnuci até diz isso numa entrevista que ele deu, quando lhe perguntam o que é que ele acha o que é que Ponte Vedra tem que fazer para se tornar, para continuar no fundo nesta linha e ele diz, dá assim uma resposta que ele diz que “não sei se já começaram ou se vão começar a ouvir efetivamente as crianças e criar os tais conselhos municipais e os conselhos de infância e de juventude”. Portanto, parece-me a mim que numa cidade como Ponte Vedra quando tu crias dinâmicas de participação para ouvir as crianças, e vês efetivamente as crianças a circular pelo parque, no espaço público, tu já tens um contexto, já tens uma camada que te vai permitir muito mais significativa do que terias aqui, por exemplo aqui em Lisboa que é uma realidade que eu conheço. Como é que tu vais perguntar coisas a miúdos, podes perguntar, que não tem uma vivência uma cultura de rua e quando eu digo uma cultura de rua é de estar na rua, de encontrar os amigos...vais fazer isso e provavelmente na cidade ideal que eles imaginam, eles queriam isso, queriam estar com s outros, queriam ter mais liberdade, mais autonomia, toda a gente, isso na verdade é uma coisa que a maior parte das pessoas até acha que isso é bom, isso aí até é uma questão de bom senso, mas não tendo estes indivíduos essas condições espaciais ou territoriais para o fazer, eu acho que é mais difícil não é obter uma participação concordante, não é isso que eu estou a dizer, eu acho que o mais difícil é criar essa cultura. Porque na escola não te é perguntado isso, nem sequer isso interessa muito, não és ouvido enquanto cidadão, és ouvido enquanto aluno. Ora, eu acho que era muito mais fácil, uma vez que o espaço que é uma coisa que nos diz respeito desde o dia da nossa conceção até à nossa morte, começar, exatamente, essa parte mais espacial e depois a partir daí, que tem a ver com esses eixos da mobilidade, com eixos da políticas públicas, se calhar é uma coisa em simultâneo. Mas, eu estou mais inclinado a pensar esta pré fase inicial, mas se calhar não respondi bem.

Eu: Não, perfeito. Respondeste a tudo. Muito, muito obrigada. Agora vou fazer o mesmo trabalho com as crianças, com quem estiveste, vou ouvi-las também sobre as mesmas questões. E ouvi-las sobre o seu sentimento de como é estar com um adulto e perceber o

que é para elas uma Cidade Amiga das Crianças e se realmente acho correto ou possível serem ouvidas ou não, se a cidade deve ser construída sem que sejam ouvidas, qual é a opinião delas.

Frederico: Esse cruzamento de perspectivas vai-te gerar um conhecimento importante e eu gosto dessa temática que tu escolheste para o teu trabalho, é uma outra maneira de ver este assunto. No fundo é tentar perceber ...aonde é que está o compromisso dos adultos e das crianças, até que ponto é que há um terreno comum ou que não há e eu parece-me que isso é importante, até depois para se conceber estratégias para se ouvir as crianças e se conceber estratégias para por um lado ouvir as crianças, mas por lado também para conceber estratégias que os próprios municípios e adultos terem e tem que adotar para que de facto isso possa acontecer. Seria até interessante perceber mais tarde estes miúdos depois enquanto adultos que memória depois é que guarda de terem sido consultados. Eu defendo que se uma criança tiver uma cultura domestica, escolar, comunitária de participação, com certeza que será um adulto com mais cultura, com um sentido mais critico perante a cultura que tem. Os projetos têm princípio, meio e fim, mas falta depois esta escuta necessita de ser contínua em casa, na escola...Acho interessante esta abordagem, depois fala-me...

Eu: Frederico, obrigada por tudo, eu depois partilho contigo.

A conversa deixou claro o benefício da participação das crianças no seu próprio desenvolvimento.

Notas de Campo VII

11/04/2016	Conversa com a Educadora Lurdes, coordenadora da Resposta Social do Jardim-de-Infância no período de desenvolvimento dos Projetos de Intervenção Educacional dos alunos de Educação Básica da Universidade de Aveiro
-------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Conhecer quem foi o grupo de crianças que participou nos projeto “Loja Amiga das Crianças” e como tinha sido desenvolvido.
-----------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Grupo de intervenientes	<ul style="list-style-type: none">• Eu e a Educadora Lurdes (coordenadora da resposta Social no período em que os projeto Loja Amiga das Crianças foi desenvolvido)
-------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none">• Conversa
--------------------------	------------------------------------------------------------

Desenvolvimento	Encontro realizado na sala da educadora do Jardim de Infância da Bela Vista, a 11 de abril de 2016, das 11 às 12 horas.
-----------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

No ano em que foi desenvolvido o Projeto “Loja Amiga das Crianças” a coordenadora da resposta social de Jardim de Infância foi a educadora Lurdes. Pelo que era importante a informação que pudesse dispor sobre a participação das crianças. Quais as crianças que

estiveram envolvidas e como aconteceu a participação, se houve ou não continuidade. Na verdade o CATL, valência da qual faço parte, não teve conhecimento do projeto, a não ser da elaboração da faixa realizada no âmbito da comemoração do Dia mundial da Criança, que foi realizado na rua Luís de Camões, aonde o CATL dinamizou jogos com as crianças na rua.

Procurei, então a educadora, como investigadora e pedi se tinha disponibilidade para podermos conversar, sobre o projeto Loja Amiga das Crianças. Mostrou toda a disponibilidade e ficou logo marcada para um momento em que não estava em trabalho direto com as crianças.

Transcrição da conversa gravada em 11 de abril de 2016 das 11h às 12h.

Eu: Bom dia Lurdes. Eu tive uma primeira reunião com a Zé para perceber como é que o projeto Cidade Amiga das Crianças tinha chegado à Bela Vista. Uma vez que eu vi que a Zé foi a pessoa que esteve à frente deste projeto. Então, a Zé emprestou-me o seu dossier pedagógico que vem com todas as explicações...

Lurdes: sobre a Cidade Amiga das Crianças?

Eu: Sim. Eu descubro nos registos o projeto Loja Amiga das Crianças, e fazendo parte da Bela Vista, sei que a Lurdes estava na coordenação nesse ano. Gostava de saber como é que esse projeto chegou à Bela Vista e como é que ele foi dinamizado, em que ponto da situação é que ele está, quem foram as crianças?

Lurdes: Nós nesse ano já estávamos a trabalhar “Nós o consumo e o consumismo”, entretanto já tinham sido feitas algumas visitas, a algumas lojas no sentido das crianças poderem observar e perceber aquilo que elas achavam ou não estar correto e que desse resposta às idades deles. Fizemos algumas formações, nomeadamente, no Continente sobre o porquê da colocação de determinados produtos em determinadas prateleiras. Foi uma senhora do Continente que nos recebeu, e portanto nos explicou, porque é que eram, efetivamente colocadas daquela maneira.

Depois, foram feitas diversas vistas a mercados grandes, mercados pequenos, lojas de maior ou menor dimensão. E elas foram sempre registando aquilo que elas achavam que não estava correto em cada um desses lugares. Depois, para além da colocação dos produtos que era uma coisa que eles tinham registado, nomeadamente, a oferta dos brinquedos, o facto de eles estarem logo ali à mão deles, ver se era ou não era um ponto positivo. Depois passámos para o espaço físico, depois de vermos a colocação desses produtos, passámos para o espaço físico e foi aí que houve um interesse muito maior pela dinamização do próprio projeto.

Então, o que foi visto aí nas lojas, foi basicamente, olhámos a acessibilidade das lojas. Se era ou não era amiga de todos. E aí foram levantadas algumas questões por eles, nomeadamente, o facto de não existirem as rampas de acesso a cada uma delas. O facto de quando eles chegavam a uma loja e o balcão estar excessivamente alto e eles não poderem ter acesso para poderem ver e depois acompanharem todo o processo de compra, quando acompanhados pelos pais...falámos, não falaram, porque isto é tudo dito por eles. Eles descobriram lojas em que havia já um espaço direcionado para eles, onde eles já podiam estar ocupados, enquanto pai ou mãe viam o que queriam. E então comparavam, lembro-me, um exemplo de uma loja que entraram e a primeira coisa que eles viram, e lhes despertou, foi, efetivamente, um espaço onde havia atividades que eles podiam fazer e depois foram procurar o espaço noutras lojas e não os descobriram.

Depois, mais tarde vieram as estagiárias e é aqui que elas trazem, efetivamente, a proposta da “Loja Amiga das Crianças”, inserido no próprio projeto Cidade Amiga das Crianças, e é aqui que elas começam a trabalhar especificamente as lojas.

Pronto, elas pegam num grupo de crianças de cada sala, quatro ou cinco crianças de cada sala do Jardim de Infância, trabalham primeiro em registo de atividades aquilo que eles já tinham feito em termos das lojas e depois continuam a visitar as lojas no sentido de verificarem o que já tinha sido visto e outras situações que efetivamente eles ainda não tinham colocado.

A partir daí é criado um flyer onde as crianças vão verbalizando as lojas que elas consideram amigas das crianças e porquê. Portanto, esse flyer é criado e é distribuído por várias lojas de Águeda, pelas pessoas que andam na rua.

Eu: Quem é que criou este flyer?

Lurdes: Foram as estagiárias em conjunto com as crianças e nós. Mas tudo que está no flyer é dito pelas próprias crianças. Que vai de encontro à aquilo que eu lhe estava a dizer que eles foram verificando em termos das lojas.

A partir daí o que é que seria possível fazer para que realmente as lojas pudessem ser consideradas amigas e a primeira coisa que se faz é contactar, penso que na altura, era o Gil Abrantes o presidente da ACOAG, e fazemos uma reunião com ele no sentido de vermos de que forma é que nós podíamos dar, digamos, alguma visibilidade, alguma resposta às necessidades que eles próprios foram sentindo.

Nós reunimos com ele. Na reunião está o representa e da ACOAG, está a Rosinha Madeira, também estão as estagiárias, estão as educadoras e estão as próprias crianças que estão envolvidas no próprio projeto. E a reunião é feita pelas próprias crianças. Elas é que depois fazem a apresentação dessa reunião, onde eles vão dizendo, eles criaram um

mapa, digamos, das várias lojas e locais que eles foram visitando e foram-lhe falando daquilo que já tinham constatado na prática das visitas.

O Gil Abrantes acha que sim, que tudo isso tem muito interesse e então a proposta aí, faz sentido tudo aquilo que elas vão dizendo, então aí é proposto, por exemplo, que seja criado um autocolante que identifique as lojas amigas das crianças. Pronto, depois disso fica em registo. Depois, disso é feito também uma reunião com a câmara Municipal de Águeda. Aí as crianças não estão. É só feita por nós, no sentido de percebermos de que forma é que a Câmara poderia dar também alguma resposta em termos desse projeto, de que forma é que nós podíamos mostrar, dizer às pessoas que Águeda estava a trabalhar no sentido de fazer e aqui é especificamente as Lojas. No sentido, das pessoas perceberem que, efetivamente, havia todo um trabalho no respeito pelas necessidades das próprias crianças. É aí que surge a tal situação da tela, que mais tarde é fixada na Câmara Municipal. Essa tela, não sei se lhe podemos chamar ex-libris, talvez não, talvez o desenho que representa exatamente as lojas, é criado por todos os desenhos que as crianças fizeram, que é aquele símbolo que está lá, a Júlia já o conhece de certeza, isto é desenhado em tela, mas não é pintado. E nós achámos que poderia ter e criar maior interesse, é exatamente no dia Mundial da Criança, essa tela é colocada na rua Luís de Camões e os pais são convidados a participar na pintura da própria tela com as próprias crianças. É assim que isso acontece. Mais tarde, essa tela, é colocada, exatamente na parede da Câmara Municipal de Águeda e o projeto acaba exatamente aí.

O que acontece posteriormente, aquilo que depois ficou por fazer foi tal autocolante que identificasse as lojas e que não se deu continuidade. No ano seguinte quando tentámos dar continuidade a esse projeto, todas as crianças que tinham participado tinham descido (CATL) e as crianças que nós recebemos não se mostram disponíveis para que realmente aconteça. Não querem dar continuidade e eles em vez disso falando-lhes um bocadinho do Projeto Cidade Amiga das Crianças direcionaram-se muito mais para os parques e nós acabamos por respeitar um bocadinho isso. E as lojas Amigas pararam, eu senti que elas pararam mesmo, embora nós tínhamos continuado a visitar, nomeadamente, continuado a trabalhar tudo isso que na altura foi revisto, mas já não é direcionado para as Lojas Amigas das Crianças.

Eu: Quem foram as crianças que participaram neste projeto?

Lurdes: Eu lembro-me de algumas, estive até aqui a ver, da minha sala foi a Ana Miguel, o Ricardo Alves, a Rita Silva e o Afonso Almeida, depois da sala 3 era o Danilo e o Marco, era a Iara; da sala 4 o Afonso da Raquel, a Geuse, a Raquel, não me consigo lembrar de mais ninguém e da sala 2, acho que era na Altura a Margarida, a Rita Carvalho, não me lembro de mais ninguém mas depois eu posso-lhe entregar a lista

completa do grupo se isso for importante.

Eu: É muito importante. A minha intensão é ter a perceção dos adultos relativamente à participação das crianças no projeto, mas também ter a perceção das crianças relativamente ao projeto que desenvolveram, o objetivo é recordar. Que condições foram criadas para dar voz às crianças neste projeto, Loja Amiga das Crianças?

Lurdes: (Silêncio)

Eu: Como é que as levaram a participar, foram escutadas,

Lurdes: Foram, as crianças que participaram foram voluntariamente, não foram selecionadas por nós, elas é que voluntariamente levantaram o dedo e quiseram participar. Como nós já estávamos a trabalhar o Projeto Cidade Amiga das Crianças e elas estavam dentro do que isso era, quando as estagiárias surgem, é feita uma reunião e são as próprias que as crianças pedem para participar nesse projeto. Depois a partir daí. Aliás, isso ficou muito claro na cabeça deles, porque sempre que as estagiárias chegavam eles estavam disponíveis para irem trabalhar e dar continuidade ao que tinha ficado pendente. Eu acho que as condições que nós damos toda a liberdade e tempo que eles quiseram para trabalhar nesse projeto. Depois, havia a proposta das estagiárias em termos de atividades, que elas às vezes já traziam, mais ou menos, definidas, era-lhes proposto e eles aceitaram sempre. Eu penso que eles gostaram muito de trabalhar nesse projeto.

Eu: Como é que a Lurdes guarda participação das crianças? Como é que vê a participação delas?

Lurdes: Penso que elas próprias se sentem valorizadas, nomeadamente, à participação, à oportunidade que lhes é dada de participar e terem voz nos vários locais da cidade deles.

Eu: O que é que sente que aprende na interação com elas?

Lurdes: O que é que eu sinto que aprendo? O que é que eu aprendo com elas?

Eu: Sim.

Lurdes: Se calhar aprendo a ver coisas que, eu própria se calhar nunca tinha refletido e que são eles que me levam a refletir a mim, exatamente nessas necessidades que eles próprios vão abordando. Sendo que aprendizagem é mútua, quer da minha parte, quer da parte deles. Eles aprendem comigo e eu aprendo com eles. E as coisas quando nós andamos pela rua, andamos por aqui, por ali, e não paramos para pensar nas coisas e eles acabam por ser muito mais perspicazes naquilo que lhes faz falta e depois nos levam a nós a refletir sobre aquilo que lhes falta que é o direito deles e que devem ter. E portanto, acho que é esse interesse todo que eles têm, que revelam e verbalizam que no fundo me

faz continuar um bocadinho em termos deste projeto.

Sinto que não devo ser eu a direccionar e sim eles. Eles, é que me têm de encaminhar a mim, naquilo que lhes desperta curiosidade e interesse. Acho que não deve de partir de mim, deve de ser deles. Não quer dizer que não haja, na minha intervenção sugestões da minha parte no sentido de os poder orientar a eles, mas respeito muito mais a vontade deles, não tenho a preocupação de ser eu a chegar e dizer – vamos fazer isto ou vamos fazer aquilo. Tem de ser eles, sempre lhes dei essa liberdade.

Eu: O que é na opinião da Lurdes uma Cidade Amiga das Crianças?

Lurdes: que respeite os direitos das Crianças, lhes de voz, faça delas pessoas participativas, apesar de serem crianças. Penso que elas nos podem ajudar a criar definitivamente espaço, que as façam mais felizes e que correspondam às necessidades deles, basicamente.

Eu: Na opinião da Lurdes, poderá uma Cidade Amiga das crianças ser construída sem a participação das crianças, sem que elas sejam ouvidas realmente?

Lurdes: Não, eu acho que não. É um bocadinho aquilo que eu lhe estava a dizer. Acho que há coisas que a nós nos passam completamente e que se lhe dermos voz, vamos muito mais de encontro às coisas que lhe fazem falta, há coisa que para nós são prioritárias e que para eles não são, e na prática, efetivamente, se revelam que não são tão direccionadas para eles.

Acho que as dicas deles, realmente, nos levam a criar pontos interesse e de resposta a eles próprios. É o que eu acho.

Eu: Muito Obrigada. (mostrou interesse em continuar a conversa)

Lurdes: Eu agora vou arranjar uma lista com as crianças que participaram no projeto. É engraçado que isto vai passando de um anos para os outros, porque as crianças crescem, tem outras coisas a fazer, mas sentimos que isto fica cá, apesar de virem outros meninos que não estão envolvidos no projeto, eu acho simplesmente estão pelo facto de irem ouvindo, depois há reuniões e eles passam. Acaba sempre por ficar o bichinho e pega-se noutros meninos. Há sempre outros interesses que vão de encontro à cidade Amiga das Crianças. Pode ser Lojas, o parque, nas ruas. Lembro-me que estávamos a dar um passeio, sem objetivo nenhum, e a Vitória disse na porta da farmácia: “Ui esta farmácia não é mesmo amiga das crianças, como é que entra aqui uma cadeira de rodas” – são situações que nós não estamos a trabalhar o projeto, mas mesmo assim eles vão trazendo o que está na cabeça deles.

Eu: Como é que nós poderíamos dar voz às crianças sobre a cidade?

Lurdes: Eu penso que para além de nós trabalharmos com elas, acho que as entidades com poderes deveriam estar mais sensibilizadas para a importância de dar voz às crianças. Às vezes eles até ouvem, mas depois demoram muito tempo a dar resposta, mas o tempo de espera que para nós adultos até conseguimos esperar, eles não têm a mesma capacidade de espera que nós e às vezes o tempo que leva a concretização das coisas também leva a que haja alguma desmotivação de todo o trabalho que foi feito para trás. Quem tem poder de fazer, de mudar, deveria criar momentos em que as crianças pudessem ser ouvidas, mas não era em reuniões esporádicas, era uma coisa mais contínua, não sei. Mas acho que é um projeto a continuar enquanto houver disposição e interesse da parte deles. Era bom que houvesse alguma visibilidade.

Eu: Obrigada!

Depois de parar a gravação conversámos mais um pouco sobre a participação das crianças. A educadora valoriza o envolvimento das famílias para uma participação ativa das crianças. Segundo a educadora as crianças são mais motivadas quando os pais valorizam a atividade. Tenta sempre envolver os pais nas atividades que são desenvolvidas na sala e o efeito que tem sobre as crianças diz ser muito positivo. Considera que o envolvimento da família é fundamental na própria participação das crianças, no seu desenvolvimento.

Nota de Campo VIII

18/04/2016	Contacto com a Diana Ramos, projeto de Investigação na Casa do Povo de Valongo do Vouga
Local	<ul style="list-style-type: none">• Contacto via facebook e telefónico
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Conhecer quem foi o grupo de crianças que participou nos projetos de investigação de mestrado na Casa do Povo de Valongo do Vouga
Grupo de intervenientes	<ul style="list-style-type: none">• Eu e a Diana
Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none">• Conversa
Desenvolvimento	Contactei a Diana no dia 18 através do facebook. Expliquei o meu pedido de amizade, deixei o meu número de telefone. Através de outras pessoas amigas que conhecem a Casa do Povo pedi para conseguir o contacto da Diana. A Diana atendeu, não mostrou disponibilidade para conversarmos, mas facultou o nome das crianças que participaram no projeto. Já nenhuma se encontrava no CATL. Carolina, Ângela, Adriano, David e João.

19/04/2016	Reunião com a professora Bela Santiago
Local	<ul style="list-style-type: none">• Comissão de Proteção de Menores de Águeda
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Conhecer quem foi o grupo de crianças que participou nos projetos de investigação de mestrado na Escola EB 2/3 de Valongo do Vouga
Grupo de intervenientes	<ul style="list-style-type: none">• Eu e a profª Bela Santiago
Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none">• Conversa
Desenvolvimento	<p>Após reunião de Orientação do dia 15/06/2016, o contacto da Profª Bela Santiago era essencial para esta investigação, uma vez que conhece muito bem a realidade socioeducativa de Águeda pelos vários projetos que esteve envolvida, desde a génese do Movimento de Águeda, e da colaboração prestada às investigações que foram desenvolvidas na Escola de Valongo, onde faz parte.</p> <p>No final do dia 15 entrei em contacto com a Bela Santiago, para marcar um momento para nos encontrarmos para poder-me ajudar a saber se tinha algum contacto das crianças que estiveram envolvidas nos diversos projetos de investigação académica, desenvolvidos na escola de Valongo. Estava envolvida com a ação de sensibilização sobre os “maus tratos infantis” nas escolas do concelho e não tinha tempo, mas conseguia um momento no dia 19 pelas 9h15 na Comissão. Ia “aproveitar o fim-de-semana para recordar quem vai passando pelos projetos”.</p> <p>Apesar do dia 19 ter ficado marcado na minha agenda, na minha cabeça registei dia 18 e logo de manhã dirigi-me ao local. Dada a demora face à hora que tinha marcado, resolvi ligar. Amavelmente, veio-me encontrar. Não tinha em mente nenhuma criança, mas deu-me a oportunidade para lhe lembrar acerca dos projetos.</p> <p>Mencionei os projetos desenvolvidos desde 2010, o “Banco do Tempo” com a Benilde, o estudo realizado pela Rita Simões sobre os Fóruns e o Clube de Mediadores, desenvolvido pela Ana Coelho.</p> <p>Lembrava-se do Banco do Tempo, mas o Clube dos mediadores não se recordava, tem passado por vários projetos e a ideia que tem do Clube é com a psicóloga Rosália, mas ia-lhe perguntar se sabia de algum projeto ou havia registo de quem participou.</p> <p>No dia 19, então, à hora combinada encontrámo-nos. O dia anterior tinha sido importante para fazer o ponto da situação. Tinha conversado com a Rosália e não</p>

havia registo do Clube de Mediadores, sobre esse grupo não me conseguia ajudar, mas relativamente aos fóruns e ao banco do Tempo tinha o nome três crianças, que agora já seriam uns jovens, que estariam a frequentar a Marques Castilho e Adolfo Portela pelos 11ºanos ou 12º ano, que eram a Ana Coutinho, o Daniel Estima e a Diana Cancela. Participaram ativamente nos projetos na escola, eram grandes dinamizadores.

Pegou no computador e disse que tinha pedido amizade à Ana, que ainda não tinha aceite, mostrou-me a foto. Disse-me que ia ter uma reunião na Marques Castilho e que poderia perguntar se sabiam a que turma pertencia, o mesmo com os colegas. Sabia que a Diana andava na escola Adolfo Portela, mas não sabia mais nada sobre ela. “As crianças continuam os seus percursos, faz parte...os processos é que são importantes”, disse a Professora.

Pedi-lhe para me falar um pouco sobre o trabalho que desenvolveu nos anos 90, com os Grupos Comunitários em Águeda. Partilhou comigo que se fez muitas coisas, “a construção dos projetos eram feitos com as pessoas. As pessoas reuniam-se, produziam-se mudanças de dentro para fora. Hoje os tempos são outros.” Aconselhou-me a ver o filme “Para além da sala de aula”, retrata as estratégias que uma professora desenvolve na educação com um grupo de crianças em situação desfavorecida. Partilhou, ainda, o trabalho que estão a desenvolver nas escolas no âmbito da sinalização dos “maus tratos na infância” e de como é bom reencontrar os alunos crescidos a recordarem-se dela noutros encontros, por uma história que ainda guardam.

Ficou em tentar saber por onde andavam, mas que seria difícil encontrar. Falei que agora tinha mais informações para procurar. Agradei e despedimo-nos.

Nota de Campo IX

22/04/2016	Conversa com Ana Coutinho
Local	<ul style="list-style-type: none">• Soutelo, Macinhata do Vouga – Casa da Ana
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Revitalizar as memórias dos projetos que participaram;• Verificar se reconhecem a sua participação nos projetos;• Saber se os projetos criam oportunidades para que as crianças expressem os seus pontos de vista e contribuam para o bem-comum e contribuam para o exercício de uma cidadania mais ativa ao longo do seu desenvolvimento.

Grupo de intervenientes	<ul style="list-style-type: none">• Eu e a Ana
Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none">• Conversa informal (oportunidade de gravação)
Desenvolvimento	<p>Após reunião com a Profª Bela Santiago, através do facebook pedi amizade à Ana. Verifiquei que tínhamos uma amiga em comum, a minha colega de equipa de trabalho, com a qual tenho um laço de amizade mais chegado, é a madrinha da minha filha mais nova. Antes de conhecer a ligação que existia entre as duas, a Ana aceitou o meu pedido de amizade. Logo, lhe deixei uma mensagem a apresentar-me e a pedir para podermos conversar. De seguida, conversei com a minha amiga sobre a Ana, amiga comum do facebook, para saber de onde a conhecia e do interesse em a conseguir encontrar para esta investigação. A Ana é prima e conhece-me pela ligação que temos. Mostrou-se disponível para ajudar, mas explicou que a Ana, tem 19 anos, já se encontrava no 1º ano de Faculdade a fazer o curso de Medicina. Ligou-lhe, feliz, pelos caminhos que vida nos dá para nos encontrarmos. A Ana vinha no dia seguinte e podia-a contactar. A minha amiga, prima da Ana, são vizinhas. Então marcámos encontro para 6ªfeira de manhã pelas 10 horas em sua casa. Dei outras opções para nos encontrarmos fora de casa, eu podê-la ir buscar e conversarmos noutro local, mas a Ana preferiu na sua casa.</p> <p>Entretanto, tinha ido à escola EB 23 de Valongo e a Ana que participou no Banco do Tempo é a mesma pessoa que a Profª Bela Santiago fala da sua participação nos Fóruns. Uma coincidência feliz.</p> <p>Cheguei a Soutelo, Macinhata do Vouga, pelas 9h45 estive com a minha amiga, levou-me a casa da prima. A irmã da Ana tinha tido um bebé à umas semanas atrás. A mãe da Ana veio-me receber com muito carinho, ficámos a conversar à volta do bebé, fiquei emocionada a recordar o nascimento dos meus filhos, partilhámos o momento do nascimento do Tomás. Não podíamos ter tido um momento mais lindo para estabelecermos contacto. O Tomás, foi ao Centro de Saúde verificar o peso e foi o momento de nos focarmos no propósito do encontro.</p> <p>Conversámos do meu encontro com profª Bela Santiago dos nomes sugeridos, pela motivação na participação para além da Ana, o Daniel Estima e a Diana. E na escola a profª Goreti mencionou, também, a Andreia Lopes. A Ana fez referência que o Daniel tinha entrado em Ciências Biomédicas na Universidade de Coimbra, estava ligado ao tetro de Macinhata, e a Andreia tinha entrado em Beja, mas sabia que não tinha seguido.</p> <p>Expliquei à Ana o meu interesse sobre o direito de participação das crianças e das</p>

questões que pairam sempre que se desenvolvem os projetos com as crianças. O resgatar a memória de algumas das crianças que fizeram parte dos projetos será o contributo para a compreensão sobre aspetos importantes a considerar em questões relativas à participação das crianças.

A Ana achou muito interessante, desde que eu lhe deixei escrito no chat a intensão de saber sobre os projetos que tinha participado. Não tinha parado de pensar. Estava achar interessante. De repente, fazia todo o sentido a participação que tinha feito, mas nunca tinha pensado sobre isso até àquele momento.

Sentámo-nos na sala de jantar lado a lado, pedi-lhe para poder gravar para a minha memória não me atraiçoar. Perguntei se podia-o fazer e registar. Aceitou de imediato, “claro”.

Transcrição da conversa gravada em 27 de abril de 2016 das 10h às 10h30.

Eu: Quais foram os projetos em que participaste na escola de Valongo?

Ana: (pensou por uns momentos, o que fez com que eu acrescentasse)

Eu: Fizeste parte dos projetos de investigação do Banco do Tempo...

Ana: Sim, esse lembro-me.

Eu: Como é que foi essa participação?

Ana: Então, basicamente, nós tínhamos cheques do Tempo, e nós trocávamos atividades entre nós. Ou seja, existia entre nós uma pessoa que tinha mais dificuldade a ciências e eu até era boa a ciências, então o que fazia essa pessoa passava-me um cheque de uma hora em como eu atinha ajudado a estudar ciências, depois nós íamos acumulando aquelas horas que fazíamos pra ajudar os outros naquelas atividades que tinham mais dificuldade, e basicamente era isso. Depois, no final nós contabilizávamos os tempos e as horas que tínhamos dado e víamos se tínhamos saldo positivo ou negativo, era um bocado por aí, por o que eu me lembro.

Eu: E tu recebeste algum tempo. Porque o Banco do Tempo pressupõe um dar e receber (interrompeu-me)

Ana: é uma troca

Eu: Então o que é que tu recebias?

Ana: Eu não me lembro muito bem eu dava mais do que recebia, por acaso. Mas acho que sim. Havia Físico-química que eu era menos bom e recebia cheques do

Daniel Estima para me ajudar a Físico-química. Era uma troca...

Eu: Este Banco do Tempo, depois ficou na escola ou acabaram porque foi só no âmbito do projeto de investigação e acabou ali.

Ana: Eu sei que fiz aquele projeto, teve uma maior preponderância no meu 6º e 7º ano, mas depois acabou um bocado. Não sei se com os outros continuaram a fazer, mas no meu ano foi só durante aquele período de tempo.

Eu: A profª Bela Santiago falou-me da tua participação nos Fóruns? (mostrou-me grande entusiasmo)

Ana: Ah, sim. Nós realizávamos os fóruns, acho que era às 4ª feiras à tarde, se não me engano, mas antes nós juntávamo-nos antes o grupo com a professora para escolhermos o tema, para escolhermos o que poderíamos fazer para que as pessoas aderissem, pronto. Porque os fóruns têm aquele problema, nós juntávamo-nos, tínhamos trabalho, organizávamos, mas depois nem sempre as pessoas, os alunos, aparecem. Então, pronto era um bocado por aí. Nós juntávamo-nos, tentávamos encontrar quem é que nós podíamos chamar para falar sobre aquele tema de forma mais dinâmica e interessante.

Eu: Quem era professora responsável pela dinamização dos fóruns?

Ana: Eu acho que era com a professora Bela, eu lembro-me sobretudo dela. Era com ela que nós nos encontrávamos.

Eu: Era fora do contexto do tempo de aula?

Ana: Sim, era fora.

Eu: Tinha algum dia específico?

Ana: Os fóruns ocorriam à 4ª feira à tarde.

Eu: Era no tempo de tarde livre.

Ana: Sim, era, era na tarde livre.

Eu: E quando vocês convidavam as pessoas para falar, eram colegas vossos ou outros professores?

Ana: É assim, eu acho que tivemos professores e também colegas a falar. Dependia do tema, do que se quisesse falar.

Eu: Quais eram os temas?

Ana: Pronto, eu acho que eram aqueles temas: a “Obesidade”, esses temas que são

um pouco transversais, era por aí...a “Alimentação”, (com grande entusiasmo), lembro-me que fizemos um poster, para colarmos, para dinamizarmos, pronto eram aqueles temas, que são, eu vou procurar ei ainda devo de ter os cartazes e isso tudo arrumado. Era assim...”Tabagismo”, acho eu...prontos eram assim esses temas.

Eu: Tu sentes que de alguma maneira esta participação, este teu bichinho de estar envolvida nos projetos. Como é que tu começaste a participar neles?

Ana: É assim, pronto, foi muito pelos professores. **Os professores é que nos incutiam.** A parte do nosso básico, eles definem-nos a nossa personalidade, como é que vai ser. O facto de eles nos dizerem, eu acho que tu devias de participar porque é interessante, tem a ver contigo e tal, depois também tem a ver com o grupo que formam, com o Estima, com a Andreia, acabamo-nos por identificar e depois pronto aprendemos a gostar e depois até sentimos aquela falta de não dinamizar, precisamos mesmo. Era uma forma de nos ocuparmos. No básico ainda não temos assim tanto para estudar (risos).

Eu: Fantástico, fantástico! Como é que vem esta tua vontade de ir para medicina?

Ana: Medicina, sempre quis. Aliás medicina sempre quis porque, se calhar não tanto pela componente da ciência, mais pela componente humana. Eu sempre quis Medicina, por aquela parte de nos sentirmos úteis, deitarmo-nos à noite na almofada e pensarmos, fiz alguma coisa por aquela pessoa.

Tinha um bocado de medo de criar expectativas, porque medicina é aquela coisa de ser difícil de entrar e depois de posso não entrar e vou ficar tão triste, tao desiludida. Então, lá está, quero Medicina, se não for medicina, quero enfermagem, ou fisioterapia, mas sempre por aquela área de saúde. E pronto consegui entrar em medicina.

Eu: Estás envolvida noutros projetos? Na faculdade...

Ana: (grande entusiasmo) na faculdade por acaso estou, inscrevi-me, acho que é o “Bubbles”, que basicamente é assim, aquelas crianças que estão à mais tempo internadas no hospital, é nos atribuída uma criança que é o nosso “Bubble” e nós disponibilizamos cerca de 7 horas durante onze dias para acompanharmos aquela criança que está internada num tempo mais prolongado.

Eu: Fantástico!

Ana: É, por acaso é um projeto muito interessante.

Eu: Estás disponível para nos encontrarmos para dar continuidade a esta conversa.

Ana: Sim. Estou cá sempre ao fim-de-semana. É só combinarmos.

Eu: Obrigada!

No final da conversa, senti-me com a sensação de que este caminho de escutar sobre a participação desenvolvida, era muito valioso. Envolve emoções, afetos. É um revitalizar das memórias.

Nota de Campo X

27/04/2016	Conversa com Andreia Lopes, projeto Fóruns e Banco do Tempo
Local	<ul style="list-style-type: none">• Centro Social de Bem-Estar de Macinhata do Vouga.
Grupo de intervenientes	<ul style="list-style-type: none">• Eu e Andreia Lopes
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Revitalizar as memórias dos projetos que participaram;• Verificar se reconhecem a sua participação nos projetos;• Saber se os projetos criam oportunidades para que as crianças expressem os seus pontos de vista e contribuam para o bem-comum e contribuam para o exercício de uma cidadania mais ativa ao longo do seu desenvolvimento.
Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none">• Conversa (com oportunidade de gravação)
Desenvolvimento	<p>Neste dia fui a Macinhata do Vouga descobrir o Centro Social de Bem-estar de Macinhata, local que a Ana Coutinho tinha mencionado como possível para conseguir encontrar a Andreia. Uma vez, que nos tempos de escola ela costumava falar do centro. Cheguei a Macinhata e ao longe vi uma igreja, tomei-a como guia e encontrei o Centro de Bem Estar Social. As primeiras pessoas que vi foram crianças, brincavam no espaço ao ar livre da Instituição, acompanhadas por duas pessoas adultas. Toquei à campainha e estavam duas crianças, a arrumar os seus casacos, tinham acabado de chegar, deveriam frequentar o Jardim-de Infância, estavam junto de uma pessoa adulta, abriram-me a porta e não deixaram que eu explicasse o que precisava, rapidamente a senhora pediu-lhes para chamar a “Guida”.</p> <p>Apareceu uma senhora, com grande simpatia, dirigiu-se a mim e logo tive oportunidade de pedir ajuda. Apresentei-me, o meu nome, expliquei que estava ali no âmbito de uma investigação, de mestrado, que estava a desenvolver na Universidade de Aveiro, e que estava a estudar a participação das crianças. Na procura das crianças que fizeram parte dos projetos de investigação académica</p>

desenvolvidos nos anos anteriores no concelho de Águeda, verifiquei que na escola de Valongo dos vários projetos desenvolvidos foi mencionado o nome da Andreia Lopes e através de uma colega deu-me o nome do Centro, como um local de referência para a conseguir encontrar. A Guida, é Assistente Social no centro, conhece a Andreia à muito tempo. Explicou que a Andreia, tinha 18 anos, morava perto do Centro conhecia-a muito bem, encontrava-se a trabalhar no Hipermercado Continente, ia-lhe ligar para saber da disponibilidade dela. Conversámos um pouco de como eu tinha o nome da Andreia, através da Ana, um grupo de amigos que fizeram parte dos mesmos projetos na escola EB 2,3 de Valongo do Vouga. A Ana falou-me que já não estão juntos, tinham sido colocados em universidades diferentes. A Guida, falou que a Andreia não tinha seguido. Perguntei em que curso tinha ingressado. Foi em Serviço Social em Beja. A educadora disse lamentar bastante a Andreia não ter seguido os estudos, porque outras colegas tinham entrado na mesma universidade e dar-lhe-iam suporte. Retorqui que talvez não se sentisse à vontade e que a distância tenha sido uma forte justificação. Concordou, mas lamentou que agora que estava a trabalhar e a ter o seu próprio dinheiro dificilmente voltaria a estudar. Afirmei que as experiências que vai viver, talvez a voltem a pôr no caminho dos estudos, quando reconhecer o valor que o conhecimento lhe pode trazer na vida.

A Andreia atendeu. A Guida explicou que eu estava no Centro, o motivo de ali me encontrar e, logo, houve disponibilidade para me vir encontrar. Deixou-me à vontade para esperar na sala de visitas. Aproveitei para me focar no propósito da investigação que era conhecer a sua experiência de participação nos projetos que fez parte na escola e outros que possa estar envolvida.

Uma jovem entrou na porta, olhou com um ar hesitante e eu chamei o seu nome, Andreia. Sim era ela, cumprimentámo-nos, logo de forma calorosa, expliquei-lhe porque estava ali. Aceitou dar o seu testemunho sobre a sua participação, absolutamente disponível.

Conversámos como eu tinha chegado ali, que tinha ido à escola de Valongo com uma colega, Benilde, que desenvolveu um projeto de investigação de mestrado na escola de Valongo do Vouga, “ Banco do Tempo”, no 6º D. A professora Goreti, responsável pela gestão da escola de Valongo do Vouga, é a única que tem os ficheiros das turmas, identificou o grupo e mencionou os mesmas crianças que a professora Bela Santiago, pela sua assiduidade e participação nos projetos. A primeira pessoa que tinha conseguido contactar foi a Ana Coutinho que falou sobre a sua experiência de participação e disse-me como poderia encontrar a Andreia. A Andreia confirmou, fizeram parte do Banco do Tempo, lembra-se da Professora Bela Santiago, como a impulsionadora do projeto e de participar nos fóruns: “foi

giro, ganhei uns certificados de participação, mas não me lembro exatamente dos temas, mas lembro-me que foi importante, nós reuníamos-nos e estávamos envolvidos à volta de temas interessantes” - disse a Andreia, com um sorriso no rosto.

Expliquei-lhe que tudo que estava a partilhar comigo era muito importante e pedi se podia gravar, para não correr o risco de me esquecer de alguma coisa. Consentiu, “sem problema”.

Transcrição da conversa gravada em 27 de abril de 2016 das 10h às 10h30.

Eu: Andreia gostava de saber em que projetos participastes na escola?

Andreia: Participei no Banco do Tempo, que nós tínhamos um livrinho de cheques e com esses cheques ajudávamos as outras pessoas e apontávamos nos cheques quanto tempo dávamos às outras pessoas. Participei mais (silêncio)...

Eu: Nos fóruns (lembrou-se de imediato)

Andreia: Fóruns, também... participávamos às 4^a feiras à tarde, sobre variados temas, e eu fui alguns...sim aquilo era interessante. Já não me lembro é do que falávamos, mas aquilo era interessante, tenho lá os certificados em casa. Ali, acho que não participei em mais nada.

Eu: Consideras importante a participação das crianças nos projetos. Como é que tu vês, que significado é que tu dás?

Andreia: Sim, eu acho que é importante que se eles poderem dar um pouco do seu tempo aqueles que precisam mais, eu acho que eles vão ser umas crianças melhor no futuro.

Eu: Como é que tu fizeste essa participação. O que é que tu davas, o que é que tu recebias. Eu sei que tem que haver essa relação de solidariedade, tu dás mas, também, tens que receber.

Andreia: Nós trocávamos explicações, apontamentos, às vezes, basicamente era isso que nós trocávamos, ou então quando ajudávamos os mais pequenos, isso também contava. O Banco do Tempo era feito com as turmas do 9º ano e nós trocávamos entre nós.

Eu: Esse projeto teve continuidade?

Andreia: Não, eu acho que não. Quando acabou os 9º anos naquela altura eles não voltaram a fazer mais.

Eu: Mas porquê?

Andreia: Pois não sei. Se calhar, não lhes ocorreu a ideia, ou não acharam bem.

Eu: Quais foram as condições, Vocês tinham voz na escola? Tu sentias que de alguma maneira tu participares num projeto tinha impacto...

Andreia: Eu acho que não, aquilo era só restringido às turmas do 9º ano e mesmo

entre nós não havia impacto, alguns faziam porque eram obrigados, outros faziam porque gostavam.

Eu: Foi alguém que levou para dentro da escola essa proposta?

Andreia: Sim, sim não me recordo bem, foi uma professora nossa que sugeriu a ideia e então nós começámos a desenvolver, mas acabámos por aceitar bem e fazer.

Eu: Nos fóruns tu fizeste parte de algum tema?

Andreia: Sim, sim, eu nunca fiz parte de nenhum eu assistia só.

Eu: O facto de tu teres participado...eu sei que tu tens aqui uma ação no centro, és uma pessoas que tem apoiado este projeto. Como é que isto nasce em ti?

Andreia: Ah! Eu andei aqui desde pequenina e depois veio a Dra. a Guida e eu comecei a fazer voluntariado aqui. Eu conheço-os a todos.

Eu: Percebi o grande carinho que é sentido por ti. Mas, tu não achas que, de certa forma, esta abertura para a participação te ajudou também...

Andreia: Sim, sim, eu aprendi muito lá e aqui também.

Eu: Eu percebi ao falar contigo, com a Ana, com o Daniel que vocês tem uma ação na comunidade que também não é qualquer jovem, pessoa, que está no meio e participa. Eu gostava de entender se o facto de vocês participarem noutras ações também vos ajuda...

Andreia: eu acho que sim, também nos ajuda a ser pessoas melhores, ganhamos experiência e ajudamos os que precisam. Pelo menos no meu caso, acho que é assim.

Eu: Andreia, se por acaso conseguisse arranjar um grupo para falar das vossas experiências de participação, tu estarias disponível para o fazer.

Andreia: Sim, acho que sim. Tenho as 5ª e 6ª livres.

Eu: Muito, muito obrigada

Após a gravação tivemos ainda oportunidade de falar sobre a universidade, sobre esta paragem que não significa desistir. Trocámos email e telemóvel.

Ficou claro o benefício da participação, no brilho dos seus olhos enquanto falava e o carinho que sente pela instituição onde é voluntária.

Nota de Campo XI

27/04/2016	Conversa com Diana Cancela sobre a participação nos projetos na escola EB 23 de Valongo do Vouga
Local	<ul style="list-style-type: none">facebook
Grupo de intervenientes	<ul style="list-style-type: none">Eu e Diana Cancela
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">Revitalizar as memórias dos projetos que participaram;

	<ul style="list-style-type: none">• Verificar se reconhecem a sua participação nos projetos;• Saber se os projetos criam oportunidades para que as crianças expressem os seus pontos de vista e contribuam para o bem-comum e contribuem para o exercício de uma cidadania mais ativa ao longo do seu desenvolvimento.
Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none">• Conversa (via chat)
Desenvolvimento	<p>No dia 21 de abril, no seguimento da conversa com a Prof^a Bela Santiago, fiz um pedido de amizade através do facebook à Diana e deixei uma mensagem a explicar o meu motivo de procura: “Olá Diana. Obrigada por aceites o meu pedido de amizade. Estou a fazer uma investigação académica e a prof Bela Santiago deu-me o teu nome. O meu estudo é sobre a participação no âmbito dos projetos que vão sendo desenvolvidos nas escolas. Fizeste parte dos Fóruns na escola de Valongo. Será que podemos conversar? Obrigada.” – esta foi a minha tentativa de contacto. Em comum tínhamos uma amiga no facebook, uma jovem que participa no mesmo coro que eu. Perguntei-lhe se conhecia a Diana. Falou-me que sim, andam juntas na escola Adolfo Portela, no 11º ano, tem 17 anos.</p> <p>A Diana aceitou o meu pedido de amizade e logo iniciámos uma conversa. Perguntei-lhe se se recordava dos projetos que esteve envolvida na Escola de Valongo. Se participou nos fóruns ou no clube de mediadores.</p> <p>Respondeu-me que participou nos fóruns no 5º ano e no clube de mediadores no 9º ano, com a professora Rosália.</p> <p>Percebi que não era do mesmo grupo da Ana, nem do Daniel, nem da Andreia.</p> <p>Quis saber quando nos poderíamos encontrar. Disse não ter disponibilidade pelo período de tempo que necessitava agora de estudar. Quando pudesse me ligaria.</p> <p>Pedi-lhe se me podia falar sobre a sua participação nos projetos da escola, do significado que teve para si.</p> <p>Disse que: “Sempre valorizei estes projetos ... Aprendemos diferentes coisas, como puder lidar com diferentes situações , basicamente aprendamos a "crescer" e saber como "crescer" da melhor maneira. Valorizo estas iniciativas porque o tempo que passávamos juntos dava para socializar e aprender. Os tempos livres nas escolas deveriam ser ocupados desta forma, uma das maneiras de acabar com situações de drogas por exemplo!”</p> <p>Quis saber se havia participado em alguma reunião na Câmara no âmbito da Cidade Amiga das Crianças.</p> <p>Respondeu-me que não. Agradei.</p> <p>Todos os dias passámos a conversar um pouco.</p> <p>Voltámos a falar da sua participação nos fóruns no 5º ano. Perguntei-lhe: “Como é que participaste? Foste convidada? Preparaste algum tema? O que aconteceu?” e frisei a importância das suas informações neste processo de investigação.</p>

Explicou-me que “ Fui convidada a participar, e aceitei o desafio porque achei interessante e importante como já reforcei ontem...

Basicamente o que fazíamos era uma forma de encarar as realidades... Já não me lembro muito bem porque já lá vão 6 anos, mas sei por exemplo que fizemos um trabalho sobre as desvantagens do tabaco...

Sinceramente acho que estas iniciativas deveriam ser adotadas por todas as escolas, principalmente nos dias de hoje em que as gerações atuais nascem de tal forma entre as tecnologias que não sabem como crescer da melhor maneira, de forma a terem um bom futuro...Se por acaso esta iniciativa fosse adotada por todas as escolas muitos jovens eram capaz de pensar:"OK... Não vou participar! Farta de estar na escola estou eu! " não estou a usar as palavras certas mas sim, eu acho que está seria a primeira opinião. Mas se mergulhassem nesta experiência não queriam outra coisa... É ótimo aquele tempinho todos juntos e ter uma visão da realidade..."

Explique-lhe que pretendo estudar melhor sobre a participação das crianças. Peguei em todos os projetos desenvolvidos no concelho e através de quem participou nos projetos pretendo saber o que se recordam, o que valorizaram, se teve algum impacto na sua vida.

Respondeu: “muito interessante” e eu continuei a explicar que muitos projetos são desenvolvidos, há registos. Mas qual foi a participação de quem participou, será que se lembram ou valorizaram, ou será que é uma manipulação dos adultos?

Será que as crianças que participaram nos projetos são jovens mais participativos, disponíveis, interventivos?

A Diana respondeu de imediato: “não considero qualquer tipo de manipulação. Muitos mostram-se desinteressados na participação porque a divulgação deste tipo de projetos não mostram a verdadeira importância..."

Ainda lhe perguntei se estava a participar no momento noutro projeto e respondeu-me que “Não... Neste momento não..."

Na verdade, num projeto o caminho é realmente importante. Mas, revitalizar estas memórias da participação também é muito importante. Alimenta o percurso.

Ficou claro que neste grupo de jovens que tenho conseguido conversar, que a Daniela não fez parte dos mesmos projetos No entanto, revitalizar as memórias da participação nos projetos, valoriza as pessoas que deles fizeram parte. Através da comunicação dos sujeitos, entende-se a afirmação na expressão das suas palavras. São expressivos os benefícios da participação.

Nota de Campo XII

15/04/2016	Conversa com Viviana Gonçalves, Técnica no Centro Social de Recardães, responsável pelo Centro de Acolhimento.															
Local	<ul style="list-style-type: none">• Telefone															
Grupo de intervenientes	<ul style="list-style-type: none">• Eu e Viviana Gonçalves															
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Conhecer as crianças que fizeram parte do projeto de mestrado desenvolvido pela Ana Louro, sobre a participação das crianças.															
Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none">• Conversa															
Desenvolvimento	<p>A Viviana Gonçalves é Técnica no Centro Social de Recardães, responsável pelo Centro de Acolhimento Temporário. Em resposta ao meu pedido de ajuda para identificar as crianças que fizeram parte do projeto de investigação com Ana Louro, em 2014. A técnica cedeu-me os nomes das crianças e onde se encontravam. E o melhor dia para poder conversar com as crianças que se encontram no Centro. Deu como disponibilidade o dia 7 de maio de manhã.</p> <p>Grupo de crianças que fizeram parte do Projeto desenvolvido com a Ana Louro</p> <p>Grupo de investigadores vs Idade, em 2014</p> <table><tr><td>Sandra</td><td>13 anos</td></tr><tr><td>Ana Monteiro</td><td>11 anos</td></tr><tr><td>Joana</td><td>10 anos</td></tr><tr><td>Daniela</td><td>07 anos</td></tr><tr><td>Bruno</td><td>11 anos</td></tr><tr><td>Ana Cláudia</td><td>11 anos</td></tr><tr><td>Catarina</td><td>12 anos</td></tr></table> <p>Em 2016 só duas das crianças do grupo se encontram no Centro. Pelo que só será possível conversar com a Ana e a Sandra.</p> <p>Sandra - Acolhida no CAT Recardães</p> <p>Ana Monteiro - Acolhida no CAT Recardães</p> <p>Joana - Apoio junto dos pais</p> <p>Daniela - Apoio junto dos pais</p> <p>Bruno - Adoção Internacional</p> <p>Ana Cláudia - Apoio junto dos pais</p> <p>Catarina - Entregue à pessoa idónea</p>		Sandra	13 anos	Ana Monteiro	11 anos	Joana	10 anos	Daniela	07 anos	Bruno	11 anos	Ana Cláudia	11 anos	Catarina	12 anos
Sandra	13 anos															
Ana Monteiro	11 anos															
Joana	10 anos															
Daniela	07 anos															
Bruno	11 anos															
Ana Cláudia	11 anos															
Catarina	12 anos															

Nota de Campo XIII

04/05/2016	Conversa com Daniel Estima sobre a participação nos projetos na escola EB 23 de Valongo do Vouga
Local	<ul style="list-style-type: none">• Casa
Grupo de intervenientes	<ul style="list-style-type: none">• Eu e Daniel Estima
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Revitalizar as memórias dos projetos que participaram;• Verificar se reconhecem a sua participação nos projetos;• Saber se os projetos criam oportunidades para que as crianças expressem os seus pontos de vista e contribuam para o bem-comum e contribuem para o exercício de uma cidadania mais ativa ao longo do seu desenvolvimento.
Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none">• Conversa via skype

Desenvolvimento Depois de várias tentativas através do facebook, consegui o contacto telefónico do Daniel. A Ana Coutinho deu-me o contacto. Enviei uma mensagem a apresentar-me, a dizer o motivo do meu contacto e passado algumas horas o Daniel respondeu à mensagem. A mostrar-se disponível para o contacto e a poder colaborar no que fosse necessário. Na impossibilidade de conversarmos, porque durante a semana o Daniel encontra-se em Coimbra a estudar e de momento estava sem vir a casa. Pedi-lhe para podermos conversar de acordo com a sua disponibilidade, expliquei-lhe o objetivo do meu contacto, o recordar os projetos que participou na escola de Valongo. Combinámos conversarmos à noite. Perguntei-lhe da possibilidade de fazermos a nossa conversa via Skype, possibilitava eu gravar, não correndo o risco de perder alguma informação, se estivesse de acordo.

O Daniel concordou e às 21h combinámos conversar. Chegada à hora prevista, enviei mensagem para nos podermos conectar e ele pediu para o fazermos 30 minutos mais tarde, que estaria mais disponível. Assim foi. Revi a informação sobre o contexto da participação do Daniel, preparei o gravador e às 9h30, o Daniel estava online e enviava-me uma mensagem “pronto para começar”.

Transcrição da conversa gravada em 04 de maio de 2016 das 21h35 às 21h55.

Daniel: Boa noite!

Eu: Olá Daniel! Estava difícil, eu e as novas tecnologias, não é fácil mas eu esforço-me.

(Risos)

Eu: Ok. Agora sim. Daniel, conversei com a professora Bela Santiago para me ajudar a saber quem foram as crianças que participaram nos projetos. Identificou-me a Ana Coutinho, o Daniel Estima e a Diana Cancela. Depois fui à escola de Valongo e conversei

com professora Goreti e voltou a frisar o teu nome, o da Ana e acrescentou a Andreia.

Daniel: A Andreia? Era da nossa turma?

Eu: Foi...

Daniel: Acho que sei ...

Eu: Daniel, vai aí ao teu baú de recordações e o que é que te lembras das tuas participações. Quando andavas no 6ºD, fizeste parte do Banco do Tempo...

Daniel: Banco do tempo, sim Banco do Tempo, eu lembro-me vagamente do que era.

Eu: O que é que tu te lembras?

Daniel: Eu lembro-me que chegou lá uma senhora a apresentar o que é que era o Banco do Tempo, estive a explicar em que é que o projeto consistia, em nós fazermos para recebermos. Ou seja ajudávamos os outros, ajudávamos os nossos colegas. Tínhamos uns cheques por isso é que era o banco. Depois, imagina, gastávamos 20 minutos do nosso tempo ajudar a fazer o TPC ou assim e em troca eles preenchiam o cheque, como prestação como tínhamos feito tudo isso. Já não me lembro qual era o objetivo, se era ter mais cheques, se não, já não me lembro o objetivo, mas sei que aquilo depois era como uma troca, do tipo: eu era bom a matemática, ajudava a matemática a fazer os trabalhos, ela também me podia ajudar nisso na matemática. Ajudávamo-nos uns aos outros e isso era interessante e **dar para receber, era essa a motivação.** (silêncio)

Eu: E esse projeto demorou muito, pouco, tempo, lembras-te?

Daniel: Sim, no início ainda andávamos todos entusiasmados, era aquele entusiasmo inicial. Toda a gente andava, lá, com os chequezinhos. Precisava de ajuda a alguma coisa e ia ter com alguém. Por acas a Ana era que dava mais prestações, dava mais a toda gente. Pronto, era uma troca. E aquilo durou...não sei acho que no 7º ano, não sei se começámos com isso, eu acho que ela no início do ano, ela, ainda, voltou lá com isso. Não sei se foi para ver como correu, ó para dar um cheque ao projeto. Mas acho que ela ainda voltou, não sei se foi no ano seguinte, se foi no mesmo ano, mas aquilo ainda se prolongou um bocado. Mas a partir do 7º ano, já deixámos de fazer.

Eu: Ok. Depois, sei que tu, também, participaste nos Fóruns, lembraste?

Daniel: Lembro-me mas é uma vaga ideia. Eu lembro-me disso...organizavam-se fóruns para as pessoas, não era?

Eu: Eu sei que a professora a Goreti e profª Bela Santiago disseram-me que vocês tiveram um papel preponderante, motivador, conseguiam motivar colegas para trabalhar

determinados temas, parece que era à 4ª feira à tarde.

Daniel: Eu acho que era à 4ª feira à tarde, lá em cima numa sala que tínhamos música. Agora já não sei se existe, tinha lá a biblioteca, não sei se ainda lá está mas deve de estar, depois tinha umas escadinhas que sobe e era lá em cima que debatíamos determinados tema que se podiam fazer. Acho que trabalhámos o ambiente. E pronto, era preciso ajuda. Essa parte de sermos motivadores não me recorde, mas lembro-me de ir assistir.

Eu: Como é que a tua participação aconteceu, num e noutro projeto? Q Quais foram as condições que vos foram dadas para vocês terem voz na própria escola?

Daniel: Então, no Banco do Tempo, eu acho que eles pediram, não sei. Sei que nos fóruns foram os professores que nos falaram. Chegam à nossa beira, perguntam quem está interessado, nós oferecemo-nos e depois íamos fazendo as reuniões e íamos chamando mais pessoas. Depois, também havia, sobre o Banco do Tempo, havia uma senhora que foi lá apresentar o projeto e não sei bem...ela deu uns cheques a toda a gente, mas eu acho que houve alguém que tinha que ficar mais ou menos encarregue, não me lembro bem. Pronto, a Ana era a cabeça da turma e fiquei mais ou menos encarregue, também das coisas, talvez eu tenha ajudado. Os professores perguntavam e nós oferecíamos-nos. Não havia muita gente que se oferecesse, havia alguns. Foi desta forma.

Eu: Qual é o significado que tu dás à participação das crianças, nesses projetos?

Daniel: Eu acho que é importante para começarmos a trabalhar um bocado. Para já, para trabalharmos em grupo e depois porque é em crianças que começamos. E chegamos agora a esta altura e percebemos que isso nos ajudou na nossa vida. Porque eu acho que se fosse agora, se nós não tivéssemos isso mais cedo, que é quando nós nos estamos a formar e a criar como pessoas, acho que isso se for no secundário acho que é “isso agora não interessa, se calhar não é para nós”. Quando nós em crianças gostamos de aprender, também estamos mais atentos a tudo. Acho que é mais por isso. É bastante importante ser em crianças. (empolgado na conversa)

Eu: Achas que isso trouxe algum impacto na tua vida, achas que isso te influenciou de alguma maneira?

Daniel: Pois, eu acho que os fóruns, se calhar foram as minhas primeiras pisadas nalgum tipo de trabalho para o público, para apresentar às pessoas e trabalho de grupo e os professores dizerem é para fazer isto e nós **pesquisarmos e debater. Isso ajudou-me bastante na crítica e no estar a trabalhar numa coisa.** O Banco do Tempo também, é capaz, de ter mais um certo impacto a nível da consciência, deve ter um certo impacto por prestar serviços e **ser mais altruísta**, acho que sim é mais nesse género. Apesar que eu acho que não é aquele impacto, eu já não me recordava do Banco do Tempo, foi a Ana

que falou disso e depois trouxe-me recordações. Se calhar teve, mas os fóruns tiveram mais pela cooperação, acho que sim.

Eu: Agora deixa-me fazer uma última pergunta. Ao falar com a Ana e com a Andreia, eu fiquei a saber que tu fazes parte de um grupo de teatro de Macinhata

Daniel: Sim, Sim (sorridente)

Eu: Eu acho que mostra a tua participação ativa na comunidade. Que pessoa fantástica é esta. Diz-me como chegaste ao teatro.

Daniel: Ao teatro (sorriso). Eu antes do teatro andava no rancho que eras danças. Mas no teatro eu nunca tinha feito, vi lá uns cartazes disse à minha mãe e fui. Comecei a gostar de fazer as coisas, até que houve um momento em que eu tive de escolher, porque os horários eram coincidentes do rancho e do teatro. E pronto optei por escolher pelo teatro. Havia razões eu já estava a ficar um bocado cansado do rancho e acho que foi uma das minhas melhores escolhas. Porque eu neste momento gosto de fazer, nem me imagino sem fazer teatro. E é bom eu fazer uma personagem e vamos fazer rir as pessoas eu gosto bastante quando estou atuar fazer rir os outros. Gosto de interagir com as pessoas. Aí não sou eu, represento uma personagem e estou mais à vontade com as pessoas, tecnicamente não vou ser julgado por isso. E além disso traz-me uma maior facilidade, porque eu ao interagir com o público, eu ao fazer apresentações orais estou muito mais descontraído ao apresentar conteúdos ao público, estou muito mais descontraído, consigo fazer uma coisa não muito maçada e um bocado divertida, deu para trabalhar bem essa parte. Quando se gosta, acho muito interessante participar nas atividades, porque quando não se gosta não vale a pena andar a forçar, é um bocado maçado, não temos vontade de fazer nada.

Eu: Muito Bom. Tenho aqui muito para começar a escrever. Estou aprender muito. Questiono-me sempre até que ponto é que a participação não é da cabeça dos adultos, envolver as crianças, e a ouvir-vos, vocês veem dizer que é tão importante a participação das crianças no desenvolvimento

Daniel: O problema desse trabalho é que nós eramos uma turma de 30 e só 5 é que dão valor. Essas atividades valem a pena para esses 5, para os outros 25 podem até não valer muito significado. Há sempre uma minoria que é sempre quem vai ter mais impacto, que vai dar valor a esses projetos.

Eu: Daniel qual é a tua disponibilidade para poder fazer outro contacto?

Daniel: Ao fim de semana estou na universidade, mas ao fim de semana vou sempre para casa. Estou livre, tenho o teatro, mas pronto se precisar de alguma coisa. Não me importo de participar.

Eu: Muito, muito obrigada. Daniel.

Daniel: De Nada.

Nota de Campo XIV

06/05/2016	Conversa com a Rita Martins sobre a participação no projeto de Investigação com Ana Rita Coelho na escola EB 23 de Valongo do Vouga
Local	<ul style="list-style-type: none">• Na sala de apoio às pesquisas dos professores
Grupo de intervenientes	<ul style="list-style-type: none">• Eu e a Rita Martins
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Revitalizar as memórias dos projetos que participaram;• Verificar se reconhecem a sua participação nos projetos;• Saber se os projetos criam oportunidades para que as crianças expressem os seus pontos de vista e contribuam para o bem-comum e contribuem para o exercício de uma cidadania mais ativa ao longo do seu desenvolvimento.
Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none">• Conversa e imagens do projeto com a Ana Coelho
Desenvolvimento	<p>Desde que iniciei o processo de procura das crianças que fizeram parte dos projetos de investigação na escola e Valongo, tenho estado várias vezes na escola. Uma para identificar as crianças que fizeram parte, ver se conseguia contactos, mas foi difícil, pelos horários dos alunos e disponibilidade. Têm a 4ªfeira e a 6ª feira à tarde livres. No entanto a 4ª feira à tarde é usada para apoios na escola e só resta a 6ª feira. Deixei o meu contacto com a Vice presidente da Escola, o bom foi que consegui encontrar duas das crianças que se encontram a frequentar o 9º C, têm 14 anos, fizeram parte do projeto do clube de mediadores, as restantes colegas, já não se encontram naquela escola. Estão dispersos por outras escolas em Águeda no 10º e 11º anos. De forma a ficar certo o encontro na semana anterior tinha conversado voltar à escola no final das aulas, 13h30, o que a professora concordou.</p> <p>Refletindo melhor sobre a forma do encontro e a abordagem às duas jovens que nunca tinham ouvido falar de mim, considerei prudente ir à escola durante as aulas e não no fim. Assim, na 6ªfeira desloquei-me à escola de forma a estar no primeiro intervalo. Assim, voltei ao gabinete da Direção, a professora Goreti não estava, mas estava colega, professora Teresa, que havia estudado comigo em criança. Foi um encontro caloroso e de grande ajuda. Falei de todo o processo que tenho estado a desenvolver para encontrar as meninas que fizeram parte do Clube, do grande apoio que a professora Goreti me tem dado, mas que ainda não tinha conseguido. Deixou-me à vontade no gabinete e foi à sala pedir para que no intervalo as meninas fossem à Direção.</p>

Às 10h, duas meninas espreitavam na porta rapidamente as identifiquei e quebrei o nervosismo inicial. Expliquei que era eu que tinha pedido a sua ajuda. Simpaticamente sorriram. A professora Teresa levou-nos para uma sala, com vários computadores, onde se encontrava um professor. A professora ficou sem saber fazer muito bem com o colega que estava no computador e eu deixei-o à vontade. Pedi desculpa pelo incómodo, se podíamos conversar naquele espaço sem o perturbar. Ele disse que podia sair, disse para ficar à vontade. Ele ficou e eu e a Rita sentámo-nos. A colega que trazia consigo no primeiro momento da conversa deixou a Rita comigo, foi embora, sem dar tempo para conhecer e a Mariana, não estava a vir à escola. Estava doente. A Rita com um rosto muito simpático, envergonhada, mas disponível, esperava que conversasse com ela. Íamos a iniciar e professora Goreti veio ter connosco, explicar-me que a inda não tinha tido possibilidade de ter entregue o meu contacto, “ainda bem que já conseguiram conversar”. Agradei a possibilidade de poder estar ali, ela despediu-se e nós iniciámos a nossa conversa.

A Rita tem 15 anos, frequenta o 9º ano, a mãe é doméstica e o pai é empregado fabril.

Comecei por apresentar-me e explicar porque estava ali e como tinha chegado à Rita e à Mariana.

A Rita começou por dizer que a Mariana esteve toda a semana doente, mas que se eu precisasse ela falava com ela, moravam próximas. Concordei, que seria uma grande ajuda, até poder ouvi-las fora da escola, se tal fosse possível, não tinha que ser necessariamente na escola.

Perguntei o que se recordava da sua participação no Clube de Mediadores.

A Rita explicou-me que foi no âmbito de um projeto para pensar sobre a Cidade Amiga das Crianças. Disse: “foi interessante, fizemos entrevistas a colegas e funcionários sobre os Direitos das Crianças, foi giro. Fomos a Gouveia e estivemos com crianças da Bela Vista, fomos à Câmara estivemos com o Presidente Gil Nadais e Com a Dra. Elsa Corga para falar sobre a cidade, não me lembro muito bem, e também estivemos na universidade de Aveiro com a Professora Rosinha Madeira”.

Questionei como é que tinham participado no projeto. Respondeu que era “às 4ª feiras à tarde, os professores convidaram-nos, veio uma menina falar connosco. Preparávamos o que íamos fazer...as entrevistas e conversávamos” (de forma controlada a Rita ía partilhando).

Perguntei como via, o que achava, sobre a participação das crianças. Respondeu: “acho bem, importante, fiquei admirada com a participação das crianças da Bela

Vista, elas falavam de uma maneira que nós nunca tínhamos pensado, nem imaginava que fossem capazes. É realmente, é importante. Elas falaram quando vão a uma loja e não têm rampas como é que entravam quem tinha cadeira de rodas, nunca tínhamos falado nisso, pensado nisso. Elas falaram. Por isso acho importante ouvir a opinião das crianças.” – Percebia-se no diálogo da Rita que já não se considerava criança, já se pronunciava como os mais crescidos, sobre os mais pequenos.

Quis saber se fazia parte de algum projeto. Respondeu-me que “não, por acaso nunca fiz mais parte de nada”. Perguntei se não houve outros projetos em que gostasse de participar, ou fosse convidada. E ela disse “não, nem sei, não surgiu, não sei”.

Era o intervalo da Rita e senti que era o tempo livre dela. Apesar, de não haver qualquer sinal da parte dela em querer ir embora, ía sentindo mais à vontade à medida que íamos conversando. Agradei, trocámos números de telemóveis, ajudou-me a guardar o seu número no meu telemóvel e disponibilizou-se para falar com a Mariana. Foi uma boa empatia que se gerou. Abraçamo-nos e combinei ligar nos próximos tempos para podermos conversar, também, com a Mariana.

Despedi-me do professor que permaneceu na sala e no final mostrava um sorriso aberto.

Saí, mais uma vez, com a ideia de como era importante as crianças participarem nos projetos. No entanto, a continuidade dos mesmos, a permanência das crianças nos projetos, em novos ou nos mesmos deveria ser bem pensada. Pois, sentia-se uma afirmação da participação, mas depois um vazio, um a seguir mais nada. Não retira valor ao que foi desenvolvido, mas deixa a esperança para mais.

Nota de Campo XV

07/05/2016	Conversa com a Ana e Sandra sobre a participação no projeto da Ana Louro, no Centro de Acolhimento Temporário de Recardães
Local	<ul style="list-style-type: none">Na sala de estudo do Centro de Acolhimento Temporário de Recardães
Grupo de intervenientes	<ul style="list-style-type: none">Eu, a Ana e a Sandra
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">Revitalizar as memórias dos projetos que participaram;Verificar se reconhecem a sua participação nos projetos;Saber se os projetos criam oportunidades para que as crianças expressem os seus pontos de vista e contribuam para o bem-comum e contribuem para o exercício de uma cidadania mais ativa ao longo do seu desenvolvimento.

Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none">• Conversa e imagens do projeto com a Ana Louro
Desenvolvimento	<p>Após reunião de Orientação sobre a leitura dos projetos de investigação desenvolvidos em Águeda, o passo seguinte foi encontrar as crianças que fizeram parte dos projetos. Segundo a Prof^a Rosinha as crianças que participaram no projeto com a Investigadora Ana Louro estiveram na apresentação do seu trabalho num encontro na Biblioteca promovido pela Câmara Municipal, sobre a Cidade Amiga das Crianças. Entrei em contacto com a Viviana Gonçalves, Técnica no Centro de Acolhimento, e pedi-lhe informações sobre as crianças que estiveram envolvidas no projeto desenvolvido no Centro. Logo me facilitou os dados, salientando que só duas crianças se encontravam no centro. Tentei marcar visita, mas de momento não foi possível, andavam envolvidos em diversas atividades que estavam acontecer pela visita do Bispo de Aveiro ao local. Dentro da disponibilidade, manifestada seria o dia 7 de maio, sábado. Considerei perfeito.</p> <p>Assim, na véspera liguei para confirmar e ficou agendado para as 11 horas. À hora combinada liguei à Viviana para dizer que já me encontrava e ela já esperava por mim, com o Senhor Afonso, pessoa responsável pelo centro e a D^a Filipa, senhora que acompanhava as meninas nos seus afazeres. Feitas as apresentações surgiu a Ana, abraçou a Viviana com muito carinho, o espaço era extremamente familiar e acolhedor. A Viviana, conversou com a D^a Filipa, sobre a roupa das meninas, a D^a Filipa percebia-se que colocava ordem nas roupas e regras nos espaços, entretanto chegou a Sandra. Perguntou-lhe se tinha o almoço orientado, porque era o seu dia de cozinhar, respondeu que sim, levou-nos para a sala de estudo. Uma sala acolhedora, com uma estante de livros, com prateleiras onde cada criança tinha os seus livros arrumados, um computador e uma mesa ao centro. A Viviana e o Senhor Afonso deixaram-me completamente à vontade, fecharam a porta deixaram-nos as três. Logo, tentei quebrar o gelo. Apresentei-me, expliquei porque estava ali. Elas mostraram-se conhecedoras com o motivo da minha vinda ao Centro.</p> <p>Comecei por perguntar do que se lembravam do projeto que desenvolveram com a Ana Louro. A primeira a falar foi a Sandra, a Ana observava-me e sorria.</p> <p>Sandra: Eu lembro-me de pouca coisa. Lembro-me que desenhávamos, as coisas que gostávamos, mas não sei mais nada. Não me lembro de mais nada. Desenhávamos umas coisas onde gostávamos de estar fora daqui, onde nos sentíamos bem era assim uma coisa.</p> <p>Tentei através de palavras que fizeram parte do projeto buscar recordações.</p> <p>Eu: era sobre o brincar, tempos livres...</p>

Sandra: Era isso, era para repetirmos as rotinas diárias.

Eu: E vocês saíram da instituição, não saíram?

Sandra: nessa altura. Não saímos. Nós reuníamos-mos lá em cima no gabinete técnico e estávamos lá.

Eu: Como é que foi a vossa participação no projeto?

Sandra: As doutoras chamaram-nos e perguntaram-nos se nós queríamos e nós fomos. Estivemos lá com ela. Ela apresentou-se, convivemos, acho que fizemos o jogo da “Teia” e depois nos outros dias começamos a fazer a nossa rotina diária, desenhos.

Eu: Vocês pensaram sobre a Cidade de Águeda?

Sandra: Não.

Eu: Vocês foram fazer alguma apresentação à biblioteca ou à Câmara?

Sandra: Não sei.

Eu: Terão ido à biblioteca, ou à Câmara

Sandra: Não. Fomos a qual quer lado apresentar um power point, não sei se foi à biblioteca.

Eu: Então e esse power point foi sobre quê? Sobre os espaços, o brincar?

Sandra: Deve ter sido qualquer coisa assim.

Eu: Acham que o facto de participarem nos projetos aqui, na escola, vos ajudam de alguma maneira.

Sandra: Ajudam no desenvolvimento, tanto psicologicamente, como fisicamente. Temos outra perceção das coisas.

Eu: E tu Ana, como é que foi a tua participação...tu participaste? Tu gostaste...

Ana: Sim...eu gostei.

Eu: E agora fazem parte de algum projeto? O que é vocês fazem?

Sandra: Agora vamos para a escola, vemos televisão, temos telemóvel, estudamos, vamos para o computador, ouvimos música, ao fim-de-semana limpamos as coisas, cozinhamos, quando está bom tempo passeamos e ao domingo preparamos as coisas para ir para a escola, é assim. (percebia-se que se guiou pelo projeto desenvolvido, falou sobre as rotinas)

A Ana e a Sandra estavam em casa diferentes. Explicaram-me pelas idades e pela escola. A Ana tem 14 anos anda no 5º ano na Fernando Caldeira e a Sandra tem 15 anos anda na escola Adolfo Portela, no 8ª ano. A Sandra diz que é das mais velhas e a Ana parece que de repente se lembra que a minha cara lhe era estranha.

Ana: Eu conheço-te. Tu vais à escola buscar meninos da Bela Vista.

Foi muito bom para a Ana sentir confiança. Até aquele momento, ela ouvia tudo que a colega dizia e eu, mas pouco participava. Mesmo quando me dirigia a ela.

Eu: É verdade. Eu trabalho na Bela Vista e estou com os meninos que andam na escola. Tens algum colega que ande na Bela Vista?

Entusiasmada respondeu:

Ana: Tenho a Juliana...

Pensei que a Juliana que está comigo frequenta o 4º ano. Então acrescentei os colegas da mesma turma, para perceber.

Eu: A Juliana, o João...

Ana: Sim e um outro que se porta muito mal.

Eu: Então mas esses colegas estão agora no 4º ano, e tu estás no 5º?

Ana: Sim, mas andei com eles no ano passado e via-te.

Voltei a olhar para a Sandra e como estávamos a falar da escola.

Sandra: Eu não gosto de andar na escola, não queria andar na Adolfo Portela, eu era aluna do IDL (Instituto Duarte Lemos) mudei, acho que não podia ficar mais no IDL, uma colega veio fazer o 9º ano na Adolfo e eu tive de vir, acho por causa dos transportes.

Eu: Mas vieram contigo outros amigos do IDL.

Sandra: sim, vieram. Mas lá era diferente, tínhamos mais atividades, a maneira dos professores darem aulas eram diferentes, eles chamavam a nossa atenção. No Adolfo, não, nós estamos a dormir. Lá eles faziam com que nós participássemos.

A Sandra estava muito entusiasmada enquanto falava nas escolas. Ainda voltei a questionar sobre a questão de como participavam, mas a resposta foi “era diferente”. Voltei de novo ao projeto do qual tinham feito parte. Mas não recordavam mais nada. Questionei se participavam noutros projetos.

As duas responderam que não e a Ana acrescentou:

Ana: Eu quase nunca participo. Eu não gosto de andar na escola.

Valorizei a escola como um espaço de multiaprendizagens, de amigos. Mas a Ana interrompeu-me.

Ana: Eu não gosto de andar na Fernando Caldeira, eles são muito violentos.

Comigo levei marcas do projeto que desenvolveram com a Ana Louro, desenhos, fotos do grupo em trabalho.

A Sandra começou por dizer que não tinha participado em todos os encontros e a Ana disse bastante empolgada:

Ana: Eu fui, eu participei.

Vimos os desenhos, mas disseram que não estiveram nesse encontro.

Observaram uma foto de grupo e identificaram-na. As duas disseram que foi no ATL, mas a Sandra acrescentou “eu não estive lá” e a Ana “mas eu estive, fomos apresentar o que estávamos a fazer à Cláudia, à Gabriela...”

Eu: Então, o que é que vocês estavam apresentar?

Ana: Eu já não me lembro, já foi à muito tempo e essas meninas já não estão cá, só cá estou eu.

Mostrei mais uma foto de uma menina com uma caixa de sugestões.

Ana: Essa é a Joana.

Eu: O que é que a Joana estava a fazer?

Ana: Não sei já não me lembro.

Eu: Mas vocês fizeram aquela caixinha, parece de sugestões.

Ana: Era, era. Fizemos, fizemos.

Eu: Seria para dar sugestões, opiniões.

Ana: Era, era. Nós púnhamos á papéis.

A Sandra de repente parece se ter lembrado.

Sandra: Era para pôr na caixinha o que gostavam de fazer no ATL. Mas eu não estava, eu não participei. Eu não estou aqui neste CAT, estou no das mais velhas.

Eu: E tu participas, dás tua opinião, és ouvida?

Sandra: Eu gosto de estar aqui. Eu sou ouvida, mas às vezes gostava de ter mais

liberdade, sair com os meus amigos, mas nem sempre posso. Elas não nos proíbem, às vezes até nos deixam ficar às 4^a feiras à tarde em Águeda e às vezes até vamos Aveiro passear, mas não é a mesma coisa.

Mostrei compreensão pelo que me estava dizer, mas acrescentei que por vezes o não deixar ir significa proteção, cuidado que os adultos têm.

Sandra: Eu sei. Tenho amigos da minha turma que vão para todo o lado e ninguém lhes diz nada, fazem o que querem. Eu não gosto disso. Eu não gosto de pais controladores, que não deixam ir para lado nenhum, mas também não gosto dos que deixam fazer tudo. É assim.

A Ana no final da conversa segurava-me a mão, enquanto a Sandra expunha as suas ideias. Agradei terem partilhado comigo o seu tempo. Sorriram agradavelmente e abraçámo-nos. Pedi para me levarem a despedir da D^a Filipa, a adulta, que estava responsável naquele momento. Mostraram-me a casa enquanto procurávamos a D^a Filipa. A D^a Filipa apareceu a desculpar-se por não estar na casa. Agradei-lhe aquele momento, mostrou-se disponível sempre que eu quisesse visitar. A Sandra, ainda me acompanhou até ao carro, ficava a caminho da sua residência e ainda partilhou que um dia gostava de vir a trabalhar com crianças ou ser assistente social como a dra. Filipa. Terminámos o encontro com um “a gente vê-se por Águeda”.

Nota de Campo XVI

09/05/2016	Conversa com a Mariana sobre a participação no projeto “Cidade Amigas das crianças” na Borralha
Local	<ul style="list-style-type: none">• Na casa da Mariana
Grupo de intervenientes	<ul style="list-style-type: none">• Eu e a Mariana
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Revitalizar as memórias dos projetos que participaram;• Verificar se reconhecem a sua participação nos projetos;• Saber se os projetos criam oportunidades para que as crianças expressem os seus pontos de vista e contribuam para o bem-comum e contribuam para o exercício de uma cidadania mais ativa ao longo do seu desenvolvimento.
Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none">• Conversa e a cópia do power point apresentado na biblioteca de Águeda
Desenvolvimento	Depois de contactar a Gabriela sobre a participação das crianças da Borralha no projeto “Cidade Amiga das Crianças”. Passou-me o power point apresentado pelas crianças no encontro realizado na Biblioteca e Águeda sobre a “Cidade Amiga das Crianças”. E identificou três crianças que estiveram no encontro: a Mariana, o

Gabriel e a Salomé. Mantinha ligação, ainda com algumas famílias das crianças e abordou-as no sentido de as vir a contactar. Esta apresentação inicial foi extremamente importante. Liguei ao Gabriel, mas não consegui falar, a Salomé não tinha contacto e deu-me do pai da Mariana.

Entrei em contacto com o pai da Mariana, apresentei-me, expliquei o objetivo do meu contacto, mostrou-se disponível. Disse que a Mariana tem o tempo muito ocupado com explicações e atividades na escola. Mas combinou que 2ª feira saía às 13h30 e que poderíamos marcar para as 14h30, em sua casa. Identificou a casa e à hora combinada do dia 9 de maio estava na porta do condomínio da Mariana.

O pai, mandou-me subir ao apartamento, muito agradável. Mas senti-me desconfortável, em entrar no espaço da família. Mas revelava confiança em mim, pelas informações que gentilmente a Gabriela com quem estiveram no projeto, havia dado sobre mim. Cumprimentámo-nos, logo chamou a Mariana e direcionou-os para a cozinha, ele estava na sala a fazer uns trabalhos no computador. A Gabriela tinha-me falado que era professor de Educação Física, que talvez eu conhecesse. Mas, ainda não o conhecia.

Sentámo-nos, comecei por agradecer a ajuda que me estava a dar. Expliquei como tinha chegado a ela, que pretendia revitalizar as memórias que tinha da sua participação no projeto Cidade Amiga das Crianças. Começou por dizer que não se lembrava de muito, não sabia como me poderia ajudar. Lembrava-se de ter participado com o Gabriel que agora achava que andava no IDL, a Salomé também participou mas foi para o Porto e a Carolina também, disponibilizou-se para falar com ela, costumavam estudar juntas. Vou escrever esta nota de campo em forma de diálogo que facilita na reposição da conversa, a qual escrevi assim que entrei no carro.

Mariana: Não me lembro muito bem, eu era um bocadinho pequena. Nós íamos para a biblioteca. Agora que falou no projeto “Cidade amiga das Crianças” e nós estávamos a ver o que era possível melhorar na Borralha e depois eu acho que nós fomos lá apresenta-las, na biblioteca.

Tinha levado comigo power point que a Gabriela me tinha enviado, que tinha sido apresentado na Biblioteca.

Eu: Este projeto foi desenvolvido no ano letivo em 2011/2012, andavas em que ano?

Mariana: Andava no 4º ano na escola da Borralha, na turma da professora Graça.

Eu: Então, diz-me que memória guardas desse projeto, da ida à biblioteca, como é

que foi?

Mariana: Foi muito interessante. Nós ficámos a saber de problemas que as outras cidades têm. Nós ao ouvirmos os outros grupos a falar sobre as suas cidades, nós também ficávamos com ideias de como melhorar. Nós nesse encontro na biblioteca, nós estivemos também a observar o que as outras escolas também estavam a apresentar, foi isso.

Eu: Mas antes disso quem é que sugeriu o projeto como é que iniciaste a tua participação?

Mariana: Foi a nossa professora, que era a professora Graça, a professora apresentou e quem quis agarrar e ela escolheu, certos alunos foram apresentar porque queriam. Mas a iniciativa foi da nossa professora.

Eu: Vocês estiveram em alguma atividade na Universidade de Aveiro?

Mariana: Não.

Eu: Então depois de vocês observarem aspetos sobre a cidade, o que fizeram com o que recolheram? (ficou a pensar) Tiveram alguma ação, houve continuidade?

Mariana: Acho que não. Foi só apresentar na biblioteca, eu pelo menos não me lembro de mais nada.

Eu: Que impacto que achas que isto teve em ti, consideras importante, o que é que sentiste?

Mariana: Sim eu acho que é muito importante para os adultos verem a opinião das crianças. Às vezes elas pensam de uma maneira melhor, de maneira diferente. Foi interessante ver as opiniões das outras pessoas. Alertou-me para outras coisas. Eu não sou da Borralha, mas como fiz lá escola isso ajudou-me a ficar mais alerta e alguma coisa que eu via, tinha mais ideias, para mudar alguns aspetos que eu achava que estava mal e que agora já estão melhor.

Eu: Melhoraram, sentiste que houve mudança com as sugestões que vocês deram?

Mariana: Eu, acho que uma das sugestões foi fazer um parque novo porque o parque antigo era de areia e iam para lá muitos animais, então pedimos para mudar e pedimos para arranjar o parque para as pessoas se juntarem lá, para conviverem, para se conhecerem. Para haver atividades que ajudassem a relacionar as pessoas, que eu me lembre não era mais nada.

Eu: E isso á já está acontecer?

Mariana: Eu não sou de lá, mas vou lá à catequese e pelo menos agora já há bancos e as pessoas convivem.

Eu: E o parque foi mudado?

Mariana: Aquilo era provisório porque a nova escola estava ser feita, era provisório, nós estarmos ali. Destruíram aquele parque e puseram lá bancos para quando nós estamos na catequese ou se reunirem e nós ficamos lá a conviver.

Eu: Então, o que vocês disseram produziu efeitos positivos. Mas vocês entregaram as vossas opiniões ao Presidente da Câmara ou à Dra. Elsa Corga.

Mariana: Nós entregámos à professora, que fez chegar e a Gaby, também.

Eu: A Gaby esteve convosco no projeto?

Mariana: A Gaby era nossa catequista e acompanhou o projeto, conversávamos também com ela.

Eu: Qual é o significado que tu dás à tua participação, que impacto teve?

Mariana: É importante, nós fazemos estes projetos, mudar o que está errado, ajudar as pessoas. Eu acho que mesmo que não tenha grande impacto, nada é importante a nossa participação nos projetos, vemos o que está mal e o que está bem.

Eu: Estás a fazer parte de algum projeto agora?

Mariana: Sim, sim. Sou voluntária no projeto “Make a Wish” na escola Marques Castilho.

Eu: Explica-me melhor como é que esse projeto de voluntariado?

Mariana: Esse projeto de voluntariado, nós participamos nesse projeto “Make a Wish” nós andamos na escola a vender uma estrelas no Natal para angariar dinheiro, no dia Aberto da escola também fizemos um “Flash Mode” e tivemos uma barraquinha onde vendíamos coroas, pinturas faciais e esse dinheiro vai todo para o projeto.

Eu: E que projeto é esse?

Mariana: É para ajudar os sonhos de crianças que têm doenças fatais. Nós achamos que é importante.

Perguntei-lhe ainda se a poderia contactar de novo para poder ter outra conversa ou participação. Respondeu prontamente.

Mariana: Sim, sem problema nenhum.

Estivemos juntas cerca de 30 minutos. No final, levantou-se abriu a porta da sala ao pai para eu me despedir. Agradei a amabilidade de me receberem. Perguntei de novo ao pai se poderia entrar em contacto de novo. Concordou.

Neste encontro ficou tal como nos restantes contactos claro os benefícios da participação.

Nota de Campo XVII

09/05/2016	Conversa com o Gabriel sobre a participação no projeto “Cidade Amigas das crianças” na Borralha
Local	<ul style="list-style-type: none">• Por Telemóvel
Grupo de intervenientes	<ul style="list-style-type: none">• Eu e o Gabriel
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Revitalizar as memórias dos projetos que participaram;• Verificar se reconhecem a sua participação nos projetos;• Saber se os projetos criam oportunidades para que as crianças expressem os seus pontos de vista e contribuam para o bem-comum e contribuem para o exercício de uma cidadania mais ativa ao longo do seu desenvolvimento.
Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none">• Conversa telefónica
Desenvolvimento	<p>Voltei a ligar para o contacto que a Gabriela me tinha dado do Gabriel. Depois de muito insistir, atendeu a mãe. Apresentei-me, identifiquei a Gabriela que me deu o contacto. Percebeu, mas foi contida nas palavras. Precisava de saber da disponibilidade para me encontrar com o Gabriel, mas podia começar por conversar um pouco com ele naquele momento, se pudesse. Chamou o Gabriel, disse que era a senhora que a Gabriela tinha falado. Senti-me uma intrusa, mas era necessário.</p> <p>O Gabriel atendeu. Apresentei-me, contei-lhe que hoje tinha conversado com a Mariana, que fizeram parte do mesmo projeto “Cidade Amiga das Crianças”. Por trás ouvia-se a mãe. Disse-lhe que a Mariana me tinha dito que andava no IDL, porque já alguns dias que tentava falar com ele e quando soube que andava no IDL, perguntei à minha filha se conhecia um Gabriel do 8º ano e ela disse-me que andava um menino da Borralha na turma dela. Perguntei-lhe se conhecia a Vitória. Confirmou, que eram da mesma turma. A partir dali pareceu mais fácil a conversa.</p> <p>Eu: Lembraste de ter participado no projeto “Cidade Amiga das Crianças”?</p> <p>Gabriel: Sim, eu lembro-me. Participámos no 4º ano, na escola com a professora Graça.</p>

Eu: E lembraste o que fizeram, como é que o projeto se desenvolveu?

Gabriel: Tínhamos que pensar sobre a cidade de Águeda, dar sugestões e fomos à biblioteca fazer uma apresentação de um power point. Queríamos zonas com mais árvores. (Ouvia-se a mãe a falar de caixotes de lixo) Acrescentou - caixotes de lixo.

Eu: Aconteceram mudanças a partir das vossas sugestões?

Gabriel: Sim, acho que sim. Colocaram mais caixotes, que eu reparei quando vamos para a catequese. Há outras que não. Nem tudo foi possível, mas é natural.

Eu: Foi importante a tua participação para ti?

Gabriel: Sim, foi. Acho importante dizer o que está certo e errado numa cidade.

Eu: Teve algum impacto em ti, mudou alguma coisa?

A mãe falava por trás – mais ativo.

Gabriel: Sim, participo mais.

Eu: Fizeste ou fazes parte de outros projetos.

Gabriel: Não depois daquele, não.

Eu: Gabriel, é muito importante as informações e o tempo que partilhaste comigo. Será que te posso voltar contactar para podermos conversar melhor?

Gabriel: (reticente) Sim, acho que sim.

Agradei e pedi para passar à mãe.

Agradei de novo o facto de terem disponibilizado o tempo. Pedi desculpa, estava-me a sentir uma intrometida, mas era realmente importante poder ouvi-lo, ter o seu parecer e permissão para participar.

Respondeu-me que tudo bem.

Perguntei se poderia contar com a colaboração. Concordou, embora com pouco à vontade.

Nota de Campo XVIII

12/05/2016	<ul style="list-style-type: none">• Conversa com a Mariana Almeida sobre a participação no projeto de Investigação com Ana Rita Coelho na escola EB 23 de Valongo do Vouga
Local	<ul style="list-style-type: none">• Pastelaria em frente à escola
Grupo de	<ul style="list-style-type: none">• Eu e a Mariana

intervenientes	
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Revitalizar as memórias dos projetos que participaram;• Verificar se reconhecem a sua participação nos projetos;• Saber se os projetos criam oportunidades para que as crianças expressem os seus pontos de vista e contribuam para o bem-comum e contribuem para o exercício de uma cidadania mais ativa ao longo do seu desenvolvimento.
Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none">• Conversa
Desenvolvimento	<p>Depois da conversa com a Rita sobre a sua participação no projeto de investigação com a Ana Rita Coelho, identificámos a Mariana como tendo uma participação ativa no projeto. No entanto, a Mariana estava doente, à uma semana que não vinha às aulas. A Rita partilhou que eram vizinhas e que poderia marcar com a Mariana um dia para nos encontrarmos, que ela deveria gostar de participar na conversa. Ligou durante a semana a dar-me o número da Mariana e a garantir que também estaria a acompanhar a colega.</p> <p>Liguei à Mariana, mostrou-se conhecedora do motivo do meu contacto e agendámo-nos encontrar na 5ªfeira, depois dos testes que tinham na semana e depois das aulas. Questionei sobre o local para nos encontrarmos, se dentro ou fora da escola. E a Mariana não hesitou a sugerir o espaço da pastelaria em frente à escola, que é um local onde os colegas se juntam nos intervalos e no fim das aulas. Pareceu-me bem ser fora da escola.</p> <p>Assim, no dia 12, 5ªfeira, às 15h30 estava eu em frente à escola. Liguei para confirmar a minha presença e disse-me que já se encontrava na pastelaria à minha espera.</p> <p>Quando entrei na pastelaria, estava cheia, a Mariana encontrava-se a lanchar, sozinha. Foi fácil identificar pelo olhar atento para a porta.</p> <p>Disse o seu nome, levantou-se e cumprimentámo-nos, pedi um lanche para a acompanhar. Chegou a Rita, juntou-se a nós. No café estava muito barulho, pessoas da terra e estudantes enchiam o espaço. Todos se conheciam.</p> <p>Expliquei à Mariana o meu interesse em conhecer o que se recordava da sua participação no projeto com a Ana Rita Coelho, no âmbito de um projeto de investigação académica. A colega já lhe havia falado, logo começou a explicar com grande fluência e à vontade.</p> <p>A Mariana tem 15 anos, frequenta o 9º ano. A mãe é ama e o pai trabalha numa fábrica.</p> <p>Mariana: Então, a primeira sessão começámos por fazer um “Bingo”, que era um</p>

jogo, ainda tenho isso guardado se quiser e depois começámos por ver aqui na nossa zona o que achávamos que estava correta, o que não achávamos e depois desenhámos um mapa com isso tudo. A vermelho assinalámos o que achávamos que não estava correto e a verde o que achávamos que estava correto. Fomos a Gouveia. Deixa ver o que me lembro mais, já não me lembro de muita coisa.

(Depois de um silêncio prolongado para se tentar lembrar, acrescentei)

Eu: E a ida à Gouveia, como é que se organizaram?

Mariana: Fui eu e a Rita, apesar de estarmos no projeto mais 5 ou 6 elementos, não quiseram ir. Eu e Rita é que nos envolvemos mais, as outras não queriam ir. Fomos a Gouveia, falar sobre o projeto a várias pessoas. Depois também fomos à Camara colocar as nossas questões, falar do que havia de ser alterado, apresentar o nosso projeto.

Eu: Achas que foram ouvidas, houve mudança, como é que foi?

Mariana: Eu acho que não.

Eu: Mas quais foram as sugestões que vocês deram, que acharam que era possível mudar, mas que na realidade não aconteceu?

Mariana: Eu tenho isso apontado, mas não me lembro. Ah, mas também fizemos umas entrevistas cá na escola sobre os Direitos das Crianças. Eu tenho tudo apontado.

Eu: E que impacto é que a tua participação teve na tua vida, influenciou?

Mariana: Influenciou. Ficámos a saber o que é uma Cidade Amiga das Crianças, os nossos direitos, ficámos a saber que a nossa voz também é importante para as pessoas. Eu gostei muito de fazer parte deste projeto.

Eu: Fazes parte de algum projeto, atualmente?

Mariana: Faço parte da Associação de estudantes.

Eu: E como é que essa participação na Associação de estudantes?

Mariana: É boa, de muita responsabilidade. Basicamente, nós temos de representar a escola e mostrar aos alunos que fizeram bem em nos escolher e temos de fazer várias atividades. Ajudamos a melhorar o que vemos de errado. Por exemplo se vimos alguém a sofrer de bullying temos objetivo ajudar.

Eu: Consideras que ganhaste voz com a participação no projeto?

Mariana: Sim. Deixámos de ser tão envergonhadas como eramos. Depois de irmos a Gouveia, à Câmara e depois fomos à Biblioteca e falámos para várias pessoas. Nós fomos falando e cada vez foi-nos custando menos. Ganhámos confiança sobre aquilo que estávamos a dizer.

Eu: Quais foram as condições que vos foram dadas para participarem, lembrás-te?

Mariana: Na altura, tínhamos outra Direção, não fomos muito apoiadas. Do que me lembro a Direção, nem sabia disto. Depois de mudar de Direção, o novo diretor apoiou-nos mais, disponibilizou-se mais. Quando fomos à Câmara ele apoiou-nos. Quando fomos a Gouveia tivemos de ir com a Bela Vista. Esta direção agora apoia-nos mais, na altura não.

Eu: Como é que vocês se reuniam, como é que aconteceu?

Mariana: Deram-nos uma sala, reuníamo-nos com a Rita à 4ª feira à tarde, mas duvido que sabiam o que estávamos a fazer, quando fizemos as entrevistas ninguém estava a par de nada.

Eu: Sobre a Cidade Amiga das Crianças, vocês voltaram a este projeto?

Mariana: Não. Houve uma altura em que a professora Rosa entrou em contacto comigo para irmos à Universidade para falarmos disto, mas depois a professora ficou doente e não chegámos a ir, mas depois não voltámos a falar, não houve mais oportunidade.

Eu: Gostavas de o fazer, se tivesse uma oportunidade de ir à universidade, por exemplo, falar sobre isso gostavas?

Mariana: Se eu tivesse oportunidade, gostava.

Eu: Depois do projeto, as pessoas que se juntaram continuaram a fazer caminho juntas, como na Associação?

Mariana: Não. Elas foram-se embora. Eu e a Rita participámos em listas diferentes para a Associação. Apesar de nós sermos 6 no projeto, as que mais participaram fui eu e a Rita. Sempre que havia alguma coisa para fazer, elas mesmo diziam “vão vocês”, eu e a Rita. Acho que estávamos mais motivadas. Nós estávamos no 6º ano elas no 8º, acho, talvez por isso não tivessem tão motivadas.

Eu: Depois do projeto com a Rita ...?

Mariana: Depois da Rita ainda fomos à biblioteca, foi a Professora Rosa que convidou, depois eramos para ir à universidade, mas não chegámos a ir. Mas a escola agora está mais aberta. O professor Vitor Martins está muito disponível para

a nossa participação, ele ouve e para ele é importante a participação dos alunos, mais do que na sala de aula. De certeza que se lhe propuser um projeto ele aceita e ajuda. A professora Goreti, que faz parte da gestão da escola, foi nossa professora de ciências no 7º ano, ela também é muito porreira. Preocupa-se que os alunos entendam a matéria e não avança se perceber que alguém não entende. Ela também veio ter comigo para saber se já tínhamos conversado consigo. Eu vou-lhe enviar o power point do projeto e se precisar de mais alguma coisa, diga. Gostei muito de fazer parte do projeto com a Rita, na verdade sentíamos que o projeto era nosso. Nunca mais ouvi falar nada da Rita, até gostava de saber como ela está. Ela dava-nos liberdade absoluta. Ela só dizia é preciso fazer uma apresentação do projeto e eu e a Rita tratávamos.

Eu: Foi muito importante a vossa participação no projeto. A Professora Rosinha recorda muito bem a Vossa participação.

Mariana: Os meus pais apoiaram muito, porque a professora Rosa entrou em contacto com eles e pediu para me deixarem ir a Gouveia. Disse-lhes que eu ia chegar muito longe. Isso deu-me mais vontade em participar.

Neste momento, a colega Rita, que esteve todo tempo ao lado e em silêncio, falou:

Rita: A minha mãe ficou muito contente por você lhe ter ligado a contar que esteve comigo. Quando ela me disse que tinha ligado, eu ainda não lhe tinha contado, não costumo falar. Mas ela estava contente por saber de si e depois eu falei-lhe, mas ela já sabia. (Este contacto eu estabeleci-o por um número que a Rosinha me tinha cedido como ligado ao projeto com a Rita Coelho. Descobri que se tratava da mãe da Rita. Expliquei à senhora o motivo da minha conversa com a Rita, o encontro que tinha sido na escola através da professora Goreti. Mostrou-se satisfeita com a participação da filha).

Dei o meu email, agradei bastante a disponibilidade. Ainda conversámos sobre o projeto que foi desenvolvido na Casa do Povo, também sobre a Cidade Amiga das Crianças e do meu interesse em encontrar as crianças que fizeram parte do projeto. Conteí-lhes que tinha conseguido o contacto de alguns colegas que participaram no projeto através de um amigo comum, que encontrei na escola e fez parte do da Bela Vista, o Wazyneide. Conheciam um Wazy, fazia parte da Associação de Estudantes Enviei mensagem mas não tive resposta. A Mariana disse que após a colega falar sobre a minha procura, descobriram que a Carolina, que era da mesma turma que elas, tinha estado a participar num projeto parecido na Casa de Povo de Valongo no ATL. Incrível, no momento que estamos a falar chega a Carolina ao café. A Rita correu logo para a chamar. Apresentei-me, pedi-lhe uns minutos para podermos

conversar se pudesse. Aceitou. Juntámo-nos na partilha do lanche, conversámos sobre o café como ponto de encontro dos alunos no intervalo das aulas. Agradei a disponibilidade com que me receberam e valorizei a sua participação.

À noite a Mariana enviou o power point que prepararam e apresentaram em Gouveia, na Câmara e na Biblioteca.

Nota de Campo XIX

12/05/2016	<ul style="list-style-type: none">• Conversa com a Carolina sobre a participação no projeto de Investigação com Diana Ramos na Casa do Povo de Valongo do Vouga
Local	<ul style="list-style-type: none">• Pastelaria em frente à escola
Grupo de intervenientes	<ul style="list-style-type: none">• Eu e a Carolina
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Revitalizar as memórias dos projetos que participaram;• Verificar se reconhecem a sua participação nos projetos;• Saber se os projetos criam oportunidades para que as crianças expressem os seus pontos de vista e contribuam para o bem-comum e contribuem para o exercício de uma cidadania mais ativa ao longo do seu desenvolvimento.
Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none">• Conversa
Desenvolvimento	<p>A Carolina tem 14 anos, está a frequentar o 9º ano, na mesma turma da Rita e da Mariana. A mãe trabalha numa fábrica e o pai é camionista.</p> <p>As colegas permaneceram na mesa, perguntei se poderíamos marcar uma hora. Disse que poderia ser já ali. Conversei com a Carolina que desde que soube pela Diana que participou no projeto Cidade Amiga das Crianças, tinha tentado falar com ela. Que lhe havia enviado uma mensagem a pedir a oportunidade para nos encontrarmos. Que tinha enviado para todo o grupo dos quais o Wazyneide me tinha dado os contactos.</p> <p>Confirmou que tinha dado o contacto ao Wazy, sabia que andava a tentar falar com ela e que estava a tentar reunir o grupo, mas que não conseguia. Agradei a disponibilidade e tranquilizei-a que o importante era ter a possibilidade que estava a ter de conversarmos.</p> <p>Carolina: Então, nós fomos à Câmara mostrar o projeto que nós fizemos sobre a nossa região e o que gostaríamos de mudar. Queríamos mudar o Parque Infantil ao pé da igreja e agora ele já está melhor.</p> <p>Eu: Vocês entenderam que aquilo que tinham pedido a Câmara vos ouviu.</p>

Carolina: Sim.

Eu: Como é que vocês participavam nas sessões com a Diana?

Carolina: Não me lembro bem.

Eu: Vocês tinham algum dia que reuniam?

Carolina: Às 6ª feiras, nós juntávamo-nos sempre à tarde, íamos para uma sala para falar o que podíamos melhorar, mas já não me lembro de quase nada.

Eu: Lembras-te de quem participou no projeto?

Carolina: Lembro. Foi a Ângela, o David, o JP, andam por aí.

Eu: Tu achas que foi importante teres participado no projeto?

Carolina: Sim. Acho que foi importante mas não sei explicar.

A Carolina não mostrava grande à vontade sobre o projeto. Pedi-lhe ajuda para conseguir conversar com os colegas. Disse que o David era seu primo podia-lhe falar. A Ângela e o João Pedro não costumavam estar juntos.

Conversei que tinha uma amiga que morava ali, partilhei o nome dela disse que era prima. Falei que tínhamos trabalhado juntas na Bela Vista. Ela reconheceu-me porque a prima tinha falado de mim. Apesar, da Carolina estar mais à vontade percebi que as memórias que tinha partilhado tinham surgido pela participação que as amigas haviam partilhado nos intervalos, quando falaram que eu viria conversar com elas e que foi aí que trocaram impressão sobre o projeto que haviam participado.

Terminámos a nossa conversa com a possibilidade de nos encontrarmos para conversar com o David.

A única pessoa que me respondeu à mensagem, depois de eu ter ligado e não atenderem foi o João Pedro. Primeiro mostrou-se disponível para nos encontrarmos na escola, disse que preferia no café. Confirmei, combinámos uma hora, mas à hora combinada não apareceu, mas mandou mensagem a pedir desculpa que se tinha enganado na hora, tinha aulas e que não tinha outra disponibilidade e “não me lembro do que fizemos no projeto na Casa do Povo”.

Agradei este encontro e despedi-me.

Nota Campo XX

17/05/2016	<ul style="list-style-type: none">• Conversa com a médica, Dra. Maria José Tovar
Local	<ul style="list-style-type: none">• Extensão de Saúde da Borralha
Grupo de intervenientes	<ul style="list-style-type: none">• Eu e a Dra. Mª José Tovar
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Revitalizar as memórias dos projetos que participaram;• Conhecer como o Projeto Cidade Amiga das Crianças foi desenvolvido na Borralha;• Saber quem foram as crianças que participaram no projeto Cidade Amiga das Crianças;
Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none">• Conversa
Desenvolvimento	<p>Neste dia fui encontrar com Dra. Zé Tovar no Centro de Saúde da Borralha. Logo no primeiro contacto estabelecido, nesta primeira fase da caminhada da investigação, o nome da Doutora surgiu no encontro na Universidade de Aveiro, no âmbito da comemoração da 22ª aniversário da Convenção dos Direitos das Crianças, como participante no “Pensar a Cidade”. Tanto como médica, como cidadã desenvolve um forte trabalho comunitário. Tornou-se importante saber como estava envolvida no Projeto Cidade Amiga das crianças, como havia chegado à Borralha, quem foram as crianças que estiveram envolvidas.</p> <p>A Professora Rosinha fez o contacto, o que facilitou a disponibilidade para ser recebida. E no dia 18, à tarde, dirigi-me ao Centro de Saúde da Borralha e apesar de algumas pessoas buscarem a sua atenção, o que evidenciava a proximidade que estabelece com os doentes, fomos para o seu consultório e logo me passou algumas fotos dos encontros com as crianças sobre o Projeto Cidade Amiga das Crianças.</p> <p>Partilhei que já havia contactado com a Mariana e o Gabriel. Tem na memória a Mariana, bastante participante no grupo, apesar de não ter sido na altura eleita para representar o projeto, pela sua motivação fez parte integrante do grupo. Uma pessoa que igualmente identifica com um papel preponderante foi o Micael. Que foi votado pelo próprio grupo para ser a voz do trabalho desenvolvido no Projeto.</p> <p>Eu: Como é que iniciaram o Projeto na Borralha? Foi iniciado depois do Encontro na Universidade de Aveiro?</p> <p>Zé Tovar: Não. Quando estivemos nesse encontro algumas crianças que faziam parte da turma já foram apresentar o que estavam a fazer.</p> <p>Eu: Como é que tiveram conhecimento do Programa da UNICEF sobre a Cidade Amiga das Crianças?</p> <p>Zé Tovar: Pela Rosinha. Falou-nos do Projeto, da possibilidade de Águeda vir a ser</p>

uma Cidade Amiga das Crianças. Na altura, 2011, a escola era feita mesmo aqui ao lado, enquanto estava a ser construído o agrupamento, conversei com a Professora Graça que é uma professora, que deve estar a ir para a reforma, muito interessada em desenvolver a consciência política nas crianças. E foi com a turma dela que se começou a pensar a Borralha, a dar sugestões e a programar as atividades de acordo com questões pertinentes do projeto.

Funcionava muito bem, dentro do horário escolar. Só com uma professora interessada era possível desenvolver o projeto, pelas próprias saídas que foram acontecendo dentro e fora do terreno,

Foi feito tudo com rigor. A turma votou, criaram urnas caixas de voto, Lembra-me que uma das sugestões propostas foi ter mais árvores, mais ecopontos, espaços de convívio.

No dia da árvore, até as famílias participaram na colocação das árvores.

Ajudou bastante o presidente da junta de Freguesia. Naquela altura, as freguesias eram distintas. As crianças reuniram com o Presidente da Junta. Ouviu-as e apoiou.

A Dra. assegurou que a professora Graça poderia dizer mais alguma coisa.

Eu: E o projeto continuou?

Zé Tovar: Não. É preciso mudar as dinâmicas na escola com os professores para que estas aprendizagens sejam realizadas. Os professores têm o programa para dar.

Arranjou-me o contacto da Mãe do Micael, que talvez atendesse.

Agradei. Dei o email para que me possa enviar outras fotos que venha a encontrar e despedi-me

Nota de Campo XXI

19/05/2016	<ul style="list-style-type: none">• Conversa com a Raquel, participante nos Fóruns na Escola EB 23 de Valongo do Vouga
Local	<ul style="list-style-type: none">• Casa da Raquel em Bustos
Grupo de intervenientes	<ul style="list-style-type: none">• Eu e a Raquel
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Revitalizar as memórias dos projetos que participaram;• Verificar se reconhecem a sua participação nos projetos;• Saber se os projetos criam oportunidades para que as crianças expressem os

	seus pontos de vista e contribuam para o bem-comum e contribuem para o exercício de uma cidadania mais ativa ao longo do seu desenvolvimento.
Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none">• Conversa
Desenvolvimento	<p>.A Raquel foi uma criança sugerida pela professora Bela Santiago que havia participado nos fóruns. Informou que já não estava na escola, encontrava-se a trabalhar. Mas, manifestou que seria muito positivo conseguir conversar com ela. Caracterizou-a como uma pessoa muito esforçada e motivada, com muita vontade de aprender, “seria bom busca-la”. Era explícito o carinho e o cuidado da professora com a Raquel. Arranjou-me o contacto através do último trabalho que a Raquel teve e eu contactei-a.</p> <p>Demorou algum tempo a atender pelo número desconhecido, mas acabou por atender. Pela maneira disponível como me recebeu ficou claro que estava à espera do meu contacto. Apresentei-me, identifiquei o meu interesse sobre o foco sobre a sua participação nos projetos da escola. Falou-me que trabalha num restaurante, não tinha horários muito flexíveis, no entanto estava disponível para conversar comigo. Disse-me que o melhor horário seria entre as 9 e as 10 horas da manhã, porque às 11h30 já teria que estar a trabalhar. Marcámos o dia, às 10 horas para que descansasse uma vez que termina tarde. E no dia combinado, logo às 8 horas ligou-me a pedir desculpa, mas que necessitava de entrar mais cedo ao trabalho. Disse para marcarmos para uma próxima oportunidade, mas rapidamente disse que só precisava que eu a fosse encontrar o mais cedo que conseguisse. Foi um novo dia mágico, a tentar descobrir aonde ficava Bustos e o local onde me explicou que morava. Às 9h15 estacionava o carro junto a um bloco de apartamentos, ligo-lhe para dizer onde-me encontrava e parei em frente onde morava. Da porta do apartamento saía uma jovem. Propus procurarmos uma pastelaria, mas sugeriu conversarmos no seu apartamento para estarmos mais à vontade.</p> <p>A Raquel tem 20 anos, mora com o namorado. A mãe está emigrada em França, trabalha a fazer limpezas, tem 6 irmãos. Ela é a 3ª mais velha, as duas irmãs mais velhas estão autónomas e os irmãos mais novos estão com a mãe. Trabalha desde os 12 anos.</p> <p>Iniciámos a nossa conversa com o conhecimento comum, a professora Bela Santiago. Disse-me que lhe tinha ligado a falar do meu interesse em falar com ela para uma investigação e que ficou à minha espera. Mas que via um número desconhecido e não costuma atender, mas que achou que podia ser eu e então atendeu. Falei-lhe um pouco do que faço profissionalmente e do que estava a fazer na universidade e começámos.</p>

Eu: Raquel, fala-me da tua participação na escola de Valongo.

Raquel: Então, a professora Bela veio falar comigo. A perguntar-me se eu queria participar nos fóruns. E eu como gosto de comunicar, de investigar, disse logo que sim. E pronto como nós no fim das aulas não tínhamos nada para fazer, ou ía para casa, ou a gente fica cá fora no recreio e às vezes não se faz nada. Então eu comecei a participar. A professora dava os temas e nós debatíamos lá, que era uma coisa muito interessante. Nós preparávamos cartolinas, eu acho que era giro. E começou assim.

Eu: Lembras-te de algum tema que tenham trabalhado, que tenha tido mais significado para ti?

Raquel: É assim nós trabalhávamos vários temas, eu lembro-me que houve um que falámos do ambiente. Acho que foi esse. Mas o que marca lá mais foi o convívio, é o convívio, é o partilhar de ideias, a gente sabe o que outro pensa. E a professora também nos incentivava para aquele momento de estarmos todos reunidos.

Eu: Em que ano é que andavas?

Raquel: A professora teve essa ideia, eu andava no 7º e participei até ao 9º. Havia sempre atividades.

Eu: Lembras-te do Banco do Tempo?

Raquel: Lembro-me que havia sempre atividades. A professora divulgou o Banco do Tempo, mas por falta de aderência dos jovens muitas coisas não iam para a frente. Esse foi um deles. O pessoal tem um ideia errada, pensa que vai ser uma chatice e não. É divertido porque nos juntamos todos e debatemos as ideias.

Eu: Que benefícios sentes da tua participação nos fóruns?

Raquel: A nível da cultura. A professora dava um tema e nós queríamos saber mais. Também a nível de expressividade. Para já estamos dentro de um grupo e isso ajudou-me muito. Eu já era comunicativa, mas isso ajudou-me a ser mais. Apesar, de sermos um grupo pequeno.

Eu: Quantos eram?

Raquel: Ah, penso que uns 6, 7.

Eu: Lembras-te da Ana Coutinho, do Daniel Estima, da Andreia...

Raquel: Lembro-me desses todos. A Ana era muito inteligente. Eram eles os que iam sempre, outros uma vez iam, outras não. O pessoal pensava que era uma seca. É

como em Religião e Moral pensam que é uma seca e não vão. E não é. Dá-nos cultura. Os jovens devem ser incentivados a ir. Mas não, ficam lá fora, não fazem nada. É interessante podermos **conviver**.

Eu: Quando e quantas vezes vocês se reuniam?

Raquel: Às 4ª feiras à tarde, quando tínhamos tarde livre.

Eu: Que impacto é que teve para ti?

Raquel: Impacto, muito positivo. Sempre que encontrávamos a professora nós queríamos saber quando havia outro fórum. Foi **positivo porque fica na memória**. Está a ver agora foi possível nós estarmos aqui a falar. Nós podíamos falar com a professora sobre tudo. Ela era espetacular! Depois é amizade que se cria. Eu ainda hoje converso com essas pessoas. Com o Daniel, encontrávamo-nos na Adolfo Portela e conversávamos. A nível pessoal, começamos a ver outros aspetos a **sentirmo-nos mais seguras**, Começamos a falar mais uns com os outros. Começamos a ficar mais seguros sobre aquilo que diz. Pesquisamos e descobrimos que o que pensávamos saber, afinal não é assim. Ficamos a saber mais sobre os assuntos.

Eu: E hoje em dia fazes parte de algum projeto?

Raquel: Para além dos fóruns, falámos no Banco do Tempo. De fazer um favor alguém e depois essa pessoa tem de nos fazer a nós. Mas essa iniciativa não foi para a frente, porque os jovens não participam. Quando estava na escola eu participava nas listas. Também havia outro tipo de aulas de astronomia, ainda cheguei a ir, mas andava a tirar a carta de condução e nem sempre dava. Mas pronto **adoro participar**. Uma coisa que os fóruns tiveram é que eu já era comunicativa, mas depois começamos a falar e perdemos aquele medo. Por isso, é que eu nas exposições orais eu tinha altas notas. Porque ganhamos bagagem, perdemos a timidez. No Fórum falávamos para um número reduzido mas isso ajuda a falar para um número maior. A minha mãe também me apoiou muito a eu participar. Mais tarde, comecei a ter uns problemas familiares e foi quando me desliguei.

Eu: Posso contar contigo para participar noutro momento deste projeto?

Raquel: Sim. Eu pego das 11 às 17 horas. Só ao domingo é que estou de folga.

Agradei aquele momento e continuámos a conversar mais um pouco. Deu-me a conhecer um pouco da sua vida, levou-me a conhecer o seu apartamento.

Este trabalho de resgatar as memórias da infância através da escuta gera um sentimento de valorização pessoal aos participantes dos projetos. À medida que a

conversa se desenvolveu os olhos ganhavam brilho, a comunicação tornou-se fluída e mais do que a memória de um projeto fica a partilha de uma história de vida.

Nota de Campo XXII

23/05/2016	<ul style="list-style-type: none">• Conversa com a Professora Graça Neto da escola da Borralha, dinamizadora do Projeto Cidade Amiga das Crianças na Borralha
Local	<ul style="list-style-type: none">• Sala de Biblioteca da escola
Grupo de intervenientes	<ul style="list-style-type: none">• Eu e a Professora Graça
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Revitalizar as memórias dos projetos que participaram;• Conhecer como o Projeto Cidade Amiga das Crianças foi desenvolvido na Borralha;• Saber quem foram as crianças que participaram no projeto Cidade Amiga das Crianças.
Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none">• Conversa
Desenvolvimento	<p>No seguimento da conversa com a Dra. Zé Tovar sobre o projeto Cidade Amiga das crianças desenvolvido na Borralha o passo seguinte foi conhecer a prof^a Graça, pessoa responsável pelo grupo de crianças que participara no projeto. Apesar, de não ter contacto, sabia que continuava ligada à escola. Então, fui de manhã à escola, pela hora da entrada, procurar pela professora Graça. Muito trânsito a circular na estrada, muitas crianças aglomeradas junto à porta da entrada e na lateral uma criança sentada num banco sozinha, os meus olhos na confusão de entrada na escola fixaram-se nela como uma ajuda para encontrar a professora. Dirigi-me à menina, disse-lhe - bom dia. Não me olhou diretamente. Pelo que repeti bom-dia e que precisava de ajuda. Olhou-me, então. Sentei-me ao seu lado.</p> <p>Eu: Podes-me ajudar, procuro pela professora Graça. Mas, não conheço a escola, nem sei como a encontrar. Podes-me ajudar?</p> <p>A menina olhou para o parque de estacionamento ao lado da escola e disse:</p> <p>- Vai ali. – Apontou para pessoas que estavam a sair dos carros e a dirigir-se para escola.</p> <p>Como não me retirei. Ela repetiu: - Vai ter com elas.</p> <p>Eu: Alguma das senhoras é a professora Graça?</p> <p>Menina: Não. Mas sabem dela.</p>

Eu: Obrigada, muito obrigada. O meu nome é Júlia e tu como te chamas?

Menina: Laura.

Eu: Obrigada Laura. Ajudaste-me muito, obrigada. Posso-te dar um beijinho?

Laura: (timidamente) Sim.

Despedi-me da Laura e corri para junto das pessoas que a Laura havia identificado. Perguntei pela professora Graça. Responderam que devia de estar a chegar. Para vir com elas que me diziam aonde era a sua sala. Segui-as e ao fundo do corredor a Laura gritava – está aqui. As professoras que seguia confirmavam – já sabe. Apresssei o passo, os olhos da professora já estavam em mim pela chamada de atenção da Laura.

Apresentei-me, expliquei o motivo pelo qual a procurava. O Projeto Cidade Amiga das Crianças, identificava-o, mas o grupo de crianças e a experiência não estava a conseguir lembrar-se. Recordei o nome da Mariana e do Gabriel. Lembrava-se mas precisava de tempo. Combinou encontrarmo-nos na 2ª feira depois das aulas terminarem, 16h30, para podermos conversar. Agradei a boa vontade e regressei na 2ª feira como o combinado. Apareci pelas 16h15. Agora bastante mais fácil entrar e pedir auxílio. Desta vez entrei pela porta de entrada dos alunos. Estava fechada. As crianças estavam no recreio na parte detrás da escola. Uma menina que se encontrava no corredor, chamou a funcionária. Abriu-me a porta e procurou a professora, que logo apareceu, pediu-me para esperar. Ainda não estava na hora combinada o que me deu tempo de poder observar o que estava pelas paredes do corredor das salas de aula. Um painel de desenhos sobre a primavera das crianças e folhas com desenhos coloridos pelas crianças com pequenas mensagens de Maria de Jesus Sousa Juca “Um mundo cheio de pessoas coloridas”. Mensagens de amor e paz entre as pessoas. Às 16h30 a professora Graça observava-me enquanto eu lia as mensagens. Entrámos numa sala com livros ao alcance das crianças, duas mesas com 8 lugares e uma secretária. Estava escrito na entrada biblioteca. Ali nos sentámos o barulho começou, as crianças estavam a recomeçar com o tempo das Atividades Extra Curriculares, breves minutos e tudo voltou ao silêncio.

Desta vez foi a professora a começar.

Graça: Tenho uma vaga ideia do Projeto, vamos ver se eu consigo ajudar.

Pedi se podia gravar para não correr o risco de deixar passar alguma informação relevante. Mas, senti desconforto o que me fez de imediato recuar e deixar à vontade. Desvalorizei essa necessidade e prosseguimos.

Graça: Ora bem, esse projeto chegou até a mim pela Dra. Zé Tovar do Centro de Saúde. Sempre interessada nas questões da participação. A pedido da Rosinha Madeira, conversei comigo e eu já conheço muito bem a Rosinha, do tempo do Ensino Especial, sempre envolvente e entusiasta que de repente estamos envolvidos. Mas, não foi fácil. Foi muito à revelia, muito por minha conta e risco. Hoje não sei se conseguiria. Na educação deve de saber com é. Esta situação das metas, as avaliações, o Estudo do Meio, que era uma área motivadora para as crianças, agora pouco tempo temos para ele. Qual é a sua formação, é professora?

Eu: Sou Animadora Socioeducativa.

Graça: Boa formação, faz falta nas escolas. Já aqui tivemos e temos no pré-escolar e funciona muito bem. Também tivemos outra vez uma colega sua de Viseu vinha fazer aqui também umas horas. Agora as crianças estão nas AECs, eu nem sei se é bom. Mais tempo com objetivos para cumprir, até a própria piscina que é uma coisa que as crianças gostam, já nem querem ir porque tem caráter obrigatório, mais regras. No ATL têm os trabalhos de casa para fazer. Depois queixam-se que as crianças não se concentram, então como? As crianças do 1º ciclo em explicações. Eu nem sei o que dizer.

(Depois deste desabafo, ficava claro a falta de tempo livre das crianças e o excesso de tempo ocupado pelo adultos).

Concordei com o que estava a dizer, como profissional entendia muito bem o que me estava a dizer.

Eu: Como é que o Projeto Cidade Amiga das Crianças foi desenvolvido? Foi em 2011? Teve continuidade?

Graça: 2011? Sim, talvez. A Mariana está no 8º ano e as crianças da Bela Vista já devem de estar na escola...

Eu: Sim, umas no 3º ano, outras no 2º ano.

Graça: Eu já não me recordo muito da turma, são muitas crianças de vários anos e eu já trabalho à 37 anos. Consegue imaginar?

(valorizei a experiência de trabalho)

Graça: A Dra. Zé Tovar trouxe a sugestão e o que fizemos foi levar as crianças a refletir sobre o que gostariam de ter no seu meio. A Dra. Fez uma coisa muito interessante, o que se faz em democracia, as crianças votaram nos que desejavam ver como seus representantes na cidade. Foi muito interessante. Duas meninas eu lembro-me: a Mariana e a Carolina. Pergunte à Mariana, ela deve de saber da

Carolina eram amigas e os pais apoiavam muito. Também havia o Gabriel, acho que sim. (confirmei) E o Micael. Mas não sei onde estão. O Micael tinha problemas familiares e por consequência de aprendizagem, de comportamento. Mas engraçado que ele entusiasmou-se com o projeto, Mas agora não sei deles. O Micael morava aqui na Borralha, mas a mãe mudou de casa, agora já não estão aqui. Tentei saber, mas ninguém sabe, Pergunte à Mariana talvez saiba, apesar do pai não aprovar. Sabe como é que é, não queria que o acompanhassem, família, comportamento...mas talvez ela saiba. Este projeto foi um bocado a revelia da escola. Como era coordenadora foi possível dar a volta a determinadas questões. Levei as crianças para fora da escola com o consentimento dos pais, mas na minha hora e chegávamos à hora que fosse.

Eu: Foram Aveiro, à Universidade...

Graça: Sim, fomos. Levaram tudo muito bem preparado. Para mim era uma prática natural de trabalho, mas a Rosinha valorizou bastante. Fui à Câmara e ouvi a Dra Elsa a pedir para as crianças falarem do que gostariam de mudar no meio. Tivemos uma ajuda excecional, do nosso Presidente da Junta, muito interessado em colaborar com a escola. Tudo que estava ao alcance ele fazia. O que foi muito facilitador. Estávamos, na altura, a iniciar o consumo das frutas na escola. Então, as crianças sugeriram plantar árvores de fruta. Fomos ter com o Presidente arranjou-nos árvores de fruto e no dia da Árvore, da Primavera, os quartos anos foram plantar árvores na Borralha. É, claro, que devia de haver continuação, para as crianças valorizarem, se responsabilizarem, cuidarem. Mas, não dá tempo. Mesmo dentro da escola, as experiências desenvolvidas, que eram necessárias dar continuidade, não dá tempo. Primeiro antes de iniciar qualquer projeto com as devem ser mantidos durante um tempo, para se poder avaliar. Talvez iniciar no 1º ano e seguir até ao 4º ano. Mas exige envolvimento, transversalidade nos temas, mas agora não dá. Tenho alunos com várias necessidades educativas, é-me pedido para dar aulas para todos, mas é impossível, não aprendem todos da mesma maneira, ao mesmo ritmo. Tenho uma menina que veio da Guiné, ingressou no 4º ano, mal me entende, fala crioulo, os colegas estão todos preparados, mas ela precisa de mais tempo. Ela não me entende (percebi que estava a falar da Laura e comentei que foi a menina com quem estive a primeira vez que a procurei). Como é que eu poderia dar continuidade ao projeto, percebe?

Eu: Claro. Mas se fizesse parte do Currículo escolar? Afinal, Águeda é uma Cidade Amiga das Crianças.

Graça: É? Veja lá, seria importante dar seguimento, mas neste momento não temos condições. Ou talvez tenhamos e eu não esteja a ver. Naquele tempo eu estava só

dedicada à escola. Agora já tenho netos e tenho de crianças, era fundamental começar pelos adultos. Não se envolvem, têm outras prioridades e perante as metas para atingir, não é possível dizer nada.

As crianças participaram num programa de radio, das crianças do portal de Aveiro, fomos à Biblioteca, até chegámos atrasados, mas ainda vimos. Mas não dava para ser melhor. É verdade que as crianças participaram, que os projetos são muito interessantes e importantes e esse faz todo o sentido, mas

apoiar o seu crescimento.

Conversámos mais um pouco sobre outros projetos que foram desenvolvidos na escola e que agora que falávamos a ganhava um novo significado para a professora pela partilha de experiências, conhecimento da realidade, questões tão importantes nas vivências da criança. Graça: Fizemos em tempos um projeto com ACAPO em Águeda. Eu era coordenadora das turmas de 4º ano, procurei a associação e trouxe a todas as turmas do 4º ano um senhor cego que falou com as crianças sobre a cegueira, a escrita. As crianças ficaram sensibilizadas. Perguntámos ao senhor de que sentiam falta na Associação. Imagine, sentiam falta de um gravador para poderem reproduzir as conversas das partilhas que iam fazendo. Com as crianças, famílias, conseguimos comprar o gravador. E outros projetos. Uma vez com “Histórias”, com uma professora velhinha, já reformada, o marido trazia às turmas. As crianças muito gostaram. Se fosse agora já não haveria tempo. Mas depois, cai no esquecimento. Não há registos, passou. Assim, também se aprende, até melhor, mas exige muito e sabe como é que é, seria necessário o envolvimento de todos. Nestes pequenos projetos que fomos fazendo tivemos muita ajuda do Presidente da Junta, que era uma pessoa da terra, o que nos apoiava muito, mesmo eu iniciando e muito ser por minha conta e risco.

“Já li muito, agora nem por isso, mas conheço muito bem as crianças e faço tudo o que está ao meu alcance pelo bem delas”, disse a professora Graça de forma veemente.

Agradei o tempo que esteve comigo, disponibilizou-se para tudo que precisasse. Toda a informação enchia-me a cabeça e o coração pelas relações que estabelecia.

Nota de Campo XXIII

23/06/2016

1. Conversa com as crianças que participaram no projeto “Loja Amiga das Crianças”, (2013);
 2. Conversa com as crianças que participaram no projeto construção de uma “guia Prático para pais, educadores e Profissionais de Educação”
-

	sobre “Cidadania e Participação Infantil”, (2014); 3. Conversa com as crianças que participaram no projeto “A Voz das Crianças”, (2015).
Local	<ul style="list-style-type: none">• Bela Vista Centro de Educação Integrada
Grupo de intervenientes	<ol style="list-style-type: none">1. Eu e as crianças Ana, Beatriz, Geusimira, Matilde e Raquel.2. Eu e as crianças Alexandre, Francisca, Victória, Victor.3. Eu e as crianças Afonso, André, Beatriz, Miguel e Vitória.
Objetivos	<ul style="list-style-type: none">• Revitalizar as memórias dos projetos que participaram;• Verificar se reconhecem a sua participação nos projetos;• Saber se os projetos criam oportunidades para que as crianças expressem os seus pontos de vista e contribuam para o bem-comum e contribuem para o exercício de uma cidadania mais ativa ao longo do seu desenvolvimento.
Metodologia, estratégias	<ul style="list-style-type: none">• Conversa <p>Depois de ter ouvido crianças a falarem sobre as suas participações nos projetos e após ter conhecido como o projeto Cidade Amiga das Crianças havia chegado a Águeda. Era importante conversar com as crianças que fizeram parte dos projetos de intervenção educacional desenvolvidos na Bela Vista Centro de Educação Integrada. Esta foi a minha última etapa do processo de escuta das crianças. Apesar de desde logo ser o espaço com maior facilidade para dialogar com as crianças era, também, o que necessitava de maiores cuidados da minha parte. Foi necessário distanciar o meu olhar sobre a minha prática como animadora na instituição. Ser mais refletida sobre a intencionalidade da investigação, separar o trabalho profissional, o envolvimento emocional com as crianças, de forma a conseguir ser o mais clara possível na abordagem. Faz parte da minha forma de estar partilhar com as crianças o que faço, sobre o que falo, os meus interesses, curiosidades, vontade de saber mais. Faço-o com a intenção de estimular a partilha, a comunicação, o à vontade, aproximar o grupo, criar laços afetivos, interesses comuns, para que amigos e espaço ganhem vida na vida de cada criança e adulto. Esta forma de estar com as crianças tem-nas levado a um maior envolvimento e participação nas dinâmicas desenvolvidas, com vista ao objetivo geral socioeducativo, “o desenvolvimento integral das crianças”, assim como das famílias. Após os recursos teóricos e das várias conversas fui ganhando uma nova dimensão, aguicei o meu espírito crítico, os meus cuidados no processo de escuta com crianças. Abri espaço para escutar e refletir sobre a realidade à luz de um quadro teórico.</p> <p>Dos projetos de intervenção educacional percebi quem foram as crianças que participaram, as suas idades à data do desenvolvimento do projeto e na atualidade, consegui duas fotografias que se encontravam no arquivo da educadora Maria José</p>

Melo e no Centro de Atividades de Tempos Livres, procurei uma a uma e falei-lhes sobre o meu estudo de investigação e procurei sobre o seu interesse em partilhar o que se lembravam sobre os Projetos de intervenção educacional que haviam participado.

Algumas crianças haviam participado em dois dos projetos, mas só reconheciam a sua participação num deles. Pode ser por uma questão de idade ou de maior envolvimento e participação, ou não, nas ações dos projetos

Comigo levei instrumentos como auxiliares de memórias: fotos e livros com o registo das vozes das crianças produzidos pelos alunos responsáveis pelos projetos.

Depois do seu consentimento em podermos conversar sobre as suas participações nos projetos analisados, convidei as crianças a estarem comigo num espaço exterior ao CATL, para que pudéssemos ter melhores condições para a partilha das suas memórias. Das crianças que fizeram parte do projeto “Loja Amiga das Crianças”, dois estão de férias para fora do concelho, dois não se lembravam do que tinham feito, nem mesmo com as fotos a mostrar que estiveram lá, outros dois recordavam-se dos alunos da universidade do projeto desenvolvido no ano seguinte e assim o grupo formou-se comigo, a Ana, Beatriz, Geusimira, Matilde, Raquel e Rita. Na altura da realização da intervenção tinham 5 anos, hoje têm 8 anos.

Estavam ansiosas para conversar, sentiam-se importantes por aquele momento. A postura corporal demonstrava convicção. Era um momento de valorização, atropelavam-se para estarem bem pertinho de mim e eu que noutras situações (eu adulta) as teria acalmado, pela prática comum que temos de escuta das suas opiniões, vivenciei uma nova experiência. Simplesmente deixei que tudo acontecesse ao seu ritmo, e da minha parte observar e interpretar as palavras e os silêncios que o momento proporcionava, libertando-me de todos os papéis que fazem parte da responsabilidade da resposta social, consciente que não era do seu tamanho, que me continuavam a ver como a “orientadora do espaço”, mas também beneficiava da imagem de quem lhes dá voz, promove a sua participação, as motiva e acarinha.

Começámos:

Eu: Eu trouxe umas fotos e uns livros dos projetos em que algumas crianças participaram com alunos da Universidade de Aveiro, vocês lembram-se em qual deles participaram?

Raquel: É este. (viu-se na foto) Este falava dos Direitos das Crianças.

Eu: Sim, mas lembram-se do nome do projeto...

Raquel: o que as crianças querem...

Ana: Não...

(as outras crianças observavam atentamente as fotos)

Eu: Vocês lembram-se que participaram na “Loja Amiga das Crianças”

Todas: Ah, sim!

Rita: O que havia de haver na cidade, isso não era a CAC.

Eu: Era sobre a Cidade Amiga das Crianças. Na sala da Zé o grupo estava a refletir sobre o que era bom ou não na cidade de Águeda...

Rita: Era no salão.

Eu: Mas depois entrou um grupo de alunas da Universidade de Aveiro e juntou crianças de várias salas e começou a trabalhar o projeto “loja Amiga das Crianças, foi isso não foi?

Geusimira: Sim, eu estava a distribuir folhetos com um mundo com casas e crianças à volta.

Eu: É isso mesmo, podes-me contar um bocadinho, é muito importante, o que é que te lembras?

Geusimira: Eu lembro-me que tinha falado umas palavras do que é que podia haver na loja para a criança e também que... foi muito divertido. Eu gostei muito do projeto e que sabe bem falar sobre os direitos das Crianças (neste momento do ano nós encontramos-nos a preparar a apresentação pública de um teatro sobre os Direitos das Crianças, na Festa que marca o final do Ano letivo, com representatividade do que se refletiu ao longo do ano na instituição, “Crescer com Direitos”. Na sua partilha a criança pode estar a deixar transparecer o momento que está a viver, até porque tem participação no diálogo sobre os Direitos).

Eu: Mas o que é que vocês pensaram sobre a loja, como foi construído esse desenho que estás falar?

Geusimira: Eu lembro-me que tinha desenhado uma loja que dava de comida e eu dava às pessoas. Eu o Pedro e a Beatriz, dávamos às pessoas sopa, esparguete, lasanha e bebidas

Beatriz: e piza.

Eu: E mais, o que se lembram mais.

Raquel: Eu lembro-me que vendia peixe e depois parecia que havia um sinal que era para nós mudarmos todos. É que nós tínhamos o mesmo tempo para estarmos nas lojas, era como se fosse um exercício e nós tínhamos estar com os mesmos direitos, os mesmos tempos, as mesmas horas.

Eu: Vocês visitaram as lojas por Águeda?

Todas: Sim, sim.

Beatriz: Fomos a uma lavandaria e fomos a amais na avenida principal.

Eu: Na avenida Eugénio Ribeiro?

Todas: Sim, sim.

Eu: E o que é que vocês viram, alguma coisa que vocês se recordam?

Beatriz: Dissemos às pessoas que as crianças pequenas não conseguem chegar ao balcão.

Ana: E haver atividades para quando os pais estiverem a fazer alguma coisa nas lojas.

Geusimira: Sim. E também, hoje em dia há, tipo, jogos no chão nas farmácias, macacas.

Eu: Ah, depois de vocês dizerem a vossas sugestões já houve mudanças?

Rita: Sim, na piscina já mudaram os cabides.

Eu: Ah, sim.

Rita: Sim, porque eram todos altos e agora já estão assim (e posicionou à sua altura).

Eu: Depois das sugestões que deram, vocês foram ouvidas. Foi isso?

Geusimira e Beatriz: Sim.

Eu: Muito bem!

Rita: Mas não foram todas, foram só algumas.

Eu: Lembras-te de alguma que vocês deram e que não foi ouvida?

Rita: Não.

Ana: (olhava para a foto) Nós também levámos papel de cenário à Câmara, à Dra. Elsa Corga.

Geusimira: E ainda está lá com o mundo, casa à volta

Ana: e crianças a dar as mãos.

Eu: Era o logotipo da “Loja Amiga das Crianças”.

Todas: Sim, sim, era.

Eu: (voltei a atenção para a foto) Lembram-se de quem era este senhor que estava aqui na foto?

Todas: Não sei.

Eu: Não era o Presidente da Associação Comercial de Águeda?

Ana: Era, era.

Raquel: Eu acho que sim.

Eu: Vocês lembram-se deste encontro?

Rita: sim, sim, a Margarida disse um segredo que não havia de contar. O pai pediu para ela não dizer que o pai era amigo do presidente.

Eu: (dirigi-me para todas) Vocês lembram-se deste encontro.

Todas: Sim.

Raquel: Eu estava.

Geusimira: As crianças.

Beatriz: Eram crianças que participavam lá no projeto.

Eu: E os adultos, quem estava a acompanhar?

Beatriz: Eu acho que esta senhora chamava-se Rosinha.

Raquel: Era Mafalda.

Beatriz: Era Rosa.

Eu: O que é que vocês fizeram neste dia, porque é que o papel de cenário estava no

chão?

Raquel: Era para nós desenharmos.

Beatriz: Era para desenharmos coisas sobre os Direitos das Crianças.

Raquel: Direito a ter casa, a ter nome, a ter família, apelido.

Geusimira: Amor, carinho. É o que acontece no teatro.

Raquel: Só que em desenhos.

Rita: Não à bocado nós fomos ensaiar, e as pessoas estavam com as ideias fortes, queremos família e aqui fizemos com desenhos.

Eu: Vocês gostaram de participar?

Geusimira: Sim, eu gostei muito.

Eu: Se vocês tivessem oportunidade para mudar alguma coisa, mudariam alguma coisa na nossa cidade?

Todas: Sim.

Geusimira: Eu punha mais tempo nas aulas para aprender melhor, mais tempo de trabalho porque há que recebem muito pouco ordenado ao trabalho que fazem e punha as bancas um pouco mais baixas para as crianças, também, estarem lá ao pé dos pais.

Ana: na farmácia junto à minha casa tem uma banca para os adultos outra para os mais pequeninos.

Beatriz e Geusimira: Eu sei onde é que é essa.

Eu: Essa imagem já está à imagem Amiga das Crianças.

Geusimira: Sim.

Raquel: Eu queria que houvesse mais câmaras na cidade, mais polícias, porque há muitos assaltos, muitos homicídios e há poucas câmaras, só detetam poucas coisas.

Eu: (fiquei admirada com o que estavam a partilhar e estava fixa na ideia da Câmara e tão surpresa com o que a criança partilhava que não consegui entender o significado de câmara) achas que é preciso mais guardas?

Raquel: Não. Câmaras de vigilância.

Eu: Já estou a perceber. E tu, Matilde, lembras-te deste projeto?

Matilde: Eu estive, mas não me lembro muito bem das coisas que lá se passaram.

Eu: Como é que vocês entraram neste projeto? Foram os adultos que vos convidaram?

Como é que começaram a participar?

Geusimira: Primeiro, a mim, à Bia e à Raquel, na sala IV pediram-nos para fazer um desenho sobre os Direitos das Crianças.

Eu: Quem vos pediu para fazer esse desenho?

Beatriz: A Ana da sala IV, a Cristina, essas pessoas aí da Pré. Depois nós fomos experimentar. Primeiro fazíamos experiências com copos de iogurte, de milho, arroz, depois começámos a ir para os Direitos das Crianças. Começámos a falar, depois

chegámos a um ponto que começámos a dizer palavras, a fazer desenhos, muitas coisas divertidas.

Eu: Tu achas que é importante a participação no desenvolvimento das crianças? Achas que tu te tornaste mais participativa, o que é que isso te trouxe de bom?

Geusimira: Eu queria que todos tivessem a igualdade, nem um mais pobre, nem um mais rico. Todos com o mesmo dinheiro e que as pessoas recebam melhor o ordenado. E que todos sejamos felizes.

Beatriz: Jú, se eu pudesse mudar alguma coisa na cidade, eu mudaria a existência das lojas de droga. Passava a não haver lojas de droga porque isso faz muito mal às pessoas.

Ana: Nem lojas de pistolas.

Raquel: Eu lembro-me que umas meninas foram lá à sala e disseram para nos sentarmos nos bancos da creche, junto ao gabinete. Depois tiraram lá os objetos de loja que estavam dentro das salas e puseram todos lá e começámos a fazer exercícios. Foi durante 10 minutos. Eu vendi o peixe, depois fui para a carne.

Beatriz: Ah, já sei, já sei.

Geusimira: Foi tão fixe.

Raquel: Depois nós estávamos em casa fazíamos de mãe. Era meio profissões, meio direito das crianças.

Eu: Lembram-se muito bem da vossa participação.

Geusimira e Raquel: Sim.

Eu: Então, diz-me e em que é que isso te ajudou?

Raquel: A partir desse momento eu aprendi o que eram os Direitos das Crianças e comecei ajudar as pessoas. Antes eu via as pessoas a tirar comida do lixo e não ligava nada. Até gozava. Mas agora como eu fiz esse exercício eu já entendo a dificuldade da vida dessas crianças. Eu vejo muitas crianças a passarem fome e a sofrerem de muito abuso sexual.

Ana: Nós vínhamos a vir no autocarro. Eu a Geuse e a Raquel e vimos um menino a tirar comida do lixo.

Geusimira: Isso é muito triste porque devemo-nos ajudar uns aos outros.

Ana: Eu um dia fui ao Continente e vi pessoas a ajudarem outras que não têm comida.

Raquel: Eu acho que um dia fui ao Continente ou ao Pingo Doce e vi meninos da Bela Vista, os meninos do 2º ciclo foram ao Pingo Doce vestidos com aquelas fatos e davam uns sacos para ajudar o Banco Alimentar.

Beatriz: Jújú, eu acho que as pessoas que estão doentes e que andam em cadeira de rodas deviam de ter mais apoio e

Raquel: brincadeiras...Eu um dia, quando tinha três anos, estava com varicela, estava muito doente, estive internada durante 15 dias e foram lá duas palhaças e estavam-me

a fazer rir e às crianças também.

Geusimira: Óh Jú, eu tenho uma ideia para um projeto amigo das pessoas que estão doentes. Podíamos ter policias palhaços com óculos engraçados para irmos animar as pessoas.

Eu: Rita, sei que vocês participaram bastante no projeto Cidade Amiga das Crianças, conta-me.

Rita: Nós reuníamo-nos salão e falávamos sobre as coisas que estavam bem e sobre outras que devíamos de mudar.

Eu: Lembras-te de alguma coisa?

Rita: Por exemplo o cabide das piscinas, coisa para brincar nas farmácias. Aquilo era um painel grande que tinha um smile a cor vermelha, amarela e verde e a Zé ia apontando as coisas que nós dizíamos, ia dando opiniões, é isso.

Eu: Depois davam a conhecer alguém as vossa sugestões?

Rita: Alguém como?

Eu: à Câmara...

Rita: Ah, sim.

Ana: Tivemos na rua Luís de Camões a pintar o mundo e as casas.

Geusimira: Já estava tudo desenhado.

Eu: E tu Matilde lembraste da tua participação.

Matilde: Não.

Beatriz: Eu acho que foi muito boa e acho que devemos continuar a lutar pelos direitos das crianças, porque há muitas crianças que ainda passa fome, abusos sexuais, que ainda sofrem muito.

Geusimira: Sofrem quando os pais discutem. Os pais devem de ajudar mais as crianças porque há crianças que precisam muito de ajuda dos pais. Os pais andam muito ocupados.

Ana: Ó Geuse, também é o contrário. As pessoas da nossa idade também deviam de ajudar os adultos. Se o teu pai tivesse de cadeira de rodas também o ias ajudar.

Geusimira: Claro, porque eu gosto muito de ajudar as pessoas e de as ver felizes.

Raquel: Nos parques também é preciso vigilância para não raptarem as crianças. Porque os pais distraem-se com os amigos e deixam lá a criança e já não a encontram.

Eu: Vocês são fantásticas, lembram-se tão bem de tudo, isto já foi à 3 anos e vocês lembram-se tão bem.

Geusimira: óh Jú em que ano é que foi?

Eu: Em 2013, estavam na Pré, fantástico a vossa memória.

Matilde: Se eu pudesse mudar, não seria cá, mas na Inglaterra. O meu pai mostrou-me uma revista que os pais não sabiam as regras de lá e os polícias viram que levaram as crianças ao médico e tiraram-nas. Aqui é diferente, os pais levam ao médico

quando os filhos estão doentes e lá é quando estão a ficar.

Ana: O meu pai disse que há um país que se as pessoas põem lixo para o chão iam presas.

Eu: Vocês acham que as crianças são ouvidas, em casa, aqui, na escola, o que vocês acham?

Geusimira: Eu acho que as crianças devem ser ouvidas, mas não devem de exagerar.

Eu: Tu achas que nos espaços que frequentas tu és ouvida?

Geusimira: Sim, sinto.

Raquel: às vezes.

Eu: Quando é que tu dás e não és ouvida?

Raquel: Agora não me recordo.

Eu: Então e para cada uma o que é uma Cidade Amiga das Crianças?

Geusimira: É uma Cidade aonde as crianças sejam felizes, não se sintam mal. cidade sem problemas.

Raquel: É uma cidade aonde se sintam à vontade, mas não muito à vontade porque muito à vontade também depois abusam do poder. É uma cidade que possa compreender as crianças e ouvir a opinião.

Ana: uma cidade que consiga fazer com que as crianças não se sintam mal.

Matilde: é uma cidade com paz, que ajudasse as crianças a crescer bem e fazer coisas boas, sem ações más.

Beatriz: É um sítio onde todos os adultos respeitam as decisões das crianças e ninguém é mal tratado.

Rita: É uma cidade que faça atividades para as crianças, para que elas se sintam bem, felizes e que não haja problemas.

Eu: Obrigada, muito Obrigada!

Completamente desinibidas partilharam as suas memórias e ideias.

1. Conversa com as crianças que participaram no projeto construção de uma “guia Prático para pais, educadores e Profissionais de Educação” sobre “Cidadania e Participação Infantil”, (2014);

Mais tarde, usei os mesmos procedimentos, convidei as crianças, saíamos do espaço habitual e com a Francisca, o Alexandre, a Victória e o Victor fomos conversar sobre as lembranças da sua participação nos projetos de intervenção educacional. A Francisca na altura do projeto tinha 4 anos e os restantes colegas 5 anos. Hoje têm respetivamente 6 e 7 anos. Desta vez o melhor recurso era o guia produzido a partir das suas vozes sobre a Cidade Amiga das Crianças.

Eu: Vocês deram ideias para a Cidade Amiga das Crianças, ajudaram a construir um Guia, lembram-se?

Victor e Alexandre: Não...

Victória: Sim!

Eu: O que é que tu te lembras...havia um grupo de alunos, o Tiago, a Gabriela, a Eliana e a Marta, não foi...eu trouxe-vos este livro acho que ainda não tinham visto ou já?

Victor: Não.

(comecei a desfolhar, parando no local das fotos)

Victória: olha estás a ver.

Victor: Ah, sim já me lembro. Eu lembro-me. Era uma ideia má, uma ideia boa...

Victória: E outra que surgia.

Eu: Como é que começaram a participar neste projeto.

Victória: Porque a Zé (educadora) acho que se lembrou que havia muitas crianças que não conseguiam chegar a um certo...

Victor: Nós muitas vezes íamos à Câmara Municipal.

Victória: Pois era falar das nossas ideias, do que nós fazíamos.

Eu: Então expliquem-me, o que é que vocês faziam...o que é que vocês iam fazer à Câmara, levar as vossas propostas?

Victor: Nós íamos levar as nossas ideias.

Eu: E quais eram as vossas ideias?

Victória: Uma era a que o Victor viu no Continente, viu uma prateleira que estava muito alta, não conseguíamos lá chegar e nós fomos dizer à Câmara Municipal para a pôr mais baixa, tinha ganchos e era para as crianças conseguirem chegar.

Eu: Francisca, lembraste?

Francisca: Sim (muito tímida).

Eu: Já viram como foi importante a vossa participação, contem-me mais.

Victória: As crianças também têm de ter direitos, tal como o teatro os Direitos da

Criança.

Alexandre: Eu lembro-me o que fiz aqui (enquanto via a foto da fonte).

Victória: Quem diria, não és o único.

Alexandre: “Água de Qualidade controlada”

Victória: por exemplo, algumas pessoas que têm sede, essa água devia de estar limpa para elas poderem beber dela.

Alexandre: Pois.

Eu: Vocês deram essas sugestões?

Todos: Sim.

Victória: Dissemos por outras palavras. Eu lembro-me na praça.

Eu: Deram alguma ideia.

Victor: Lá estava tudo bem.

Victória: Sim, acho que sim. Eu lembro-me uma no Continente em havia uns balcões muito altos.

Victor e Victória: (falavam juntos) Ah, pois e podia haver outro balcão mais pequeno e outro maior.

Eu: E mudaram?

Victória: Sim, no Continente.

Eu: Vocês sabiam que tinham ajudado a construir um livro?

Victor e Victória: Não, eu não.

Victor: Não sabia.

Alexandre apontava para a foto que mostrava a reunião da “Loja Amiga das Crianças”.

Eu: Vocês participaram nesse projeto?

Alexandre: Eu não.

Victória: Não.

Evidenciei o painel das ideias que o grupo anterior já havia comentado com os smiles.

Victória: Eu não me lembro disto.

Alexandre: Acho que era para dar ideias, para as crianças pensarem melhor.

Eu: Vocês, acham importante participar nos projetos?

Victória: sim, porque podemos ajudar o mundo a ser um sitio melhor.

Eu: O que é para vocês uma Cidade Amiga das Crianças?

Victória: É uma cidade que as coisas estão à altura das crianças.

Victor: Eu também acho.

Francisca: Nunca pensei.

Alexandre: É (estava centrado no livro)

Eu: Nos espaços que frequentam acham que há respeito pela opinião das crianças.

Todos: Sim.

Eu: Acho que estes projetos vos ajudam a ser mais comunicativos, mais participativos.

Todos: Sim.

Eu: Muito obrigada, ajudaram-me muito.

2. Conversa com as crianças que participaram no projeto “A Voz das Crianças”, (2015).

Por último, fiz o encontro com o Afonso, o André, a Beatriz, o Miguel e a Vitória. Na altura do projeto tinham 5 anos e hoje estão com 6 anos. De novo utilizei como recurso o livro produzido pelas responsáveis pelo projeto, Daniela, Paula e Sónia.

Eu: Então, o que é que vocês se recordam deste projeto?

Miguel: Eu falei muito nesse projeto, também se falava sobre os Direitos.

Eu: Falava-se sobre os Direitos das Crianças?

Miguel: Sim.

Afonso: Falávamos.

André: Eu também.

Cada um dos três afirmava que tinham falado muito neste projeto. A palavra traduzia a afirmação da participação.

Eu: Então digam-me mas o que é que vocês recordam...

Miguel: Eu recordo sobre os Direitos das Crianças

Afonso: da felicidade

André: E sobre os que têm doenças.

Beatriz: Eu não me lembro muito bem.

Vitória: Eu estou aqui (no livro), mas não me lembro.

Afonso: às vezes falávamos dos que estão em cadeira de rodas.

Miguel: E os da Cruz Vermelha, não era? Falámos de onde nós vivíamos.

André: Falávamos onde passávamos as férias.

Eu: Mas vocês falaram sobre a Cidade Amiga das Crianças?

Todos: Sim, sim, sim.

Miguel: esse foi o projeto.

Afonso: Uma senhora deu-nos uma coisa nós estivemos a ler.

André: No último dia pintamos uns desenhos...

Miguel: Nós tínhamos uma folha grande e desenhávamos coisas, fixes.

Eu: Vocês gostaram de participar?

Afonso, André e Miguel: Sim, Nós gostámos.

A Beatriz e a Vitória olhavam o livro mas só diziam olha eu aqui, mas não acrescentavam nada à informação que a imagem transmitia.

Eu: Vocês diziam o que era uma Cidade Amiga das Crianças?

André: Sim, era as pessoas viverem felizes.

Afonso: era as pessoas terem amigos, terem família.

Miguel: Terem paz.

Afonso: Paz, felicidade e terem direito a casa e amigos.

(a um dado momento o já falavam o diálogo que iam fazer no teatro sobre os Direitos das Crianças)

Miguel: Compreensão.

André: e a direitos.

Eu: boa! Então, foi importante a vossa participação...

Miguel: Sim foi muito importante quando nós fizemos um desenho com bombas explosivas...

Afonso: Não, a senhora pediu para nós fazermos um desenho o que estava errado e correto. Tivemos a falar sobre os direitos, depois sobre a felicidade, sobre as famílias, sobre as casas. Depois fomos para a sala e depois voltámos outra vez.

Beatriz: Eu antes lembrava-me de tudo, agora já não.

Eu: Lembram-se que participaram numa assembleia?

Miguel: Sim.

Afonso: Fomos para o terraço ver o que estava certo e errado e fomos também ao salão da Bela Vista e tivemos a ver as coisas perigosas e não perigosas.

Miguel: E vimos as rampas e as escadas.

André: E vimos aquilo para não chover.

Afonso: Sim, por causa das cadeiras de rodas não poderem subir as escadas. Tivemos a falar do que era para evitar.

Vitória: Fomos também às lojas.

Miguel: Fomos à Câmara Municipal.

André: Fizemos um desenho grande e fomos à Câmara Municipal mostrar.

Eu: E como foi na Câmara.

André: Foi fixe, andámos a brincar e a falar sobre os direitos, o que estava escrito no papel,

Eu: Acham que todas as vossas opiniões são ouvidas.

André: Sim.

Eu: Acho importante participar nos projetos que os adultos vos convidam a participar?

Todos: Sim.

Afonso: Sim, as crianças ficam felizes. Podem participar, podem contar aos pais e ter felicidade para elas e brincar, vai-se divertir a fazer o projeto.

Miguel: É sempre bom.

Eu: E o que é para vocês uma Cidade Amiga das Crianças?

Afonso: É ter casa, ter família, amigos, aprender na escola.

Miguel: É ser feliz.

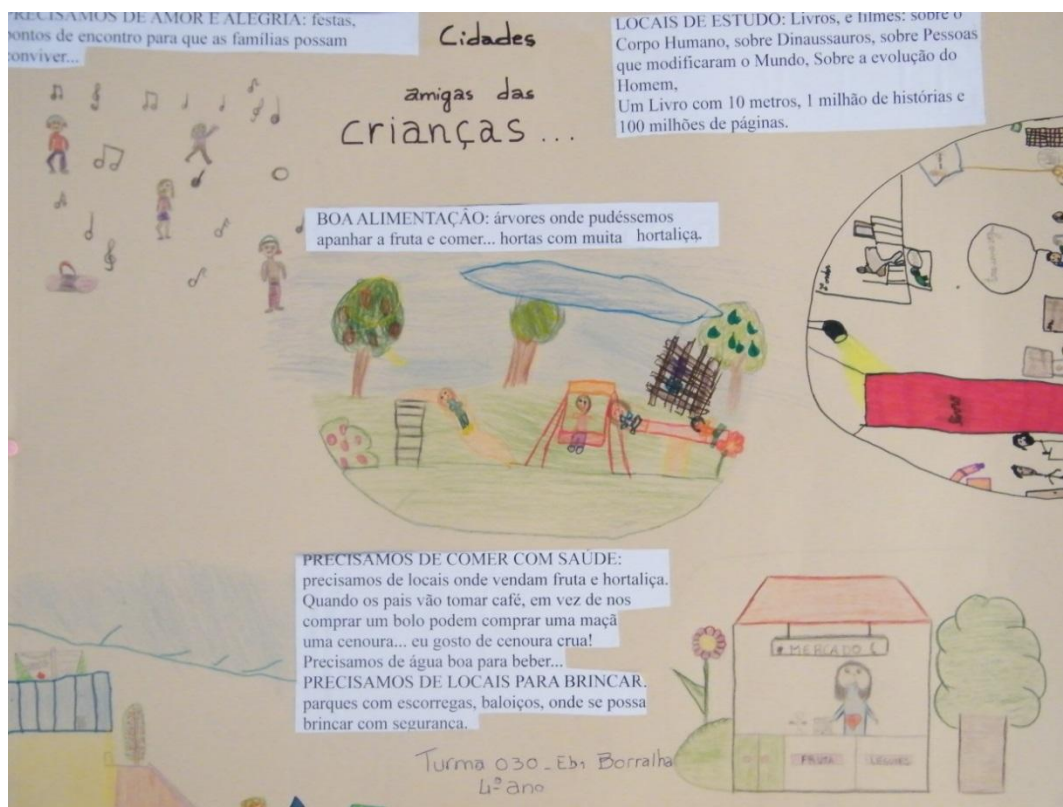
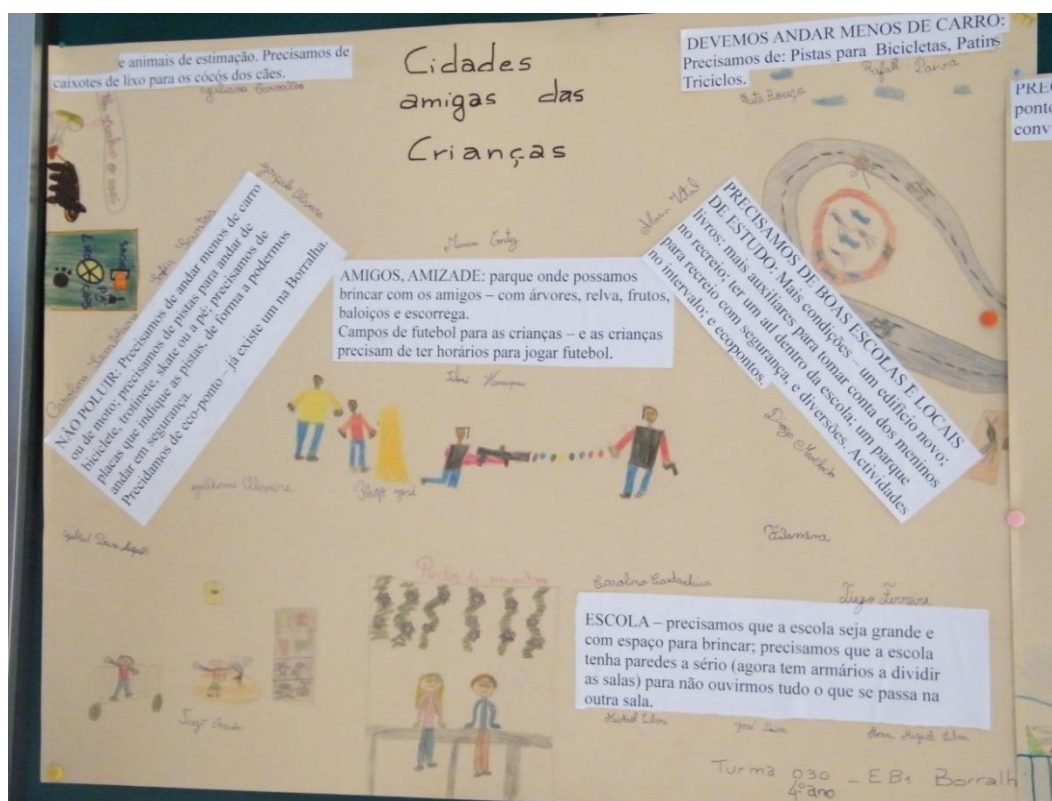
Vitória e Beatriz: Pois é.

André: Só nós é que nos lembramos. As meninas só brincam...

Eu: Obrigada, muito obrigada!

Anexo B – Imagens de participação nos projetos

Cartazes preparados pela turma da Escola EB1 da Borralha, apresentados no Seminário realizado na Universidade de Aveiro no âmbito do 22º aniversário da Convenção dos Direitos as Crianças.



Anexo C – sínteses dos dados recolhidos na Investigação

Tabela 1 - Participantes que partilharam as memórias de participação nos projetos identificados entre 2010/2015 no Município de Águeda

Localidade	Contexto	Ano / Tematizações/ projeto	Protagonistas	Escolaridade	2016 - Resgate das Memórias – Idade	Escolaridade/ Profissional Situação
Valongo	Escola EB 23 de Valongo do Vouga	2010 <i>Banco do Tempo</i> , capital social, participação , solidariedade, cooperação, ofício de aluno - PI	<ul style="list-style-type: none"> Ana Andreia Daniel Raquel (o mesmo grupo guarda a memória de participação nos dois projetos de mestrado)	6º Ano 6º Ano 6º Ano 6º Ano	19 Anos 19 Anos 19 Anos 20 Anos	<ul style="list-style-type: none"> 1º Ano de Licenciatura em Lisboa Caixa Contínua, Águeda 1º Ano de Licenciatura, Coimbra Restauração, Oliveira do Bairro
		2010 Exclusão social, invisibilidade das crianças, políticas locais, participação infantil - <i>Fóruns</i> - PI				
		2013 Cidadania, participação infantil, políticas públicas, escola - <i>Clube de Mediadores: “Projeto Cidade Amiga das Crianças”</i> - PI				
	Casa do Povo - ATL	2013 Convenção dos Direitos das Crianças, Cidade Amiga das Crianças, Participação , Crianças - “Projeto Cidade Amiga das Crianças” - PI	<ul style="list-style-type: none"> Carolina 	6º Ano	15 Anos	<ul style="list-style-type: none"> 9º Ano (Terminou o seu percurso no ATL, encontra-se na escola de Valongo)
Recardães	Centro de Acolhimento	2014 Infância, Criança, Direito	<ul style="list-style-type: none"> Ana Sandra 	6º Ano 3º Ano	15 Anos 14 Anos	<ul style="list-style-type: none"> 8º Ano 4º Ano (permanecem na

	Temporário	de Proteção e Provisão, Vozes, Criança como Sujeito de direito à participação - PI				mesma Instituição)
Borralha	Escola	2011 Cidadania, participação - “Projeto Cidade Amiga das Crianças” - PIE	<ul style="list-style-type: none"> • Gabriel • Mariana 	4º Ano 4º Ano	14 Anos 14 Anos	<ul style="list-style-type: none"> • 8º Ano • 8º Ano (encontram-se a frequentar diferentes escolas no concelho)
Águeda	Bela Vista – Centro de Educação Integrada	2013 Cidadania, participação - “Loja Amiga das Crianças” - PIE	<ul style="list-style-type: none"> • Ana • Beatriz • Geusimira • Raquel • Rita 	Pré-Escolar	8 Anos 8 Anos 8 Anos 8 Anos 8 Anos 8 Anos	<ul style="list-style-type: none"> • 3º Ano • 3º Ano • 3º Ano • 3º Ano • 3º Ano
		2014 Cidadania, participação - “Cidadania e Participação Infantil: Guia Prático para Pais, Educadores e Profissionais de Educação” - PIE	<ul style="list-style-type: none"> • Alexandre • Francisca • Victória • Victor 		7 Anos 7 Anos 7 Anos 7 Anos	<ul style="list-style-type: none"> • 2º Ano • 1º Ano • 2º Ano • 2º Ano
		2015 Participação e identidade – “A voz das crianças”	<ul style="list-style-type: none"> • Afonso • André • Beatriz • Miguel • Vitória 		6 Anos 6 Anos 6 Anos 6 Anos 6 Anos	<ul style="list-style-type: none"> • 1º Ano • 1º Ano • 1º Ano • 1º Ano • 1º Ano

Tabela 2 - Investigações de mestrado - Contextos Autoras, objetivos, metodologias e pontos de chegada

Autoras e objetivos dos projetos	Metodologia e pontos de chegada
Escola EB 23 de Valongo do Vouga - Benilde Oliveira – Criar um investigador coletivo que integrasse as crianças na sua constituição e funcionamento.	Investigação qualitativa: de inspiração investigação ação participativa; Mini Banco do Tempo; Atividade lúdica. - Oportunidade de refletir sobre a filosofia do Banco do Tempo, o processo de troca, as regras de funcionamento e a importância de mobilizar a comunidade e permitiu compreender a visão das crianças e “consciencializar adultos e crianças sobre as relações que foram geradas e reproduzidas”.
Escola EB 23 de Valongo do Vouga - Rita Simões - Compreender em que medida os adultos e as crianças implicados superaram os constrangimentos organizacionais, bem como a assimetria e as diferenças; Produzir conhecimento sobre a referida experiência e a criação de condições para a sua apropriação; Contribuir para a consciencialização da competência e responsabilidade social das crianças e, também, dos adultos na implementação da Convenção dos Direitos da Criança, na escola e na família, enquanto bem comum na vida da comunidade	Investigação qualitativa: estudo de caso; estudo dos fóruns, análise de documentos e observação. - Apesar do envolvimento e participação das crianças em todo o processo, o ofício de professor e aluno estavam presentes, a hierarquia e a desigualdade de papéis eram sentidos.
Casa do Povo de Valongo do Vouga Diana Ramos - o (auto) conhecimento e reconhecimento das crianças, enquanto sujeitos de direito e atores sociais a respeitar e valorizar, num local cuja génese se traduziu num espaço de encontro dinamizado pelas próprias crianças, enquanto agentes mobilizadores e dinamizadores dos grupos comunitários; Compreender a perceção das crianças relativamente aos seus direitos, com base nos seus conhecimentos e reflexões; explorar formas de (auto) organização das crianças como sujeito coletivo a ser ouvido na cidade; favorecer a inserção da voz das crianças na dinâmica das CAC, como forma de participação ativa”	Investigação qualitativa: de inspiração investigação ação participativa; Focus group, conversas, mapas e entrevistas. - “o mapa de Valongo do Vouga, construído pelo grupo, significou um dos marcos mais importantes desta investigação”, uma vez que o conhecimento do meio onde vivem, da sua freguesia, deu-lhes a oportunidade de se expressarem, o que nunca havia acontecido. Pela primeira vez as crianças tiveram a possibilidade de exercerem o direito de opinião sobre o meio que os rodeia, dando sugestões de melhoria.
Escola EB 23 de Valongo do Vouga - Ana Coelho - criar condições de auto-organização das crianças para se pronunciarem na cidade a partir da escola, recorrendo a técnicas apropriadas, contribuindo para a produção de conhecimento.	Investigação qualitativa de inspiração investigação ação participativa; conversas; entrevistas. - Verificou-se que o grupo de crianças conhece alguns dos direitos das crianças, que identificam numa “Cidade Amiga das Crianças o direito à participação infantil, à igualdade e ao respeito assumem-se como princípios fundamentais para que uma cidade seja amiga das crianças”; Sobre a Cidade de Águeda manifestam ser uma Cidade Amiga das Crianças, pois identificam estruturas que promovem o bom desenvolvimento das crianças; o grupo de crianças estará pronto para desenvolver e motivar outros projetos de cidadania participativa, “onde as crianças são reconhecidas enquanto atores sociais com voz,

	capazes de mobilizar e integrar políticas públicas”.
Centro Social e Paroquial de Recardães - Ana Louro - Promover condições de inclusão das crianças do centro de acolhimento temporário, na dinâmica de implementação da iniciativa Cidade Amiga das Crianças	Investigação qualitativa: paradigma investigação ação participativa; conversas, questionários mediante entrevistas, desenhos e fotografia. - Com o grupo de crianças investigadoras foi identificado que as crianças não têm tempo para brincar; nem direito de escolher o tipo de brincadeira ou dar opinião sobre como deveriam ser os espaços públicos onde gostariam de poder brincar; há necessidade de ouvir as opiniões das crianças sobre os espaços e sobre a forma como os desejam desenvolver.

Tabela 3 - Projetos de Intervenção Educacional - Contextos, Autores, objetivos, metodologias e pontos de chegada

Contexto, Autores e objetivos dos projetos	Metodologia e pontos de chegada
Turma de 4º ano, escola da Borralha – Professora Graça e Dra. Maria José Tovar – Cidade Amiga das Crianças – Contribuir para melhoria dos espaços e para a implementação da Cidade Amiga das Crianças na cidade de Águeda.	Conversas, visitas, desenhos. - Envolvimento da Junta de Freguesia nas mudanças desejadas para a localidade, de acordo com as opiniões das crianças; Participação das crianças na dinâmica de Águeda - Cidade Amiga das Crianças.
Bela Vista Centro de Educação Integrada - Ana Santos, Borja Cháfer, Ema Pereira, Patrícia Correia e Vânia Resende - “Loja Amiga das Crianças” - Promover a Participação infantil no espaço público; Dialogar com as crianças sobre o papel do consumidor; Desenvolver o conceito de Lojas Amigas das Crianças; Contribuir para a implementação da Cidade Amiga das Crianças na cidade de Águeda.	Conversas, visitas, desenhos. - Enriquecimento do projeto educativo da instituição; Construção dos critérios de “Loja Amiga das Crianças” com base nas opiniões das crianças; Envolvimento da Associação Comercial de Águeda na relação com as crianças enquanto Municípios; Participação na criação de uma rede de lojas amigas das crianças; Participação das crianças na dinâmica de Águeda - Cidade Amiga das Crianças.
Bela Vista Centro de Educação Integrada – Eliana Henriques, Gabriela Almeida, Marta Costa e Tiago Neves - “Cidadania e Participação Infantil: Guia Prático para Pais, Educadores e Profissionais de Educação. - Registar e divulgar as práticas participativas desenvolvidas com as crianças através da sua participação e depoimentos.	Conversas, visitas, desenhos, lúdico - Um guia com as vozes das crianças sobre a cidade.
Bela Vista Centro de Educação Integrada - Daniela Carrasqueira, Paula Gomes, Sónia Pereira “A Voz das Crianças” - Dar voz às crianças sobre as práticas que desenvolvem no âmbito do projeto Cidade Amiga das Crianças; Contribuir para o desenvolvimento e sustentabilidade da identidade das crianças como dinamizadoras da Cidade Amiga das Crianças	Conversas, visitas, desenhos, jogo - Construção de um livro com o registo dos desenhos e voz das crianças como forma de contribuir para o desenvolvimento e sustentabilidade da identidade das crianças enquanto dinamizadoras da Cidade Amiga das Crianças.

Tabela 4 – Caracterização dos Entrevistados

Nome	Idade	Localidade	Contexto de Participação	Ano de Participação
Ana	19 Anos	Valongo do Vouga	Escola	2010
Andreia	19 Anos			
Daniel	19 Anos			
Raquel	20 Anos			2013
Mariana	15 Anos			
Rita	15 Anos			
Carolina	15 Anos		CATL	
Ana	15 Anos	Recardães	CAT	2014
Sandra	14 Anos			
Gabriel	14 Anos	Borralha	Escola e comunidade	2011
Mariana	14 Anos			
Ana	8 Anos	Águeda	Jardim de Infância, Bela Vista Centro de Educação Integrada	2013
Beatriz	8 Anos			
Geusimira	8 Anos			
Raquel	8 Anos			
Rita	8 Anos			
Alexandre	7 Anos			2014
Francisca	7 Anos			
Victória	7 Anos			
Victor	7 Anos			
Afonso	6 Anos			2015
André	6 Anos			
Beatriz	6 Anos			
Miguel	6 Anos			
Vitória	6 Anos			

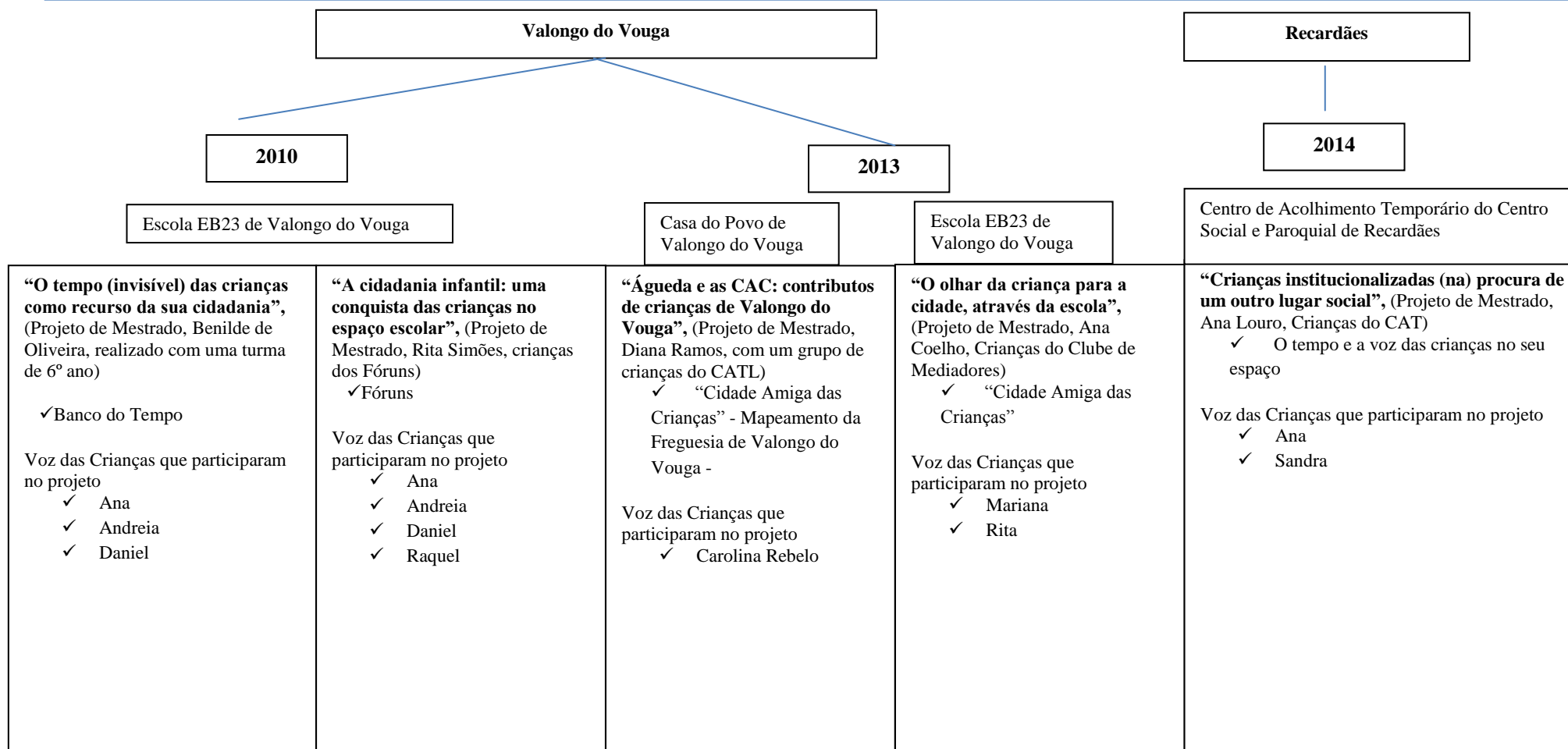
Movimento de Águeda

Um movimento espontâneo de base comunitário que se caracteriza pela “Informalidade e Inconformismo”. Surge após a revolução de 1974 dando origem a uma “teia de iniciativas autónomas, interligadas, formais e informais, feitas de espaços e tempos de ação e de reflexão” (D’Espiney, 2008).

1975	1976/1979	1979	1979/1980	1981	1983	1989/1996
<p>Jardim de Infância Bela Vista - Ligada ao Centro de Paralisia Cerebral de Coimbra – 20% das vagas destinadas a crianças com alguma forma de deficiência.</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ 1978 IPSS Bela Vista . Centro de Educação Integrada ✓ 1980/1981 Centro de Atividades de Tempo Livres; Serviço Social da Bela Vista ✓ 1988 – Creche ✓ 1990 – Creche Familiar ✓ 2002 – Centro de Apoio Familiar e Aconselhamento Parental 	<p>O 1º levantamento das crianças e dos adultos com deficiência no concelho</p>	<p>Grupo de Apoio do Desenvolvimento da Criança - com ligação com o Hospital Pediátrico de Coimbra, com responsáveis locais da Saúde e Educação desenham o “Plano para Águeda”</p>	<p>Integração das crianças com deficiência mental na escola básica</p>	<p>Criação do Centro de Saúde</p>	<p>Equipa do Ensino Especial (com a intervenção precoce e apoio domiciliário) levando à origem dos Grupos Comunitários – grupos informais constituído por crianças que se reuniam à volta da educadora no bairro.</p>	<p>Projetos de Grupos Comunitários e outras Associações e Instituições se formaram no concelho no quadro do Movimento de Águeda...</p>

Movimentos de Participação com as Crianças

Análise de estudo da participação com as crianças desenvolvidas no concelho de Águeda a partir de 2010, como parceiras de investigação em Mestrados de Ciências de Educação, promovidos pela Universidade de Aveiro.



Movimentos de Participação com as Crianças

Projeto Cidade Amiga das Crianças

Análise de estudo da participação das crianças no Projeto Cidade Amiga das Crianças, na escola da Borralha e na Bela Vista – Centro de Educação Integrada, a partir de um convite da Universidade de Aveiro.

2011

Borralha
Escola da Borralha (Ano Letivo 2011/2012)

Águeda
Bela Vista – Centro de Educação Integrada (A
Desenvolver o Projeto desde 2011)

Orientadora: Prof^a Graça
Colaboradora: Dra. Maria José
Tovar
Objetivo: Olhar o meio e propor
ideias de melhoria, junto dos
responsáveis da autarquia local e
Câmara Municipal.
Voz das Crianças que participaram
no projeto

✓ Carolina
✓ Gabriel
✓ Mariana
Micael

Propostas:
✓ Plantar árvores de fruto
✓ Espalhar Ecopontos na
localidade
✓ O Largo da junta ter lugar para
as pessoas se sentarem e
poderem conviver

PARTICIPAÇÃO NA COMUNIDADE

Aveiro

Reunião com o Presidente da Junta de
Freguesia da Borralha

Rádio de Aveiro

Encontro promovido pela Câmara
Municipal de Águeda na Biblioteca
Municipal com grupos de crianças de
Valongo, Recardães, Borralha e Águeda

As Propostas
apresentadas na
autarquia local foram
concretizadas

Resultados

Orientadora: Ed. Maria José Melo
Objetivo: Promover a participação das
crianças a partir do olhar e reflexão sobre a sua
cidade
Crianças: grupo de 6 crianças com idades entre
os 4 e os 6 anos
Atividades:
✓ Mapeamento da cidade de Águeda
“Locais amigos / Não Amigos das Crianças”
✓ Visita pela cidade Locais
Identificados: Piscina Municipal,
Hipermercado Continente, Talho, Café,
Bombeiros, Mercado, Biblioteca, Cinema e
Fonte.

Propostas:
No Continente – O Balcão de Informação ter
um espaço ao alcance das crianças; Na piscina
– Os cabides ao seu tamanho; Na Biblioteca
(no exterior) – corrimão para dar segurança
nos acessos

PART COMU

Comemoração do 22º aniversário da
Convenção dos Direitos das Crianças –
“Pensar a Cidade” – Universidade de
Aveiro

Reuniões com a Vereadora da Educação
e Cultura, Dra. Elsa Corga, com o
Presidente da Câmara de Águeda, Dr. Gil
Nadais

Rádio de Aveiro

Gouveia, III Seminário da CPCJ de
Gouveia: “O Papel das Teias Sociais no
desenvolvimento da Criança”

Encontro promovido pela Câmara
Municipal de Águeda na Biblioteca
Municipal com grupos de crianças da
escola e Casa do Povo de Valongo, CAT
Recardães, escola Borralha e Bela Vista
de Águeda

O Continente
disponibilizou uma
parte do Balcão de
Informação às crianças;
a Câmara Municipal
colocou o corrimão na
Biblioteca

Resultados

Movimentos de Participação com as Crianças

Análise de estudo da participação com as crianças desenvolvidas na Bela Vista – Centro de Educação Integrada, no âmbito dos Projetos de Intervenção Educacional, de alunos de licenciatura em Educação Básica, promovidos pela Universidade de Aveiro.

2013

“Loja Amiga das Crianças”

Grupo de Alunas: Ana, Borja, Ema, Patrícia, Vânia.

Grupo de Crianças: Alexandre, Ana, Beatriz, Cristiano, Francisco, Geusimira, Margarida, Pedro, Rita, Santiago, Victor, Victoria.

Objetivos: Promover a participação Infantil no espaço público; Dialogar com as crianças sobre o papel do consumidor; Desenvolver o conceito de Lojas Amigas das Crianças; Contribuir para a implementação da Cidade Amiga das Crianças na cidade de Águeda.

Atividades: Visita às lojas na cidade; Reuniões na Câmara e na Associação Comercial de Águeda (ACOAG); Elaboração de um painel no espaço público com o logotipo “Loja Amiga das Crianças” e exposição, em espaço público, na Câmara Municipal.

Resultados: Participação das crianças, na dinâmica de Águeda – Cidade Amiga das Crianças; Construção dos critérios de “Loja Amiga das Crianças”; Envolvimento da ACOAG com as crianças.

2014

“Guia Prático para Pais, Educadores e Profissionais de Educação”

Grupo de Alunos: Eliana, Gabriela, Marta, Tiago.

Grupo de Crianças: Alexandre, Cristiano, Victor, Victoria.

Objetivos: Registrar e divulgar as práticas participativas desenvolvidas com as crianças através da sua participação e depoimentos.

Atividades: Passeios pela cidade e conversas com as crianças.

Resultados: Um guia com as vozes das crianças sobre a cidade.

2015

“A voz das Crianças”

Grupo de Alunas: Daniela, Paula, Sónia.

Grupo de Crianças: Afonso, David, Inês, Joana, Leandro, Matilde, Miguel, Sara, Simão, Vitória, Rodrigo

Objetivos: Dar voz às crianças sobre as práticas que desenvolvem e contribuir para o desenvolvimento e sustentabilidade da identidade das crianças como dinamizadoras da Cidade Amiga das Crianças.

Atividades: Passeios pela cidade e conversas com as crianças e dinamização de uma Assembleia de crianças na Instituição.

Resultados: Construção de um livro com o registo de desenho e voz das crianças.